Lindolfo Gomes

CONTOS POPULARES BRASILEIROS

Edições Melhoramentos

Tem

LINDOLFO GOMES

, nos

CONTOS POPULARES BRASILEIROS

O meu bondoso amigo Liminzito Guillobel encontrará o "suco saboroso das lendas" e conhecerá, mais de perto, o maior historiador de nossa terra. Cordialmente

Geralda F. Armond

Ilustrações de SANTA ROSA

2.ª Edição

revista e ampliada pelo Autor

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Rio, Dezbro 1953

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal, 120 B — São Paulo

2/IV-8

1.ª Edição publicada em 1931
2.ª Edição publicada em 1948

398.20981
G633c
1948
Spec Coll R

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 314

G496/7859
1-2-63

ÍNDICE

Algumas palavras 7
Introdução 9

Contos Populares

As histórias 15
Quem tem asa para que quer casa? 19
Atrás de mim virá quem bom me fará 21
Explicação galhofeira 22
A mulher da tesourinha 23
Espírito de contradição 24
João Preguiça 25
O avarento 26
O caso do «Chernoviz» 28
O sim e o não 29
O que há de ser... 31
Bem-te-vi 34
Casamento da rapôsa 35
O vaivém 37
A lição do pajem 38
O casar é bom, mas o não casar é melhor 40
A falta de fubá 40
«Perna Fina», «Barriga Grande» e «Bôca Pequena» 41
O pulo do gato 42
Os onze pauzinhos 43
A lição do filho 44
Por que os galos cantam de madrugada 46
A caixa de música 48
A história do queijo 50
O coelho barbeiro 51
O amigo da onça 54
O mau marido 57
O bicho Pondê 61
A pedra de diamante 63
Pai João e Mãe Maria 65
O que os outros não querem... 66
Pai João e a «Fritangada» 67
Pai João e a sinhá moça 69

Nem o diabo as guarda 69
Foi buscar lã e saiu tosquiado 71
O diabo na garrafa 73
Os músicos prosas 75
Morreu mesmo 77
A caixa de ouro 78
De como Malazarte fêz o urubu falar 80
De como Malazarte vendeu o urubu 83
De como Malazarte fingiu que se matava 85
De como Malazarte passa adiante a carneirada 86
De como Malazarte rouba as jóias de uma família... 86
De como Malazarte faz mais uma que parecia duas 88
De como Malazarte vende o cadáver da velha 89
De como Malazarte evitou que o mundo desabasse... 90
De como Malazarte cozinha sem fogo 92
De como Malazarte vendeu um passarinho 93
De como Malazarte dá mingau a certa velha... 94
De como Malazarte entrou no céu 96
O macaco e a velha 97
As do Zé Simplório 100
A morte 101
O Pai de Deus 102
As três irmãs: a do anel, a dos sapatinhos e a dos brincos ... 103
As conversas de Mané Bocó 104
Saci-pererê 105
O Roteiro do Padre Lourenço 108
Se Deus quiser 109
Quem cai na dança, não se «alembra» de mais nada 110
A lógica do sertanejo 112
Conselho de caboclo 112
Ensinando o caminho 113

Narrativas maravilhosas

Os três irmãos e a prima rica 115
Deus ajuda a quem trabalha 118
Amante de repolhos 121
A caveira vingativa 127
O grãozinho de milho 130
O moço que deixou de jogar 132
A moça e a vela 134
A demanda dos ovos cozidos 136
O espelho, as botas e a vela 138
A cruz que venceu ao diabo 140
A lavadeira assombrada 142
Três Deus fêz 143
O sapo encantado 145

A moça feia e bonita 146
O velho que virou rapaz 148
Os três cisnes 149
O veadinho encantado 155
As jarras de ouro 160
O Príncipe encantado 164
História da «gata borralheira» 172
Os cavalos mágicos 178
A Bela e a Fera 185
Os sete pares de sapatos da Princesa 189

Lendas populares e religiosas

O branco e o negro 193
O branco, o índio e o negro 193
As três raças 194
A lenda das miosótis 195
Santo Antônio casamenteiro 196
Lendas populares de N. S. Aparecida 196
O monge da Serra da Saudade 198
A lenda popular do Santuário de Congonhas 201
Por que as mulheres catam pulgas 202
As malvas 203
A Santa Aparecida 203
A lenda do morro do Pelado 204
A lenda do morro da Boiada, em Juiz de Fora 205
Lenda do túmulo de N. Senhora 206
Lenda do topônimo Benfica 206
A mãe de S. Pedro 208
Onde comem dois, comem três 210
Alma de Adão 212
O chapéu do escrivão 213
Para a morte não faltam desculpas 214
A lenda do gambá e a bêsta 215

Cantigas de adormecer

Cantigas de adormecer 217

Vocabulário 227

Notas finais 241

ALGUMAS PALAVRAS

A presente edição (aliás 3.ª) dos «Contos Populares», — acrescida de numerosos outros que coligimos diretamente da tradição oral e correm em diferentes regiões do país, justificando-se dessarte o novo título de Contos Populares Brasileiros, *com o qual doravante passa a publicar-se esta obra — atesta de modo positivo a aceitação que êste nosso trabalho logrou alcançar no cenário das letras nacionais e, em geral, no conceito dos apreciadores de assuntos folclóricos ou tradicionais.*

Na edição anterior apareceram os nossos «Contos Populares», em dois volumes, cartonados separadamente.

Entenderam, porém, com louvável felicidade, os dignos e prestimosos diretores da benemérita «Companhia Melhoramentos de S. Paulo, Indústrias de Papel», editôra desta obra, reuni-los em um único volume na presente edição ampliada, em cujo texto fizemos algumas modificações, anexando-lhe também novas anotações que nos pareceram indispensáveis.

É-nos grato assinalar que numerosos dêsses contos, que constituem a matéria das antecedentes edições desta obra, foram reproduzidos, com surprêsa nossa, em antologias literárias e em livros didáticos ou adaptados em publicações recreativas, tendo merecido da crítica referências benévolas que excederam mesmo nossa expectativa.

Devemos ainda salientar que, depois da 2.ª edição, algumas coletâneas de contos populares vieram a lume, sendo mais recentes as dos «Contos Tradicionais do Brasil», «Lendas do Brasil» e «Os Melhores Contos Populares de Portugal», dados a estampa, com eruditos comentários, classificações, confrontos e observações originais, pelo consagrado etnógrafo prof. Luís da Câmara Cascudo.

O estudo das tradições e, em geral, do folclore nacional, parece ter enveredado por uma trajetória de intensas atividades, haja vista o próximo Congresso da Federação das Academias a realizar-se na cidade do Salvador, e em cujas teses se incluem relevantes temas referentes a assuntos folclóricos ou etnográficos.

Mas não é tudo.

Na Academia Brasileira de Filologia, na Academia Brasileira de Letras, na Academia Carioca e em outros institutos culturais

desta Capital, de S. Paulo, de Minas e de alguns Estados, o folclore tem sido assunto de especial predileção, sobretudo na Sociedade de Folclore do Rio de Janeiro que, há anos fundada pelos consagrados etnógrafos Joaquim Ribeiro, Correia de Azevedo, Mário de Andrade, Renato de Almeida, Sílvio Júlio, Mariza Lira, Leonor Posada, Basílio Magalhães, Jacques Raimundo e outros, cujos nomes não temos no momento em memória, aos quais se juntaram muitos elementos de reconhecido mérito e projeção, prossegue em sábias e constantes atividades, tendo ùltimamente reeleito sua diretoria e constituído uma comissão de técnicos, na qual foi incluído nosso modesto nome.

Entre os muitos autores que, salvo involuntárias omissões, já publicaram em volume trabalhos especializados sôbre o assunto, ocorre-nos citar os nomes dos consagrados folcloristas Afonso Arinos de Melo Franco, Luís da Câmara Cascudo, Artur Ramos, Nina Rodrigues, Gilberto Freire, e os de outros igualmente notáveis como Amadeu Amaral, Rodrigues de Carvalho, Pereira da Costa, Cecília Meireles, Cândido Jucá (filho), O. Martins de Oliveira, Aires da Mata Machado Filho, Nélson de Sena, Othon Costa, Valdomiro Silveira, Augusto de Lima Júnior, Simões Lopes Neto, Antônio Osmar Gomes, Edgard Cavalheiro, Almiro Rolmes Barbosa, Edson Carneiro, Sebastião Almeida Oliveira, Flausino Rodrigues Vale.

Entenda-se que nesta resenha não estão incluídos os nomes de folcloristas citados em outros lugares desta obra.

E assim vai-se aos poucos transformando em vitoriosa realidade o belo sonho de Sílvio Romero e João Ribeiro, os máximos iniciadores dos estudos folclóricos em nosso país, sob orientação científica e indispensável sistematização.

Concluindo, resta-nos o indeclinável dever de mais uma vez agradecer sinceramente aos meritosos diretores da conceituada e importante «Companhia Melhoramentos de S. Paulo, Indústrias de Papel» — uma das organizações mais perfeitas no gênero existentes no Brasil que lhe deve, em especial, no domínio da ciência, da literatura e da didática nacional, serviços de suma relevância e geralmente reconhecidos — pelo aprimorado modo com que tem levado a efeito sucessivas edições desta obra e de outra de nossa autoria, da qual também são editôres.

Rio de Janeiro — Fevereiro de 1948.

LINDOLFO GOMES

INTRODUÇÃO ÀS EDIÇÕES ANTERIORES

FOLCLORE

CONTOS TRADICIONAIS

Vai para alguns anos publiquei na imprensa uma coletânea de contos populares por mim colhidos diretamente da tradição oral, no Estado de Minas, aliás ainda não coligidos por outros folcloristas.

E' incontestável o valor científico de tais contos para os estudiosos das tradições e para a etnografia em geral.

Os contos populares (Volksmarchen) *têm uma indiscutível, ainda que por vêzes obscura afinidade com crenças que remontam a afastadas eras e se entrelaçam de elementos míticos dispersos, mas latentes.*

A sua significação, não raro apagada no seu percurso através dos séculos, imprime a êsses contos um sabor de antigüidade que se sente ou se adivinha. E' o segrêdo da fôrça imperecível da tradição.

Todos os povos possuem os seus contos, os seus apólogos, as suas legendas e é admirável ver como essas tradições, no tempo e no espaço, se submetem ao fenômeno da transplantação sem perder o sinal de origem, e passam de um a outro país, logrando reviver em raças ou povos, as mais das vêzes, tão diferentes.

Admitem os folcloristas em geral que os contos tradicionais são a forma ou a expressão primitiva e espontânea da arte. Se alguns revelam o cunho de antigos mitos, valores da mitologia greco-romana ou dos ciclos indianos, outros promanaram de provérbios, parábolas, ensinamentos morais e religiosos, episódios da vida em geral, observações de fatos ou aspectos da natureza, passando, sob modificações inevitáveis, como ficou dito, de geração em geração, de povo a povo.

Têm êles o seu fundo de verdade, a sua poesia amplamente acessível ao sentimento comum de tôdas as raças, submetidos às leis da acomodação e da adaptação mesológica.

Nas tradições do Egito como nas da Grécia e do povo romano; nas indianas como em geral nas de tôda a Ásia e África; nas da Europa como nas da América, mesmo entre os aborígenes, têm os

investigadores encontrado, em variantes múltiplas, contos tradicionais no fundo perfeitamente semelhantes.

Na coletânea de Sílvio Romero, por exemplo, figura o conto O MACACO E O RABO (versão de Pernambuco, *que êle inclui entre os de origem africana e mestiça). Há uma variante dêsse conto na coleção de Adolfo Coelho, com o título de* A romãzeira do macaco; *outra colhida por Miss Sara Bryant, nos Estados Unidos* (História da velha e do seu porco); *outra inglêsa, a que se refere aquela folclorista, sob o título* O lôbo que não quer sair do bosque. *Mas, ainda não é tudo — porque um dos mais notáveis folcloristas franceses, Basset, inclui na 2.ª série de seus* Contos Bárbaros *outra variante, colhida em Dara e em Chelif, intitulada* O rato e a velha.

E é ainda incontestável certa afinidade que tem com tôdas elas o célebre conto da Carochinha *ou da* Baratinha.

Os irmãos Grimm, na Alemanha, tiveram consciência científica do valor dessas produções anônimas e as coligiram magnìficamente, conservando-lhes o cunho popular, o perfume e a graça com que as ouviram dos lábios das mulheres e campônios de sua pátria.

O mesmo fêz Perrault, na França; Pitré e antes dêle outros, na Itália; Milá, Marín, Caballero, na Espanha; Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, em Portugal; Sílvio Romero e Couto de Magalhães, no Brasil — e isto só para citar alguns nomes em evidência.

A maioria dos contos populares do Brasil são de importação européia; alguns de procedência africana e bem poucos podem ser considerados de origem indígena.

Quem se desse ao trabalho de examinar e confrontar com produtos tradicionais de outros povos as lendas indígenas, coligidas por Couto de Magalhães, veria que algumas têm fonte originária muito outra, como o dr. Gustavo Dodt o demonstrou com referência a uma das lendas do ciclo do jabuti *e ao conto d'*A Onça e a Rapôsa, *publicados pelo autor de* O Selvagem.

E' certo, entretanto, que, por conta do elemento mestiço ou agente assimilador, se constituiu no país um ciclo de contos tradicionais que o elemento popular denominou os contos *ou* histórias de Pai João, *dos quais publicamos alguns neste volume.*

Pai João *é um tipo caracterìsticamente célebre no nosso meio nacional e que há de relembrar para o sempre o período, felizmente extinto, do cativeiro. Astuto, esperto, algumas vêzes; outras, ingênuo, lerdo e preguiçoso,* Pai João *sintetiza a complicada individualidade do prêto velho africano dos nefastos tempos da escravidão.*

Em tôrno de sua individualidade e da de Mãe Maria *criou-se um ciclo de contos, de anedotas, de simples casos, não raro licenciosos, mas sempre interessantes.*

Outros não pertencentes a êsse ciclo damos a lume e nêles se nota que a colaboração e a elaboração mestiças se revelam, de maneira inconfundível, versando vários temas; o maravilhoso, o satírico,

o de conceituação moral e piedosa, o alegórico ou o fabuloso, como quer que seja respirando algo de poesia, de verdade, de mítico que tem passado pelo caldeamento de muitas gerações e ainda não desapareceu da alma coletiva, da alma simples dos nossos patrícios.

Na reprodução escrita dos contos populares, que pacientemente coligimos, tentamos conservar o pinturesco da linguagem com que os ouvimos dos lábios do povo, não só quanto à maneira característica das expressões como ao idiomatismo dos chavões usados pela gente simples.

E' certo que, por vêzes, fugindo à monotonia das construções viciosas, corrigimos aqui e ali o linguajar dos narradores, especialmente nas ocorrências pronominais do acusativo da 3.ª pessoa que o elemento popular brasílico representa quase sempre pelos pronomes êle *e* ela *e raramente por* o *e* a.

Mas outras incorreções pinturescamente características do falar plebeu foram conservadas fielmente, bem como o modo e o tom das narrativas.

Se não procedêssemos assim não faríamos trabalho pròpriamente folclórico, ficaria completamente burlado o nosso intuito.

Em cada conto damos a indicação da localidade mineira onde o colhemos. Não quer isto dizer que tais produções populares fiquem exclusivamente restritas a determinada região, pois é quase certo que serão conhecidas em todo o país.

A seguir-se à publicação dêste volume daremos outro de contos maravilhosos *que também colhemos da tradição oral.*

O público dirá se o nosso esfôrço é digno de estímulos e das atenções dos competentes.

Se o nosso concurso não fôr de todo nulo continuaremos a prestá-lo aos eruditos etnógrafos patrícios, divulgando o material que temos recolhido com sacrifício não pequeno e com dilatada perseverança.

* * *

Como adendo ao que aí dito está e escrevemos como preâmbulo à edição anterior dêste livro (1918), devemos acrescentar que as sábias conferências folclóricas de nosso erudito mestre João Ribeiro apareceram em volume (1919), constituindo-se definitivamente o que de melhor se há publicado no Brasil sôbre folclorismo científico, assunto êste que, sob êsse aspecto, antes dêle, ninguém havia ainda tratado em nosso país. É, portanto, êsse o livro clássico do folclorismo nacional, sem a menor dúvida e sem a mais leve sombra de lisonja.

Trabalho de mérito é, também, sem favor, sob o aspecto histórico, a obra O Folclore no Brasil, *de Basílio de Magalhães, longo e valioso estudo com que se prefacia uma excelente coletânea de contos tradicionais, carreados, na Bahia, por J. da Silva Campos e entre*

os quais se nos deparam algumas variantes de outros que já figuravam em os nossos Contos Populares.

Apareceram ainda outros volumes de contos tradicionais e estudos folclóricos de indiscutível mérito, do consagrado escritor e etnógrafo João do Norte (Gustavo Barroso), dos quais os melhores, em nosso obscuro parecer, se nos afigura serem o Sertão e o Mundo *(1923) e* Através dos Folclores, *posterior àquele e onde a valiosa erudição e a perspicaz observação do Autor se consorciam sempre de modo altamente apreciável.*

Cornélio Pires e Leonardo Mota, dois dos mais notáveis dos nossos colecionadores e comentaristas de tradições colhidas diretamente, e, portanto, também lídimos folcloristas, têm publicado magníficas coleções de contos e anedotas, por exemplo, o primeiro: Conversas ao pé do Fogo *(1924),* Meu Samburá *(1928), etc., e o segundo:* Sertão Alegre *e* No tempo do Lampião.

Outro livro de incontestável mérito etnográfico é o do ilustre cientista e pedagogista, quiçá ilustrado publicista dr. Lourenço Filho, O Joàzeiro do Padre Cícero, *em cujas páginas se traçam, com inteira precisão, cenas e quadros do fanatismo do Norte, margeados de substanciosos comentários folclóricos.*

Em 1929, Osvaldo Orico, prosador e poeta de merecido destaque nas letras nacionais, publicou em volume a sua erudita tese de concurso à cadeira de literatura da Escola Normal do Rio de Janeiro, sôbre os Mitos Ameríndios, *sobrevivências na Tradição e na Literatura, em que se estudam, quase sempre à luz de ótimo e seguro critério, lendas indígenas, algumas reproduzidas dos textos dos mais autorizados autores.*

Mas estudos, sob todos os pontos de vista valiosíssimos, escudados em orientação moderna, por vêzes original, sòlidamente científicos, são os que constituem o magistral livro de Joaquim Ribeiro, A Tradição e as Lendas *(folclore), laureado pela Academia Brasileira de Letras, mas deslustrado com um prefácio nosso. Trata-se de trabalho de real merecimento, de cunho positivamente científico que colocou o jovem cultor no primeiro plano de nossos poucos folcloristas de verdade.*

Nesse esplêndido volume, no capítulo A Tradição, *trata o Autor da teoria dos ciclos. Tendo em vista principalmente o folclore colonial e baseado na teoria ainda, até então, não divulgada no Brasil, dos* Ciclos Culturais, *êle consegue, com absoluta segurança, esboçar os do Brasil dispondo-os em três grupos gerais do modo seguinte:*

«*I — Ciclo costeiro*

a) lendas atlânticas ou dos navegadores
(*Cf.* a Nau Catarineta).

b) lendas da colonização
(*Cf.* O Caramuru, a lenda de S. Tomé).

II — Ciclo de penetração

a) lendas heróicas dos bandeirantes
(*Cf.* o folclore paulista).

b) lendas do movimento pastoril, desde o S. Francisco até o Nordeste.

III — Ciclo de Mineração
(*Cf.* origem do folclore mineiro).»

Esclarecendo que os ciclos culturais fundam-se na doutrina das áreas etnográficas (civilizações regionais), entende, e muito bem, que, em nossa etnografia, tais áreas são as seguintes:

1) área costeira (faixa litorânea)
2) área pastoril (S. Francisco e Nordeste)
3) área mineira (região de mineração).

Na aplicação da teoria dos ciclos culturais baseados na doutrina das áreas etnográficas cabe, sem a menor dúvida, a prioridade, a par da originalidade com que soube sistematizá-la, enquadrá-la em nossa etnografia, a Joaquim Ribeiro, como já ao modesto autor dos Contos Populares Brasileiros, *no acatado entender daquele jovem etnógrafo coubera a da aplicação dos ciclos temáticos restritos, os quais depois, com muita felicidade, Gustavo Barroso generalizou* (Som da viola, *1921) sôbre o critério das classificações individuais, profissionais e comemorativas, sem ter tido em vista o das áreas geográficas, tanto assim que seria impossível, dentro da sua divisão, indicar a qual região pertenceria, por exemplo, o ciclo dos caboclos.*

Antes de publicar em livro nossos Contos Populares *(1918) — agora* Contos Populares Brasileiros, *— em cujo prefácio esboçamos os ciclos temáticos restritos, já havíamos publicado diversos dêles em diferentes jornais mineiros, desde antes de 1910, nomeadamente, na* Opinião, *no* Diário Mercantil, *no* Diário do Povo, *de Juiz de Fora, no* Estado, *de Belo Horizonte, etc., e com a divisão em ciclos temáticos expressamente declarada.*

Assim, pois, quem mais tarde fôr o historiador justo da atual fase folclórica nacional não poderá deixar de reconhecer e assinalar a nossa prioridade na divulgação e aplicação no Brasil dos ciclos temáticos, embora restritos, até melhor prova em contrário; a prioridade de Gustavo Barroso, quanto à dos mesmos ciclos generalizados e a de Joaquim Ribeiro, em relação aos ciclos culturais.

A publicações meritosas de outras espécies folclóricas, como as coleções de quadras populares, *de Carlos Góis, de Afrânio Peixoto, de Leonardo Mota, de Rodrigues de Carvalho (2.ª edição do* Cancioneiro do Norte), *de Americano do Brasil, dos trabalhos magníficos do saudoso e erudito Amadeu Amaral (que não saíram senão nas colunas*

dos jornais paulistas) e de alguns outros etnógrafos ou tradicionalistas, deixo de aludir em mais extensas referências, reservando-me para delas tratar em ocasião oportuna.

Mas, fôrça é reconhecer que os estudos etnográficos, nos quais João Ribeiro — devemos sempre repeti-lo — se tem revelado a máxima autoridade, vão auspiciosamente progredindo, a despeito da não existência de um museu etnográfico, de uma associação de estudiosos do folclore e de uma revista especializada em assuntos de tradições, de folclore, enfim de etnografia que centralizassem tôdas as atividades e tôdas as competências em tôrno dêsses problemas que só os céticos e os ignorantes supõem não serem transcendentais, no domínio da cultura nacional.

A benemérita Companhia Melhoramentos de S. Paulo, que já tem editado diferentes trabalhos folclóricos, tradicionais e históricos, faz jus a todos os louvores e vai com êste rumo, ao lado do educacional, prestando ao Brasil irrefutáveis serviços.

De mim sou-lhe assaz agradecido pela publicação dêste livro, que, obscuro embora, atesta um esfôrço de minha parte em procurar ser útil a nossa pátria.

A presente obra sai em dois volumes, tal a extensão do material novo que recolhemos da tradição oral, depois da 1.ª edição, de 1918. O primeiro é constituído de contos episódicos, cíclicos *e* sentenciosos *e o segundo, de narrativas* maravilhosas *e* lendárias, *seguidas de* cantigas de adormecer.

LINDOLFO GOMES

CONTOS POPULARES

EPISÓDICOS CÍCLICOS E SENTENCIOSOS

As histórias

Quando se organizam as *rodas*, umas vêzes em tôrno da banquinha de costura na sala de jantar ou nos alpendres, outras em volta do fogo, onde, sôbre a trempe, a *chicolateira* de água ferve para o *cafèzinho* da noite, a gente do interior do país, especialmente a roceira, gosta de ouvir alguém que, da família ou visitante, é o *contador de histórias*. E lá vem então a da *Gata borralheira*, a de *João com Maria*, a dos *Três cavalos encantados*, a da *Moura torta*, com todos os seus matadores e o seu préstito de gênios, fadas, príncipes, demônios, etc. Essas histórias adaptadas ao falar do povo saem quase sempre muito deturpadas e delas se contam numerosas variantes.

Todavia, antes que o *contador* desembuche faz-se muito rogado, e se o pedido é feito ainda de dia, desculpa-se logo: *quem conta história de dia cria rabo de cutia*. O dito, apesar de velho e gasto modismo, é recebido às gargalhadas. O engraçado é que havendo na *roda* alguma ingênua criança que não compreendeu a pilhéria — porque para iludir a infância fôra ela certamente inventada — quer logo saber como se opera o fenômeno...

O espírito infantil acredita firmemente verdadeiro o conceito, e os petizes privam-se das histórias contadas à luz do astro rei. Se alguém tenta infringir tal crendice, há imediatamente voz amiga que advirta: *quem conta história de dia...*

Tais histórias começam com a chapa: *Foi um dia... Era uma vez...*

Os escritores usam substituir os nomes de suas personagens pelas iniciais *N. N.* e os das terras pela incógnita *X*. O caboclo nas suas narrativas emprega o pronome *Fulano*, seja para substituir o nome das pessoas, seja o das localidades: «Foi um dia o príncipe *Fulano* que assistia na cidade *Fulana*»...

As narrações são constantemente interrompidas pelas interrogativas dos ouvintes, curiosos de conhecerem o fim dos episódios:

— E depois? E depois?

— Depois o príncipe disse a sua bela que teria o seu trono se quisesse ser sua mulher. Ela recusou; disse que não queria seu trono, nem a êle por marido. E depois o príncipe amuou de tristeza, e depois foi morar na cidade *Fulana* que estava ainda nos domínios dêle. Vai daí a bela recebeu novas...

— E depois?

— Depois o príncipe mandou um mensageiro com um escrito e um presente...

— Depois?...

A história prossegue entrecortada de *depois* e mais *depois*.

Às vêzes a fórmula é substituída por esta outra: — *Entonces, vai daí?*

— E vai daí o príncipe...

O *contador*, quando muito solicitado, sai-se não raro com a célebre fórmula:

«Era um dia uma vaca chamada Vitória; morreu a vaquinha, acabou-se a história» (1).

---

(1) V. em nosso livro *Nihil Novi...*, p. 98, o artigo Fórmulas nos Contos Populares.

Ou:

«Era um dia um homem que mandou fazer uma ponte e ficou debaixo dela para ver quem seria o primeiro a passar... Veio um *tocador* com uma carneirada... carneiro, como mato! Tá passando, tá passando... tá passando...

E lá vem a clássica interrogativa por parte de algum dos ouvintes, mais curioso e mais tolo:

— E depois?

— Tô esperando acabá de passá a carneirada pra podê incontinuá...

Um estrídulo côro de risadas aplaude o dito e o curioso fica *descochado* (1), como é qualificado o indivíduo que se deixa desapontar, desconcertar.

Quando termina alguma história, o *contador* nunca o faz sem epilogá-la com qualquer dêstes tradicionais modismos:

«E entrou por uma porta e saiu por outra; peça ao Rei que lhe conte outra»; ou com a seguinte variante: «e entrou por uma porta e saiu na outra. O senhor Rei que lhe conte outra». «Pé de pinto, pé de pato; peço agora que me conte quatro»; com esta variante, fazendo trocado: «pé de pato, pé de pinto, peço agora que me conte cinco».

À pergunta: E depois? costumam os *contadores* responder também: vacas não são bois, chifres são só dois, muita casca tem o arroz.

Acontecendo que não pronominalizem as localidades com o indeterminado *Fulano*, dão denominações tais, com certo cunho de simbolismo: cidade das *Flores*, das *Maravilhas*, das *Amarguras*, dos *Prazeres*, do *Sol*, da *Lua*, etc.

São muito empregados, por êles, certos números indicando o indeterminado, havendo decisiva preferência pelo *sete* (conta de mentiroso): bota de sete léguas; morrer de sete tiros, de sete facadas; os sete anõezi-

(1) V. vocabulário, no fim dêste livro.

nhos da montanha; os sete meninos das sete carapuças vermelhas; os sete sapatos da princesa que dançou com o *sujo* (o diabo).

Quando se trata de fortuna, de dinheiro, o indeterminado é representado por *mil, milhão:* mil contos; mil léguas de terras: milhão de escravos. Às vêzes usam também de *cem* e *cento*, etc.

Outra variante para fêcho de histórias é a seguinte, que colhi ouvindo um *contador* do Alto Rio Doce, em Minas: Foi um dia um homem que tinha um filho chamado *Fulano*. O menino pediu *a* licença do pai para sair pelo mundo. O *véio* pelejou com o menino, que não fôsse; mas, não houve jeito, e *campou* depois que o pai pôs a bênção nêle...

Pausa.

— E depois?

— *Tô* vendo se o ladrão do menino *vorta* pra *incontinuá* o *causo*.

Ao terminar alguma história, cujo epílogo seja um casamento ou uma festa, um pagode qualquer, o *contador* jamais deixa de referir que houve uma festa ou *brinquedo* (baile), *arrasta-pé*, havendo muitos convidados, dos quais foi um dêles, com *comes e bebes:*

— Que pagode, meu povo! dancei, comi, bebi, *contanto* que não esqueci de *vancês*. Vinha trazendo uma garrafa de *champanha* e uma bandeja de doces; mas a cachorrada do doutor *Fulano* (às vêzes nomeiam uma pessoa conhecida) avançou que foi um arraso. Larguei a doçada e *campei no pé*, e foi um dia...

O contador, muitas vêzes, anuncia uma bela história, uma história *roge* (excelente). Todos querem saber qual seja.

— A do *Castelo de Chuchurumelo*.

Se há na *roda* alguém que não a conhece, pede-lhe curiosamente que a conte. Os demais preparam-se para rir até o *Chico vir de baixo*.

O *contador* faz-se rogado; enfim se resolve:

— Era um dia um homem que tinha um cão que

matou o gato que comeu o rato que roeu a corda que atava a chave que abria a porta do *Castelo do Chuchurumelo*.

— E depois?

— Entrou por uma porta e saiu por outra; peça ao sr. Rei que lhe conte outra. Ah! Ah! Ah! Vancê tá nascendo hoje, home?! E' como os de Lordelo, quem *quisé* vá lá sabê-lo (1).

A assembléia discute a pilhéria e o serão continua até alta hora, quando todos se despedem, alguns com receio de *solancar* no estradão êrmo e assinalado de cruzes, ainda impressionados com as histórias de *sombrações* e *lobisomes* que aparecem às sextas-feiras...

E algum dêles, que vai só, a estugar o passo, caminha assobiando para disfarçar o seu mêdo de caboclo cismado...

Quem tem asa para que quer casa? (2)

Era uma vez um tal dom Urubu... E não sei como lhes conte, quando êle ia mais no sereno do vôo, ameaçou uma trabuzana d'água que parecia que o mundo vinha abaixo. O cabeça pelada (urubu) não quis saber de mais conversa, foi avoando como um corisco e sem olhar pra aqui nem pra acolá apousou no telhado de uma casa velha e ficou assuntando em como os outros bichos, que avoavam tão rasteiro, se arranjariam quando êle, o Rei dos ares, não tinha onde se esconder.

Já por aí, umas pombas debandadas vinham também fugindo da tempestade e metiam-se nos pombais como gente que tem de *seu* e pouso certo onde assista.

E vai o Urubu falou ansim:

— Deixa vir o sol que eu também vou fazer minha casa.

---

(1) Introdução portuguêsa.

(2) Este conto foi colhido da tradição oral na fazenda do Penedo, em S. Pedro do Pequiri. Ouvi-o a um caboclo, mas sei, por informações, que corre em todo o Estado de Minas e em outros do Brasil.

Depois vieram as andorinhas e se esconderam na beirada das telhas. E dom Urubu tornou a dizer:

— Eu também vou fazer minha casa.

Depois vieram as cambaxirras e se enfiaram no buraco do muro, mesmo em frente do bicho, para lhe fazer inveja. Ficaram muito quietinhas, muito arrumadinhas no seu canto.

E vai o Urubu, e disse:

— Eu também vou fazer minha casa.

Depois um joão-de-barro, morador velho de um ipê sêco, meteu a cabecinha fora do buraco de sua casa de terra e pegou de espiar.

O Urubu tornou a dizer:

— Eu também vou fazer minha casa.

Chuva caía que não era brinquedo, o vento assobiava, danado de brabo. Os trabalhadores, num átimo, vieram correndo da lavoura e entraram na casa onde o Urubu estava em cima do telhado, molhadinho como um pinto e jurando por Deus Nosso Senhor que quando o sol apontasse êle ia fazer sua casa.

Veio o sol, mas o *bicho* não quis saber de mais nada. Sacudiu as asas e avoou para esquentar o corpo. Logo se apanhou enxuto e bem lá em cima, não se *alembrou* mais de fazer a sua casa e muito prosa ia vendo que os outros pássaros não podiam chegar onde êle estava. E vai daí, quando desceu, encontrou com a cambaxirra que estava *empèzinha*, *cambaxirrando* (cantando) em riba de uma taipa, muito concha de sua propriedade. E a bichinha lhe *pruguntou*, então:

— Dom Urubu, quando é que V. S. dá comêço a sua casa?

— Sai daí, cambaxirrinha à-toa, respondeu dom Urubu com uma risadinha de pouco caso. Você tem casa, mas não é capaz de ir aonde eu vou. E, arribando o vôo, gritou:

— *Quem tem asa para que quer casa?...*

E' por isso que na quadra das chuvas todos têm onde se esconder, menos dom Urubu.

Atrás de mim virá quem bom me fará (1)

Foi um dia um menino muito mal-educado, sem Deus nem lei, que, em vez de ir para a escola, ficava trocando pernas pelas estradas, *capeangando* à toa...

O pai já tinha morrido e a mãe não podia com êle. Ai! se ela lhe dissesse um *isto*, já o diabo do menino lhe queria pôr mão amaldiçoada.

A velha às vêzes lhe dizia com chôro nos olhos:

— Permita Deus que o mundo não *seje* quem te há de ensinar.

Bôca pra que falou! Palavra de mãe não fica sem *escuta* de Deus.

E o menino furta daqui, furta dali, mexe com um, mexe com outro, ninguém queria conversa com êle. Era um fugir como o diabo da cruz.

Vai por uma vêz estava êle na estrada, maginando nalgum *mal feito*, quando vinha de passagem um tropeiro, tocando os lotes, cantando as suas modas e muito fora de outro pensar.

O menino não teve espera. Pegou de uma pedra e arrumou-a nas costas do tropeiro. O lote levou um espanto dos diabos e arribou. Foi um trabalho bruto para ajuntar a tropa. O tropeiro levou a mão *na* garrucha, para dar cabo do *serelepe*.

Apois, recuou do *preposto*. Fêz cara de riso falso, tirou da algibeira um quinhentão (quinhentos réis) e deu-o ao menino, dizendo com seus botões:

— Outro lhe dará o pago. *Atrás de mim virá quem bom me fará.*

O *curumi* ficou muito *sastifeito* com a oferta, deu três saltos pro ar e resmungou: o dia é meu.

---

(1) Este continho, colhido em S. João del-Rei, não é senão a reprodução da conhecida fábula de La Fontaine (XII, XX), popularizada em nosso país, *Un Fou et un sage*.

Daí por um pedaço apontou na volta do caminho um cavaleiro que ia tocando viagem com pressa. Num súbito sentiu uma pedra lhe bater na aba do chapéu. Pôs reparo e deu com o menino já *apreparado* para lhe pinchar outra. Ah! pra que tal fizeste!

O viandante não quis mais conversa, arrancou da *bicha* e fêz fogo.

Foi por uma vez só. O menino não disse *ai, Jesus.*

E é como lá diz o outro — *atrás de mim virá quem bom me fará. Quem deve a Deus paga ao diabo.*

Explicação galhofeira (1)

Quando eu era viajante tinha sempre de andar a cavalo (não havia estradas de automóveis e, portanto, sequer autos de aluguel ou auto-ônibus) e levava sempre em minha companhia um pajem ou guia.

Entre os muitos que tive, havia um, dado a curioso e perguntador, que tinha por costume dar-me o tratamento (aliás indevido) de doutor. Cansei-me de adverti-lo que o não era, mas o homenzinho não se emendava. De momento a momento lá estava êle: seu doutor pra aqui, seu doutor pra acolá.

Certa vez viajávamos num município longínquo. Íamos silenciosos pela estrada fora. O dia estava lindo e havia, no céu azul, nuvens muito movediças.

De repente pergunta-me o pajem:

— Por que será, seu doutor, que as nuvens não têm sossêgo e andam sempre de um lado para o outro?

Sorri-me, e respondi-lhe:

— Ora essa! Pois você não sabe que as nuvens se movem assim porque são, como os homens, ambi-

(1) Este conto me foi narrado por um caixeiro-viajante, como verídico, mas me parece anedótico e já vulgarizado, pois tenho-o ouvido de outras pessoas em diferentes localidades mineiras. Por isso recolhi-o, para registrá-lo como popular, ou pelo menos já popularizado.

ciosas e invejosas e procuram tomar os lugares umas das outras, pensando serem melhores do que os seus?!

— Lá isso é verdade, seu doutor. Bem diz o ditado: a galinha do vizinho é sempre mais gorda do que a minha.

— Pois então?

— *Tá* certo!

A mulher da tesourinha (1)

Certo homem, desejando cortar um queijo, pediu, para êsse fim, uma faca à sua respectiva «cara metade».

A mulherzinha que era teimosa a mais não poder, em vez da faca, trouxe-lhe uma tesoura. O homem estranhou, e objetou-lhe: — Está doida, mulher? Peço-lhe faca, e traz-me tesoura!

— Decerto! queijo não se corta com faca, corta-se com tesoura. Ouviu? Não se faça de tolo!

— Não senhora. E' com faca! E não me queime o juízo, senão...

— Senão, o quê? E' com tesoura! Com tesoura! Com tesoura — digo-lhe uma, duas, mil vêzes...

O homem depois de longa insistência, sempre contestado pela «cara metade», indignou-se — agarrou a mulher e lançou-a num poço que havia no quintal, proferindo, irascível, a interrogação: — Queijo corta-se com faca ou com tesoura? E a mulher a repetir, debatendo-se na cisterna: — Com tesoura... com tesoura... com tesoura...

E aos poucos foi submergindo, irremissível na sua disparatada teima.

Quando finalmente desapareceu em meio à água que

---

(1) Variantes dêste conto já foram comentadas por João Ribeiro, Gustavo Barroso, Leite de Vasconcelos e outros folcloristas daquém e dalém mar. O tema é, portanto, internacional.

lhe cobriu de todo o corpo, ainda conseguiu, num último esfôrço, erguer a mão e, com os dedos índice e médio abertos, figurar as lâminas de uma tesourinha.

Espírito de contradição

Foi um dia um homem que era casado com uma mulher que, além de teimosa, primava por possuir o mais aferrado espírito de contradição dêste mundo.

De uma feita, contra a vontade do marido, resolveu ir pescar em certo ponto perigoso do rio vizinho, que andava em cheia.

Passaram horas e ela não voltou para casa. Assustado, o marido foi então procurá-la — chegou ao tal lugar e nem sombra da mulher; mas porque encontrasse à beira do rio uma das chinelas por ela usadas, teve a previsão de que a infeliz se houvesse afogado, caindo no rio.

Pôs-se então a procurá-la percorrendo a margem do rio, na direção normal da corrente. Foi seguindo, seguindo, sempre seguindo, mas sem encontrar o mais leve vestígio da mulher.

Alguém, vendo-o naquela penosa pesquisa, perguntou-lhe o motivo de tal preocupação.

Narrou ao outro a sua situação e o seu objetivo de encontrar o corpo da mulher.

E o outro replicou-lhe:

— O' compadre, pois não sabe que sua mulher era dotada de tal espírito de contradição que nisto ultrapassava tôdas as mulheres dêste mundo? Você está perdendo tempo, camarada, andando a procurá-la água abaixo. Mude de rumo, siga margem acima, pois mesmo morta ela não deixará de revelar aquêle velho defeito de ser sempre «do contra» (1).

---

(1) No 1.º volume dos «Contos tradicionais do Algarve», de Xavier de Ataíde, vem, à pág. 30, uma variante dêste conhecido conto, que ouvimos narrado em diferentes localidades mineiras e é vulgar em quase todos, senão em todos os Estados do Brasil.

Ciclo do preguiçoso

I — João Preguiça

Quando o pai de João Preguiça morreu, recomendou aos outros filhos que não abandonassem seu irmão que era um pobre parvo que, como êles estavam vendo, passava a vida deitado numa rêde sem querer trabalhar.

Os moços, cumprindo o desejo do pai, levavam todos os dias a comida à rêde de João Preguiça que não a ingeria sem que qualquer dêles lha desse pela colher. E assim acontecia quanto ao mais.

Lá um dia João Preguiça amanheceu morto na rêde e os irmãos trataram de convidar os vizinhos, colocado o corpo num *banguê*, a ir sepultá-lo no cemitério do arraial. Em caminho, porém, sentiram que o *banguê*, dera um estremeção. Todos correram a acudir e viram que João Preguiça estava ainda vivo.

Um dos irmãos disse-lhe:

— Isso é fraqueza, João. Acaso você quererá voltar para casa e aceitar um bom prato de arroz?

O João Preguiça, com uma vozinha enfraquecida, respondeu:

— Quero sim... mas é com casca ou sem casca?

O outro advertiu-lhe:

— Com casca, João, com casca...

— Então nesse caso, mano, não quero não.

E, dirigindo-se aos carregadores do *banguê*, disse-lhes:

— Toca pro cemitério!

E esticou-se novamente no *banguê*.

II — O avarento

(*Variante do conto «João Preguiça»*)

Havia numa cidade do sertão um homem muito rico, mas *unha de fome* como êle só. Nunca se havia casado e só deixava como seus herdeiros dois sobrinhos, aos quais em vida — seja dito — nada lhes dera.

Um dia êsse homem, que vivia sempre isolado, apareceu morto na choupana onde morava. Os sobrinhos foram chamados pelos vizinhos que trataram de fazer-lhe o entêrro.

Como o lugar ficava muito distante do arraial, o corpo foi levado num *banguê*. Vencida obra de meia légua, o *banguê* estremeceu e como ia acompanhando o entêrro um charlatão do lugar, chamaram-no, e êle, examinando o avarento, que já estava assentado no *banguê*, tirou do bôlso um vidro de «cheiro», chegando-lhe ao nariz.

Então o avarento, mais esperto, perguntou-lhe:

— Olá, seu curandeiro, quanto custa o seu trabalho?

E o curandeiro, querendo aproveitar a ocasião de ganhar algum dinheiro daquele «munheca de samambaia», disse-lhe:

— Quase nada, «seu» Chico, uns cem mil réis «à-toa» pagam bem.

O avarento arregalou os olhos e exclamou:

— Cem mil réis! *Tá* doido, homem! Sabe de uma coisa, meu povo? Toca pro cemitério.

E estendeu-se a todo comprimento no *banguê* (1).

---

(1) O primeiro dêstes contos — «João Preguiça» — me foi narrado por Marciano Honório, antigo morador no arraial da Chácara, município de Juiz de Fora, porém figura no livro de contos «Alvíssaras», do saudoso escritor José Rangel, em variante pouco diferente.

O segundo, «O Avarento», ouvi-o, contado por uma senhora da cidade de Pomba, no Estado de Minas.

Ambos pertencem a um ciclo, em cujas diferentes versões, o protagonista aparece com nomes também diferentes, v. g.: João Parvo — ou simplesmente

O caso do «Chernoviz» (1)

Conta-se que morava em região do interior, muito afastada dos centros mais civilizados e sem dispor, por isso, de comunicação rápida até com arraiais bem modestos, certo velho e excêntrico fazendeiro que jamais deixara o lugar onde nascera, se criara, aprendera a ler e, finalmente, onde sempre vivera, despreocupado de tudo que não fôsse o rude, porém honesto labutar da lavoura.

Nem sequer recebia jornais e, quanto a livros, só lia o clássico «Chernoviz», o conhecidíssimo formulário e guia de medicina que os previdentes roceiros nunca dispensam nas aperturas de seu forçado curandeirismo.

Em horas de folga divertia-se o bom do velho lendo e relendo seu inseparável «Chernoviz», cujo texto sabia de cor e salteado.

Dada a distância da quase inóspita localidade, só de longe em longe por lá aparecia algum viajante, dos mais ousados em afrontar os percalços de perigosas incursões.

Dois anos já se haviam passado desde a proclamação da República em nossa pátria, quando foi ter à fazenda, onde se hospedara, um dêsses destemerosos viajantes.

À noite, em palestra com o dono da casa perguntou-lhe êste pela saúde do velho Imperador.

— As últimas notícias chegadas da Europa não são claras a respeito — respondeu-lhe o interlocutor.

---

o Parvo (V. «Contos Tradicionais do Algarve», do folclorista português Xavier de Ataíde, vol. I «Pedro Preguiça», pág. 167 e «A Preguiçosa», pág. 184; e no vol. II, págs. 364, 397 e 451).

O Avarento de certo modo não pertence ao ciclo do «preguiçoso», cujo tema aparece em variantes de contos europeus, ou melhor internacionais e foi aproveitado por Alphonse Daudet num conto intitulado «O Figo e o Preguiçoso».

(1) Colhido em Minas, mas, certamente, é conhecido em outros Estados.

— Pois D. Pedro agora está na Europa? A passeio ou a negócio?

— Qual passeio, qual negócio, meu caro amigo. O Imperador foi deposto e, com todos os membros de sua família, banido há dois anos quando se proclamou a República no Brasil.

O velho arregalou os olhos, estupefato.

— Será possível, meu Senhor?!

— Sim, tão certo como Deus é Deus, o Brasil é atualmente uma república, presidida pelo generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca. Pois o senhor não sabia! Não lê jornais?!

— Ninguém por aqui apareceu que me desse tal notícia. Não leio senão o «Chernoviz», e meu «Chernoviz» nada diz a respeito de semelhante coisa... Quem «havera» de supor!

O sim e o não (1)

O sim e o não são palavras muito importantes e que nem sempre se devem dizer. A propósito vou-lhes contar dois «exemplos».

Foi um dia um pai que tinha uma única filha. E viviam os dois sòzinhos num casarão. A moça era muito bonita, e o pai muito rico. Os rapazes andavam com os olhos nela, por ser um bom «partido» de casamento. Mas ela, nem caso!, porque o pai impunha-lhe isto, por não querer separar-se da filha, que era o seu único consôlo nesta vida.

Mas vai então, o velho teve que viajar. Não havia outro remédio, era para receber uma grande herança.

Antes de partir, recomendou muito à filha que, se algum homem a ela se dirigisse, respondesse sempre «que não».

(1) Colhido em Juiz de Fora.

Passados alguns dias, muitos rapazes vieram confessar-lhe o seu amor e propor-lhe casamento. E ela sempre: não.

Foi um desapontamento geral. Mas um, que era mais esperto, foi ter com ela, e perguntou-lhe se caso êle lhe entrasse em casa ela se zangaria. A moça respondeu:

— Não. E o rapaz entrou portas a dentro. E depois insistiu:

— Se eu lhe disser que a amo — a senhora se aborrecerá comigo?

E ela:

— Não.

— E se eu a pedir em casamento, recusará?

— Não.

— Negar-me-á um beijo?

— Não.

— E um abraço?

— Não.

Quando o pai regressou achou as coisas muito adiantadas. Repreendeu a filha, mas ela se defendeu com a recomendação que êle lhe fizera, de que havia de responder sempre «não». E assim o fêz.

Realizou-se o casamento com uma grande festa, e acabou tudo em boa paz.

***

Agora o outro exemplo.

Um rapaz gostava muito de uma moça. Pediu-a em casamento, foi aceito, mas lhe implorou jurasse que não diria *sim* a nenhum outro homem.

Chegado o dia tão desejado, foram os noivos para a igreja, acompanhados de grande cortejo.

Na hora solene, perguntou o padre ao noivo:

— *Fulano*, é de sua livre vontade casar com *Fulana?*

Êle risonho e feliz:

— Sim.

O padre então voltou-se para a noiva:

— *Fulana,* é de sua livre vontade casar-se com *Fulano?*

A moça não respondeu.

O padre fêz de novo a pergunta.

Um zunzum de espanto percorreu tôda a igreja.

O noivo empalideceu.

O padre repetiu pela terceira vez a pergunta — e nada de resposta. As lágrimas desciam pelas faces da noiva.

Escândalo! O padre fechou o livro e retirou-se para a sacristia.

O noivo interrogou a noiva sôbre aquêle procedimento inconcebível.

Ela então lembrou o juramento que lhe fizera de não dizer *sim* a nenhum outro homem. Assim não devia excetuar-se o próprio padre... Ficou tudo explicado. O noivo autorizou-a a dizer *sim* quantas vêzes quisesse e o casamento foi logo feito, com alegria e satisfação de todos.

Daí se vê que o *sim* e o *não* são duas palavrinhas muito importantes!

E entrou por uma porta, saiu por outra, quem ouviu e não aprendeu, bom exemplo não colheu.

O que há de ser (1)...

O que há de ser tem muita fôrça, como lá dizem.

— Eu não sei bem se a coisa seria assim — dizia-me um velho camarada com quem viajei em Minas —, se não foi, prosseguiu, o certo é que bem podia ser. Mas «assim ou assado», eu lhe conto:

---

(1) Este conto ouvi-o de um senhor da localidade *Maria da Fé*, no Sul de Minas, que transferira sua residência para Juiz de Fora.

«Dizem que havia — por êsses cafundós do sertão — em tempos que já lá se foram, um velho fazendeiro, viúvo de muitos anos, que se apaixonou por uma moça nova. *Hai* cada coisa neste mundo que ninguém acredita, mas *hai*.

«O velho queria casar com a moça, e a moça nem queria ouvir falar nisso. Pois seria possível tal despropósito?

«O pai dizia-lhe que casasse, por bem ou por mal. Que o dinheiro nem por ser velho, e até *às vez* esfarrapado, ninguém o rejeita e todos morrem de amôres por êle. Que a menina visse que o pretendente era rico «como um porco» e estava no caso de fazer a felicidade dela. Depois de casados, se o velhinho morresse, não faltaria rapaz, por mais desejado das outras moças, que não quisesse casar com ela.

«Mas ela batia o pé. Não queria porque não queria.

«Mas o velho queria porque queria, e o pai da pretendida também, e todos da família.

«Como é que a pobrezinha poderia evitar tão triste sorte?

«Chorava, como uma carneirinha abandonada. Mas o chorar não adiantava.

«A *embição* é o diabo, meu patrão.

«E então daí, a pobrezinha não teve mais sossêgo.

«Afastava-se de casa, procurava os recantos e ficava sempre a chorar. Ninguém mais a viu rir e nem aparecer nas missas, nas festas de igreja, nos pagodes. E ela que gostava tanto de tudo isso!...

«Ao depois deu para embrenhar no capoeirão deserto, longe do sítio, e era um *pranto de chôro* que Deus nos livre, meu patrão, *vosmucê* calcule; emagreceu, definhou, parecia *inté* que estava para dar a alma a Deus.

«Entrementes já estava quase pronto o *enxová* para o *sacrifiço*.

«Mas foi então que chegou da Côrte, já com anel de doutor, o filho do fazendeiro rico. Quando soube da

pretensão de seu pai de casar com aquela moça ficou atarantado. *Vosmucê*, nem ninguém que «não viu» — pode imaginar o que *assucedeu!*

«Bateu o pé e disse para o pai que aquilo não podia ser. Em «tamanha» idade, com mais de setenta nos costados, casar assim velho com uma mocinha de vinte, de vinte, que não tinha mais, meu senhor!...

«O velho «subiu a serra», danado de *sua* vida *dêle*. Havia de casar e não dava satisfação — porque era da vontade dêle, dela e de tôda a família. Estava arranjado, se fôsse escutar conselhos saídos da bôca de um fedelho como o filho. E deu um berro que estremeceu a casa.

«O moço pensou muito no que devia fazer e foi ter com a moça a ver se ela queria mesmo aquêle casamento.

«A coitadinha custou a falar, com receio do pai, mas, por fim, disse-lhe que não era de seu gôsto. E nem podia ser, porque — explicou — há dias quando estava chorando no meio da capoeira, apareceu-lhe uma mulher que parecia *inté* uma santa, pois estava envolvida num manto todo estrelado, e que lhe disse estas palavras, com voz doce de anjo:

«— Sossegue, minha filha, que não se casará contra a sua vontade. Daqui até o dia marcado para o casamento muita coisa pode acontecer.

«E aconteceu mesmo, porque o moço todos os dias ia se encontrar com ela e consolá-la, e tanto se afizeram um ao outro que acabaram amando-se. Vejam só como elas se armam!

«A moça criou coragem: foi à casa do velho e lhe disse cara a cara que não queria casar com êle. Que antes preferia morrer, que se atiraria no rio, mas nunca lhe daria o «sim» de espôsa.

«O velho ficou aturdido, tonteou, foi pra cama e oito dias depois morreu.

«Passado um ano, o moço doutor tirou o luto que vestira pela morte do pai e se casou, com quem?... Com

aquela mesma que o velho tanto desejara para mulher — e que vinha a ser agora sua espôsa.

«Como «quer que Deus quis» — tudo ficou em família. O que tem de ser tem muita fôrça. *Inté* o pai da moça achou bom. Não *havera?* Tudo que Deus Nosso Senhor faz é bom, pois não é?»

Bem te vi! (1)

Foi um dia um *novato* que veio da terra fazer fortuna, certo de que tudo lhe havia de correr muito bem.

Ia indo certa vez por *ũa* estrada, quando encontrou uma carteira que certamente algum viandante teria perdido. Apanhou-a, com um sorriso velhaco. Mas, ao metê-la no bolso, ouviu um grito:

— *Bem te vi!*

Supondo ser voz humana, e não a da ave conhecida, disse:

— Se *vem* me *biste*, cala o *vico*...

Ia formando os seus planos, pensando na fortuna que havia encontrado. Mais adiante, o *novato* resolveu ver quanto continha a carteira. Tirou-a, sorrateiramente, da algibeira e pôs-se a contar o dinheiro.

E outra vez escutou a voz:

— *Bem te vi!*

Guardou imediatamente o *achado*, e disse, pondo o dedo na bôca:

— Nanja! Se *vem* me *biste*, cala o *vico*.

Apressou, assustado, o passo e tanto caminhou que se sentiu fatigado e ardendo em sêde.

Avistou um rio e foi beber.

Agachou-se, debruçou-se sôbre as águas e, ao ver refletir-se a própria imagem no espelho do remanso, com os braços estendidos para êle, ouviu de novo a voz que o vinha perseguindo:

---

(1) Colhido em Alto do Rio Doce, Minas.

— *Bem te vi!*

Supondo o tolo que a sombra que via nas águas fôsse o próprio dono da carteira que a estivesse reclamando, atirou o *achado* para dentro do rio e partiu a correr, dizendo:

— Se *vem* me *biste*, cala o *vico*.

Nanja a *mi*, senão a ti.

Casamento da rapôsa (1)

Foi um dia a comadre rapôsa. Cansada de viver sòzinha, assuntou de casar e não estêve pra logo. Por um pouco tôda a bicharada sabia que a comadre rapôsa tinha trato de casamento com o compadre lôbo. Vejam só, dois inimigos! o casamento não havia de aturar muito tempo.

Começaram os bichos de tôda a casta a levar presentes à comadre rapôsa, com a devida licença do rei dêles, o rei leão.

Apois, em vendo todo êsse agrado, mestre leão que devia umas obrigações à rapôsa, sempre muito *estuciosa* para fazer o que êle mandava, maginou em lhe dar um presente, mas que fôsse — *upa!* muito melhor que o dos outros: Escolher um dia de chuva ou de sol.

E resolveu *pruguntar* à rapôsa o que ela queria. E vai daí chamou-a:

— Diga-me cá, comadre rapôsa, o que quer você que eu lhe dê no dia do casamento... Como sabe, sou o rei dos animais; tenho govêrno sôbre tôdas as coisas. Sou capaz de fazer parar o sol e de fazer chover, quando quiser. Você quer um dia de sol ou um dia de chuva?

E a rapôsa lhe disse tôda derretida em mesuras:

— Bem verdade, compadre rei leão, bem verdade. Quem pode, pode mesmo.

---

(1) Colhido em Coronel Pacheco, município de Juiz de Fora, em 1894

— Então, magine lá no que quer. Mas, tome sentido; se houver sol no dia do casamento, o pagode será concorrido e alegre como não haverá outro. Se chover, a festa não será tão animada, mas como lá dizem — casamento em dia de chuva traz felicidade...

A comadre rapôsa, que é a rainha da astúcia e velhaca como ela só, fechou a cara, muito séria, a *modos* de quem está resolvendo negócios de importância, e ficou assim um pedaço.

O leão não estêve mais para histórias e soltou um berro:

— Não ata nem desata?

A rapôsa tremeu de mêdo e respondeu, matreira:

— E' que eu estou pensando que o compadre, sendo nosso rei *macota*, bem pode dar à vontade um dia de sol ou de chuva, mas não tem poder... para dar as duas coisas ao mesmo tempo.

Mestre leão, vaidoso, respondeu com ar de pouco *causo:*

— Tôla, como ousa duvidar do rei dos animais? Fazia a comadre mais sagaz. Farei o que deseja. *Na* hora de seu casamento haverá sol e chuva ao mesmo tempo, para espanto de todo o mundo.

No dia aprazado cumpriu a promessa. *Palavra de rei não volta atrás.* Daí por diante tôdas as vêzes que uma rapôsa se casa, reina chuva e reina sol, e tôda gente já sabe do acontecido.

E' o casamento da rapôsa (1).

---

(1) E' muito conhecida a tendência popular para explicar certos fenômenos, prolóquios, rifões, etc., por meio de histórias e anedotas, do que êste conto é exemplo frisante.

A expressão *casamento da rapôsa* foi criada, segundo conjeturo, através do vocábulo *raposeiro* que designa o sol de inverno e quer dizer também cama (V. Morais, Dic. 4.ª ed., artigo *raposeiro*). Daí teria nascido a idéia fabulosa do casamento da rapôsa, que o elemento popular procura explicar com essa história. Entretanto, não se pode negar um certo cunho simbólico à idéia de casamento da rapôsa, ligada à de sol e chuva, fenômeno que é, como sabemos, de pouca duração. A história fala do casamento da rapôsa com o lôbo, inimigos figadais e que não podiam, portanto, ser amigos por muito tempo.

Há também uma variante em que figura, em vez do lôbo, *o gambá*.

Há um ditado popular que se refere ainda à pouca duração do sol de

O vaivém

Era um dia um velho chamado Zusa, que trabalhava pelo ofício de carapina. A sua oficina era um brinco, sempre muito asseada, a ferramenta muito limpa, tudo nos seus lugares.

Mas a mania do velho era batizar cada ferramenta com um nome apropriado. O martelo chamava-se *toc-toc*, o formão, *rompe-ferro*, o serrote, *vaivém*.

Quando um carapina do lugar precisava de uma, corria logo à oficina do Zusa, a pedir-lhe de empréstimo.

Mas, tantas lhe fizeram, demorando a entrega ou ficando com as ferramentas algumas vêzes, que o velho resolveu parar com os empréstimos.

Certo dia foi à oficina um menino, de mando do pai, e disse:

— Papai manda-lhe muitas lembranças e também pedir-lhe emprestado o *vaivém*.

Mestre Zusa pôs as cangalhas no nariz e respondeu:

— Menino, volta e diz a teu pai que se *vaivém* fôsse e viesse, *vaivém* ia, mas como *vaivém* vai e não vem, *vaivém* não vai (1).

---

inverno, incluindo-o entre outros símbolos da inconstância e do ludíbrio. E' o seguinte:

Sol de inverno,
Chuva de verão,
Chôro de mulher,
Palavra de ladrão.

São coisas estas em que não se pode confiar, que não duram muito.

(1) Cf. o ditado: *Mão vai, mão vem; mão vem, mão vai; mão vai, mão não vem, mão não vai mais.*

A idéia de dar nomes às ferramentas, a que se refere o conto, teria sido sugerida ao criador da anedota — o povo — pelo fato de efetivamente ter um ou outro instrumento nomes personativos, por corrutela ou não.

Este conto ouvi-o em Carangola, onde o elemento popular conserva muitas tradições, inclusive a dos « congados, marujadas », etc., de que tratarei em obra especial.

A lição do pajem (1)

Era uma vez um pai, dono de muitas fazendas e muito cuidadoso da educação de seus filhos dêle.

Vendo chegar o mais velho na idade de ir para a escola, fêz preparar o enxoval, arrumou as canastrinhas e mandou o pajem de confiança levar o menino *no* colégio do arraial.

João — era o nome do menino — quando isto foi já beirava *nos* doze anos e ainda não conhecia a primeira letra da *carta de nomes*.

Assim soube do intento do pai e logo foi *amontado* no pequira pra seguir viagem, botou a bôca no mundo, chorando como bezerro novo, por via de se separar dos pais que andavam sempre a ameaçá-lo com a cafua da escola e a *Santa Luzia* do mestre.

Os pais queriam consolá-lo até as últimas, quando João e o pajem, crioulo velho de todo o valor, seguiram o rumo da porteira e romperam estrada.

As *sodades* começaram a apertar e João abriu outra vez no chôro.

Lá adiante um carneiro pastava, e o prêto para distrair o *sô moço* mostrou-lhe aquêle bicho tão quietinho; *açucrou* a voz, engabelando-o:

— *Óia* carneiro, nhonhô... Pra que *tá chorano*, nhonhô?...

E João respondeu num soluçar sem parada:

— Carneiro não vai para a escola, só eu é que vou...

— Mas, nhonhô não come capim, e carneiro come.

Mais adiante avistaram um boi deitado na grama.

O pajem outra vez:

— Pra que *tá chorano*, nhonhô? *Óia* boi como *tá* quieto.

---

(1) Colhido em Serraria, Minas.

— Boi não vai para a escola, só eu é que vou...

— Mas, nhonhô não puxa carro, e boi puxa.

Em de mais longe avistaram um passarinho que ao vê-los, lá se foi por êsses ares. E o prêto, para consolar o menino, tornou:

— *Ôia* passarinho, como vai quietinho... Pra que *tá chorano?*

— Passarinho não vai para a escola, só eu é que vou...

— Mas passarinho *avoa*, e nhonhô não sabe *avoar*.

Depois viram um prêto capinando, e o pajem disse:

— *Ôia*, nhonhô, prêto como trabaia, tão calado que não diz nada... Pra que *tá chorano*, nhonhô?

— Negro não vai para a escola, só eu é que vou...

— Mas, prêto não sabe ler e nhonhô vai aprender.

E num repente, *enconsiderando* no dizer do menino, agravado nos seus melindres, todo *empetilicado, escrescentou:*

— Mas também prêto sabe capinar e nhonhô não sabe; e prêto capina pra nhonhô ir aprender; e prêto ainda leva nhonhô *na* escola. Cala bôca, meu branco, que *tamo* chegano *no* arraial.

A escola ficava na entrada do povoado. O menino foi entregue ao professor.

No fim de *um par* de (alguns) anos o menino, já sabendo tanto como o mestre, foi mandado para a *Côrte* do Rio de Janeiro, de onde voltou doutor *de* medicina.

O seu primeiro cuidado foi mandar passar a carta de *forraria* ao pajem velho que levou nhonhô para a escola.

O casar é bom, mas o não casar é melhor (1)

Foi um dia um moço que, estando para casar, se viu indeciso e foi pedir conselho a um velho muito experiente da vida — se devia ou não dar aquêle passo.

O velho encarou-o e perguntou-lhe de relâmpago, sem dar tempo a outro pensar:

— Se te dessem a escolher entre dois objetos, um bom e o outro melhor, qual dêles escolherias: o bom ou o melhor?

O moço sem embaraçar-se, respondeu:

— Está visto que o melhor.

— Pois já vês que fizeste a escolha — disse-lhe, porque entre o casar, que é bom, e o não casar, que é melhor — escolheste o melhor.

O moço seguiu o parecer e ficou solteiro, e repetia sempre aos amigos que o *casar é bom, mas o não casar é melhor* (2).

A falta de fubá (3)

Vai uma vez um capiau (4) queixava-se a um sitiante, homem muito simples e que não gostava de contrariar as idéias do próximo, da grande falta de fubá que reinava na redondeza onde morava.

— Eh! patrão, é uma verdadeira *desgracia pelada!* o fubá anda pela *horinha* da morte. Não *hai* nem para tapar o buraco de um dente. «Ansim como ansim», *inté pera* breve se morre de fome.

---

(1) Colhido em Piau, Rio Novo.
(2) Corre como provérbio.
(3) Colhido em Lima Duarte.
(4) *Capiau* tem por étimo a palavra *capiá* que, segundo Montóia («Dic. da língua Guarani-Tupi»), quer dizer *procedente do mato*, ou seja matuto.

O sitiante, de natural bonachão, quis dar a razão da carestia:

— Há de ser com tôda a certeza por falta de milho. Não tem chovido, decerto perderam-se as plantações lá pra suas bandas.

— Ih! patrão, choveu todo o ano, como casca de arroz. Água não *fartou* com a graça de Deus e ninguém deixou de plantar. Milho, louvado seja o Senhor, veio bonito que não se perdeu uma espiga.

— Então, já sei, será algum desconserto nos maquinismos dos moinhos, ou por via da diminuição das aguadas.

— Também não é, patrão, os moinhos não têm desarranjo *nenhuns* e as aguadas, não *hai* outras como as nossas.

O sitiante ficou *babatando* a olhar o capiau e, não tendo mais nada pra dizer, saiu-se com esta:

— Então, patrício, há de ser por falta de fubá mesmo...

«Perna Fina», «Barriga Grande» e «Bôca Pequena» (1)

Diz que uma vez se ajuntaram três meninos chamados o da *barriga grande*, o da *perna fina* e o da *bôca pequena*, e foram por uma estrada, arrumando a sua vidinha.

Vai então foram dar num pomar, onde havia um pessegueiro carregadinho que era um gôsto.

Os meninos arregalaram os olhos e sem mais *que coisas* resolveram *dar* nas frutas. O da *barriga grande* combinou com os companheiros que o da *perna fina*, por causa da agilidade, subisse à árvore, colhesse os pêssegos e os atirasse ao da *bôca pequena* que devia

(1) Colhido em Palmira.

ajuntá-los. E êle, *barriga grande*, teria o cuidado de vigiar os montes.

Os outros concordaram. O da *perna fina* subiu *no* pessegueiro, apanhou as frutas, atirou-as ao da *bôca pequena* que as ia ajuntando. Mas o da *barriga grande*, em vez de vigiar os montes, ia dando cabo dos pêssegos, comendo com uma tal *aração* que parecia estar com fome de três dias.

Quando o da *perna fina* desceu e o apanhou com o focinho na ratoeira, deu-lhe um *contapé* na pança que de tão cheia arrebentou como uma bexiga. Mas, o *contapé foi* tão forte que a canela do *perna fina* quebrou por uma vez.

O da *bôca pequena* achou tanta graça que se arreganhou numa risada gostosa, e ficou com a bôca pra sempre rasgada.

E os três meninos, arrependidos da má ação, nunca mais quiseram furtar as frutas dos quintais alheios.

O pulo do gato (1)

Comadre onça encontrou-se com compadre gato e ficou a vê-lo saltar, pasmada de tanta agilidade.

Chegou-se com muitos bons modos e pediu-lhe:

— Compadre gato, você há de me ensinar a saltar.

— Nessa não caio eu, comadre onça — você era capaz de me apanhar e de me engolir de uma vez.

A onça pôs-se muito macia:

— Eu, compadre, pois sou lá capaz disso!... Pensa então que me satisfaço com um bichinho tão pequenininho, e quase meu parente como você?!

Mais acomodado, mas ainda um pouco ressabiado, o gato começou a lição.

---

(1) Este conto foi colhido diretamente da tradição oral em Juiz de Fora. Há uma variante coligida por Sílvio Romero.

Pula daqui, salta dali, recua à direita, avança à esquerda; pincteia, desce pelos galhos, rola na poeira, grimpa nos troncos, atira-se pro ar, sempre imitado da onça que vai aprendendo todos aquêles manejos com certa facilidade; o gato termina a lição, dando-se a discípula por pronta.

Vai daí, disse a onça:

— Compadre gato, quero agora repetir tudo quando vi e aprendi, a ver se já estou mestra na sua arte.

E começou a reproduzir todos os saltos do gato. Em certo momento, deu um pulo sôbre o mestre para liquidá-lo de uma vez. Mas, o gato, que não *nasceu hoje*, deu de improviso outro pulo que a onça não o tinha visto dar na lição e com que não podia contar tão a tempo.

A onça, desapontada, disse-lhe:

— Êste, você não me ensinou ainda há pouco, compadre gato. Ensine-me agora, que desejo aprender tudo o que você sabe, para vencer os meus inimigos.

— *Dêsse cavalo magro é que eu não caio*, comadre onça. Não era tão tolo que ao menos não reservasse êste pulo para me livrar de suas garras.

E, dizendo isto, o gato desapareceu, num outro salto de mestre, deixando a onça a olhar por um óculo.

Os onze pauzinhos (1)

Havia uma mãe que tinha onze filhos, cada qual mais arteiro.

Um dia um dêles, chamado Pedrinho, cortou-lhe um limoeiro de estimação.

A velha não sabia qual dos onze havia feito a travessura, todos negavam *a pés juntos*.

---

(1) O assunto dêste conto, colhido em Cataguases, é o mesmo da anedota que D. Sarmiento refere no *Facundo*, (cap. 1.º, 2.ª parte). V. nosso livro *Nihil Novi...*, p. 20.

Foi então que se lembrou de um artifício que havia de dar certo.

Arranjou onze pauzinhos, todos de igual tamanho e entregou-os, um a um, a *cada* dos filhos, *encomendando* que os tivessem bem escondidos, fechando-os nas mãos. E disse-lhes:

— Vou agora saber quem cortou o meu limoeiro de estimação. Aquêle de vocês que o houver cortado não poderá negar, porque o pauzinho que tem na mão há de crescer e não será do tamanho dos outros: um, dois e... três!

Pedrinho com mêdo de ser descoberto quebrou o pauzinho que lhe tocara, certo de que, sendo o seu o menor, não poderia atribuir a êle a travessura.

— Abram as mãos!

O de Pedrinho era menor.

E com *a sua* estratagema, a velha ficou sabendo quem lhe cortou o limoeiro de estimação.

Pedrinho apanhou uma coça, não fêz mais artes e a lição serviu de exemplo para os outros.

A lição do filho (1)

Era uma vez uma mãe que tinha um filho muito amimado e sem educação de espécie alguma. Por isso mesmo era *levado da breca*. E, pior ainda, tinha inclinação para o furto.

Um dia furtou uma agulha da vizinha.

A mãe do menino soube do caso e não tomou nenhuma providência.

— Uma agulha! que vale uma agulha?! coitado de meu filho!

Em pouco tempo vinham aparecendo queixas de outros furtos de objetos de mais valor.

---

(1) O povo conta esta historieta como verìdicamente acontecida, no Brasil, mas corre em Portugal.

Por fim o rapaz estava que era um perfeito ladrão. E quando já chegara a tempo de ter juízo, não tendo emenda foi muitas vêzes parar na cadeia, e até cumpriu penas. A mãe começou então a chorar a desgraça do filho e lamentava-se de não o ter castigado nem educado quando era pequeno, por que lá diz o outro — *de pequenino é que se torce o pepino.*

Uma noite o rapaz penetrou numa casa de negócio para roubar.

No meio do *serviço* foi surpreendido. Estava armado e, para não ser prêso, atirou no dono da casa. Matou-o, mas não escapou. Foi seguro, levado para a cadeia e, pouco tempo depois, condenado à morte. Na hora de ser enforcado, já do alto da fôrca, avistou a mãe em meio do povo, a chorar, e pediu, como última vontade, que a deixassem subir onde êle estava. Queria abraçá-la pela última vez.

Concedida a licença, a velha em pranto subiu até onde estava o condenado e abraçando-se a êle, exclamou:

— Meu filho!

— Minha mãe — respondeu o rapaz, — morro enforcado e criminoso por sua culpa. Se a senhora me houvesse castigado, quando furtei aquela agulha, eu me havia de corrigir a tempo de não ser um grande ladrão e assassino. Levo como última recordação do mundo e do ensino que recebi o nariz de minha mãe, causadora de minha desgraça.

E, apertando-a mais entre os braços, deu-lhe uma forte dentada no nariz, arrancando-o.

E nesse mesmo instante o carrasco empurrou-o e trepou-lhe no *cangote.*

Por que os galos cantam de madrugada

Certo dia, rei leão deu uma festa e convidou todos os outros bichos.

O pagode devia começar ao primeiro sinal da manhã e todos os convidados haviam de, a essa hora, estar presentes.

A festa era de arromba, a melhor das de que havia notícia até aquela data.

Chegou então o dia assinalado. Nenhum dos bichos teve sossêgo. Nenhum queria faltar ao convite nem perder a hora.

À primeira luz do dia, rei leão tinha a casa cheia. Gente como formiga. Nenhum dos convidados faltara, a não ser mestre galo. Tinha-se esquecido inteiramente do convite.

Notando-lhe a ausência, o rei dos animais enfureceu-se, achou que aquilo era um pouco caso sem desculpa e mandou uma escolta, a rapôsa e o gambá, buscar o galo à sua presença.

A escolta quando chegou ao poleiro, pôs em movimento a galinhada tôda e mestre galo despertou espreguiçando-se, mas sobressaltado.

— Vimos buscar-te, seu tratante, disseram os outros, de ordem de Sua Majestade. Rei leão dá-te a honra de um convite para a maior festa do mundo e ficas a dormir!

— Ah! é verdade! tinha-me esquecido...

— Pois por isso mesmo estás *pegado pra judeu*. De outra vez não terás memória tão *desinfeliz*...

— Perdão, camaradas, perdão! o que quererá fazer de mim Sua Majestade?...

— Ainda perguntas! Comer-te, se tamanha honra te der, se não quiser antes entregar-nos a tua figurinha, para darmos cabo de ti.

E, dizendo isto, a rapôsa foi destroçando tôda a fa-

mília de mestre galo, sem deixar uma só cabeça. O galo chorava, maldizia-se em vão. A rapôsa veio de novo aonde o deixara vigiado pelo gambá, e ordenou-lhe:

— Marcha! segue! À presença de Sua Majestade!

Mestre galo não teve outro remédio senão caminhar *jururu*.

Chegados que foram ao palácio do leão, a escolta e o prêso compareceram diante da majestade que soltou um urro de raiva:

— Patife! galo de uma figa! com que então ousaste desobedecer ao meu real decreto, não te apresentando à hora marcada à minha festa? Vais pagar-me o atrevimento.

— Saiba V. Majestade que não foi por querer, mas esqueci... Perdão, perdão, que me ajoelho aos pés de meu rei.

— Tens memória tão falha, tens cabeça de vento!... Ia dar-te a morte, mas como te humilhas e para não perturbar a alegria de minha festa, terás, de agora por diante, como castigo de teu esquecimento, não dormires além da meia-noite. Dormirás ao pôr do sol e acordarás à primeira luz da manhã. À meia-noite, cantarás, às duas, *amiudarás* e, ao vir do dia, cantarás ainda, dando sempre sinal de que estás alerta. Se dormires, se não cantares, tu e tua família correreis o risco de serdes comidos pelos animais inimigos de geração tão indigna. Assim não esquecerás mais e ficará punida tua vil memória (1).

Mestre galo ficou muito contente com a solução e para não se esquecer de que havia de cantar à meia-noite, cantou também ao meio-dia. Dessa data em diante começou a cumprir o seu fado, cantando pela madrugada fora, por causa de ter desobedecido às ordens de seu monarca.

---

(1) Há neste conto uma constante referência ao proverbial esquecimento do galo, de onde o dizer — *memória de galo*, aplicável ao indivíduo desmemoriado, esquecido.

Conhecemos uma variante dêste conto, na qual, em vez do leão, é o sol quem dá a festa e castiga o esquecimento do galo.

Quando canta fecha os olhinhos para não se esquecer de que tem de cantar outra vez e canta de dia para se lembrar que há de cantar de madrugada.

Ciclo do Coelho e a Onça

A caixa de música (1)

A onça sempre teve arengas com o coelho. Andavam de mal.

Um dia estava compadre coelho muito distraído, a tocar o seu assobio, quando de repente avistou a comadre onça. Não tinha mais jeito de fugir. O que lhe acudiu mais depressa foi aproximar-se de uma caixa de *marimbondos*, fingindo que a estava tocando e que a música vinha de lá.

A onça caminhava para êle, cega de raiva:

— Então, vais ou não vais pagar-me?

O coelho pôs-se muito macio:

— Larga a gente, comadre. Estou tocando a minha caixinha de música, e não estou a fazer-lhe mal algum. O passado, passado.

A onça, ao ouvir o *assobiado* tão bonito, ficou maravilhada, e disse ao coelho:

— Está bom. A tua música agrada-me. Queres fazer um negócio? Poupo-te a vida, se me deres a caixa.

— Ah! comadre! como posso dar-lhe uma coisa que não me pertence? Foi o compadre tigre quem ma emprestou. Era capaz de matar-me...

— Não tenhas mêdo, tolo, não direi nada a ninguém. Com ela divertirei apenas os meus filhos.

— Mas se a comadre não sabe tocar...

— Ensina-me que aprenderei...

— Isto que estou tocando não é música, não é nada, à vista do que se pode conseguir, desde que se toque com tôdas as regras.

---

(1) Colhido em Cedofeita, Juiz de Fora.

— Dize então como é lá isso.

— A comadre saia daqui com a caixinha, com muito cuidado, sem lhe mexer, porque com qualquer coisa pode *zangá-la*. Ao chegar *em* casa reúna a família, barreie todos os buraquinhos das paredes, faça no meio da sala uma fogueira, feche as portas e janelas, tapando tôdas as aberturas. Depois que a casa estiver tôda fechada e a família reunida, chegue *fogo à fogueira* e meta as unhas na caixa. Então é que verá que música de anjos há de ouvir. Nem se parece com êste assobio desengraçado que tanto a encantou.

A onça recebeu a caixa com muitos agradecimentos, conduziu-a com todo o cuidado. Chegando a casa recomendou muito aos filhos que não bulissem naquele presente do compadre coelho:

— Vocês hão de ver, meus filhos, que música maravilhosa vai sair daí.

Em companhia da família meteu mãos à obra, fêz tudo quanto o coelho lhe recomendara.

Estava tudo pronto. Todos em roda da fogueira. A onça meteu, então, as unhas na caixa, e no mesmo instante uma nuvem de *marimbondos*, perseguida pela fumaça da fogueira e não tendo por onde sair, atacou a onça e os filhos, matando-os a ferroadas que os faziam soltar urros de desespêro.

E foi assim que compadre coelho se livrou das garras da onça.

A história do queijo (1)

A onça fêz as pazes com o coelho e foi morar com êle.

Lá um dia, combinaram comprar um queijo e comê-lo de súcia.

Mas o coelho, esperto como quê, propôs à onça:

— O' comadre, disse-me um mágico que, colocan-

(1) Colhida em S. João del-Rei.

do-se os queijos nas árvores, êles crescem como frutos. Vamos experimentar?

A onça não estêve fora da proposta e o coelho foi colocar o queijo no galho mais alto de uma árvore.

Ao chegar de volta a casa, disse à onça:

— O' comadre, estou aborrecido. Fui convidado para fazer um batizado, e tenho de voltar. Sou capaz de não ir.

— Vai, compadre coelho, vai fazer o batizado. Sempre é bom a gente ter um afilhado.

O coelho foi. Em vez de ir ao tal batizado, trepou à árvore, comeu um pedaço do queijo. Por pouco, estava de volta.

Quando chegou a casa, perguntou-lhe a onça como fôra de batizado e que nome pusera no afilhado.

Respondeu-lhe o outro:

— *Já começou.*

Depois pôs-se a rezingar que estava muito contrariado, pois tinha de fazer outro batizado.

E já a onça aconselhando:

— Batiza, compadre, batiza. Não há nada melhor do que ter um afilhadinho.

E batia palmas.

O coelho aceitou o parecer e foi. Em vez de ir ao batizado, foi à árvore. Comeu outro pedaço do queijo.

Quando regressou, perguntou-lhe a onça qual o nome do afilhadinho.

Respondeu o velhaco:

— *Está no meio.* E anunciou logo que tinha novo batizado e que por isso estava muito aborrecido.

— Vai, compadre, vai. Não fiques amolado por isso. Quem me dera ter um afilhadinho!

O coelho saiu. Foi outra vez à árvore e *mampou* outro pedaço do queijo, deixando-o quase no fim.

Ao voltar, indagou a onça:

— Como se chama o novo afilhado?

— *Está quase* — respondeu o coelho, e anunciou quarto batizado, dando a festa pelo diabo.

— Sossega, compadre, vai fazer cristão o pobrezinho. Não há nada melhor do que a gente ter um afilhadinho!

Lá se foi o coelho. Trepou à árvore e comeu o resto do queijo. Voltou e a onça perguntou-lhe muito curiosa:

— Como se chama o novo afilhadinho, compadre coelho?

— *Já acabou.*

Mal sabia a onça que o coelho estava a batizar o queijo e que tinha dado cabo dêle.

Então, o coelho não sabendo que contas havia de dar do queijo, foi à árvore, dependurou num dos galhos uma enorme pedra e foi buscar a onça para a partilha.

Chegaram à árvore, e o coelho propôs:

— Comadre, eu trepo e você fica de braços abertos para aparar o queijo. Cresceu tanto, está tão pesado que não posso descer com êle.

Assim se fêz. E quando a onça estava de braços abertos à espera do queijo que o coelho lhe havia de atirar da árvore, recebeu em cheio o macotão de pedra e caiu morta.

E aí está como compadre coelho enganou a onça e, ainda por cima, a matou (1).

O coelho barbeiro (2)

O coelho estava jurado de ser morto pela onça, por umas tantas que lhe fizera. Mas, nesse tempo, tinha aprendido o ofício de barbeiro.

Um dia estava o velhaquinho penteando o cabelo junto de uma fonte, mirando-se nas águas, muito dis-

---

(1) Colhido em Juiz de Fora.

(2) Cf. a historieta tradicional — *O amigo da Onça*, que se encontra à pág. 54.

traído e pachola, quando de súbito se apresentou a onça:

— Vais pagar-me, seu tratante!

— Ah! comadre, não me mate — suplicou o coelho. A gente está quieta, penteando o seu cabelinho para ficar bonita, e vem a comadre com essas ameaças...

A onça reparou no coelho e achou-o deveras muito engraçadinho com aquêle penteado que nunca tinha visto. E disse-lhe:

— Pois está bem, perdôo-te, se me penteares também o cabelo.

— Eu, comadre! nesta é que não caio! A comadre — perdoe que lhe diga — tem o cabelo muito bonito, mas muito grosso. Para desembaraçá-lo havia de doer... A comadre era capaz de me matar.

— Enganas-te, não te matarei. Penteia-me!

— Só se a comadre deixasse... amarrá-la. Quando *doesse o penteado*, já não poderia matar-me.

— Seu tratante! Deixar-me amarrar por um bichinho à-toa, como tu!

— Não, comadre. Já não está aqui quem falou. E' se a comadre quisesse pentear o cabelo. De outro modo, não porei o pente na sua cabeça. Posso perder a vida! E' mesmo com respeito da senhora que eu queria... passar-lhe o cipó...

— O cipó, tratante!

— Pelo amor de Deus, comadre. Deixe-me, que me vou.

A onça vendo que o cabelinho do coelho, à medida que se ia penteando, ficava cada vez mais no *chá*, pensou e resolveu:

— Está bom! Penteia-me, mas não apertes muito o cipó.

O coelho deu um salto na capoeira, de onde voltou com uma rodilha de cipó, com que, com todo o respeito, foi enleando a onça, até chegá-la a um tôco de pau, onde a amarrou fortemente.

Depois tomou de uma peroba e começou a bater sem piedade na cabeça da prisioneira.

A onça soltava urros medonhos e o pau cantava que não era brinquedo.

— Estou desembaraçando, comadre. Você verá como vai ficar bonita. O pente é um pouco duro, é verdade, mas o seu cabelo, inda mais.

E bate que bate, enquanto a onça urrava e jurava que havia de acabar com a raça do coelho.

Por pouco, estava morta.

E compadre coelho lá se foi, com o seu pentinho debaixo do braço, contar a todos os bichos que tinha liquidado a onça (1).

O amigo da onça

A Onça, que é bicho valente — mas nem sempre atilado, como se pensa —, estava quietinha no seu canto, quando lhe apareceu o compadre Lôbo e lhe foi dizendo:

— Saiba de uma coisa, comadre Onça: Você — com perdão da palavra — não é, como supõe, o bicho mais valente e destemido que existe no mundo, nem também o Leão, com tôda a sua prosa de rei dos animais.

— Como assim! gritou a Onça enfurecida. Então, como é isso, grande pedaço de idiota? haverá bicho mais valente e poderoso do que eu?

O Lôbo, adoçando a voz, respondeu:

— O' comadre, me perdoe. Estou arrependido de dizer tal coisa... Mas a minha intenção foi preveni-la contra um «bicho» terrível que apareceu nesta paragem. Uma pessoa prevenida vale por duas.

---

(1) Deixo de registrar o conto do «coelho que foi à festa montado na onça», por já ter sido coligido por outros folcloristas. Sílvio Romero, por exemplo, publica-lhe uma variante, em que os figurantes são o *Cágado* e o *Teiú*, atribuindo-lhe origem indígena. Antes que outrem, João Ribeiro demonstrou, a tôda luz, que êsse conto é literalmente africano, documentando o que afirmou com a versão que vem na coleção de René Basset.

— Sim, não deixa você de ter alguma razão — acudiu a Onça mais acomodada. Mas sempre quero saber o nome dêsse bicho. Como se chama?

— Êsse bicho, comadre, chama-se «homem», conforme me disse o amigo papagaio. Nunca vi, em minha vida, animal de mais perigosa valentia. Êle sim, e ninguém mais, é que me parece ser mesmo o verdadeiro rei dos animais. Basta dizer que, de longe, o vi matar, com dois *espirros*, nada menos do que um leão e uma hiena. Ih! comadre, com o estrondo dos *espirros* parecia que tudo ia pelos ares. Deus nos livre!

— Oh! compadre, não me diga!

— E' como lhe conto. E o que mais admira é ser o «bicho-homem» de pequeno porte. Parece até fraco, e é muito mal servido de unhas e dentes. Deve ser um «bicho» misterioso e encantado.

— Pois bem, compadre, estou curiosa, e desejo que, sem demora, me conduza ao lugar onde se encontra tão estranho animal.

— Ah, comadre, peça-me tudo, menos isso. Pelos estragos que, de longe, vi o homem fazer, com os seus malditos *espirros*, nunca me atreveria a tal aventura...

— Pois queira ou não queira, tem de mostrar-me o «bicho», ou então, agora mesmo perderá a vida.

— Lá por isso não seja — disse o Lôbo amedrontado — iremos. Mas havemos de tomar tôdas as precauções. Eu — com sua licença — posso correr mais do que a comadre. Assim, levaremos uma embira daquelas que não arrebentam nunca. Amarro uma das pontas no pescoço da comadre e a outra em minha cintura. Em caso de perigo, se fôr preciso fugir, a comadre e eu correremos...

— Fugir! Veja lá como diz! Você já viu, «seu» *podrela*, alguma vez onça fugir?

— Não me expliquei bem. Eu é que fugirei. A comadre, será apenas arrastada por mim. Isso não é fugir. Está certo?

— Está bem. Faremos como propõe.

E partiram. A Onça com a embira atada ao pescoço e o Lôbo, muito respeitoso e tímido, a puxá-la.

Quando chegaram ao destino, o «bicho-homem», surpreendido, ao avistá-los, tirou da cinta a garrucha e, atarantado, *bateu fogo*, isto é, *espirrou*, uma, duas vêzes, que foi mesmo um estrondo de todos os diabos.

O Lôbo, então, mais que depressa disparou numa corrida desabalada, redobrando quanto podia as fôrças, para arrastar a Onça pela forte embira «que tinha atado no pescoço dela».

De repente, já muito distante, o Lôbo sentiu que a Onça estava mais pesada. Parou, então, e contemplou a companheira estendida no chão, com os dentes arreganhados, sem o mais leve movimento.

O Lôbo, sem perceber que a Onça havia morrido enforcada no laço da embira — antes pensando que estivesse apenas cansada — disse-lhe, tremendo como varas verdes:

— Eh lá, comadre! «*não ri* não, que o negócio é sério» (1).

---

(1) Eis a nosso ver a origem da frase — «amigo da Onça».

Não é de agora que se tem usado a expressão «amigo urso», em referência a indivíduo que parecendo ser, ou de fato sendo, muito afeiçoado a outrem venha a causar-lhe imprevistamente, ou por ignorância, prejuízos e outros males inesperados, procedendo dessarte como o urso da célebre fábula de La Fontaine «L'Ours et l'Amateur des jardins».

Conhecida há muito a origem da expressão «amigo urso», que se universalizou, ampliou-se o significado dessa frase, que passou a designar também o indivíduo considerado falso amigo ou traidor, ou seja o *traíra* da gíria plebéia.

Pois igualmente do fabulário antigo é que, a nosso ver, provém a frase «amigo da Onça», no momento tão em uso em nosso país. Não nos é possível atribuir-lhe outra origem, senão uma velha historieta popular muito divulgada em diversos Estados e cujo título é a expressão «não ri não, que o negócio é sério», na qual vemos o emprêgo errôneo do imperativo negativo, tal como é usado pela gente inculta.

Dessa historieta conhecemos diferentes versões que, há anos, recolhemos em Minas. Narrou-nos uma delas o dr. Ottoni Tristão e outra o saudoso intelectual e jornalista Heitor Guimarães, ambos professôres da antiga Escola Normal Santa Cruz, de Juiz de Fora, ao tempo sob nossa inspeção.

Entretanto a primeira variante que nos foi dado recolher obtivémo-la de um homem do povo, aliás muito prestimoso, o velho Cassiano, que nos serviu de guia em longas viagens no município de São Paulo de Muriaé, dando-nos a conhecer, além dêsse, muitos outros elementos de diferentes espécies folclóricas.

Em conclusão: O Lôbo, sem o querer, fôra o causador da morte de sua amiga e comadre.

Julgamos não haverá explicação mais plausível para a frase em aprêço,

O mau marido (1)

Era uma moça que vivia muito feliz em casa dos pais.

Certa vez apareceu um homem meio *arranjado*, mas de ruim fama, querendo casar com ela.

A moça se apaixonou por êle, mas os pais se opuseram, com o pressentimento de que a filha não teria boa sorte casada com aquêle homem que, a mais e mais, havia sido mau filho.

A moça bateu o pé; queria porque queria. E o casamento se fêz contra a vontade dos *velhos*.

---

que, conforme se sabe, dá título a uma peça humorística, ùltimamente representada num dos teatros cariocas.

Como não se ignora, numerosas são as frases que surgem, sem que se saiba como, e extensamente se vulgarizam, muitas até pertencentes a fontes literárias popularizadas, e que não raro procedem de antigos apólogos, parábolas e fábulas, v. g., a do «amigo urso» acima citada.

Não terminaremos, porém, sem notar que em algumas das variantes da historieta, que acabamos de reproduzir, em vez de Lôbo, figuram outros animais.

Outra fonte que muitos pretendem ter dado origem à expressão «amigo da Onça» é certa anedota que tem aparecido em almanaques e que já corre em diferentes versões, uma das quais é a seguinte:

Um velho caçador convidou um amigo, aliás tímido, para uma caçada, em lugar onde diziam haver onças.

— Nessa é que eu não caio — respondeu o convidado. Dizem que por lá há cada *pintada* que é mesmo um perigo na certa...

— Qual perigo nem nada! Não aparece onça nenhuma!...

— E se aparecesse a danada e viesse para nosso lado?

— Engatilhava a minha *trochada* de dois canos, e esperava... Quando apanhasse distância apertava fogo, e era na certa...

— E se o tiro falhasse?

— Disparava o outro cano.

— E se negasse fogo?

— Então! ora essa! Num pronto arrancava do meu facão de mato, e esperava a *bicha*, e não tinha talvez...

— E se o facão não estivesse na bainha? Como às vêzes acontece a gente esquecer em casa, com a pressa de sair...

— Ah! amigo velho, nesse caso não havia outro remédio: pernas para que te quero...

— E se a Onça, vai, não vai, estivesse quase nos apanhando?

— Não tinha demora: trepava mais que depressa numa árvore, até ver.

— E me deixava no perigo, não é?! O que estou vendo é que você é mais amigo da onça do que meu! Nada de caçadas!

Como se vê, esta versão resulta apenas de uma anedota recente. Não é tradicional. Preferimos explicar a origem da frase através do conto popular que reproduzimos em primeiro lugar.

(1) Colhido em Lima Duarte.

O casal foi morar duas léguas distante, e nunca mais a moça voltou a ver os pais, que a desprezaram.

Passado algum tempo, começou o marido a dar-lhe maus tratos.

Era êle um verdadeiro avarento que de tudo quanto acontecia punha sempre a culpa na mulher. A coitada bem se lembrava dos conselhos dos pais, mas era tarde.

Uma vez o marido mandou preparar grande *partida* de lingüiças, e colocou-as no *fumeiro*. Veio o gato e comeu-as. A mulher foi quem pagou, pois o desgraçado deu-lhe tremenda sova.

Depois mandou preparar nova quantidade, pô-la no *fumeiro* e quando foi para a lavoura recomendou à mulher que tomasse conta daquilo, sob pena de morte.

A pobre de Cristo pôs-se a vigiar o *fumeiro*, mas o gato, que era ladrão como não havia outro, desceu pelo telhado e carregou com grande parte das lingüiças.

Mais para tarde chegou o marido e, quando soube do *negócio*, investiu para a mulher, bufando de raiva. E disse logo:

— O teu jantar de hoje vai ser uma panela de mingau fervendo.

Fê-la preparar o mingau, e quando o viu a ferver armou-se de um facão e obrigou-a a engolir o mingau quente, às colheradas.

A pobrezinha chorava, rogava por todos os santos que há no céu, mas êle gritava, furioso:

— Come, come, que vais morrer.

Ela pediu *para* ir rezar, por um instante, em seu oratório, para despedir-se do mundo bem com Deus.

O malvado ao ouvir falar em Deus sentiu um abalo. Pôs de novo a panela no fogo e deu à moça o prazo de um minuto para encomendar a alma a Deus ou ao diabo.

A mulher entrou no quarto e, da janela, despachou *a tôda* um moleque de confiança a avisar os irmãos.

Depois demorou-se muito tempo a rezar, dando es-

paço de o recado chegar a destino e pedindo a Deus que a livrasse daquele perverso.

O marido, desesperado, bateu enfim à porta do quarto, quase pondo-a abaixo.

A moça veio abri-la e êle arrastou-a para a cozinha. Fê-la ajoelhar-se em frente da panela de mingau, entregou-lhe a colher e gritou:

— Come, para morrer de barriga cheia. Come mais, que não foi o gato, senão tu, quem comeu minhas lingüiças.

Então a mulher, para tomar tempo, tirou uma colherada e pôs-se a cantar, dando folga a que o mingau esfriasse, assoprando-o:

Se eu tivesse minha mãe
E meu pai a meu lado,
Não estaria penando
Nas mãos dêste malvado.

E o bruto bramava:

— Come, come; do contrário morres de barriga vazia.

Ela engolia o mingau e, vagarosamente, tirava outra colherada. E punha-se a cantar, arrastando cada vez mais a voz para ganhar tempo.

Quando a panela já estava quase no fim e o monstro via que a *mártile* não morria, foi afiar o facão para, de um só golpe, botar-lhe a cabeça abaixo. E voltou.

Nesse momento a mulher avistou, descendo o morro próximo, dois cavaleiros a galope. Reconheceu-os. Eram os irmãos. O marido disse-lhe:

— Vais comer a última colherada. E apontou-lhe a arma.

Ela, com os olhos na estrada, continuava a cantar, muito triste, mas com voz mais animada:

Se eu tivesse minha mãe
E meu pai a meu lado,
Não estaria penando...

E quando disse:

Nas mãos dêste malvado...

já os irmãos, valentes *como as armas*, se tinham atirado contra o perverso. Tomaram-lhe o facão e o mataram. Levaram a infeliz para a casa dos pais que a receberam e ficaram muito contentes (1).

O bicho Pondê (2)

Era uma vez uma menina que não parava em casa. Se sua avòzinha a mandava a algum lugar, demorava-se pelas estradas, distraída a brincar.

Um dia saiu a um mandado, e por lá ficou horas esquecidas.

Mal se precatou, apareceu-lhe o bicho *Pondê* que por fôrça queria comê-la.

A menina começou a chorar:

— Não me mates, não. Deixa-me chegar à porta de minha madrinha.

O bicho consentiu. E lá foram os dois. Chegaram, e a menina cantou, batendo à porta:

Me abre a porta,
Candombe-serê,
Minha madrinha,
Candombe-serê,
Que o bicho *Pondê*,
Candombe-serê,
Quer me comer,
Candombe-serê.

E a madrinha respondeu:

Não te abro a porta,
Candombe-serê,
Minha afilhadinha,
Candombe-serê,

(1) Vê-se que êste conto, de transformação mestiça, tem a sua fonte originária na conhecida história do *Barba Azul*.

(2) Ou Ponguê, como outros dizem. — Êste conto foi colhido em Juiz de Fora.

Eu bem te dizia,
Candombe-serê,
Que o bicho *Pondê,*
Te havia de comer.

O bicho «Pondê» quis, de novo, matar a menina. Mas, ela pediu-lhe que a deixasse ao menos chegar à porta de sua irmãzinha casada. Foram; lá chegando, a coitadinha cantou:

Me abre a porta,
Candombe-serê,
Minha irmãzinha,
Candombe-serê,
Que o bicho *Pondê,*
Candombe-serê,
Quer me comer,
Candombe-serê.

A irmã respondeu-lhe, pela mesma toada, que não. O bicho avançou para a menina, que lhe rogou a deixasse chegar à porta da tia. Novo canto e nova negativa da tiazinha. A menina pede para bater à porta da sua avòzinha. Chegam. O bicho já estava impaciente, e a menina pôs-se a cantar. A avó respondeu-lhe que bem lhe dizia que o bicho «Pondê» a havia de comer. O bicho deu então um salto para devorar a menina. Ela, chorando, ainda lhe pediu que a deixasse chegar à porta de sua mãezinha. Caminharam. Chegando, a menina cantou, com as lágrimas nos olhos e soluçando que fazia dó:

Me abre sua porta,
Candombe-serê,
Minha mãezinha,
Candombe-serê,
Que o bicho *Pondê,*
Candombe-serê,
Quer me comer,
Candombe-serê.

A mãe, ouvindo a vozinha de sua filhinha, correu a abrir a meia fôlha da porta, por onde entrou a menina. O bicho deu um salto. Ainda arranhou-a num dos

ombros, deixando-a muito ferida. Mas teve de recuar, porque a porta se fechou.

Quando os irmãos da menina se levantaram, de madrugada, para o trabalho, deram com o bicho *Pondê* dormindo debaixo de uma árvore, em frente da casa, à espera da menina. Foram muito devagarinho, apontaram as armas e o mataram.

A menina, daí por diante, nunca mais se demorou, quando ia aos mandados de sua mãezinha ou da avòzinha (1).

Ciclo de «Pai João»

A pedra de diamante

Era um dia uns estudantes que tinham em sua companhia Pai João que lhes servia de pajem.

Pai João era velhaco e como, uma vez se estivesse gabando de que não fazia senão aquilo que não queria, vai os estudantes disseram-lhe assim:

— Sempre queríamos ver se eras capaz de ir a casa do dr. *Fulano* e almoçar com êle na mesa. Se o fizeres, ganharás dez mil réis de gorjeta.

Êste dr. Fulano era um sujeito muito orgulhoso,

---

(1) Como se vê claramente, êste conto é variante africana. Não conheço nenhum animal com o nome de «Pondê» ou «Ponguê», que os prêtos dizem de um e outro modo.

Lund, o célebre naturalista, fala de um animal de Bornéus, chamado «Pongo», em que encontra muitas características atribuídas ao «Caipora».

Pode-se supor, todavia, que o tal «Ponguê» seja o gato do mato que tem, segundo o africanista Augusto de Castilho, o nome cafreal de «Bonga». A alteração para «Bonguê» ou «Ponguê» seria explicável.

«Candombe», segundo R. Rohan, é uma espécie de batuque com que se entretêm os negros em seus folguedos.

Em outra variante que ouvi em vez de *Pondê* ou *Ponguê* se dizia *kibundo;* em outra se dizia *kibungo* em lugar de *Candombe.*

Huxley (*Du Singe à l'homme*, págs. 8 e 9) fala de um animal indígena, da África, denominado *pongo*, muito semelhante ao homem, embora tenha o talhe de gigante. Em nota à margem (pág. 9) vem a afirmação de Purchas, de que os pongos são uns macacos gigantes — acrescentando que êles não fazem mal às pessoas, porém que as conduzem consigo. Ponguê deve ser uma alteração de pongo. E' a melhor lição, a nosso parecer.

Há ainda quem suponha que *ponguê* ou *pongue* seja designativo afro do *cachorro selvagem* ou *cachorro do mato.*

muito cheio de si e muito rico. Não tirava o chapéu a ninguém. Tratava a todos com pouco caso.

Mas Pai João não pateteou e respondeu:

— Eh! mê baranco! Pai João vai armoçá na mesa cum sê doutô. Pai João não premete que não cumpre. Pai João tá cum zidezę mi réis na zunha. Eh! mê baranco! Pai João vai mostrá a vansuncês tudo cumo se ganha dinhero à toa...

No dia seguinte, justamente na hora do almôço de seu doutor, Pai João foi rondar a casa e quando viu que «seu» doutor já estava na mesa com a família e com dois *manda-chuvas* do lugar bateu na porta com fôrça. E quando veio o criado abrir foi entrando muito *tal e qual*, com ar de importância que ninguém podia com êle.

Enveredou pela sala de jantar, encarou com o doutor que olhava para êle carrancudo e espantado, e disse-lhe assim, baixinho, com jeito de quem pergunta:

— Eh, nhonhô, uma pedra de diamante *dêste tamanho* quanto é que vale? E apontou para o bôlso onde queria *embromar* que tinha a dita pedra do tamanho de uma laranja.

O doutor pensando que de verdade Pai João havia encontrado algum diamante de tanto preço, não querendo dar desconfiança às outras pessoas do segrêdo daquele achado, mudou de conversa:

— Então, Pai João, você como vai? Já almoçou? Senta Pai João. Mariquinhas, traga prato e talher para Pai João.

O velhaco do negro velho que estava todo pelintra, no terno prêto que lhe deram os estudantes, sentou-se à mesa e pôs-se a comer todo concho, limpando os beiços no guardanapo.

O doutor fêz com que o almôço acabasse depressa, tão aflito estava por ver o diamante.

Daí por pouco levantaram-se todos da mesa e o doutor carregou Pai João para o escritório e perguntou-lhe, muito baixinho:

— Então, Pai João, que é da pedra?

— Eh! mê baranco, pedra...

— Sim, a pedra de diamante...

— Eh! mê baranco, Pai João não tem pedra de diamante nenhuma... Quem é Pai João pra pessui pedra de diamante!...

— Pois você, negro do diabo, não disse que achou um diamante?...

— Ieu, mê baranco! Pai João não minte.

— Então, patife, por que é que perguntou — quanto vale uma pedra de diamante dêste tamanho?...

— Eh, mê baranco, ieu queria sabê que é pra quando ieu achá zoutro, ziparcero e zibaranco não mim lográ...

O doutor furioso correu com êle pela porta fora e Pai João foi ao encontro dos estudantes, que o esperavam na rua e fizeram uma grande flauta do caso, pagando-lhe os dez mil réis de gorjeta.

Pai João e Mãe Maria

Pai João e Mãe Maria eram casados e lá um dia foram a uma festa.

Pelo meio da noite, Pai João que tinha bebido muita *temperada* adormeceu debaixo de uma árvore.

Os parceiros o encontraram e resolveram pregar-lhe uma peça. Fizeram-lhe a barba e raparam-lhe a cabeça.

Pela madrugada o pagode tinha acabado. Mãe Maria foi dar com Pai João a sono sôlto, debaixo da árvore, e despertou-o.

— Eh, Pai João, acorda... Já é dia... galo tá cantano. Bamo pra casa.

Pai João acordou atordoado, levantou-se e, ao espreguiçar-se, passou a mão pela cabeça e não achou a carapinha. Ficou muito admirado e correndo a mão pela cara, sentiu-a pelada como uma garrafa.

— Eh! Eh! Mãe Maria, qué isso! Cadê barba, cadê

cabelo, Mãe Maria? Ieu tá buruganhado, Mãe Maria! Nom tem barba na cara, nom tem cabelo na cabeça! Vai precurá Pai João, Mãe Maria! Vai lá ni casa vê se ieu tá sentado ni zibanquinho. Eh! Mãe Maria! Mi buruganharam, Mãe Maria! Nussa Senhora do Rosário, ieu nom sou mais ieu!

O que os outros não querem...

Pai João era casado com Mãe Maria e viviam felizes.

Vai um dia Pai João foi a um pagode em casa de umas *tias* conhecidas e lá passou tôda a noite a folgar com a rapaziada. As *tias*, com as suas saias engomadas e enfeitadas de rendas e crivos, dançavam o *jongo* com os parceiros e cantavam com êles, cheias de alegria. Abraço pra aqui, umbigada pra acolá.

Pai João não cabia em si de contente. Nunca tinha assistido a um pagode tão divertido.

De madrugada, acabou a festa e Pai João voltou para casa.

Em frente de sua cafua de sapé havia um morro, onde êle parou e ficou olhando Mãe Maria sentada na porta muito triste, com a mão na cara, a esperá-lo... Desde que viviam juntos, nunca Pai João passara uma noite fora de casa.

Pai João ficou, de longe, comparando a tristeza de sua casa com a alegria do pagode e o modo folgazão das outras *tias* com aquêle feitio *jururu* de Mãe Maria. A resto resolveu encaminhar-se para o rancho. Foi chegando e dizendo:

— Mãe Maria, mi dá mia trouxa. Pai João vai s'imbora.

— Uê, Pai João, pois *ancê* passa uma noite fora de casa e pru fim inda qué i por êsse mundo!...

— Nom, Mãe Maria, Pai João nom qué mais ficá aqui. Casa do zoutro tá alegre, tem festa, tem samba;

zirapariga tuda vestida de renda, dançano, brincano, abraçano zi parcero e casa de Pai João tá triste que parece cova do zidefunto... Mãe Maria nom brinca, Mãe Maria fica de mão na cara — *puí* — *puí!*... Ni mia casa non entra ninguém; nem pagode, nem nada de nada! Mi dá mia trouxa; ieu vai vivê no meio de ziparcero e das *tia* pachola. Ninguém vem ni casa de Pai João, ninguém qué sabê de Mãe Maria...

E pondo o picuá de roupa no ombro, acrescentou, deixando a casa pela última vez e a companheira muito triste e desamparada:

— O que o zoutro nom qué, Mãe Maria, ieu tomém non qué...

Pai João e a «Fritangada» (1)

Era uma vez um fazendeiro que resolveu fazer uma grande criação de galinhas num *retiro* que tinha lá num grotão das suas terras.

O fazendeiro tinha um prêto velho da Costa chamado Pai João e entendeu de encarregá-lo dêsse serviço, pois, velho, como era, devia ter prática de criação. Mas, receando que o prêto lhe passasse a perna e fôsse *gambá de galinheiro*, usou de manha a ver se êle gostava de ovos. E perguntou-lhe:

— Pai João, você gosta de ovos cozidos?

— Eh! Eh! mê baranco, Pai João nom gota disso nom.

— E de ovos assados no borralho?

— Eh! Eh! nom, mê sinhô.

— E de ovos estrelados?

— Nom, nom, mê sinhô. Eh! Eh!

— E de ovos crus, você gosta, Pai João?

— Nom, nom, mê baranco. Antão Pai João é gambá pramode comê zi zovo cru?!

---

(1) Colhido em Chácara, Juiz de Fora.

Apois vendo o fazendeiro que Pai João não gostava de ovos de modo nenhum, achou que êle estava muito bom para tomar conta do *retiro* e mandou-o para lá.

O prêto tratava muito bem das galinhas e a criação prosperava que era um gôsto.

O fazendeiro aparecia por lá de vez em quando e ficava muito satisfeito.

De uma vez Pai João, que era um perfeito gambá, estava fritando ovos para o seu almôço quando num repente o senhor apontou na porteira que rangeu: *rim... ri... im... im...* E deu o baque de aviso: *bááão...*

Pai João ficou todo atrapalhado e não tendo mais tempo nem onde esconder os ovos, que estralavam na frigideira, e vendo que o branco chegava, despejou-os dentro do chapéu de couro que pôs logo na cabeça.

Muito descochado correu ao encontro do senhor que, olhando para êle, viu a gordura da fritada correndo-lhe pela cara abaixo, e já muito espantado de ver o negro pela primeira vez falando-lhe de chapéu na cabeça. Desconfiado gritou:

— Pai João, que é isto! Está falando a seu senhor de chapéu na cabeça?! Tire o chapéu, Pai João.

O negro pateteou.

— Vamos, tire o chapéu.

Pai João não teve outro remédio senão descobrir-se. No fundo do chapéu apareceu a fritada.

— Então, negro, que é isto? Mentiu a seu senhor? Pois não disse você, negro, que não gostava de ovos?

— Eh! Eh! mê baranco! Pai João disse que nom gotava di zovo cuzido, di zovo assado, di zovo cru; mas nom disse a mê sinhô que nom gotava di zovo fritangado. Pai João nom minte, mê baranco (1)...

---

(1) Estes contos foram colhidos da tradição oral, em Minas. Procurei reproduzi-los com a máxima fidelidade, conservando o sainete e o idiomatismo populares, como procedo sempre que colijo trabalhos dêsse gênero.

Pai João e a sinhá moça (1)

Foram contar ao fazendeiro, que era casado com uma moça muito bonita, que Pai João tinha encontros amorosos com sua *sinhá* debaixo de uma mangueira do pomar, quando o *sinhô* viajava.

O fazendeiro fingiu uma viagem, mas voltou às ocultas para a fazenda, e, à hora certa do tal encontro, *assubiu* na mangueira, armado de espingarda, e ficou de espreita.

Por pouco chegou *sinhá* moça e não levou muito tempo veio Pai João, e começaram os dois a conversar.

Pai João começou então a querer se adiantar, e o senhor tossiu lá de riba.

Pai João olhou para cima e, vendo o senhor, tirou o chapéu, e tomou *louvado:*

— Abença, mê sinhô.

O fazendeiro, apontou a espingarda, e respondeu:

— Deus te abençoe, negro do diabo.

E disparou o tiro na *creca* de Pai João, que nem disse *ai Jesus!*

Sinhá moça levou uma surra de relho pra *inzemplo*. E daí por diante teve muito juízo.

Ciclo do diabo

Nem o diabo as guarda (2)

Foi um dia um marido que, tendo de fazer uma viagem e não depositando confiança na mulher, disse aborrecido:

— Isto é o diabo!

O *cujo* logo lhe apareceu e perguntou gritando:

---

(1) Colhido em Barbacena.
(2) Colhido em Chácara, Juiz de Fora.

— Que me queres?

Assim como assim, estava mesmo perdido... respondeu:

— Tenho que viajar e queria que você tomasse conta de minha mulher.

O diabo não pensou que o caso era impossível de resolver, e aceitou a incumbência. Também ia ganhar aquela alma!...

No dia seguinte o homem partiu, deixando em casa o diabo a título de empregado de cozinha.

A mulher, querendo ficar à vontade, dava ordens ao *pé de pato*, que as cumpria num abrir e fechar de olhos, de *modos* que a dona ficava sem tempo para fazer o que muito bem queria.

— Vá socar aquela quarta de café.

E num instante o diabo voltava com o café em pó.

— Vá moer aquêle meio alqueire de milho. E sem mais demora êle estava de volta com o saco de fubá às costas.

— Rache aquêle carro de lenha.

Era como se não fôsse nada. Num átimo a lenha aparecia tôda rachada.

Mas, mulher é bicho pior do que o diabo. Lembrou-se ela então de mandar o *capeta* carregar água e deu-lhe para o serviço — ora imaginem o quê? uma peneira.

Êle começou a trabalhar, indo encher a peneira num *corgo*, a mais de um quilômetro. Mas quando chegava perto de casa, por mais que corresse, já a água tinha vazado tôda. Voltava, enchia de novo a peneira, caminhava... mas era tempo perdido. Assim andou *carretando* o dia inteiro, sem conseguir entrar em casa.

Era o que a mulher queria...

Quando o homem chegou, estava ainda o diabo na mesma peleja.

— Então, que me contas de novo? Guardaste bem a mulher?

O diabo, pingando suor, atirou a peneira *no* chão, *desacorçoado:*

— Carregar água na peneira é coisa que não cabe no possível mas, mais impossível ainda é guardar mulher alheia.

E dizendo isso desapareceu, dando por perdida a partida.

E é como lhe digo, mulheres quando querem, nem o diabo as guarda.

Foi buscar lã e saiu tosquiado (1)

Foi um dia uma mulher ambiciosa e perdulária. Quanto mais dinheiro lhe vinha às mãos, mais, e muito mais, ambicionava. Mas gastava tudo em passeios, em trajes luxuosos, em bailes e regabofes...

O marido era muito rico, e como gostava muito dela fazia-lhe tôdas as vontades.

Mas aquilo não podia dar bom resultado.

Veio o tempo das vacas magras e com êle a pobreza, por mais que o homenzinho trabalhasse como um mouro.

A mulher, entretanto, não queria saber de nada. Fôsse lá como fôsse queria dinheiro para satisfazer os seus caprichos desordenados.

Certa vez em que ela se tornou mais exigente, o pobre homem saiu de casa e pôs-se a caminho sem destino, a ver se milagrosamente alcançaria meios e modos de obter dinheiro.

Depois de muito caminhar, assentou-se à sombra de uma árvore, com saudades de casa, e começou a chorar. Nisto apareceu diante dêle um homem ricamente vestido, montado num bonito cavalo arreado de ouro e prata.

Perguntou-lhe por que chorava.

---

(1) Colhido em Sant'Ana do Deserto (município de Juiz de Fora) há longos anos.

O homem todo lamuriento contou-lhe sua triste história.

E o estranho personagem lhe propôs:

— Terás tanto dinheiro quanto desejares. Mas, ao fim de dez anos, irei a tua casa e quero encontrar-te com tua mulher. Se ambos não me receberem, não respondo pelo que te possa acontecer.

O homem pensou, pensou e aceitou a proposta. Recebeu uma bôlsa cheia de moedas de ouro das mãos do desconhecido que lhe disse:

— Por mais que gastes, sempre a encontrarás repleta de moedas.

Dito isto, desapareceu o cavaleiro como que por encanto.

O homem julgou fôsse aquêle rico e bondoso senhor algum Santo que, condoído de sua má sorte, viera em seu socorro.

Desde então, voltou a ser rico e a satisfazer tôdas as vontades da mulher, a quem não relatara a misteriosa procedência daquele dinheiro. Dissera-lhe que havia recebido uma velha herança.

À mulher pouco importava a origem de tal riqueza. O que ela queria era dinheiro para gastar em luxo e folganças. E tanto folgou, que foi aos poucos se aborrecendo do marido, até que um dia fugiu de casa para muito longe, levando a bôlsa recheada de moedas.

O pobre homem viu-se abandonado e sem a bôlsa maravilhosa.

Descaiu em maior pobreza. Veio a miséria, por fim.

Passado o prazo fatal, apareceu-lhe à porta o misterioso desconhecido.

Saudou-o e perguntou-lhe pela mulher. Vinha visitá-los.

Mas a mulher há dois anos fugiu, furtando-me a bôlsa que me deste. Eu aqui estou para recebê-lo.

— E para onde foi?

— Não tenho notícia. Foi decerto para o diabo que a carregue.

— Realmente está comigo.

— Como assim? Então o senhor...

— Sou o «dito cujo» em pessoa e venho agora buscar-te, porque não cumpriste o contrato.

— Alto lá! Se não o cumpri o culpado foi você, seu *grandissíssimo* tratante, pois me privou de fazê-lo, roubando-me a mulher.

O diabo não teve nada que responder. E quando o pobre homem se benzeu, dizendo: *Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo*, o «capeta» desapareceu num horrível estouro. Daí por diante o homenzinho atirou-se ao trabalho, esqueceu a mulher, e viveu feliz na graça de Deus.

Contudo aconselhava os amigos, dizendo-lhes: se a tua mulher começar a pôr-se fora da linha, dêste ou daquele modo — toma tento! E' preciso mandar benzê-la. Está, na certa, com o diabo no corpo...

O diabo na garrafa (1)

Conta-se que um marido, que havia razão de ser ciumento, ao fazer uma viagem deixou o diabo guardando-lhe a mulher.

Mas esta, que não era tôla, percebeu que o guarda era o *cujo*, porque tudo quanto lhe mandava fazer, fazia-o num repente.

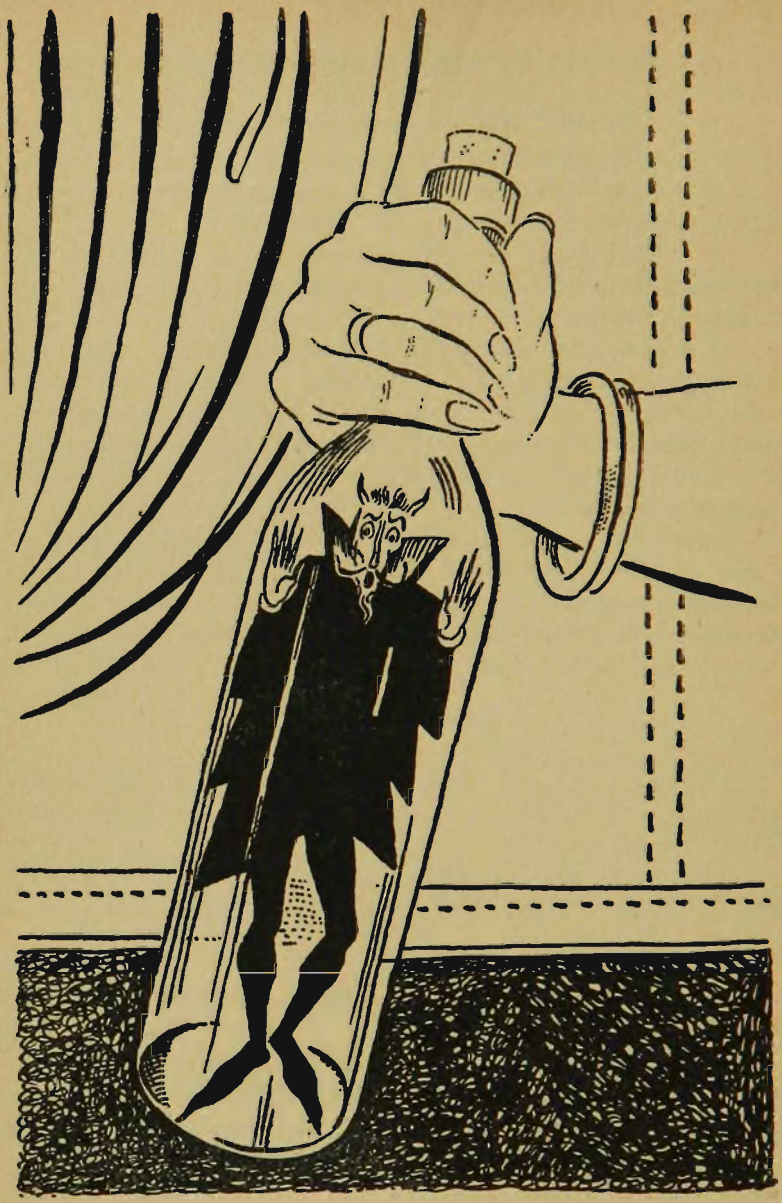
Chamou-o e disse-lhe:

— Você tem um grande poder, porque tem feito coisas que parecem milagres; mas duvido que faça uma coisa. Não é capaz de entrar naquela garrafa...

E apontou-lhe uma, vazia. O diabo, que é vaidoso, ficou tentado em mostrar todo o seu poder e mais que depressa meteu-se pela garrafa dentro.

---

(1) Colhido em Juiz de Fora.



A mulher no mesmo momento arrolhou-a, de maneira que o diabo ficou prêso e ela pôde gozar da liberdade que ambicionava.

Quando o marido voltou foi recebido com muitos afagos da mulher, a quem êle perguntou pelo empregado.

— Ah, maridinho do coração, *sem quê nem para quê* saiu e não voltou mais. Também aquilo parecia o diabo. Olha que cheiro de enxôfre ficou em casa...

Era uma catinga de pano queimado que ninguém podia aturar. Se o diabo estava prêso na garrafa, danado de raiva...

— E' mesmo, mulher, que catinga! Que havemos de fazer?

— Vai, marido, corre a igreja com esta garrafa e enche-a de água benta para espalhar na casa.

O tolo pegou e fêz o que a mulher lhe mandava.

Quando entrou na igreja e foi encher na pia a garrafa que desarrolhou, esta deu um estouro e o diabo, atordoado com a água benta e avistando os santos nos altares, saiu zunindo, como um raio, que ninguém mais o viu.

O marido, muito espantado e estúrdio, voltou para casa sem saber explicar o acontecido e sem ter conhecido o segrêdo da mulher (1).

Os músicos prosas

Havia numa terra dois músicos, afamados clarinetistas. Ninguém podia com êles. Eram mesmo de *pegar pra sair, corruscubas!*

Por isso mesmo eram rivais e andavam sempre de rusgas e pertenciam a bandas diferentes. Tinham até partidos.

---

(1) Este conto corre também em Portugal. O assunto principal serviu de tema para o belo conto de Fialho de Almeida, *O Almocreve e o diabo*, positi-

Uma vez encontraram-se e puseram-se a conversar, que de mal, a ponto de não trocarem palavra, lá isso nunca estiveram e sustentavam sempre boa *política*.

Um dêles disse ao outro:

— Acabo de tocar há poucos dias numa festa do Senhor dos Passos, em *tal* cidade, e quando foi a procissão, a banda tocava um dobrado tão lindo que meti a clarineta na bôca, seu compadre, com um gôsto... Foi uma desgraça de espanto! Todo o mundo admirava e já nenhum outro instrumento sobressaía. Por um pouco viu-se que o Senhor dos Passos começou a mover-se no andor e como que a subir ao céu, admirado dos sons que saíam da minha clarineta. Os padres, as irmandades, o povo, tudo estava voltado para mim e de bôca aberta diante daquele milagre.

«Foi preciso parar o dobrado para que a procissão continuasse a marcha e o Senhor dos Passos ficasse quieto no andor».

O outro ouviu paciente aquela *maranha* do rival. Por fim, pegando da palavra, saiu-se com esta:

— Isto é nada em comparação com o que se deu comigo na cidade *Fulana*. Fui tocar no entêrro de um graúdo — gente como formiga! Começamos uma marcha fúnebre. A minha clarineta chorava que era um gôsto. O povo estava apatetado, olhando para mim, como se a minha música fôsse uma coisa nunca vista, vinda do céu. Por pouco espaço, não havia quem não chorasse, gabando a minha clarineta, que não existia igual em tôda a redondeza. Eu continuei, e quando ia no melhor da festa, o caixão começou a mover-se, a tampa abriu-se e o defunto, ao som do instrumento, foi-se levantando, até que ficou de pé. E voltando-se para mim, gritou entusiasmado:

— Vá tocar clarineta... no diabo que o carregue! (1)

---

vamente de fundo tradicional. Tem elementos do conto das *Mil e uma Noites* — *O pescador e o espírito rebelde*.

(1) Ouvido de um senhor do Sul de Minas e de um oficial da brigada mineira.

Morreu mesmo (1)

Um *novato* foi mandado a podar umas árvores. Como não tinha prática dêsse serviço e era muito tapado apoiou a escada num dos galhos e pôs-se a serrá-lo.

Passava por ali o vigário da freguesia, e advertiu-o:

— Olha, amigo, que dêsse modo vens abaixo.

O *novato* era, além de estúpido, teimoso. Sem dar maior atenção ao padre continuou o trabalho.

O vigário prosseguiu o seu caminho. Vai por um pouco... *zás!* parte-se o galho e vêm ao chão tanto a escada como o podador que ficou com um dos braços em petição de miséria.

Quando cobrou alento, muito admirado do certo que saiu o conselho do reverendo, pensou lá consigo que o padre era *adivinhão* e como tinha adivinhado aquela queda também podia acertar com o dia de sua morte.

Foi ter com êle e falou-lhe:

— V. Rev.ma disse-me que eu havia de cair da árvore e, dito e feito, caí mesmo. Bem queria agora que me adivinhasse o dia de minha morte.

O padre achou muita graça e resolveu zombar um pouco com êle.

— Olhe, bem sei quando você há de morrer. Será na hora em que, indo de viagem, montado na sua mula, você a veja dar três zurros seguidos.

O *novato* agradeceu muito e foi-se.

Tôdas as vêzes que viajava, repimpado na *ruana*, ia muito atento a ver quando ela dava os tais zurros.

Lá por uma vez, ao chegar a uma volta do ca-

---

(1) Colhido em Juiz de Fora.

minho, a mula preparou-se tôda e deu um, dois, três zurros.

O *novato*, que os havia contado com o coração aos pulos e crente na previsão do padre, julgou chegada a sua hora extrema, atirou-se da sela abaixo e soltou um grito:

— Morri!

Não se moveu mais, seguro de que estava morto.

Vai depois passaram por ali uns trabalhadores que deram com êle estendido no meio do caminho. Crendo-o morto, foram buscar uma rêde no vizinho mais próximo, puseram-no dentro dela e o conduziram para sua casa, rezando todos o têrço.

Lá muito adiante, obra de uma légua, havia duas encruzilhadas.

Os homens ficaram indecisos: qual delas haviam de tomar por ser o caminho mais curto para chegarem a casa do *morto?*

Começaram a teimar entre si, até que o *defunto* ergueu a cabeça do fundo da rêde e disse-lhes:

— Olhem, amigos, no tempo em que eu era vivo o caminho mais curto era à esquerda.

Assombrados, os homens atiraram a rêde ao chão com o *defunto* e tudo e fugiram a tôda disparada.

Com a queda veio o *novato* a morrer de verdade.

E a adivinhação do padre saiu certa: o *bicho* morreu mesmo.

A caixa de ouro (1)

Havia um caboclo, ainda moço, bom trabalhador, bom *cabo de enxada*. Mas tanto que labutava não ia adiante.

Por fim deixou a peleja e deu em caçador. Levava a vida a caçar em companhia de outros camaradas.

(1) Colhido em Chácara, Juiz de Fora.

Mas mesmo assim não se achou satisfeito, até que por último se deitou na cama e fêz propósito de não trabalhar, de não arredar mais dali: *o que fôr meu às minhas mãos virá*, dizia — *o que tem de ser tem muita fôrça.*

Os companheiros vinham vê-lo, cuidando que estivesse doente. Mas vendo que não era assim, que o caboclinho estava *mamparreando*, o aconselharam a voltar ao trabalho, às caçadas, a sair daquele *chôco* que não tinha jeito.

Mas êle respondia:

— *O que fôr meu às minhas mãos virá.* Quando vocês encontrarem por aí uma caixa cheia de ouro, tragam-me.

Uma madrugada os rapazes que iam à caçada, ao passarem pela casa do preguiçoso, bateram à janela e o convidaram a ir com êles.

Nem sequer abriu a janela. Numa voz desanimada de quem se está despedindo do mundo, respondeu que não ia e ficou a cochilar e a sonhar com uma caixinha muito amarelinha, muito amarelinha, cheia de ouro...

Os outros logo que partiram combinaram preparar uma peça ao mandrião. Arranjariam uma caixa de marimbondos e lha trariam. Podia bem ser que os bichinhos o fizessem voar da cama com a dor das ferroadas.

Quando chegaram no meio do mato avistaram no galho de uma árvore uma caixa de marimbondos, como justamente desejavam.

Tiraram-na e correram com ela, sem reparar no pêso, para a casa do amigo.

Bateram *na* janela:

— Olha a tua caixa de ouro, a tua caixa de ouro!

O outro despertando da *madorna*, mas com preguiça de abrir a janela ou duvidando da verdade, mandou que fizessem um buraco na parede em direção da cama e lha entregassem por ali.

Assim foi feito e a caixa foi ter às mãos do preguiçoso. Era *lusque-fusque*. Êle meteu os dedos nas aber-

turas da caixa que se desfez, caindo nuvens de ouro em pó e de moedas de ouro que tiniam.

Viu que estava *milonário* e gritou para os camaradas:

— Obrigado, minha gente, eu não lhes dizia que *o que tem de ser tem muita fôrça* e que *o que fôsse meu às minhas mãos havia de vir?*

Os outros só mais tarde compreenderam o alcance dessas palavras, quando viram o caboclinho muito lampeiro passar num *empozão* nas ruas do arraial, dono dêste mundo e do outro.

A caixa pertencera a uns tropeiros antigos que a tinham enchido de ouro e escondido naquele *dito lugar*, julgando que uma caixa de marimbondos (1) velha não havia de despertar cobiça a ninguém.

O ciclo de Pedro Malazarte (2)

De como Malazarte fêz o urubu falar (3)

Quando o pai de Pedro Malazarte entregou a alma a Deus, fêz-se a partilha dos bens — uma casinha velha — entre os filhos e tocou a Pedro uma das bandeiras da porta da casa, com o que êle ficou muito contente.

Pôs a porta no ombro e saiu pelo mundo. Em caminho viu um bando de urubus sôbre um burro morto. Atirou a porta sôbre êles e caçou um urubu que ficou com a perna quebrada.

---

(1) E' crença popular que se não devem desmanchar ou destruir as caixas de marimbondos, principalmente as que se encontram nas paredes das habitações, porquanto, supõe o povo que a prática de tal ato ocasiona graves infelicidades.

Esta superstição envolve uma idéia de culto às coisas recônditas e ao mistério delas. Cf. o modismo *segrêdo das abelhas* e o dizer paralelo, mas que se usa em sentido irônico, empregado quando alguém descobre ou sugere algo de pouca importância: *descobriu o mel de pau.*

(2) As grafias Malazartes, Malazarte, Malasartes e Malasarte são divergentes. Graça Aranha adotou para título de uma de suas mais estimadas obras — Malazarte. A ortografia, mas não a popular no Brasil, deve ser Malasartes (cf. *más artes*).

(3) Colhido na estação da Grama, Juiz de Fora.

Apanhou-o, pôs a porta às costas e continuou viagem.

Obra de uma légua ou mais, avistou uma casa de onde saía fumaça, o que queria dizer que se estava preparando o jantar.

Pedro Malazarte, que sentia fome, bateu à porta e pediu de comer.

Veio atendê-lo uma preta lambisgóia que foi logo dizer à patroa que ali estava um vagabundo, com um urubu e uma porta, a pedir de jantar.

A mulher mandou que o despachasse — que a sua casa não era coito de malandros.

O marido estava de viagem e a mulher no seu bem bom a preparar um banquete para quem ela muito bem o destinava. Neste mundo há coisas!

Pedro Malazarte, tão mal recebido que foi, resolveu subir para o telhado, valendo-se da porta que trazia e lhe serviria de escada. Subiu e ficou espreitando o que se passava naquela casa, tanto mais que sentia o cheiro dos bons petiscos.

Espiando pelos vãos das telhas viu os preparativos e tomou nota das iguarias, e ouviu as conversas e confidências da patroa e da negra.

Justamente na hora do jantar chegou o dono da casa que resolvera voltar inesperado da viagem que fazia.

Quando a mulher percebeu que êle se aproximava mandou esconder os pratos do banquete e veio recebê-lo e abraçá-lo, muito fingida, muito risonha, mas por dentro queimando de raiva.

Vai daí mandou pôr na mesa a *janta* que constava de feijão aguado, paçoca de carne sêca e *cobu*, dizendo:

— Por que não me avisou, marido? Sempre se havia de aprontar mais alguma coisa...

Sentaram-se à mesa.

Pedro Malazarte desceu de seu pôsto e bateu na porta, trazendo o urubu.

O dono da casa levantou-se e foi ver quem era.

O rapaz pediu-lhe um prato de comida e êle chamou-o para a mesa a servir-se do pouco que havia.

A mulher estava desesperada, desconfiando com a volta do Malazarte.

Pedro tomou assento, puxou o urubu para debaixo da mesa, prêso pelo pé num pedaço de corda de pita.

Estavam os dois homens conversando, quando de repente o Malazarte pisou no pé quebrado do bicho e êste se pôs a gritar: *uh! uh! uh!*

O dono da casa levou um susto e perguntou que diabo teria o bicho.

Pedro respondeu muito sério:

— Nada! São coisas. Está falando comigo.

— Falando! Pois o seu bicho fala?!

— Sim senhor, nós nos entendemos. Não vê como o trago sempre comigo? E' um bicho mágico, mas muito intrometido.

— Como assim?

— Agora, por exemplo, está dizendo que a patroa teve aviso oculto da volta do senhor e por isso lhe preparou uma boa surprêsa.

— Uma surprêsa! Conte lá isso como é.

— E' deveras! uma excelente leitoa assada que está ali naquele armário...

— Pois é possível! O' mulher, é verdade o que diz o urubu dêste moço?

Ela com receio de ser apanhada com todo o banquete e certa já de que Pedro sabia da *marosca*, apressou-se em responder:

— Pois então? pura verdade. O bicho adivinhou. Queria fazer-te a surprêsa no fim do jantar.

E gritou pela preta:

— Maria traze a leitoa.

A negra veio logo correndo, mas de má cara, com a leitoa assada, na travessa.

Daí a pouco Pedro Malazarte pisou outra vez no pé do urubu que soltou novo grito.

O dono da casa perguntou:

— O que é que êle está dizendo?

— Bicho intrometido! Está *candongando* outra vez. Cala a bôca, bicho!

— O que é?

— Outras surprêsas...

— Outras!

— Sim senhor: um peru recheado...

— E' verdade, mulher?

— Uma surprêsa, maridinho do coração. Maria, traze o peru recheado que preparei para teu amo.

Veio o peru. E pelo mesmo expediente conseguiu Pedro Malazarte que viessem para a mesa tôdas as iguarias, doces e bebidas que havia em casa.

Ao fim do jantar, o dono da casa, encantado com as proezas do urubu, propôs comprá-lo a Pedro Malazarte que o vendeu muito bem vendido, enquanto a mulher e a preta bufavam de raiva, crentes também no poder mágico do bicho que assim seria um constante espião de tudo quanto fizessem.

Fechado o negócio, Pedro Malazarte partiu satisfeito e vingado (1).

De como Malazarte vendeu o urubu

O dono da casa vendo que o urubu de Pedro Malazarte era encantado e sabia descobrir todos os segredos, propôs-lhe comprá-lo.

Malazarte, *pescando* que estava em véspera de fazer um bom negócio, encareceu ainda mais as virtudes do urubu e pediu êste mundo e o outro.

---

(1) O fato de os corvos se comunicarem pela «linguagem» com as pessoas é tradicional.

Diz Henry Berthoud (*L'esprit des oiseaux*, p. 191), falando do corvo: «Ajoutez qu'il possède une merveilleuse facilité à apprendre à parler. Les Romains faisaient grand cas des corbeaux parleurs, et les payaient de grands prix. Pline cite un corbeau qui, chaque matin, venait de lui-même sur la place publique saluer par son nom l'empereur régnant».

O homem vacilou em fechar o negócio, e Pedro, justamente quando uma preta velha veio trazer café à sala, disse ao dono da casa de modo que a *mucamba* ouvisse:

— Êste bicho é deveras encantado, patrão. «Êle é capaz de descobrir outras coisas que se passam em sua casa sem o sr. saber.

— Não me diga isto!

— E' o que lhe digo. Mas, para que êle não emudeça e possa contar tudo que tenha visto, é preciso que haja o maior cuidado para que nenhuma mulher lhe verta água na cabeça. E se quiser experimentar deixe-o esta noite ficar no corredor, que amanhã teremos que saber muitas novidades.

O homem aplaudiu a proposta e prometeu comprar o urubu, se saísse certo o que lhe dizia o Malazarte.

Mas a preta que tinha ouvido a combinação mal saiu da sala foi contar tudo à senhora, que ficou muito assustada, pois que, naquela noite, havia de receber a visita do sacristão da vila, e não sabia como arranjar para que o urubu *candongueiro* não pusesse tudo a perder.

A preta teve uma *luz*, e disse que não havia perigo, pois ela se encarregaria de verter *água* na cabeça do urubu para que êle perdesse o encanto.

Às tantas da noite todos se foram acomodar, tendo Malazarte cuidado de deixar o bicho no corredor, fazendo de sentinela.

Vai senão quando, lá para a virada da noite, a dona da casa, *pé que pé*, veio abrir a janela, por onde saltou para dentro o sacristão, enquanto a preta estava fazendo o que prometera na cabeça do urubu.

Quando o bicho se viu com a cabeça tôda molhada, não teve mais conversa — *tico!* e deu uma bicada na preta lá onde quis e ela ficou segura, e vai então a negra soltou um grito.

A senhora, temendo que o marido despertasse, correu para arrancar a sua *mucamba* do bico do bicho. Agarrou-a pelo braço, mas não houve meio. A rapariga,

então no auge do apêrto, apegou-se no braço da senhora que se pôs também a gritar. O sacristão acudiu para ver se podia ajudar as duas a desvencilharem-se. Mas já a êste tempo, Pedro Malazarte havia despertado o dono da casa. E os dois correram a ver o que era e encontraram aquêles três assim como estavam.

E vai então o dono da casa descobriu tudo, desancou o sacristão a pau, moeu os ossos tanto da senhora como da escrava e resolveu comprar o urubu.

Mas aí é que foi a história. Pedro Malazarte pediu pelo bicho cinco contos de réis. Abate que não abate, o homem teve mesmo de *encorropichar* o cobre, vintènzinho por vintènzinho, e Pedro Malazarte, deixando ficar o urubu, de quem se despediu chorando, pôs-se a caminho, mas vendo no pátio da fazenda uma carneirada, resolveu levá-la também e foi tocando como se fôsse dono dela.

De como Malazarte fingiu que se matava

Vendo que a vítima vinha em sua perseguição, «deu tudo quanto tinha» e ao aproximar-se de um riacho encontrou uma mulher a lavar roupa. Estava perdido, porque a lavadeira daria ao perseguidor a sua direção.

Mais que depressa tocou a carneirada a atravessar o riacho, e tomando um dos carneiros, tirou-lhe as tripas e meteu-as debaixo da camisa. Quando a manada passou, êle arrancou da faca, fingiu que abriu o ventre e deixou cair na água as tripas do carneiro, que ali levou ocultas.

A lavadeira deu um grito, caiu desmaiada ao presenciar tal cena e Malazarte desapareceu.

Quando o perseguidor chegou à tôda, e perguntou à lavadeira se tinha visto passar um homem tocando uma carneirada, ela respondeu, quase sem poder falar, que Pedro Malazarte havia feito o que ficou dito.

E porque Pedro já estava longe com o rebanho, o homem voltou soltando um milhão de pragas.

De como Malazarte passa adiante a carneirada

Já muito longe, encontrou um porqueiro que vinha tocando também uma capadaria superior para vendê-la na vila.

Pedro Malazarte que já previa que o fazendeiro havia de vir no seu rasto, propôs troca dos carneiros, (que valiam menos, pelos porcos, que valiam mais).

Fecharam o negócio, tendo o porqueiro feito uma *volta* em dinheiro.

Malazarte seguiu com a porcada e o outro com os carneiros, em direção oposta.

O porqueiro foi pousar em casa do dono dos carneiros.

Ao ver o seu rebanho, o homem avançou para o porqueiro, e exigiu entrega do que era seu. O porqueiro quis resistir, mas vendo que o homem estava armado até os dentes e tinha muitos capangas, não teve outro remédio senão fazer a restituição, ficando no prejuízo, e tocou pra trás a ver se encontrava o Malazarte que já estava longe, tendo tomado por um atalho que foi dar numa fazenda. E vai então vendeu a porcada, por um precinho barato, mas com a condição de o comprador deixar que êle cortasse a ponta do rabo de cada porco.

Fecharam o negócio e Pedro Malazarte meteu no embornal os rabinhos dos porcos e *bateu o pé* na estrada.

De como Malazarte rouba as jóias de uma família...

E foi dar no castelo de um ricaço que era casado e tinha uma filha, e ofereceu-se para empregado. E foi aceito.

Como era tempo de chuva, o chiqueiro estava que era mesmo um lameiro. E Malazarte teve logo uma idéia.

De noite tocou para longe a porcada do ricaço e, voltando, espetou no lameiro as caudas dos porcos.

E quando de manhã o dono da casa veio ver a porcada, Malazarte lhe apontou o lameiro e disse-lhe que os porcos estavam atolados, apenas com os rabos de fora.

O dono da casa mandou-o logo que fôsse em casa buscar duas enxadas a ver se podiam desenterrar os animais.

Pedro Malazarte foi numa corrida e, lá chegando, viu a *dona* e a filha passeando no jardim e lhes disse:

— O patrão mandou que as senhoras me acompanhem.

Elas duvidaram, mas Malazarte gritou, perguntando ao patrão que estava lá embaixo:

— As duas, patrão?

— Sim, as duas, e sem demora! As duas, pateta!

E então as senhoras não puseram mais diferença e acompanharam Pedro que tomou com elas outra direção.

Já longe o velhaco amarrou-as numa árvore, tirou-lhes tôdas as jóias que eram de grande preço, fugiu e foi tocar a porcada que tinha ocultado no dito retiro.

E quando o ricaço, cansado de esperar, foi a casa e não encontrou a mulher e a filha, bateu a procurá-las até que as achou amarradas onde Malazarte as havia deixado.

E quando voltou é que viu que dos porcos só havia os rabinhos, que êle é que era um pateta de marca.

A muitas léguas dali, o Malazarte negociou a porcada, recebeu o cobre, comprou um bom terno de roupa e foi parar em certa cidade, onde, logo na entrada, havia uma bonita chácara que era do dr. juiz de direito.

De como Malazarte faz mais uma que parecia duas

Eram já por umas dez da noite.

O Malazarte bateu à porta e pediu pousada, dando o nome de doutor *Fulano* que vinha visitar aquela terra.

O juiz costumava entrar tarde, pois ficava até à meia-noite fora de casa, jogando marimbo com um seu compadre.

E vai então o filho do juiz na sua simplicidade, mandou entrar o hóspede e, depois de um bom chá, deu-lhe pousada, no quarto da sala, onde o juiz costumava se vestir.

E quando o juiz chegou, o filho lhe contou o que se tinha passado e o tolo ficou muito satisfeito daquela hospedagem.

E vai então lá pela madrugada o Malazarte começou a sentir umas coisas na barriga...

Procurou o vaso e, não o encontrando, abriu a janela... mas lá fora havia uma cachorrada, que foi um barulho de latidos que nunca se viu.

O Malazarte estava suando frio. Mas nisto avistou na prateleira uma caixa. Abriu, havia dentro uma cartola de pêlo. Estava salvo! Tirou a cartola, fêz nela o que quis pôs outra vez na caixa e esta no lugar onde antes estava.

De manhã, quando ouviu tropel dos criados saiu e... *êste mundo é meu!...*

Quando vieram chamar o Malazarte para o café, não o acharam mais.

À hora do almôço, o juiz saiu do quarto e foi para o cômodo em que se costumava vestir.

Era dia de júri. Vestiu a sobrecasaca, e, distraído, tirou a cartola que enterrou, de um golpe, na cabeça.

Para que tal fizeste! Ficou com a cara *enlameada* e sentiu um cheiro que quase o afogou.

Começou então a gritar. A família veio tôda, pensando que tinha acontecido alguma desgraça.

Ao vê-lo naquele estado, correram todos a buscar socorro. O filho trouxe-lhe um banho, a filha água-flórida, a mulher sabonete de cheiro.

E depois houve risada que não foi brinquedo, enquanto o juiz bufava de raiva. E os jurados já estavam cansados de esperar por êle...

Mas o Malazarte já estava longe. Até parecia que tinha parte com *Belzebum*.

De como Malazarte vende o cadáver da velha

Nisto êle soube no caminho que sua mãe tinha morrido, e, como era muito extremoso, foi logo ter em casa.

Lá encontrou os irmãos que se fingiam chorosos. Êle também derramou muitas lágrimas e resolveram logo fazer a partilha, pois que cada um queria cuidar de sua vida.

A herança não era grande, mas sempre havia um sítio, umas colheitas, umas terras e uma casinha...

Os irmãos começaram a escolher o que havia de melhor. Mas, Pedro Malazarte disse:

— Lá por isso não seja a dúvida. Eu quero sòmente três coisas: uma fôlha da porta da casa, o corpo de minha mãe e o cavalo *matungo*.

Os outros estranharam aquilo, mas, como era fácil de contentar, combinaram na partilha.

Pedro amarrou o corpo da velha no selim do *matungo*, em posição de cavaleiro. E saiu puxando o cavalo, prometendo voltar, depois, em procura da porta.

Foi dar numa fazenda, já tarde da noite, e pediu pousada. A gente da casa já estava acomodada, mas a pessoa que veio abrir consentiu na hospedagem, porque Pedro alegou o cansaço da velha, a doença dela, coitadinha!

Mostraram-lhe um quarto na entrada, onde os dois ficaram.

A certa hora, Pedro Malazarte pegou *no* cadáver, enveredou com êle pelo corredor e foi colocá-lo encostado à porta do quarto do dono da casa.

Êste quando, pela manhã, abriu a porta, levou um grande susto ao ver que um corpo pesado caiu dentro do quarto.

E havia no chão muito sangue, pois a cabeça da defunta, quando o corpo caiu se tinha quebrado.

O homem fêz um grande alarma, vindo logo Pedro, esfregando os olhos e fingindo ter-se acordado naquele momento.

Ao ver aquêle quadro, lançou-se sôbre o cadáver da velha e fêz um grande chôro, acusou o fazendeiro de haver sido o assassino de sua mãe e pediu grossa gratificação, sob pena de ir queixar-se à justiça.

O fazendeiro não teve outro remédio senão cair com o cobre e ainda fazer o entêrro do corpo.

E Pedro Malazarte voltou para casa em procura da porta, tendo ainda no caminho vendido o *punga* que, logo, logo, cansado da viagem, arriou na estrada e morreu. Pedro Malazarte quando chegou com a porta onde ficara o cavalo, viu que sôbre êste estava um bando de urubus, atirou a porta sôbre o bando, apanhou um urubu que ficou com a perna quebrada e seguiu viagem.

Êsse dito urubu foi o mesmo que êle vendeu por cinco contos; estão lembrados?

De como Malazarte evitou que o mundo desabasse...

Em certa altura deu-lhe vontade de *verter água*. Encostou-se a um grande paredão pertencente a uma bonita quinta. E, quando estava no melhor, apareceu o dono da chácara muito zangado a perguntar-lhe quem lhe tinha dado ordem para fazer aquilo ali.

Pedro disfarçou e respondeu:

— Ah! meu senhor, desde manhã que estou aqui encostado, sem comer, nem beber só por causa dos outros.

— Por causa dos outros? Então como é lá isso?

— Estou escorando o mundo.

— Você está doido!

— Pois é verdade, patrão, vinha eu caminhando no meu quieto, mas, quando cheguei neste lugar, me apareceu a figura de um anjo que veio descendo do céu e que me disse estas palavras:

— Por ordem do senhor Deus o mundo vai acabar à meia-noite de hoje.

«— Imagine o susto que não levei! Mas o anjo me aquietou:

«— Há um remédio para se evitar isto: é encontrar alguém que escore êste muro, desde êste momento.

« — Só por isso não seja a dúvida, respondi, vou cortar uma estaca...

— Não, não há tempo. Antes de um minuto o muro deve estar escorado. E me empurrou para aqui onde me acho, sem poder arredar pé, pois, se saio, o mundo vem abaixo.

— Deveras!

— Ah! se o patrão me fizesse o favor de tomar o meu lugar enquanto eu vou ali no mato cortar uma escora, tudo estava arranjado, mesmo porque, se eu aqui ficar por mais tempo, não resistirei e com a minha morte o mundo virá abaixo e ninguém escapará.

O homem pensou e resolveu tomar o lugar de Pedro que prometeu voltar logo com a escora, e até hoje está sendo esperado.

De como Malazarte cozinha sem fogo

Quando chegou à cidade, Pedro meteu-se em divertimentos com os estudantes e gastou todo o dinheiro. E antes que ficasse de todo *limpo* comprou uma panelinha de trempe, uma *matula* e seguiu viagem.

Já havia caminhado muito, quando avistou um rancho desocupado.

Resolveu descansar ali. Fêz fogo, pôs a panela de três pés com a *matula* a aquecer.

Mas, nisto, vem chegando uma tropa. Pedro Malazarte mais que depressa pôs um monte de terra sôbre o fogo e ficou muito quieto diante da panela que fumegava. Os tropeiros, vendo aquilo, ficaram muito espantados e perguntaram:

— Que moda é esta, patrício, de cozinhar sem fogo?

Pedro respondeu logo:

— Isto não é para todos. Pois não vêem logo que a minha panela é mágica?

— Então cozinha sem fogo?

— E' como estão vendo e a qualquer hora. Mas, como a fada me disse que estou por poucos dias, posso negociá-la.

Os tropeiros viram naquilo um achado; provaram da comida e acharam tudo muito bom.

Compraram a panela, pagando por ela quanto lhes fôra pedido.

Quando à hora da ceia foram cozinhar sem fogo, deram com a marosca, mas já era tarde, o Malazarte tinha-se pôsto a muita distância...

De como Malazarte vendeu um passarinho

Malazarte ia viajando quando lhe deu vontade de *dar de corpo*. Agachou-se no meio da estrada, e ali ficou.

Nisto avistou um senhor que andava caçando.

Malazarte tirou o chapéu e colocou-o sôbre *o que havia feito*.

O senhor quando se aproximou perguntou-lhe:

— Que está fazendo aí a segurar nesse chapéu com tanto cuidado?

— E' um lindo passarinho que apanhei debaixo do

chapéu. Canta que é um gôsto. E eu não quero perdê-lo. Estou à espera de alguém que queira tomar conta dêle, enquanto vou buscar uma gaiola.

O homem ficou muito curioso de ver o canário, pois era grande apreciador de pássaros cantadores.

Propôs comprá-lo, mas com a condição de Malazarte ir buscar a gaiola.

Pedro, depois de muitas negaças, fechou o negócio por bom dinheiro, deixou o tolo a tomar conta, e foi buscar a gaiola.

O tempo ia passando e Malazarte não voltava. Então o homem, já impaciente, tomou o partido de apanhar o pássaro com a mão e levá-lo para casa.

Com tôda a cautela, meteu a mão debaixo do chapéu e, quando pensou que pegava o canário, agarrou uma *coisa* muito diferente.

Deu os pregos, soltou pragas, enquanto Pedro já estava muito distante, e se divertindo à custa do trouxa...

De como Pedro dá mingau a certa velha...

Foi então que Pedro se encontrou com um de seus irmãos, com quem gastou em pândegas muito dinheiro.

Esvaziada a bôlsa, seguiram de viagem juntos.

Depois de caminharem muitas léguas, varados de fome, chegaram à casa de um casal de velhinhos, gente da lavoura e muito pobre.

Pediram pousada. Mas os velhos disseram que não tinham cômodo, nem nada que lhes dar para matarem a fome...

— Só se quiserem dormir na salinha, no monte de palha...

Pedro aceitou logo a oferta.

Os velhos foram para seu quarto, e os irmãos ficaram na palha.

Mas, de madrugada, o Malazarte sentiu um cheirinho bom e ouviu o chiado de uma panela lá na cozinha, e perguntou ao irmão:

— Manuel, você não está ouvindo um chiado?... Quem sabe se na cozinha há alguma coisa que se coma?

O outro respondeu:

— E' possível. Essa gente da lavoura costuma deixar a panela no fogo durante a noite, para comerem de manhã, antes de irem para o trabalho.

Pedro, andando na ponta dos pés, levou o irmão para a cozinha, onde encontraram no fogo uma panela de mingau de fubá fumegando.

Comeram quanto quiseram, até fartar-se e, como Pedro era um grande pândego e não podia passar sem fazer das suas, disse que estava com muita pena da velha e que lhe ia também dar um pouco de mingau.

Foram para o quarto e enquanto o irmão segurava com muito mêdo a panela, o Malazarte ia pondo com a colher o mingau onde supunha que era a bôca da velha.

De vez em quando ouviam uns sopros e Pedro dizia baixinho:

— Está quente, avòzinha? sopra, minha velha!

Depois de irem levar a panela à cozinha, os dois irmãos puseram-se ao fresco, logo ao amanhecer.

Já estavam longe, quando o velho despertou furioso com a mulher, a quem acusava de ter *desfeiteado* a cama...

— Eu! seu tratante! eu!

— Não se faça de tôla, que não foi outra senão você mesma!

Mas então a velha sentiu alguma coisa lá nela mesma. E os dois que nunca tinham brigado agarraram-se às unhadas, saltando fora da cama. E qual não foi o espanto dêles, quando viram a cama tôda cheia de mingau...

Correram para a cozinha e acharam a panela vazia, foram à sala e já lá não estavam os hóspedes.

Rogaram muitas pragas e juraram não dar mais pousada a ninguém, salvante a N. Senhor Jesus Cristo.

De como Malazarte entrou no céu

Quando Malazarte morreu e chegou ao céu, disse a S. Pedro que queria entrar.

O santo porteiro respondeu:

— Estás louco! Pois ainda tens coragem de querer entrar no céu, depois que tantas fizeste lá pelo mundo?!

— Quero, S. Pedro, pois o céu é dos arrependidos, e tudo quanto acontece é por vontade de Deus.

— Mas o teu nome não está no livro dos justos e portanto não entras.

— Mas então eu desejava falar com o Padre Eterno.

S. Pedro zangou-se só com aquela proposta. E disse:

— Não, para falares a Nosso Senhor, precisavas entrar no céu e quem entra no céu dêle não pode mais sair.

Malazarte se pôs a lamentar e pediu que o santo ao menos o deixasse espiar o céu, só pela frestinha da porta para que tivesse uma idéia do que fôsse o céu, e lamentasse o que havia perdido por causa das más artes.

S. Pedro, já amolado, abriu uma fresta da porta e Pedro meteu por ela a cabeça.

Mas de repente gritou:

Olha, S. Pedro, N. Senhor que vem falar comigo. Eu não te dizia!!

S. Pedro voltou-se com todo o respeito para dentro do céu, a fim de render as suas homenagens ao Padre Eterno que supunha ali vir.

E Pedro Malazarte então pulou para dentro do céu.

O santo viu que tinha sido enganado. Quis pôr o Malazarte para fora, mas êle contrariou:

— Agora é tarde! S. Pedro, lembre-se que me disse que do céu, uma vez entrando, ninguém pode mais sair. E' a eternidade!

E S. Pedro não teve outro remédio senão deixar o Malazarte lá ficar.

O macaco e a velha (1)

Um macaco muito esperto precisava ganhar uns cobres e vai daí encheu um boião de certa *coisa* e por cima espalhou uma camada de manteiga. Saiu apregoando:

— Quem compra manteiguinha fresca! quem compra manteiga de boião!

Uma velha, que estava a preparar doces para um banquete que ia dar dentro de poucos dias, chamou-o e comprou-lhe o boião de manteiga.

Daí a instantes meteu mãos à obra para fazer um *pandeló* e ficou indignada com a manta que o macaco lhe passara.

— Não tem nada não, ladrão de macaco. Esta me hás de pagar.

Arranjou uma *bonecra* de cêra, tingiu-lhe a cara de carvão e colocou-a na porta, ao lado de um tabuleiro de bananas maduras que era um gôsto...

O macaco passou e, vendo as frutas, ficou tentado. Chegou-se à *bonecra* que êle supôs ser uma preta de verdade e disse-lhe:

— Caterina, me dá uma banana...

E a *bonecra* quieta. Nem se mexia.

Tornou a pedir, e a *bonecra* nada.

Já meio zangado tornou o macaco:

---

(1) Colhido em Limoeiro, hoje Goianá.

— Caterina, me dá uma banana, se não te dou um tapa...

Não teve resposta e deu o tapa e ficou com a mão agarrada na cêra da cara da *bonecra*.

— Caterina, me larga minha mão, me dá uma banana, olha que te dou outro tapa...

Deu e ficou seguro.

— Caterina, me larga minhas duas mãos, me dá uma banana, se não te dou um pontapé...

A *bonecra* quieta.

O macaco arrumou um pontapé na barriga da figura e ficou prêso.

— Olha, Caterina, me larga minhas mãos e meu pé, me dá uma banana, senão te dou outro pontapé...

A *bonecra* nem resposta.

O macaco — paf! deu outro pontapé e ficou seguro.

Vendo-o prêso, a velha, que espreitava da janela o que se passava, correu para agarrar o macaco:

— Agora já não me escapas mais.

Chamou a cozinheira para preparar o macaco para o banquete que era naquele dia.

Quando a cozinheira degolou o macaco, êste pôs-se a chorar, cantando:

Me degola devagar,
Que dói, dói, dói...
Eu também tenho filhos,
Que dói, dói, dói...

A cozinheira começou a *depelá-lo*, e o macaco cantava:

Me depela devagar,
Que dói, dói, dói...
Eu também tenho filhos,
Que dói, dói, dói...

A negra muito espantada foi chamar a senhora que não quis saber de cantigas e mandou que continuasse o trabalho.

E o macaco cantando, já metido no forno:

Me assa devagar,
Que dói, dói, dói...
Eu também tenho filhos,
Que dói, dói, dói...

Na hora do banquete estava a mesa cheia de doutores e graúdos e o macaco dentro da travessa. E depois, ao ser comido, ainda cantava:

Me mastiguem devagar,
Que dói, dói, dói...
Eu também tenho filhos,
Que dói, dói, dói...

Todos olhavam desconfiados uns para os outros, mas a velha procurava distrair os convidados, conversando muito e comendo *do* macaco com apetite de vingança.

De repente sentiu uma revolução nas tripas e correu para o quarto. Daí a pouco saía o macaco, acompanhado de uma récua de macaquinhos, todos tocando violas, correndo para o quintal, cantando:

— Vi o *fió* de sinhá velha! Vi o *fió* de sinhá velha! (1).

---

(1) Dêste conto há uma variante muito incompleta publicada por Sílvio Romero.

E' fora de dúvida ser tal conto de procedência africana, mas passou no Brasil por sensíveis modificações.

No volume (da *Bibl. do Povo*) A LÍNGUA DE ANGOLA, por Lad. Batalha, págs. 58-59, vem um conto, no qual, em vez do macaco, é um peixe que canta, quando uma mulher o vai escamando e depois quando o mete na panela e quando o come. Ao terminar o jantar ouviu uma voz dentro da barriga a perguntar-lhe por onde havia de sair. A mulher manda-lhe que saia por êsse ou por aquêle lugar e o peixe dá as razões por que não aceita o conselho. Até que enfim ela lhe diz que saia por onde quiser. A mulher estala pelo meio e o peixe vai-se embora.

Depois desta nossa exegese (1918) outros, no Brasil, referiram-na, sem citarem o nosso modesto nome, mas a prioridade do *achado* e *confronto* acima indicados ninguém no-la poderá contestar.

As do Zé Simplório (1)

Era uma vez um homem que se chamava Zé Simplório e que fazia coisas que pareciam esquecimento.

Quando de noite se acomodava no leito, tinha o hábito de ler e como colocava a vela sempre a certa distância, para apagá-la, atirava-lhe com a carapuça. Tôdas as vêzes que errava, erguia-se, ia buscar a carapuça, atirava-a de novo à vela, e assim procedia sucessivamente, acabando por acertar por acaso, ou por ter de dormir com a vela acesa.

Nunca se lembrou de que podia colocar a luz à cabeceira e apagá-la com um sôpro.

Certa vez Zé Simplório, andando à noite a passeio, perdeu um níquel de cem réis. E vai então comprou uma vela por dois tostões, a fim de procurar o níquel.

Não se lembrou de que despendia em dôbro o valor perdido.

Indo de uma feita comprar xícaras rejeitou as que o caixeiro lhe apresentava, porque não tinham a asa do lado direito.

O rapaz viu que o freguês era o Zé Simplório e foi logo buscar *outras*, as mesmas, que teve o cuidado de trazer com as asas voltadas ao contrário.

Uma noite em que Zé Simplório estava recolhido ao leito, começou a chover torrencialmente. Havia sôbre o leito uma grande goteira, que deixava pingar a água sôbre a barriga de Zé Simplório.

Sentindo-se incomodado, o homenzinho levanta-se vai buscar uma bacia, deita-se e a coloca sôbre a barriga, a fim de aparar os pingos da goteira.

Não se lembrou de mudar o leito do lugar em que estava.

---

(1) Algumas das passagens dêste conto são atribuídas a certa pessoa, (V. *Mosaico*, do dr. Moreira de Azevedo), ou seja o cônego Filipe.

Uma ocasião a gata de Zé Simplório mete-se pelo ventilador do assoalho e vai *dar à luz* no porão do prédio.

Quando Zé Simplório ouviu os gemidos dos gatinhos, sob o assoalho, ficou muito preocupado com a sorte dos pobres bichinhos, sem poder atinar como fôssem ali parar, nem como poderiam sair de onde estavam...

Mandou chamar logo um carpinteiro e retirar uma das tábuas do assoalho, para salvar os gatinhos.

Não se lembrou que êles podiam sair mais tarde pelo ventilador.

Finalmente Zé Simplório adoeceu. Veio o médico, examinou-o, escreveu a receita e entregou-lha, dizendo:

— Tome uma colher de sopa de hora em hora.

Zé Simplório, mal o médico despediu-se, deu ordem ao criado que fizesse um caldeirão de sopa, da qual, uma vez trazida para junto do leito, começou a tomar de hora em hora uma colher.

No dia seguinte dava Zé Simplório a alma a Deus, sem se lembrar de que a sopa é que o tinha matado.

Pois neste mundo há muita gente como Zé Simplório.

A morte

Era uma vez uma mulher que andava sempre muito preocupada com a idéia da morte. E, fôsse por que fôsse, sempre jurava ao marido, a quem dizia muito estimar, que se Deus houvesse de levar um dêles, antes a levasse, porque sem o marido não podia viver.

Ouvindo todos os dias essa cantilena, resolveu o homem experimentar a sinceridade da espôsa, e para isto começou por descrever-lhe a morte na figura de um pinto pelado, muito magro, que costumava aparecer às pessoas minutos antes de as levar para o outro mundo.

A mulherzinha ficou muito impressionada, mas nem por isso deixou de, no dia seguinte, afirmar ao marido que se Deus houvesse de levar um dêles, antes levasse a ela.

Mas o homem tinha já a sua preparada. À noite foi a um amigo que tinha um pinto pelado. Pediu-lho emprestado e trouxe-o para a casa, muito às escondidas da mulher. Meteu-o no forno, no alpendre, e espalhou milho até a porta da cozinha, e foi-se acomodar.

De madrugada chamou a mulher para irem cuidar dos porcos.

Saíram juntos; ela a repetir-lhe sempre a mesma cantilena.

Quando chegaram à porta da cozinha, êle foi para trás do forno, a fim de ver a cena, e ela ficou à porta, esperando. Vai então o pinto pelado, que ouviu rumor, saiu do forno, e vendo milho espalhado o foi debicando na direção onde estava a mulher.

Foi um susto de todos os diabos! A mulherzinha, desde que viu a figura da morte, caminhando em sua direção, teve logo o pressentimento da hora final, e na dúvida de que o pinto pelado viria buscar a ela ou ao marido, pôs-se a apontar insistentemente para o forno, indicando o lugar onde estava o seu homem, que assim ficou conhecendo a insinceridade da espôsa.

O Pai de Deus

O Generoso tinha a vaidade de não deixar nada sem explicação.

Sabendo disto, alguém lhe perguntou:

— Diga-me, Generoso: quem fêz o mundo?

— Ora, essa é boa! Deus.

— E quem fêz Deus?

— Ora, ora! o pai dêle.

— Então, nesse caso, há dois deuses.

— Nessa é que eu não vou! respondeu o Generoso estomagado, mas satisfeito por ter de resolver uma questão complicada. Não senhor! Quem é o pai do dr. Zé Nogueira? (citava uma pessoa conhecida no lugar). Não é o «seu» coronel João Nogueira?

— E então, que tem isso, Generoso?

— Tem muito, porque o filho é doutor de medicina e o pai é fazendeiro. Também o pai de Deus podia não ser Deus. Ora aí está!

As três irmãs: a do anel, a dos sapatinhos e a dos brincos

Um rico fazendeiro foi à *Côrte* e trouxe para as suas filhas solteiras bonitos presentes. Para a mais velha, um anel de diamantes; para a do meio, um par de sapatinhos de cetim, com fivelas de ouro e pedras de valor, e para a mais nova, um par de brincos de brilhantes.

Elas ficaram muito contentes e só esperavam a primeira ocasião de se apresentarem com êles em uma festa.

Nisto foram convidadas para um baile de muito luxo.

E não faltaram, apesar de muito acanhadas, por não terem costume de freqüentar sociedade.

Quando a sala estava mais cheia, e as três irmãs sentadas, em meio dos convidados, uma delas, a do anel, apontou para os pés da que tinha os sapatinhos de cetim e disse-lhe, em voz alta:

— *Óia* um bicho aí.

A outra, suspendendo o pé e mostrando, portanto, o sapatinho, exclamou:

— Eu vou *matá*...

A terceira, não vendo nenhum bicho, pôs-se a rir

sacudindo a cabeça: ah! ah! ah! fazendo faiscar os brilhantes dos brincos.

E assim puderam as três irmãs chamar a atenção de todos para as ricas prendas que seu pai lhes dera.

As conversas de Mané Bocó

Mané Bocó era o rapaz mais acanhado dêste mundo.

Sua mãe fazia muito gôsto que êle se casasse com uma sua prima, moça rica e bonita, no que estavam de acôrdo os pais desta.

Trataram de aproximar os jovens, e para isto os pais da moça deram um baile.

A mãe de *Mané Bocó,* ao sair de casa com o filho, disse-lhe:

— Você, rapaz, precisa perder êsse acanhamento, e conversar com a sua noiva. Mas não diga tolices. Pense bem no que terá que dizer.

Mané Bocó, em chegando, e apresentado à noiva, sentou-se ao pé dela, sem dizer palavra, mas a pensar no que havia de dizer.

A moça encarava-o, sorrindo. E vai então êle, apontando os dedos para os olhos dela, exclamou, envergonhado:

— Eu te furo os olhos!...

A moça levantou-se e foi contar à futura sogra o que se havia passado.

A velha chamou o filho de parte e repreendeu-o, aconselhando:

— Não é assim, *Mané,* você há de dizer a ela palavras delicadas, coisas doces...

Então o rapaz aproximou-se de novo da namorada e, depois de muito pensar, suspirou:

— Açúcar, melado, rapadura...

A moça pôs-se a rir e foi contar à velha o que havia acontecido.

A mãe de *Mané* chamou-o outra vez, de parte:

— Você nunca há de deixar de ser tolo. O que você disse a sua noiva, são coisas que se dissessem?!

— Pois a senhora não mandou que eu falasse em coisas doces!... *Uê!*

— Nada. Vá procurá-la de novo e converse com ela em coisas do céu... em estrêlas, luar, por exemplo.

Mané Bocó foi ter com a moça e, depois de muito pensar, disse-lhe:

— Raio, corisco, trovão, tempestade!!!...

Tinha-lhe dito coisas do céu, pensava êle, conforme sua mãe lhe havia recomendado, estava muito contente; mas a moça soltou uma gargalhada... e ficou desfeito o projeto de casamento.

Por isso não fui à festa do casório e assim não pude trazer para vocês nem um *isto* de doces. E acabou-se a história (1).

Saci-pererê

Pois é como lhe conto, meu patrão, e sou inté capaz de jurar — eu aquerdito no saci; não que visse, mas meu falecido pai contava que é um negrinho levado da carepa. Aparece à meia-noite ou no ponto do meio-dia e pressegue a gente, léguas e léguas que se ande, e tanto que não se pode ter mão nêle se não se tem corage. Anda pela estrada, fora de hora, assobiando e é pequetito, e de uma banda só. Só tem um braço, uma perna, meia cara e meio corpo. Anda vestido com seu timãozinho, e tem uma carapuça vermelha; pede ós viajantes fogo pra acender o seu pitinho. Se a gente nega, êle começa a presseguir e vai acompanhando, trepa nas costas da gente e não larga sem que aconteça algum mal: uma topada, um galho que despenca em

(1) Corre em tôdas as zonas da Mata Mineira, mas é de origem lusitana.

cima da cabeça do presseguido, uma cobra que lhe morde...

Ao meio-dia costuma de aborrecer os trabalhadores da roça.

Vai no jirau das panelas e bota terra nas comidas. Apaga o fogo. O diacho!

De noite bate nas janelas, e pede fogo. Deus te livre! Se a gente lhe dá o tição, êle atira com êle na cara do bobo que lhe deu. Se não lhe dá num pronto, êle atira areia nos olhos da gente.

Quando a gente encontra saci tem de enfrentar com êle e puxar uma faca de aço. Então, o negrinho corre, que não hai quem o apanhe, por êsse mundo fora. Às vez a gente vai pela estrada, e escuita um assobio fino e aspro que Deus te livre! E' o saci. Mas êle não aparece e contam que êle toma a forma de um passarinho.

O defunto meu pai, que Deus tenha em bom lugar, costumava contar que uma noite êle ia por uma estrada deserta, quando lhe apareceu um negrinho, trazendo na mão, gingando, um pito de canudo comprido, em vez do porretinho.

Pediu-lhe fogo. Mas os seus cabelos arrepiaram, e êle não teve corage de tirar a *binga*, e foi andando sem ter voz para lhe dizer um *isto*. Antão o negrinho *lhe* foi seguindo: *Me* dá fogo! *Me* dá fogo, que eu quero pitar.

O defunto meu pai adivinhou num pronto que era o dito saci, e desandou a correr. E o negrinho, com um pé só, também corria e ia batendo com o pito na cabeça do velho. Antão, meu pai alembrou-se da faca. Foi memo um esconjuro! Arrancou do aço, atravessou a fôlha na bôca, e começou a rezar o credo de memória. O saci riscou fora, e sumiu num assobio desaustinado.

Tomém já tinha passado da meia-noite e a madrugada lá *evinha*.

Quando o defunto meu pai chegou em casa estava mais branco do que a cal da parede, não podia dizer

palavra. Só no dia seguinte é que êle nos contou o que havia assucedido.

Fizemo um têrço e benzemo a estrada. Agora quem quiser que aquerdite. Mas, que é verdade, eu juro. Pela luz que nos alumeia! Hai saci, meu patrão! (1).

---

(1) Da conferência «CULTO DAS TRADIÇÕES NACIONAIS», feita pelo autor dêste livro, em 3 de março de 1914, em Juiz de Fora, e publicada no *Diário Mercantil:*

«Em matéria de *folclore* pouco possuímos de procedência puramente indígena.

E' certo que os índios possuíam, no capítulo das crenças e abusões, o mito da *Mãe d'Água* (a Yara); o do *Caapora*, aparição fantástica, cujo nome, corruto em *caipora*, deu ensejo à nossa ojeriza mais pelo vocábulo do que pelo mito quase apagado do *Saci pererê, teperê* ou *pereira*, sôbre o qual já se publicou em S. Paulo copioso volume de informes e variantes locais dos casos que se contam a respeito dêsse estranho moleque ou simples passarinho agoureiro e cabuloso.

Todos êstes mitos se complicaram com outros de procedência greco-romana, indiana, ou germânica.

A respeito do *Saci*, há uns que afirmam ser um negrinho de uma banda, ou de uma perna só, *gênio* em alguns casos benfazejo e protetor e em outros, perverso e malfazejo, que vaga à noite pelas estradas a perseguir os viajantes ou penetra nos lares para praticar tôda sorte de malefícios e acender o seu cachimbo, sempre armado de um cacetinho, pronto a descarregá-lo no lombo alheio. Já para outros, o *Saci* é um passarinho cabuloso e maléfico. Percebe-se logo que êste mito *saci* foi com o decorrer dos tempos se ampliando de elementos míticos estranhos, como, por exemplo, os da Escócia, com os quais, segundo notou Ramiz Galvão, muito se assemelha o Trilby, do conto de Nodier e o diabrete Robin, de que nos fala Shakespeare, ora tão prestativo e ora tão perverso para com a gente da casa em que se instala.

Gênios semelhantes havia-os na Grécia, e numa variante conhecida da história tão popular da *Gata Borralheira* vemos que as fadas premiam uma linda menina que, às ocultas, lhes varre e limpa a habitação, lhes prepara a ceia, ao passo que castigam a outra que faz justamente o contrário, desarranjando-lhes a casa, quebrando-lhes as panelas, apagando-lhes o lume da lareira.

Quanto à suposição de ser o *Saci* um passarinho, é ela devida, supomos, ao canto monótono de uma ave. Êsse canto semelha-se onomatopaicamente ao soído da palavra *saci*, ligado o fato à crença greco-romana dos augúrios que se julgava poder tirar-se da aparição, do vôo ou do canto das aves.

Para o nome *Saci Pererê* houve quem propusesse uma etimologia não aceita: *Saci pererég* (Çua ci, ôlho mau; pérérég, saltitante).

O etimologista aproximou duas palavras que podem não ter nenhuma ligação e propô-las sem quaisquer elementos de prova filológica. Tal etimologia foi contestada e não passou em julgado.

Temos que *Saci Pererê, Sererê, Tererê*, é um mito indígena, complicado pelos povoadores e africanos.

Esse mito deduz-se clarìssimamente da lenda recontada por Barbosa Rodrigues e intitulada *Tapera da lua* (*Jaci taperê*).

Segundo o grande sábio, êste nome liga-se a uma lenda que tem relação com o conto das Amazonas.

A lenda refere o caso de dois irmãos, irmão e irmã. Esta apaixona-se por aquêle. Tenta seduzi-lo; desperta-o certa noite; amam-se misteriosamente. Êle quer descobrir quem seja a pessoa que o procura tôdas as noites. Por fim usa de um estratagema. Quando ela aproxima-se da rêde, êle finge que dorme, mas, de súbito, passa-lhe as mãos úmidas pelas faces e as tinge de *urucu*. Estaria desvendado o mistério. A irmã ficou horrorizada com sua situação e,

O Roteiro do Padre Lourenço (1)

Havia, em certo lugar, um vigário de nome Padre Lourenço, a quem as beatas não deixavam descansar, antes e depois das missas, com confissões e mais confissões. O padre, para se ver livre delas, arranjou um roteiro para as *desobrigas*, e certo domingo o leu na igreja, à hora da missa, dizendo:

— Minhas devotas, estou ficando velho e cansado e por isso, de agora em diante, tenho de seguir para as confissões o seguinte roteiro: aos domingos confessarei as preguiçosas; às segundas, as maldizentes; às têrças, as ladras; às quartas, as hipócritas; às quintas, as bêbedas; às sextas, as feiticeiras e, aos sábados, as comilonas e *erradas*.

Dêsse dia por diante nenhuma mulher se quis mais confessar naquela freguesia e o Padre Lourenço viveu ainda muitos anos, sempre descansado (2).

---

certa de que seria reconhecida, partiu para casa, armou-se de flechas e começou a lançá-las, uma após outra, para o ar. Formou-se uma única vara de flechas, subiu por ela e transformou-se em lua (*Jaci*). O irmão transformou-se em *mutum*, ave.

Ela agora vem, sob a forma de lua, mirar-se mensalmente no espelho das águas do lago; é *Jaci*.

A lua na cosmogonia indígena sempre foi considerada uma aparição fantástica. Os povoadores vieram encontrar nossos índios com êste mito de *Jaci Taperê*, e, não sabendo ao certo do que se tratava, começaram, para explicá-lo, a colaborar com os da mitologia ancestral, até que, com a cooperação das crendices africanas, também em jôgo, se chegou a imaginar que *Jaci* ou *Saci* seria um ente de aspecto humano, ainda que fantástico, e o nome Taperê se deturpou em *Pererê*, *Seperê*, *Sepê* e *Teperé*, assim como Jaci em *Saci*.

Jaci Taperê quer apenas significar *Tapera da lua*, lugar assombrado, onde mensalmente, em forma de lua, aparece a índia incestuosa e maldita. E é possível conjeturar que a idéia de se imaginar o *Saci* ente de uma perna só esteja ligada à da única vara ou flecha pela qual a índia subira até ao céu e à da lua se assemelhar ao rosto humano. Muitos afirmam, que o Saci se faz acompanhar de uma ave agoureira. Haverá aí uma alusão inconsciente ao *mutum* da lenda? Cremos que sim, e tanto que há nessa lenda traços de outra, a da *matinta perera* (nome de uma bruxa e de um passarinho — *Lendas Amazônicas*, p. 113, de Coutinho de Oliveira).

(1) Colhido em Carangola.

(2) Depois da publicação de nossos «Contos Populares» onde incluímos essa anedota, publicaram variantes da mesma Leonardo Mota e o Ministro Edmundo Lins.

Se Deus quiser (1)

Havia um lavrador que, a respeito de religião, *nem por isso*. Mas, a mulher dêle, esta sim, era muito religiosa.

Uma vez o lavrador preparou-se para ir ao arraial, e disse à mulher:

— Amanhã vou ao arraial.

— Se Deus quiser, marido.

— Isso é o de menos, mas vou, porque o *diabo* também ajuda.

A mulher benzeu-se:

— *Quem com Deus anda, com Deus vive.*

Mas o lavrador resmungou:

— Nunca me deu nada.

No dia seguinte arreou o cavalo, e despediu-se da mulher:

— De tarde estarei de volta, são e salvo para o jantar.

— Se Deus quiser, marido.

— Isso é o que havemos de ver, mas que volto, volto.

E montou a cavalo:

— Até à volta, mulher.

E ela tornou a repetir:

— Se Deus quiser, marido.

— Eu é que quero, mulher.

E deu de rédea.

Mas, logo adiante, o cavalo pôs-se a *passarinhar*, e saltou tanto que atirou o cavaleiro a dois metros.

O homem voltou para casa com os braços quebrados, o corpo em petição de miséria. E a mulher, cuidando dêle, não perdeu ocasião de aconselhar que nunca mais fizesse projetos sem dizer — *se Deus quiser.*

---

(1) Contada por um pescador, em S. José de Além Paraíba.

E assim fêz êle desde que sarou.

Se tinha de ir ao arraial ou a qualquer parte, nunca se esquecia de dizer:

— Amanhã vou a tal lugar, se Deus quiser, demoro tantas horas, se Deus quiser; vou à casa de *Fulano*, se Deus quiser, vendo as minhas quitandas, se Deus quiser; vou visitar a igreja, se Deus quiser, e estou de volta, de tarde, se Deus quiser.

E a mulher sempre dizia:

— Amém, Jesus!

E mesmo na hora da morte, quase sem poder falar, ainda êle disse para a companheira:

— *Me* dá a vela e o crucifixo, eu vou morrer, mulher, se Deus quiser...

Quem cai na dança, não se «*alembra*» de mais nada (1)

Assim se costuma dizer, e é bem certo. Ora, eu lhe conto: uma vez um capitão soube que muitas praças da sua companhia estavam num *cateretê* ferrado, longe do quartel, bebendo, dançando, brigando, pintando os sete demônios.

Chamou a ordenança e mandou buscar a soldadesca. Mas, o camarada em lá chegando, vendo que o pagode estava mesmo bom, com cada cabocla *xodó*, de trazer água na bôca, e com um violeiro que no botar versos e no *ponteá* não havia outro — esqueceu-se da ordem, e caiu também na dança.

O capitão cansado de esperar e vendo que nem as praças, nem o ordenança voltavam, chamou o cabo e mandou atrás do pessoal. Mas, o cabo foi, e aconteceu

(1) Colhido em Coronel Pacheco, Minas, de uma antiga praça da Polícia Mineira.

a mesma coisa: caiu na dança, e também não voltou. O capitão já estava ardendo de raiva. E vai daí, mandou o furriel. Mas o furriel fêz o mesmo: caiu na dança, e era um dia...

O capitão queimava. Estava mesmo para arrancar as barbas de bode. E mandou o sargento, com ordem de trazer todo aquêle povo na *chincha.*

Mas, o sargento não era de ferro... e vendo tanta mulata de *pegá pra saí,* entrou na roda: Eta! rapaziada boa!

O capitão, brabo que nem cobra na hora da queimada, *chispou* o alferes em busca da negrada.

Mas o alferes — que havia de fazer? Era dos tais que não podem ver defunto sem chorar, e caiu na pândega, com os galões e tudo. E espera pra lá, capitão do inferno!

E o capitão *apois* mandou que o tenente trouxesse tudo de cambulhada, e, já sabia, *trinta por sessenta,* na canalha.

E vai o tenente pegou da espada e foi bufando por ali fora, que parecia um raio.

Mas, então a coisa é que estava mesmo boa. Eta sapateado de remelexo! E o tenente deu a espada *pru* cabo e... *entra, Juca!* Aquilo ia correndo *trinta por um mês,* que era um regalo.

A corneta tocou, mas, nada! Ninguém apareceu na *revista* da companhia. Então é que o capitão quase *tira as calças e pisa nelas.* E resolveu êle mesmo ir buscar a rapaziada. Havia de pegá-la pra judas! E riscou nos *calcanhos,* como caititu na trilha com cachorrada atrás...

Mas chegando ao pagode... Eh! Maria Chica danada pra dançar! Quando ela avistou o capitão, fêz uma chamada com o lencinho bordado, estalou os dedinhos pra banda dêle e o *bicho* entrou na dança, como sapo n'água.

Fechou a roda. A companhia inteira dançava que era uma *gostosura.* E o violeiro então pegou a cantar:

Venha ver, ó minha gente,
Como é boa esta função.
Viola, dança e mulata
Prende *inté* seu capitão.

No outro dia o tenente perguntou ao oficial:

— Pronto, meu capitão: Quantas *cadeias* pra negrada?

— Deixa disso, tenente. Quem cai na dança, não se *alembra* de mais nada...

E pegaram a rir, e tudo acabou em santa paz.

A lógica do sertanejo (1)

Um mascate espanhol, chegando a uma fazenda, foi logo, todo amável, saudando o roceiro, *capiau* brabo do sertão: «*Amico mio*».

O roceiro desconfiado com o que poderia significar aquêle *mio*, pôs-se a pensar:

— Que quererá dizer *mio? mio?* Quem mia é gato, gato come rato, rato come queijo, queijo é feito de leite, leite sai das têtas da vaca, vaca tem chifres, logo êsse desgraçado das estranjas está me chamando de *chifrudo*. E arrancando da garrucha — *pum!* matou o espanhol.

Conselho de caboclo

(Trecho de uma conversa)

Ói, meu patrão, a gente *num* deve de levá os *negoço* de arranco, lá *cumo* quem diz a ferro e fogo. Quem *num* arranja *cum* bons *modo* de *de cum* fôrça é que *num* vai. Corda muito esticada rebenta. *Ancê* já viu *cumo* é é que se tempera viola? Pois *arrepare*. Caboclo pega

(1) Colhido em S. Rita da Glória, de um negociante dessa localidade da mata mineira.

pega da viola *cum* jeito, cumo quem corre a mão na crina de burro chocro. Puxa *pras cravera de devagá;* aperta elas *leve-leve;* passa os *dedo* nas *corda, exprimenta.* Bambeia o bordão; entesa as *tripa* do meio: *ipa!* não *vai rebentá! destroce,* torna a *exprimentá;* tempera a prima na afinação, *sorta* um repinicado e começa a *ponteá.* Por daí um pouco viola *tá chorano cumo* gente! Magina *ancê* se o *violero* de um arranco apertasse as *cravera* numa *vezada!* Não ficava uma corda só. Era um desastre dos *diabo.* A gente, meu patrão, *decede* os *negoço cumo* quem *tá temperano* viola...

Ensinando o caminho

Certo caboclo a quem, já sem orientação, em longa viagem, pedi me ensinasse o caminho, muito prestimoso acudiu-me logo:

— Vancê vai ino, vai ino inté garrá o espigão... vai subino, vai subino, e chega no arto em donde tem ũa cruz adonde mataro um homem, fio do cumpadre manjó Zé de Casto, vai pra dois ano — Deus li fale narma... mas porém, despois, vai desceno, vai desceno inté caí na varge de seu coroné. Hi pega na tria, pru meio do capim-gordura, e vai rompeno. Despois garra estrada larga; tem pra diante ũa porteira, abre, mas porém não deixa aberta pra mode não fugi o gado, que o dono brama. Vai seguino, quando chegá na estiva, tem um atolero, passa no meio, quebra a mão dereita e toma ũa picada, é ataio, um matinho à-toa... Despois quebra a mão esquerda e ganha estrada outra vez, e vai ino, vai ino, inté encontrá uma umbaúva sêca, í quebra o braço dereito, ganha outra estrada, e vai rompendo, tôda vida, encontra ũa vendinha, é do Neca Sôsa — bom home, ninguém ganha dêle no truque — pode descansá, se quisé, se não quisé, progunta o caminho, mas porém, se não quisé proguntá, vai tocano, quando chegá

na pedrêra, quebra o braço esquerdo, ganha a estrada de rasto de tropa — entravessa um carderão — cuidado que atola inté o pescoço — já morrero ali munto gado e munto burro — e gente tomém — passa no meio, patrão — é o mais seguro — anda mais obra de um tiro de espingarda — e tá no arraiá. Hoje é sabo, aminhã tem missa lá. Como é sua graça?

Disse-lhe o meu nome, dei-lhe uma *molhadura* e o caboclo foi seguindo, dizendo:

— Deus li companhe, patrão. Munto aguardecido. Meu nome é Mané Ambroso, pra servi vancê. Aminhã nós se encontra no arraiá. Inté Deus querê.

NARRATIVAS MARAVILHOSAS

Os três irmãos e a prima rica

Era uma vez uma moça rica e bela que foi hospedar-se em casa de um tio pobre, pai de três filhos já moços e ainda solteiros.

No fim de poucos dias a moça percebeu que era cortejada pelos primos, cada qual guardando para os demais o segrêdo dessa paixão.

Não levou muito tempo, marcou-se para o dia seguinte a partida da prima.

Cada um dos namorados resolveu confessar-lhe o seu amor, pedindo-a em casamento.

O primeiro a falar-lhe foi o que se chamava Manuel.

A rapariga ouviu-lhe o pedido, mas, não o amando e sendo muito espirituosa, propôs-lhe, dizendo:

— Fiz voto de só casar-me com o homem que me der as mais fortes provas de coragem. Serei tua espôsa se hoje à meia-noite penetrares na Matriz, vestido de prêto, e, fingindo de morto, lá ficares, com um lenço no rosto, espichado no caixão velho que está sôbre a essa. Antes terás o cuidado de acender tochas em tôrno do caixão, e não te podes retirar antes do romper do dia, hora em que lá me apresentarei.

Manuel não pôs dúvida em aceitar a proposta.

Chegou a vez de João. Feita a declaração, obteve a seguinte resposta:

— Fiz voto de só desposar aquêle que me der provas da maior coragem. Serei tua espôsa se esta noite, à uma hora da madrugada, penetrares, mascarado, na Matriz, vestido de prêto e, assentando-te junto do caixão que lá encontrarás, fizeres *quarto* ao defunto que nêle estará depositado. Ao raiar do dia irei ver se não abandonaste o pôsto.

João aceitou a proposta com alegria, como se a coisa fôsse de fácil execução.

Finalmente, à tardinha, o mais moço dos irmãos, chamado Pedro, foi ter com a prima, que lhe respondeu, como já fizera aos outros:

— Caso-me contigo se esta noite, às duas da madrugada, penetrares na Matriz, ao *amiudar* dos galos, vestido de diabo: uma vestimenta vermelha com muitas campainhas, dois fachos acesos nas mãos e uma máscara de demônio no rosto. Assim vestido entrarás pela porta principal e irás até ao altar-mor, de onde me trarás, como prova de tua coragem, um certo objeto que acharás sôbre a banqueta.

Pedro, contente e risonho, jurou cumprir tudo quanto lhe era ordenado.

A moça foi, depois disto, à casa do velho sacristão, e propôs-lhe, por uma boa *molhadura* e sob condição de segrêdo, deixar êle aberta, durante a noite a porta principal da igreja e bem assim colocar sôbre a essa o *caixão dos pobres*.

Assim se fêz.

Manuel, antes de meia-noite, vestido de prêto, partiu para a Matriz. Experimentou a porta principal a ver se podia arrombá-la e, encontrando-a descerrada, cantou vitória pela coincidência:

— E esta! nem de propósito!

Lá estava o caixão.

Aproximou-se devagar, olhou para um lado e o

outro. O relógio dava compassado as badaladas da meia-noite.

Embora sentisse arrepios de mêdo, Manuel acendeu as velas em roda da essa, subiu para o caixão e nêle se deitou, colocando o lenço no rosto.

Ali se deixou ficar, raspando um mêdo de todos os diabos.

À uma hora, ao cantar dos galos, ouviu rumor na porta. Sentiu que alguém, passo a passo, se aproximava. Percebeu que o visitante arrastava uma cadeira e se assentava junto do caixão, tremendo como varas verdes.

Um suor frio corria-lhe pelo rosto. Fazia mil esforços para não estremecer e não dar testemunho do pavor que sentia. Tôda a sua vontade era saltar do caixão e fugir, mas ia-se contendo como podia.

De seu lado, João também tremia «como luz de candeia que está para morrer» — o cabelo em pé, o coração aos pulos. O silêncio na igreja era profundo, só interrompido, de vez em quando, pelo canto das corujas, o vôo dos morcegos ou os estalos do madeiramento velho.

O rapaz lembrou-se de suas orações e começou *a cochichar* padre-nossos, ave-marias e o Credo em cruz, numa voz cavernosa que mais aumentava o terror do suposto defunto.

Ia a coisa assim, quando às tantas, ao amiudar dos galos, se ouviu o *tilim*, *tilim*, das campainhas. Na porta aberta da igreja apareceu a figura diabólica do outro que chegava. Diante da horrível aparição, João ergue-se da cadeira e Manuel do caixão, arrancando o lenço do rosto.

Ambos sem se reconhecerem puseram-se em desabrida fuga.

O *diabo*, que não era outro senão Pedro, assistira assombrado a tôda esta cena, e tanto mais tremia, mais soavam as campainhas.

Ao ver que os fugitivos passavam por êle em louca corrida, *deu tudo quanto tinha*... E lá foram os três correndo na mesma direção que era a da própria residência.

A prima os esperava à janela e, ao vê-los chegar ao mesmo tempo em tão grotesca atitude, não pôde conter-se e caiu na gargalhada, exclamando:

— Perderam a aposta! Não tive culpa de que não tivessem coragem!

Só então viram os irmãos o papel triste que haviam representado e conheceram que amavam todos, sem o saber, a bela prima, a quem pediram de joelhos não revelasse o caso que, se sabido fôsse, muito faria rir ao povo do arraial.

Fizeram as pazes e, no outro dia, a moça retirou-se para a sua fazenda.

O caso veio a ser sabido por bôca da mulher do sacristão que não era *baú de segredos* e que ficara muito satisfeita com a grossa *molhadura* recebida pelo marido.

Com o dinheiro fêz uma festa, tomou uma carraspana e contou tudo quanto se havia passado, e foi o alegrão do pagode (1).

Deus ajuda a quem trabalha (2)

Foi um dia um homem que por viver sempre triste, por causa da miséria em que caíra e do muito que havia sofrido neste mundo de Deus, passava horas e horas a cismar.

Por fim o que mais desejava era esquecer o passado, perder a memória, esquecer-se de tudo e de todos.

Vai então, certa vez, estando sòzinho e persistindo nesse constante desejo, apareceu-lhe um homem envolto em vestes resplandecentes, que logo lhe perguntou, como se já lhe conhecesse a causa de semelhante tristeza:

---

(1) Este conto me foi narrado por um fazendeiro da Mata de Minas, com quem viajei na Estrada de Ferro Leopoldina. Sei, entretanto, que corre também no «folclore» fluminense, pois uma senhora do Estado do Rio mo referiu. Procurei conservar na narrativa as frases feitas e a sintaxe do narrador, que não era, aliás, pessoa totalmente inculta.

(2) Colhido, há anos, em Sabará, Minas.

— Quer esquecer o passado? Se o deseja, siga-me.

O pobre homem ergueu-se imediatamente e, impulsionado por uma fôrça estranha, acompanhou o desconhecido.

Foram andando, andando, até chegarem a uma cidade misteriosa. Nas ruas não havia ninguém, mas viam-se palácios maravilhosos e, nas praças, belos jardins encantados, cujas flores eram de ouro, de prata, de bronze. Estava o local repleto de estátuas de homens e mulheres, jovens ou de avançada velhice. Nem uma só criança. Das figuras, umas ostentavam ricas vestes, outras estavam mal trajadas. Gente de tôda espécie e categoria social.

Via-se uma delas sentada em um trono e rodeada de muita fidalguia e criadagem. Devia ser um rei.

Mas ao visitante não foi dado ver nenhum ser vivo. Tão pouco existia ali qualquer casa de comércio.

A vida tinha deveras cessado naquela terra triste e cheia de impenetrável mistério.

O homem olhou para tudo aquilo, muito espantado, e o não menos estranho guia lhe perguntou:

— Lembra-lhe ainda alguma coisa do passado?

— Quase já não me lembro, respondeu. Vejo-o ir-se apagando e distanciando em meio de uma nuvem de fumaça.

— Muito bem. Agora esquecerá inteiramente tudo e para sempre, se disser três vêzes estas palavras: «desejo e quero esquecer!» Mas reflita bem, porque tôdas as estátuas que estamos vendo são de pessoas que tendo, por muito padecerem, procurado perder a memória do passado, nelas foram convertidas e ficaram em estado de completa inconsciência. Tôdas foram trazidas para êste lugar, onde ficaram em absoluto esquecimento, porque o desejaram.

O homem meditou, meditou, fitando o céu, onde lhe pareceu ver um anjo a voar. Então o seu espírito foi recobrando o poder de recordar e sentir conscientemente.

Viu surgir-lhe sua pobre casinha, a sua dedicada espôsa e os adorados filhos, lamentando sua ausência, enquanto se lhe avivava a lembrança de seus sofrimentos, do desânimo que o levara a abandonar o trabalho.

Entretanto, disse com energia:

— Não, prefiro regressar a minha casa, à vida, à pobreza, a permanecer neste cemitério, morto a fingir de vivo. Deus que me valha!

— Nesse caso, volte, e porque se arrependeu em tempo, quero dar-lhe remédio que o fará esquecer o passado e abrandar os males que o atormentam:

«Trabalhe! Trabalhe tanto quanto permitam suas fôrças, e verá!»

O homem, ainda guiado pelo desconhecido, voltou à casa, após longa viagem de penosas jornadas, cuja imensa distância na vinda não pudera avaliar, ao passo que ia perdendo a consciência das coisas e do tempo.

De regresso começou a trabalhar, quase sem descanso.

Nunca mais viu o desconhecido, porém nada do que se passara quis contar à família.

Todos os dias, ao amanhecer, ia para a lavoura com os filhos e, labutando sem cessar, bem pouco já se recordava dos antigos padecimentos e agruras que tanto o afligiram.

Esqueceu-os finalmente, criou a família na fartura e a alegria voltou àquele carinhoso lar, agora renovado pelas auras da felicidade.

Antes de morrer, porém, narrou êle aos filhos a sua história, dizendo-lhes ao concluir:

— Trabalhai, trabalhai sempre, meus filhos, cultivai o campo e não a dor. Trabalhando, o homem esquece todos os males e sofrimentos da vida, porque o trabalho é bênção de Deus Nosso Senhor. «Deus ajuda a quem trabalha». Por isso é que penso haver sido o homem misterioso que me guiou àquela estranha paragem, não

o demônio, mas um mensageiro celestial que me fêz ver uma terra e uma gente petrificada que nunca existiu, para trazer-me à consciência da realidade e da esperança na misericórdia divina.

Amante de repolhos

Havia numa certa cidade dois homens que eram compadres. E cada um dêles tinha um filho. Mas um dêsses homens, que se chamava Manuel, era bem pobre e o outro muito rico.

Êste que se chamava Antônio, era padrinho do filho daquele. E se tratavam por compadres. Mas, em família, quando um se referia ao outro, dizia: «O compadre rico», «ou o compadre pobre».

Vai um dia o filho do compadre rico, quando completou vinte anos, revelou ao pai o desejo de viajar, de correr mundo.

O *velho*, a princípio, não quis de maneira nenhuma atender o pedido do moço, mas por fim, à vista dos insistentes rogos do filho, que, desse no que desse, havia de realizar a viagem, consentiu.

Mas, na véspera da partida, deu o compadre rico um banquete de arromba, para que todos os amigos participassem das despedidas e pudessem dirigir ao jovem os seus votos de felicidade e de próximo e glorioso regresso.

O compadre pobre e seu filho, um rapaz muito modesto e de exemplares costumes, também compareceram.

No dia seguinte à hora da partida, os pais do moço que ia ausentar-se o abraçaram e o encheram de presentes, dando-lhe também muito dinheiro, bons animais para a viagem e muitos criados para o servirem.

Não havia quem não jurasse que o moço havia de regressar em breve coroado de louros e mais rico do que o próprio pai.

Daí a dias o filho do compadre pobre pôs-se diante dos pais e respeitosamente lhes disse:

— Somos pobres, e eu preciso tentar a sorte por êste mundo de meu Deus, para ver se, voltando, posso valer a meus queridos pais e a meus irmãozinhos em alguma coisa. Venho pedir-lhes licença para realizar essa aventura.

A mãe pôs-se a chorar, agarradinha ao seu primogênito. E o pai disse-lhe assim:

— João, você não devia abandonar seus velhos pais, tão idosos e pobres que são. Porém, se seu coração o aconselha a partir, que devo fazer? Não tenho para lhe dar senão a minha bênção e muitas preces que farei a Deus por sua felicidade.

Dias passados, depois de ouvir a santa missa em companhia dos pais, dos parentes e dos poucos e humildes amigos que possuía, e de despedir-se do padrinho, que não lhe deu nem uma cabeça de alfinête e até o tratou com desdém, lançou-se a caminho, encarapitado no *pangaré* com que o presenteara um velho tio, também pobre, mas prestimoso como ninguém, dizendo-lhe:

— João, sei que para a viagem você precisará de um animal, que não tem, nem meu irmão lhe poderá dar. Leva o meu *pangaré*, o único que possuo, mas não me faz falta, pois, velho como me vejo, já não poderei montar, nem terei que fazer outra viagem, senão para a eternidade.

Quando João, ao raiar do dia, pôs-se a caminho disse o compadre rico para o compadre pobre:

— Seu filho não tem juízo. Vai tentar o impossível. Por inveja quis imitar o meu filho, mas se arrependerá, compadre, você vai ver: voltará na miséria, andrajoso e, talvez, enfêrmo. Ao passo que meu filho, com os dotes de inteligência e a riqueza que possui, regressará coberto de glórias e de honras. Você verá.

O compadre pobre sorriu tristemente, e exclamou:

— Assim é o mundo, meu compadre. Mas, às vêzes,

o pobre também merece e ao que deseja os anjos dizem *amém.*

Pedro, o filho do compadre rico, certo dia, depois de viajar longas horas, ao sol — que era daqueles de matar passarinho — avistou uma grande árvore muito copada, e resolveu descansar à sombra da folhagem daquele lindo arvoredo, onde ficou a repousar em companhia da criadagem.

Vai então, viu, ao longe, um belo e vistoso castelo. E, como estivesse com muita sêde, despachou um dos criados a pedir que lhe mandassem dali um copo d'água.

O pedido foi atendido e não tardou que um lacaio do castelo lhe trouxesse em salva de cristal um copo, também de cristal, cheio de água muito fresquinha.

Pedro, em vez de saciar a sêde, perguntou ao criado:

— Quem atendeu o meu pedido?

— Minha ama, senhor.

— E como ela se chama? Quem é essa senhora?

— E' a duquesa *Fulana*, filha de rei, e que mora neste castelo, em perpétua solidão, por um voto que fêz.

— Pois diga a essa senhora que não aceito o seu obséquio, pois não estou habituado a beber em copo de vidro.

O criado regressou, mas, logo após, apareceu trazendo a água num copo de prata pôsto em salva também de prata.

Pedro, com arrogância, de novo recusou, dizendo em voz áspera:

— Também não quero. Diga-lhe que uso beber em copo de ouro, pois sou filho do homem mais rico e poderoso de tôda esta redondeza.

O criado afastou-se humildemente. Mas, não levou muito tempo, estava de volta com a água em copo de ouro, que trazia em salva de ouro, tudo ornamentado de pedras preciosas. E transmitiu ainda ao moço o convite que lhe fazia a duquesa para visitar o castelo.

O rapaz, todo orgulhoso e cheio de si, saciou a

sêde e partiu para o castelo, acompanhado de sua comitiva.

A duquesa recebeu-o com tôdas as honras, conversou com o hóspede amàvelmente, ofereceu-lhe grande banquete, tocou piano para êle distrair-se, insistiu para que pousasse no castelo, e reservou-lhe para êsse fim um aposento que era mesmo um paraíso.

Pedro estava encantado com aquêle tratamento, e como a duquesa era mesmo uma beleza sem rival, já estava inclinado a pedi-la em casamento.

De manhã a duquesa convidou o hóspede para passear no jardim e na horta do maravilhoso castelo.

Foram de braço dado e percorreram todo o jardim, onde havia as flores mais preciosas que se possa imaginar, e passaram depois à horta, onde se viam plantas, hortaliças, legumes de tôda a casta, inclusive uns repolhos de espantoso tamanho, o que causou a Pedro grande admiração.

Ao terminar o passeio a duquesa, sorrindo, perguntou ao hóspede o que mais o tinha impressionado e causado sua admiração, no castelo.

O rapaz não titubeou e respondeu com entusiasmo:

— Saiba V. Alteza que os belos repolhos! Nada mais admirável que êsses repolhos incomparáveis!

A duquesa sorriu. E quando horas depois se anunciou o almôço, todos os pratos da refeição eram de repôlho preparado de diversas maneiras. Voltando-se para Pedro disse-lhe com ironia:

— Lembrei-me de que o sr. é grande apreciador de repolhos, de modo que tôda essa repolhada representa uma homenagem que dedico ao meu ilustre hóspede.

Terminado o almôço, que decorreu sem alegria, a um sinal da duquesa os criados do castelo apoderaram-se do hóspede, e num cárcere o encerraram, em companhia de alguns suínos.

Todos os dias as únicas refeições destinadas ao prisioneiro não eram mais do que pratos e pratos de repôlho.

Pedro compreendeu, então, o triste destino de porco que lhe estava reservado e, esmurrando as grades do cárcere, soltava gritos de desespêro. Mas em vão, pois nem viva alma lhe aparecia, senão, em hora própria o portador das refeições que, sem dizer palavra, introduzia as marmitas pelas grades e desaparecia.

***

Entrementes, cansado da grande jornada que fazia ardendo de calor, chegou João à dita árvore, a cuja sombra resolveu repousar.

Já havia passado grande espaço de tempo, quando avistou o castelo, e, como estivesse com muita sêde, caminhou até lá.

Bateu à porta delicadamente e ao criado que o atendeu pediu um copo d'água.

O criado voltou, com uma tigela de água fresca, que João aceitou com alegria, agradecendo de coração aquêle favor que Deus havia de recompensar. E perguntou se lhe seria permitido agradecer pessoalmente ao dono de tão hospitaleiro castelo.

O criado não se demorou em vir dizer-lhe que S. Alteza, a senhora duquesa, de bom grado o receberia.

E assim aconteceu.

A duquesa concedeu a João as atenções que tinha tido com o vaidoso Pedro. Se não foram até maiores...

Por sua vez o moço se mostrava, embora com seu natural acanhamento, deslumbrado com tudo quanto via, com o amável tratamento que lhe estava sendo dispensado e mais ainda com a beleza sem igual da senhora duquesa que com êle tinha simpatizado de verdade.

Na manhã seguinte foi a convite e em companhia dela passear no jardim e na horta.

Tudo causou ao moço tal satisfação e espanto que nem se pode contar.

Ao regressarem ao castelo, perguntou-lhe a duquesa o que mais o havia impressionado de tudo quanto viu, e lhe causara admiração.

E João respondeu meio confuso, mas com sinceridade:

— Peço que me perdoe, mas saiba V. Alteza, que o que mais me impressiona e me causa admiração sincera são os lindos olhos da senhora duquesa.

— Enfim! suspirou a duquesa cheia de alegria e contentamento. Enfim! Estão realizados os meus sonhos e os votos de minha madrinha, a *Fada Azul* que me protege.

E correndo a abraçar-se com o moço, perguntou-lhe se queria ser seu espôso. Êle respondeu no mesmo instante que sim.

O casamento foi feito, com grande pompa e daí a dias os noivos resolveram ir visitar os pais de João, antes de irem para o reino do pai da duquesa.

Foi formado então um deslumbrante cortejo de cavalheiros e damas, todos montados em belos cavalos, indo ao centro a rica e linda carruagem em que se viam os noivos: o Sr. duque e a Sra. duquesa.

Mandaram antes aviso ao povo do lugar da próxima chegada do filho do compadre rico.

Mas quando o cortejo penetrou na cidade, em vez de parar à porta do compadre rico, fêz alto na da casinha do compadre pobre.

Os velhos pais de João reconheceram seu filho em trajes principescos. Correram para êle, que lhes apresentou a senhora duquesa, sua espôsa.

Foi um alegrão, que nem queiram saber! O velho ria à toa e a velha chorava de contente, sem poder dizer uma palavra que não fôsse — meu filho! meu filho!

Levado pela curiosidade o compadre rico varou entre o pessoal a ver se no carro viria o seu filho, mas, qual não foi o seu desapontamento quando viu Pedro montado no *pangaré*, que pertencera ao filho do compadre pobre!

Procedera o moço como porco, e como porco estava sendo tratado e humilhado diante de tôda a gente.

Foi castigado, como merecia, mas, por ordem de João, foi pôsto em liberdade.

E concluiu o narrador:

— E' como dizia, meu amigo, o meu defunto pai: a quem Deus promete, não falha. Quem é bom já nasce feito.

Boa lição, não foi?

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. E acabou-se a história (1).

A caveira vingativa

Assim começou o narrador, cujas histórias ouviamos habitualmente naqueles saudosos sertões roceiros, na fazenda, onde passávamos agradáveis temporadas:

— Foi um dia um homem que tudo via e apreciava em ar de mofa. Certa vez, quando foi de passeio a uma floresta, encontrou uma caveira pendurada de uma árvore, enquanto o resto do esqueleto jazia no chão.

«— Que fruta será esta? disse consigo o homem, motejando.

«Retirou de entre os galhos a pobre caveira e pôsse a examiná-la, notando-lhe os dentes à mostra, como se estivesse a rir zombeteiramente.

«O homem achou graça e desatou numa grande risada. Depois atirou a caveira ao chão, dizendo:

«— Quando quiser, ó amigo ou amiga, vá jantar comigo. E continuou a caminhar, rindo sempre. Aquêle riso tornou-se-lhe permanente, como castigo à profanação que acabara de praticar.

---

(1) Este conto, que nos foi narrado por uma senhora que residia no arraial da Grama, distrito de Juiz de Fora, ainda não vimos publicado em nenhuma coletânea de contos populares. Mas sabemos que corre também na tradição oral, no Estado do Rio.

«De momento a momento a caveira, que êle com desdém juntara às demais peças do esqueleto, como que lhe surgia diante dos olhos, com os dentes arreganhados. E ao voltar, pelo caminho fora, o mesmo ía acontecendo.

«O infeliz chegou à sua choupana sempre a rir, o que causou grande estranheza à família, tanto mais que todos o viam de quando em quando estremecer, como se tomado de repentino susto. Isto se dava nas ocasiões em que a caveira lhe aparecia misteriosamente, e à hora do jantar tomava lugar à mesa, sem que ninguém a visse a não ser o pobre motejador, para atender ao fúnebre convite.

«Dêste modo o infeliz vivia cortado de tristeza, sempre apavorado, mas sem revelar o que havia acontecido, para não dar a conhecer a má ação que praticara.

«Por fim resolveu contar tudo à mulher, quando esta mais uma vez lhe perguntou a razão por que ria constantemente e a cada passo lhe vinham aquelas inexplicáveis tremuras.

« Então a espôsa do desgraçado tomou o alvitre de fazer uma promessa aos santos de sua devoção. E quando, à noite, rezava com imenso fervor, um anjo lhe apareceu e disse-lhe que se ela fôsse à mata, onde se achava a caveira, e enterrasse esta, o marido ficaria livre do triste estado em que se encontrava.

«Ao amanhecer a mulher cheia de coragem saiu de casa à procura da caveira, penetrou na floresta, deu com o esqueleto e foi sepultá-lo em lugar sagrado. Colocou sôbre a cova uma cruz, que improvisou, e por alma do morto desconhecido fêz ardentes preces.

«Quando voltou para casa encontrou o marido já sem aquêle riso persistente e horrível, que o desfigurava, já agora com a fisionomia alegremente expansiva e livre daquelas tremuras que tanto o perseguiam e amofinavam.

«Desde que foi enterrada, a caveira jamais lhe apareceu, assombrando-o.

«A mulher então contou ao marido a promessa que fizera, a aparição do anjo, tudo enfim que havia feito a conselho do enviado do céu.

«O pobre homem abençoou a lembrança da espôsa, rezando e sacrificando-se para salvá-lo.

«Não era para menos — concluiu o narrador — enterrar os mortos é obra de misericórdia e respeitá-los é dever do bom cristão que quer viver na graça de Deus Nosso Senhor».

Ao terminar o conto o narrador benzeu-se lentamente, fazendo o Sinal da Cruz, velho costume que tinha ao terminar cada uma das histórias que contava:

— Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amém (1).

---

(1) Narrado por uma pessoa, residente em Maria da Fé, localidade do Sul de Minas, êste conto deve ser considerado uma das variantes populares do tema do «Convidado de Pedra», pertencente à lenda de D. Juan, que, procedente da Espanha, aparece em diferentes versões, disseminada por diversos países da Europa e da América, principalmente ao que diz respeito ao episódio do «Convidado de Pedra», conforme o demonstrou, entre outros exegetas, Menendez Pidal.

«O Esqueleto Convidado» — Antiga versão popular no Brasil:

Uma vez num cemitério
Um bandido penetrou,
Era noite, meia-noite,
E de nada se assustou.

Tinha bebido demais,
E no cemitério entrou...
Logo um fantasma de frente,
Da cova se levantou.

«Que vem, pois, fazer aqui?»
A sombra lhe perguntou.
«Convidar-te pra cear...»
O atrevido lhe falou.

«Amanhã, em minha casa,
A tua espera eu estou...»
E sem tremer o bandido
Dêsse lugar se afastou.

No outro dia, na verdade,
Seus amigos convidou
Para a ceia à meia-noite,
E nada mais lhes contou.

Hora marcada, na mesa
Cada qual lugar tomou,
Mas uma cadeira havia
Que vazia ali ficou.

O bandido à cabeceira,
A ceia principiou.
Mas, eis que, à porta, soando
Um batido se escutou.

E logo chegando um vulto
Da mesa se aproximou,
E na cadeira vazia
Seu lugar depois tomou.

Ninguém o reconhecia,
Mas cada qual se espantou,
E o bandido estremecendo
Sôbre o soalho rolou.

O convidado ergue o copo
E um brinde levantou:
«Viva quem não tinha mêdo,
Mas de mêdo desmaiou».

Já correra tôda gente,
Do bandido se acercou,
Viram que êle estava morto,
Que não mais se levantou.

O conviva a passos lentos,
Vagaroso se afastou...
Quem ao morto profanara
Com a própria vida pagou.

O grãozinho de milho (1)

Em certo país existia uma rainha que tinha ardente desejo de possuir um filho, ainda mesmo que fôsse um grãozinho de milho.

O seu sonho veio a realizar-se graças à influência de uma fada, a quem recorreu.

E assim nasceu o príncipe «Grãozinho de Milho». Mas o caso ficou em segrêdo.

O tempo foi passando.

Próximo àquele lugar havia uma fazendeira que possuía uma filha, doidinha por encontrar casamento.

O tempo passava, mas nada de aparecer pretendente, e ela ia ficando para *tia*.

Quando a solteirona estava com muitas primaveras nos costados, começou a lamentar-se, já sem esperanças de achar noivo. Então disse, com os olhos no céu:

— Ai, meu Santo Antônio, dai-me marido ainda que seja um «grãozinho de milho».

No mesmo instante apareceu diante dela, como que por encanto, uma figurinha que era mesmo um grãozinho de milho, aos pulinhos, caminhando para o lado da solteirona e dizendo-lhe numa voz que quase não se escutava:

— Chamou-me? Aqui me tem! Venho para casar com você.

A solteirona pôs-se a chorar, mas não teve outro remédio, senão aceitar o grãozinho de milho que nunca mais a deixou. Acompanhava-a por tôda a parte. E à noite acomodava-se a seu lado, na cama.

Quando a solteirona queria agarrá-lo, êle saltava como um fuso, fugindo, mas voltava logo.

Passaram-se muitos meses até que um dia a velha mãe, que sem saber tinha *encanto* de fada, mas a

---

(1) Colhido em S. José del-Rei — V. *Notas finais*.

quem a filha nada contara sôbre o seu caso, vendo o grãozinho de milho, apanhou-o e colocou-o dentro de um saco que estava cheio de milho destinado a plantação.

Assim, a solteirona viu-se livre do estranho companheiro, de quem, fôsse como fôsse, veio a sentir saudades.

Chegado o tempo próprio, fêz-se a plantação, para formar-se o milharal, que logo começou a brotar e depois a enfolhar-se e a embonecar-se que era uma beleza.

Quando foi ocasião, fêz-se a colheita do milho, cujas espigas foram à debulha.

A solteirona foi ajudar nesse trabalho, como fazia todos os anos. E vai senão quando, debulhando uma das espigas, encontrou um grão do «milho-rei», muito vermelhinho, que logo saltou para o colo dela.

A moça colheu-o nas mãos, e, achando-o tão lindo, suspirou:

— Ah! se fôsse o maridinho que Santo Antônio me deu!...

Então, no mesmo instante, o grãozinho de milho transformou-se num belo moço, vestido de príncipe, e exclamou:

« — Pois, sou eu mesmo, que venho cumprir o meu destino, casando-me com você. Eu sou um príncipe, encantado num grãozinho de milho, há muitos anos, por uma fada, a mesma que encantou sua mãe, a quem deu a sorte de ter uma filha que havia de se casar comigo.

A fada, ao encantar-me no baguinho de milho, logo após haver eu nascido, disse:

— Só voltarás ao estado primitivo de criatura humana, quando uma mulher virgem te tocar com as mãos, o que procurarás sempre evitar, pois se isto acontecer terás de casar com ela.

Santo Antônio fêz que isto acontecesse, e quebrou-se o encanto.

Voltei a ser o mesmo príncipe de outrora e irei, já

casado com você, para o palácio de meus pais em *tal* país».

Ih! foi uma grande alegria, e assim se realizou o casamento, que foi uma coisa nunca vista!

O príncipe com a espôsa e a velha mãe partiram para o palácio.

Em negócio de casamento, meu patrão, assim como em tudo mais, Santo Antônio nunca falha, com a graça de Deus, que não falta a quem promete.

O moço que deixou de jogar (1)

Havia um moço muito viciado no jôgo. Passava as noites fora de casa, não se importava com os negócios, ia cada vez em pior.

A mulher pedia-lhe sempre por boas maneiras que deixasse aquêle vício, que mudasse de vida.

Qual o quê! Não havia meio de conseguir nada.

Tôdas as tardes o moço montava na sua egüinha e ia jogar no arraial. Estava mesmo perdido por uma vez.

Uma tarde a mulher lhe pediu ainda que não fôsse para o jôgo, que ficasse em casa com ela e os filhos e largasse de jogar. E chorava a coitadinha que metia dó.

Mas o moço respondeu que não havia de largar de jogar nem pelo diabo.

— Pois vai, Manuel — era êste o seu nome — mas quando voltares me acharás morta.

— Pois morra com o diabo.

E foi mesmo.

À meia-noite em ponto, quando mais estava o moço perdendo, aparece um desconhecido à mesa de jôgo. Aproximou-se do moço e disse-lhe que a mulher tinha morrido.

— Pois que morra com o diabo.

---

(1) Colhido em Alto do Rio Doce.

Quis ainda ficar, mas os parceiros acabaram com o jôgo e teimaram com êle que fôsse para casa.

Êle saiu, montou na egüinha e quando tocou viagem viu que o desconhecido ia montado na garupa. A égua partiu *na* disparada, corcoveando que fazia mêdo, rompendo cêrcas, saltando valos e o desconhecido sempre agarrado com o cavaleiro que tremia de pavor e já estava todo machucado, com o braço quebrado e o rosto escorrendo sangue.

Assim foram parar num lugar muito distante, num palácio donde saía fogo de todos os lados. Era o perfeito inferno.

O desconhecido, que era o diabo, atirou o moço fora da montaria. E foi mostrar-lhe o quarto dos jogadores.

Era um *cômodo* todo de fogo, de matar a gente de calor. E por todos os cantos havia mesas de jôgo e almas jogando, discutindo e soltando gemidos.

O moço recuou horrorizado e pediu ao companheiro que o levasse dali pra fora.

O desconhecido levou-o, mas a outro lugar onde estavam as almas que as pessoas no mundo mandavam para o diabo.

Era o mesmo fogo, o mesmo calor que o moço *indas* que de longe não podia suportar.

No meio daquelas almas reconheceu a mulher, que gemia de cortar o coração. O desconhecido perguntou ao moço:

— Conhece aquela alma?

Êle respondeu cheio de pavor:

— Sim, se conheço! é a pobre de minha mulher, a quem eu hoje disse que morresse com o diabo.

— Por isso está aqui. Quer levá-la?

— Se isso fôsse possível...

— Depende de sua vontade. Largue de jogar.

— Se largo! pois não vi já o destino dos jogadores?...

— Promete-me, pois então está feito. Quando chegar a casa encontrará sua mulher viva. Mas nunca mais torne a dizer que nem pelo diabo deixa de jogar.

Levou-o para fora, montaram a cavalo e partiram.

Quando chegaram a uma encruzilhada deram duas horas e o desconhecido desapareceu num estouro.

O moço meio fora de si reconheceu que estava no caminho de casa. Tocou a galope e quando chegou vinha o dia clareando. Bateu na porta, já com outros modos. Veio abri-la a mulher, a quem êle perguntou se tinha morrido.

Ela respondeu que tinha sonhado que morrera e fôra parar no inferno onde também o vira.

O sonho concordou com o que havia passado e o moço fêz-se um bom marido, muito trabalhador e deixou de jogar por uma vez.

A moça e a vela (1)

— Minha filha — dizia sempre a mãe de uma moça que tinha por costume ficar à janela até as tantas da noite — quem se deixa à janela até alta hora vê coisas que não deve ver. Isto é exemplo dos antigos que sabiam mais do que nós.

— Qual o quê! — dizia a moça, nunca vi nada de espantar. Não tenho sono, não hei de dormir com as galinhas.

A mãe repetia-lhe sempre o conselho, mas a moça, com quem ia às vêzes falar o namorado, continuou com o seu costume.

Vai por uma vez estava a teimosa à janela, quando ao soar a última badalada da meia-noite, viu aproximar-se-lhe uma figura, envôlta num hábito branco, caminhando com passo apressado e trazendo, numa das

(1) Colhido em S. João del-Rei.

mãos, uma vela acesa. A moça estava tão distraída, a pensar nos seus amôres e naquele que esperava, que nem pavor sentiu. Foi como se não tivesse visto nada.

O desconhecido saudou-a e, apagando a vela, pediu-lhe que lha guardasse até a sua volta.

Maquinalmente a rapariga foi colocar a vela sôbre o leito, e, quando voltou, já não encontrou mais o desconhecido.

Nem se lembrou dos conselhos da mãe nem a aparição lhe causou o menor abalo. Continuou na janela, tôda preocupada com os seus pensamentos de amôres.

Às duas da madrugada, que é quando as almas penadas se recolhem, ela ainda estava apreciando a noite. O desconhecido chegou-se ràpidamente e pediu-lhe a vela.

A moça foi buscá-la ao leito, mas soltou um grito de horror. Em vez de vela, se lhe apresentou um esqueleto, estendido na cama. A *caveira* ergueu-se e foi, diante de seus olhos, saindo pela janela, como se fôsse uma pluma.

Desde êsse dia a moça ficou pateta, rindo e chorando à toa, e foi exemplo a tôdas as filhas desobedientes, no lugar onde êsse caso se deu.

A demanda dos ovos cozidos (1)

Foi um dia um homem muito pobre que era casado e tinha muitos filhos. Devia os cabelos da cabeça e não tinha meios para sustentar a família nem para pagar as dívidas.

Resolveu então retirar-se por espaço de um ano para lugar desconhecido, fingindo, de combinação com a mulher, haver abandonado a família. Assim fêz, e foi ter a uma terra distante. Morto de fome parou à porta

(1) Colhido no distrito da Chácara, Juiz de Fora.

da estalagem de uma velha, a quem pediu de comer, prometendo pagar a despesa na volta.

A velha teve pena dêle, e por ser fora de horas só pôde arranjar-lhe uns ovos cozidos que êle comeu regalado.

Depois de muito agradecer o favor, tocou viagem e foi dar em outra terra onde se empregou em casa de um patrão rico que, sempre contente com os seus serviços, de mês em mês lhe aumentava o ordenado.

Ao depois quando estava para cumprir o prazo de um ano e tinha já muito dinheiro junto pediu contas. O patrão estranhou aquela resolução; disse-lhe que não fôsse; que estava muito satisfeito com êle; que se era por questão de dinheiro estava pronto a aumentar-lhe o salário, contanto que ficasse.

Êle deu as suas razões e teimou em partir, agradecendo o bom trato recebido.

Foi gratificado, despediu-se e, montado num cavalo de primeira escolha, rompeu estrada, de volta para casa.

Foi dar na estalagem em que a velha lhe fiara os ovos cozidos e perguntou, como bom pagador, quanto devia. A velha, percebendo que êle trazia grosso dinheiro, disse-lhe que vinte mil réis; e acrescentou que não era muito, pois não há dívida sem juros...

O homem refugou a conta que lhe pareceu de grão-capitão e entendeu que afinal a velha o que queria era fazê-lo de tolo.

A estalajadeira questionava que os ovos eram seis, que dos seis podiam nascer seis pintos; dêstes, seis galinhas e assim por diante até chegar a seis fazendas.

E puseram-se a discutir — puxa de lá, puxa de cá...

Nisto passava um viajante que, ouvindo a dúvida, se ofereceu para advogado do devedor que, não conhecendo ninguém por ali, aceitou a defesa muito agradecido.

Correu a demanda. O advogado prometera que à hora da audiência lá estaria sem falta.

No dia aprazado estavam todos na casa do juiz de

paz e o advogado nada de chegar. O devedor desanimado olhava para a direita e para a esquerda... nem sombra! Em pouco, tocou a campainha. Ia abrir-se a audiência, quando o advogado entrou esbaforido pela sala a dentro.

O juiz perguntou-lhe que diabo de demora era aquela...

— Saberá V. S.ª que estive plantando um alqueire de milho cozido...

— De milho cozido! gritou o juiz. O senhor está zombando de mim. Então como pode ser isto? Pois o sr. já viu milho cozido nascer?

— Assim como esta velha quer que de ovos cozidos nasçam pintos, assim também eu planto milho cozido a ver se nascem espigas. E se não é assim a justiça de V. S.ª que decida.

O juiz compreendeu a comparação e o tino do advogado e deu sentença contra a velha que saiu furiosa e se lamentando da esperteza do *leigo-leigo* que era o diabo em pessoa.

O homem continuou a viagem, chegou à sua terra, pagou as dívidas e viveu muito feliz com a família (1).

O espelho, as botas e a vela (2)

Era um dia três irmãos que amavam a mesma moça.

Ao princípio eram muito amigos, mas depois a paixão foi tanta que se desavieram. E a moça não se decidia por nenhum.

O pai dos rapazes, já velho e mal satisfeito com

---

(1) Este conto não é senão uma variante do que foi coligido por Adolfo Coelho e vem nos *Contos Populares Portuguêses* (1879).

Tem também uns longes da fábula de La Fontaine *La Laitière et le Pot au lait*. Cf. a *Mofina Mendes*, de Gil Vicente e a *Hitopadexa*, onde o mesmo apólogo aparece com o título de *O brâmane e a escudela de farinha* (versão portuguêsa de Mons. Sebastião Dalgado).

(2) Colhido em Rio Pardo.

a desunião dos filhos, mandou-lhes que saíssem a correr mundo, a ver se assim esqueciam aquela paixão. Mas, que não os queria separados.

Obedeceram. Isto era ainda no tempo em que os filhos tinham mêdo de perder a bênção dos pais.

Muito longe, muito longe ouviram latidos de cães e gritos de caçadores. Logo depois chegou junto dêles, pondo a *alma* pela bôca de tanto correr, um leão que lhes caiu aos pés prostrado, a queixar-se da maldade dos homens e de um espinho que lhe havia entrado numa das patas, quando fugia.

Os moços socorreram a pobre fera. Um foi buscar água; outro sacou da patrona um alfinête e o mais moço dêles, com todo o cuidado, mais que depressa tirou o espinho. O leão urrou, mas o espinho saiu. O animal reconhecido por tamanho benefício levou-os para a sua toca, deu-lhes um bom tratamento e no dia seguinte, ao despedirem-se, lhes fêz presente de três coisas, uma a cada um: um espelho, no qual se podia ver tudo que se passava ao longe, por maior que fôsse a distância; um par de botas que era calçá-lo e já estar onde se queria e uma vela que, colocando-se na mão de uma pessoa morta, fazia-a ressuscitar.

Êles foram, e, passados dias, o que tinha o espelho quis ver se nêle via a moça que amava e enxergou-a morta e deitada num caixão, pronta a ser levada para o cemitério.

Referiu a visão aos irmãos e os três meteram-se nas botas, sendo que os mais novos ocuparam um dos canos e o mais velho o outro. E partiram para a terra num átimo.

Lá estava, de fato, a moça morta, cercada de tôda a família que chorava de fazer pena.

O que tinha a vela colocou-a na mão da defunta que logo ressuscitou, como se Deus mandasse.

Foi então que, por ordem do pai, ela teve que decidir com qual dos três havia de casar, mas não pôde, porque a todos devia a sua salvação.

O do espelho foi quem a viu morta; o das botas transportou-os *num credo* onde ela estava e o da vela ressuscitou-a. Como escolher? Os irmãos também começaram a demandar, puxando cada um pelo seu direito. A questão correu muitos anos, e não ficou resolvida. Até hoje se pergunta qual dos três devia ser o preferido: o do espelho, o das botas ou o da vela? Responda quem fôr capaz (1).

A cruz que venceu ao diabo (2)

Havia um homem que vivia na miséria e muitas promessas fêz aos santos de fama de mais milagrosos, sem que nada conseguisse.

Certa noite, já desesperado, disse à mulher:

— Hei de lograr fortuna ainda que seja por conta do diabo.

A mulher quis lhe tirar tal coisa da cabeça, pôs-se a chorar, mas êle, nada. E saiu de casa.

Foi andando, foi andando, até que ao dar meia-noite em ponto, hora em que tôdas as coisas param — êle também parou, justamente numa encruzilhada, muito triste e pensativo.

Vai senão quando aparece-lhe a figura de um imponente cavaleiro, todo vestido de ouro e prata, montado no mais bonito cavalo prêto que imaginar se pode, de arreios dourados e peitoral prateado. E vai então o cavaleiro lhe perguntou:

— Amigo, em que pensas e por que te vejo assim tão triste?

— Porque trabalho como um mouro e ganho tão

---

(1) Feita a pergunta, se alguém responde, o narrador sai-se com uma réplica rimada que não convém aqui repetida.

Sílvio Romero coligiu uma variante, bem diversa, aliás, do presente conto. Neste também se notam reminiscências da história do *leão e o médico*, contada em *Nova Floresta*, por Manuel Bernardes.

(2) Colhido em Engenho Novo, Mar de Espanha, Minas.

pouco que nunca saio da miséria. Daria a alma ao diabo se me quisesse ajudar.

— Ajudar-te-ei, amigo, pois a tua aflição me faz compadecido de ti. Toma esta bôlsa, cheia de ouro, e daqui a seis anos, a esta mesma hora e neste mesmo dia, irei buscar-te a tua casa.

O homem aceitou a bôlsa, quis de agradecido beijar a mão do cavaleiro, que não consentiu em tal coisa, e disse-lhe:

— Que importa que tenha de ir contigo, se durante seis anos deixarei de lutar com a miséria?

— Mas, vês que me vendeste a alma...

O outro estremeceu, pois tinha compreendido que quem ali estava era o próprio demônio. Mas, disse resoluto:

— Pois seja!

O cavaleiro desapareceu a galope. E o pobre homem receoso, mas alegre com a fortuna adquirida, voltou para casa, dizendo à mulher que havia encontrado a bôlsa na estrada.

Daí por diante começou a viver vida de *lorde*, com espanto de todos os vizinhos.

A mulher, sempre desconfiada, tomou devoção com as santas almas, e tudo ia indo bem, até que, na véspera do dia assinalado, o homem atinou que o tempo era chegado de partir com o demônio. Entristeceu de meter pena, começou a chorar e a lamentar-se, mas não havia remédio.

Enfim, chegada a meia-noite, ouviu bater à porta e a tremer foi abri-la — que podia fazer o infeliz? e o demônio apareceu-lhe na mesma figura de cavaleiro:

— Vamos! Soou a hora!

O homem pôs-se de joelhos, a pedir-lhe que lhe perdoasse, que lhe desse um prazo maior, prometendo restituir-lhe tôda a fortuna. Mas o demônio não se deixou convencer.

— Trato é trato. Vendeste-me a alma, tens que ir comigo.

O homem então propôs-lhe uma troca: se êle, em vez da sua, queria levar-lhe a alma da mulher. E vai o diabo então aceitou — porque o demônio gosta mais das mulheres do que dos homens, por serem elas mais religiosas e, portanto, mais valiosa a sua conquista.

O homem foi para dentro e ordenou à mulher que acompanhasse aquêle cavaleiro, que lhe havia de dar alguma coisa para trazer-lhe. O diabo seguiu à frente puxando o cavalo, e a mulher, embrulhada num *xaile*, lá seguia atrás, sem compreender aquêle mistério. Até que enfim chegaram em frente de uma igreja, e a mulher foi dilatando os passos, a rezar em voz baixa, com os braços abertos. Já o diabo ia a alguma distancia, quando olhou para trás e não viu a mulher. Mas deu com os olhos numa cruz de pedra, que até ali não havia, no meio da estrada, e que se movia e estava tôda iluminada.

Ao ver aquilo o demônio deu um estouro e desapareceu.

E' que, por milagre das santas almas, a devota se tinha transformado numa cruz e as suas lágrimas em luzes, voltando depois a ser o que era, e podendo tranqüila tornar para a casa, onde tudo contou ao marido, que para sempre ficou livre e nunca mais quis negócios com o demônio, e foi sempre muito religioso.

A lavadeira assombrada (1)

Era uma vez uma lavadeira muito madrugadora.

Uma noite ela dormia quando acordou sobressaltada e viu no quarto uma grande claridade. Não atinou que era o luar e levantou-se mais que depressa, pensando que o dia já tinha amanhecido. Vestiu-se, pôs à cabeça a bacia cheia de roupa e foi lavar no rio. Ao passar pela igreja, viu que entrava muita gente. Era a hora da

(1) Colhido em Lima Duarte, Minas.

missa d'alva. E como de costume arriou a bacia à porta da igreja e entrou para fazer as suas orações.

A igreja estava cheia de devotos. Mas a lavadeira começou a sentir um frio, que a fazia tremer sem saber por quê. O padre veio para o altar com o sacristão e principiou a missa. Todos os ouvintes, vestidos de capas brancas, estavam muito atentos. Quando acabou o ofício, a lavadeira benzeu-se e saiu. Mas, quando foi para pôr a bacia na cabeça, viu que o pêso era por demais e não podia erguê-la. Os devotos estavam saindo, uns atrás dos outros. E ela pediu a um dêles que a ajudasse a levantar a bacia. Mas êle respondeu-lhe com uma voz soturna, muito fora de comum:

— Não posso, que morri de tísica.

Pediu a outro, que lhe respondeu:

— Não posso, que morri de *enterícia*...

E ainda a outro:

— Não posso, que não tenho mais sangue.

Então os cabelos da pobre mulher arrepiaram-se-lhe de mêdo. O relógio deu duas pancadas, e ela pôde compreender que havia assistido a uma missa de mortos e que o luar a tinha enganado.

Saiu a correr assombrada, e não levou muito tempo deu a alma a Deus.

Três Deus fêz (1)

Era um dia três rapazes que resolveram sair pelo mundo para ganharem a vida.

Foram andando, andando, até que chegaram a certo ponto em que havia uma estrada à direita e outra à esquerda.

Vai então o mais velho disse: vamos nos separar, porque lá diz o ditado que *três diabo fêz*.

---

(1) Colhido em Palmira, Minas, de um aluno do grupo escolar dessa localidade.

— E' verdade, disse o do meio. Isto é bem certo; tomemos, cada qual diverso caminho.

— Não, disse o mais novo. Podemos nos separar, mas o que é verdade é que *três Deus fêz.*

Que não, teimaram os outros. E separaram-se. O mais velho tomou pela direita, o do meio, pela esquerda e o mais moço seguiu a estrada larga.

O da direita, ao atravessar um bosque, deu pela frente com um salteador que, tomando-lhe o caminho, lhe disse:

— A bôlsa ou a vida! E apontou-lhe uma arma ao peito.

Quando o pobre moço ia entregar ao ladrão tudo o que trazia, apareceu-lhe um frade, com um crucifixo ao peito. Ao vê-lo o ladrão se pôs em fuga, e então o frade perguntou ao viajante: *três diabo fêz* ou *três Deus fêz ?*

Êle caiu em si, e respondeu: *três Deus fêz.*

O que havia tomado pela esquerda foi dar num castelo desabitado, onde resolveu pousar.

Pela noite a dentro, quando já estava querendo conciliar o sono, penetrou no castelo um desconhecido, empunhando uma arma de fogo, e perguntou-lhe com que direito êle havia ousado apropriar-se da casa alheia.

Por mais que tentasse explicar, o outro não quis convencer-se e mandou-lhe que rezasse uma ave-maria, pois ia morrer.

O infeliz pôs-se a rezar e quando já se havia encomendado a Deus e sentiu que o desconhecido ia desfechar-lhe um tiro, viu surgir um vulto luminoso e desviar o braço do assassino, que logo desapareceu, como que por encanto.

E então a aparição lhe perguntou:

— *Três diabo fêz,* ou *três Deus fêz ?*

Êle caiu em si e respondeu: *Três Deus fêz.*

Pela manhã a êsse mesmo castelo chegava o irmão

mais velho que lhe contou o que lhe havia acontecido, no caminho, ouvindo também a narração do outro.

Nesse ínterim, veio ali ter também o mais moço, pois os três caminhos iam dar ao mesmo ponto.

Perguntaram-lhe como tinha ido de viagem e êle lhes contou que, logo ao deixá-los, se encontrara com dois rapazinhos, filhos de um fazendeiro, que com êle viajaram todo o dia na maior harmonia; levaram-no depois para a fazenda onde pernoitara e que, pela madrugada, quando partira, lhe deram uma boa *matulutagem*.

E, quando os irmãos lhe contaram o que com êles se havia passado, riu-se muito e perguntou-lhes:

— Então *três diabo fêz*, ou *três Deus fêz?*

— *Trêz Deus fêz!* — responderam ambos.

— Eu não lhes dizia?

E daí continuaram a viajar os três irmãos, que nunca mais se separaram, até que voltaram ricos para a terra e viveram sempre muito felizes, com a graça de Deus e das três pessoas da Santíssima Trindade, o Padre, o Filho e o Divino Espírito Santo. Amém.

O sapo encantado (1)

Uma feita um lavrador passava por uma estrada quando ouviu uns gemidos de fazerem pena.

E viu um sapo gemendo debaixo de uma grande pedra. O lavrador livrou-o e o sapo agradeceu-lhe muito o ter-lhe salvado a vida.

Passou-se muito tempo. Uma noite o dito lavrador viajava por uma estrada deserta, quando sentiu que um sapo o estava acompanhando a roncar: *Um, que bum! um, que bum! Não vá por aí! não vá por aí!*

O lavrador meio cismado, e muito admirado de ver um bicho falar, enxotava-o.

(1) Colhido em Palma, Minas.

Mas, qual! o sapo lá ia seguindo os seus passos, avisando sempre:

— *Não vá por aí! não vá por aí!*

Já muito longe, na volta de um capão de mato, saltou à frente do lavrador um bandido, que lhe pôs armas ao peito, intimando: *A bôlsa ou a vida!* Eis que então, aparece, de repente, um guerreiro vestido numa couraça e de lança em punho, que, investindo para o salteador, o fêz fugir à tôda.

O pobre lavrador ajoelhou-se aos pés do guerreiro, agradecendo-lhe o socorro que lhe havia dado. Mas o guerreiro lhe disse:

— Nada tens que agradecer-me. Eu sou aquêle sapo, a quem salvaste a vida, tirando-o debaixo da pedra que o esmagava. Era eu um príncipe guerreiro a quem um mau gênio transformara em sapo, colocando-me debaixo daquela pedra, para que alguém me salvasse e eu depois salvasse o meu salvador.

«Estou agora desencantado. E eu é que te devo agradecer».

Dito isto, levou o lavrador para o seu palácio, num reino muito rico, e deu-lhe um alto pôsto.

O bem paga-se com o bem e não com o mal, como se costuma dizer.

A moça feia e bonita (1)

Era uma vez uma moça que tinha o *encanto* de ser, de dia, feia e, de noite, bonita.

Tinha nascido muito feia, e por isso, crescendo, se lamentava sempre dessa desventura.

Apareceu-lhe uma fada e deu-lhe um anel encantado, que a faria a mais bonita dêste mundo quando o pusesse no dedo. Mas só podia pô-lo depois que anoi-

(1) Colhido em Rio Pardo, Minas.

tecesse, e havia de tirá-lo quando o galo cantasse a segunda vez, sob pena de o anel perder o *dom*. Também não devia ela perder essa prenda. E aí está como a tal moça era feia de dia e bonita de noite.

Por isso, só à noite a moça se mostrava às pessoas estranhas. E na janela, ou nas festas, na igreja e bailes os rapazes que a viam e as outras moças ficavam encantados da sua formosura. E quando de dia, por acaso, a enxergavam ficavam horrorizados. Não sabiam do mistério e pensavam que se tratava de duas irmãs: uma feia, a outra bonita.

Por mais que quisessem namorar ou casar com ela, a moça não lhes dava palha. Os rapazes chegavam mesmo a brigar por sua causa. Mas todos ficavam muito admirados de ela não ficar nos bailes, depois das duas da madrugada. Isso é que ninguém sabia por quê.

Em certa reunião, ela dançou muito com um fidalgo. E o fidalgo ficou louco por ela. E ela também por êle.

Mas, dez minutos antes das duas, antes que o galo cantasse outra vez, a moça deixou o baile e partiu a correr, e o fidalgo seguiu-a.

Ela não se deixou alcançar e pôde chegar em casa. Mas, ao entrar, no tirar o anel do dedo, deixou-o cair. E tendo ficado logo feia, saltou para dentro sem apanhar o anel. O fidalgo apanhou-o e colocou-o no dedo *mindinho*, para, no dia seguinte, restituí-lo à dona, e assim poder vê-la outra vez.

Assim fêz. Ao chegar em casa da moça, encontrou-a em companhia da mãe. Mas estava tão feia que a não reconheceu. E então perguntou à velha quantas filhas tinha, e ela respondeu que só aquela. O fidalgo ficou muito espantado do que ouvia e contrariado por ver que lhe queriam esconder a bonita.

Mas a moça, vendo o seu anel no dedo do fidalgo, avançou para êle, ajoelhou-se e pediu que lhe desse aquêle anel, por tudo que tinha de mais caro no mundo.

E o fidalgo então deu-lhe o anel que ela, distraída,

com a alegria que estava sentindo, meteu logo no dedo, e ficou mais bonita do que nunca, pois o encanto dêsse anel, o que a fada não dissera, estava também em que desde o dia que êle amanhecesse no dedo de um homem, ao voltar para dedo de mulher, a dona ficaria bonita para sempre.

O fidalgo reconheceu a amada, e, maravilhado com a sua beleza, casou-se com ela e levou-a para o seu palácio. E a moça nunca mais ficou feia, nem de dia, nem de noite.

O velho que virou rapaz (1)

Havia uma moça que estava doidinha por casar. Mas apesar de bonita e muito prendada — casamento é sorte — nenhum moço se agradava dela.

Então ela começou a chorar e pediu um dia a uma boa fada que lhe desse um marido ainda que fôsse muito velho.

Não levou muito tempo apareceu-lhe um velhinho e casou-se com ela.

Mas a moça, vendo que tinha errado, que não podia ir às festas com aquêle velho, que era para ser seu avô, que as outras moças faziam caçoada dela, e que o tratar do marido lhe dava muito trabalho, arrependeu-se do passo que tinha dado e pôs-se a se lamentar de novo e pediu desta vez a um feiticeiro levasse para o inferno aquêle velho e lhe desse para marido um rapaz.

E o feiticeiro disse-lhe que sim e foi com ela a casa. Pegou do velhinho meteu-o no forno que estava aceso para o pão da semana. E depois tirou do forno o velho, mas, em vez dêste, saíra um rapaz, sacudido e bonito como não havia outro.

---

(1) Colhido no arraial do Rosário, Minas.

Nos primeiros dias foi grande a alegria. Mas, passados tempos, o rapaz deu em malandro, bêbedo, jogador, libertino. Não parava em casa, pegava na mulher e dava-lhe cada sova! Coitada! Estava arrependida. E foi, voltou-se para a boa fada, pediu-lhe perdão e queria outra vez o seu velhinho, tão bom para ela.

E vai a fada foi aonde estava o rapaz, numa mesa de jôgo, trouxe-o para casa, chamou a rapariga, e chegou a sua varinha de condão à cabeça do moço, que foi logo se mudando no velhinho, emquanto a mágica desaparecia.

O casal ficou vivendo muito bem. E a mulher nunca falou ao marido no tempo em que êle foi segunda vez moço. Também o velhinho não se lembrava dêsse tempo.

Depois êle morreu, e a moça não se casou mais, apesar de muitos rapazes ricos e bonitos quererem casar com ela.

Aí está como são as coisas!

Os três cisnes

Havia numas terras encantadas um príncipe descendente de milagrosa fada e casado com a princesa mais bela do vizinho Reino.

Ao fazer-se moço o príncipe, a fada, sua mãe, recomendou-lhe que jamais na vida se mirasse em espelho ou onde contemplasse em reflexo a sua imagem formosa, e que se tal fizesse, êle príncipe, se transformaria num cisne.

Por isso o moço, seguindo à risca as recomendações de sua mãe, proibiu em palácio o uso de espelhos e fugia das águas dos rios, dos lagos e de todos os objetos transparentes que pudessem refletir a sua imagem.

Ora, uma vez a princesa, deslumbrada com a rara beleza do espôso, o contemplou tão fixamente e por

tanto tempo que o príncipe não pôde esquivar-se àquela adorável contemplação, e, fitando a espôsa, viu a sua imagem refletir-se na retina daqueles olhos.

E, então, já sob o efeito do encanto, murmurou:

— Ah! ingrata, fôste a minha perdição! Agora procura-me para sempre nos ares!

E, tomando a forma de um alvíssimo cisne, voou pela infinidade do céu.

Rápida a princesa precipitou-se sôbre o cisne que batia as asas, e vendo que já não o podia alcançar, atirou-lhe uma pequena caixa de ébano que êle recolheu nas asas, levando-a consigo.

Desde êsse dia a princesa tornou-se melancólica e a ninguém dirigia uma única palavra.

Tudo se fêz para a despertar daquele sonho de tristeza, e tudo foi debalde.

O Rei, seu pai, veio então buscá-la e levou-a por montes e vales, de vila em vila, a ver se assim a distrairia daquela profunda mágoa.

Chegaram, pois, a uma bela cidade pertencente ao Reino e ali se instalaram em suntuoso palácio, mandando o Rei anunciar aos habitantes por seus emissários que concederia uma soma enorme de dinheiro e graças a quem contasse uma história que fizesse a princesa rir e esquecer os padecimentos.

Muitos foram os que se dirigiram a palácio, imaginando e relatando casos engraçadíssimos, histórias de fadas e de gênios, sortilégios e bruxarias, mas impassível mostrava-se ao ouvi-las a princesa, e muitas delas só serviam para aumentar ainda mais as suas angústias.

Vivia nas redondezas da cidade um pobre velhinho lenhador em cujo lar havia fome e frio.

Uma noite, seguindo êle pela estrada, pensando na sua vida de misérias, pedia a Deus que lhe inspirasse uma história que fizesse a senhora princesa rir, porque assim poderia alcançar não um reino portentoso, mas um pedaço de pão para matar a fome.

Sentou-se numa pedra que havia à margem do caminho e, continuando em suas cismas, viu de repente surgir à sua frente uma pequenina cabra tôda branca, trazendo à cabeça um pequenino púcaro de água. E dirigindo-se a êle, disse-lhe:

— Arreda, que eu quero passar!

O velho, deslumbrado, recuou, a pedra ergueu-se por si mesma e deu passagem à cabrinha, tomando novamente sua primitiva posição.

Implicado com o mistério da cena que se acabava de passar, o lenhador sentou-se novamente sôbre a pedra, quando segunda cabra, desta vez tôda azul, trazendo à cabeça outro pequenino púcaro de água, dirigiu-se-lhe e, como a primeira, murmurou as mesmas palavras:

— Arreda, que eu quero passar!

O velhinho saltou imediatamente para um lado, dando caminho à graciosa cabra.

A pedra levantou-se e ela atravessou lampeiramente. Depois que a pedra desceu ao seu lugar, o velhinho sôbre ela se sentou, muito disposto a não sair dali.

Mas o lenhador começava a imaginar no que vira, e terceira cabrinha tôda verde, trazendo ainda pequenino púcaro de água, surgia, falando-lhe como se falasse à pedra:

— Arreda, que eu quero passar!

Seguidamente o velhinho recuou e a pedra ergueu-se vagarosa, deixando passar a galante cabrinha.

Antes, porém, que a pedra se abaixasse o velhinho, de súbito inspirado, meteu-se pelo subterrâneo, e qual não foi o seu espanto quando se viu entre as paredes de um maravilhoso palácio, onde em meio de riquíssimo salão havia um grande tanque, jorrando cristalina água, em que a cabrinha esvaziava o púcaro.

Em roda de uma pequenina mesa, três belos jovens jogavam as cartas, quando de repente um dêles disse para um dos criados:

— Criado, criado, traze aqui o meu relógio.

E logo o outro:

— Criado, criado, traze aqui o meu retrato.

E seguidamente o outro:

— Criado, criado, traze aqui a minha caixa.

Três criados trouxeram os objetos pedidos pelos jovens e êles sucessivamente, fitando as queridas relíquias, murmuraram:

— Retrato, retrato de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Relógio, relógio de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Caixinha, caixinha de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

E imediatamente transformaram-se os moços em três brancos e lindos cisnes, que desapareceram em meio das águas do tanque.

O velhinho bateu palmas de contente por haver descoberto a história que faria rir a senhora princesa, e, dirigindo-se para o lugar da pedra, murmurou as palavras cabalísticas que aprendera:

— Arreda, que eu quero passar!

A pedra ergueu-se e êle saiu do palácio, vendo-se outra vez na estrada, por onde seguiu em demanda da cidade.

Ao amanhecer foi ao palácio real e perguntou à sentinela se podia contar uma história à senhora princesa.

O soldado riu-se da figura exótica do velho e do seu maltrapilho traje.

— Vai-te daqui, seu jagodes.

— Não irei, não senhor, quero contar uma história à senhora princesa...

O soldado, enfurecido, saltou sôbre o velho e fêz-se então uma algazarra infernal que obrigou o Rei a chegar à janela.

Mal o velho avistou Sua Majestade, pôs-se a gritar:

— Eu quero contar uma história à senhora princesa!

O que fêz com que o Rei mandasse soltá-lo e ordenasse que subisse imediatamente.

Introduzido o velhinho nos aposentos da princesa, alguns minutos depois ecoou uma gargalhada nas dependências do palácio, riso de alegria, que fêz com que o Rei desmaiasse de prazer.

No outro dia o Rei e a princesa, acompanhados do velhinho já muito bem vestido e de grande comitiva, seguiram caminho da pedra encantada, a verificarem a verdade da narrativa.

Chegados que foram, todos se ocultaram no bosque próximo, ficando a princesa e o velho sentados sôbre a pedra.

A primeira e a segunda cabrinha passaram, e, quando desapareceu a terceira, o velho e a princesa acompanharam-na pelo subterrâneo, em cujo interior a moça fica deslumbrada.

Esconderam-se atrás de um reposteiro, e eis que três lindos cisnes saíram do tanque e se transformaram em três belos mancebos, num dos quais a princesa, cheia de pasmo, reconheceu seu espôso.

Quis gritar, mas o velhinho conteve-a prudentemente.

Então um dos mancebos e seguidamente os outros disseram para os criados:

— Traze, tu, o meu relógio.

— Traze, tu, o meu retrato.

— Traze, tu, a minha caixa.

E murmuraram sucessivamente, contemplando cada uma daquelas relíquias:

— Retrato, retrato de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Relógio, relógio de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Caixinha, caixinha de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

Quando o mais lindo dos príncipes pronunciou

tais palavras a princesa não se pôde conter e lançou-se em seus braços, murmurando:

— O' meu amado espôso!

Surprêso, o príncipe afastou-se e disse-lhe:

— Por ora ainda não. Meu encanto não terminou. Amanhã nós todos três, cisnes que somos, passaremos em frente de teu palácio e aquêle em que acertares um de três limões que atirares será o teu espôso e ficará desencantado!

Sùbitamente os três moços, transformados em cisnes, desapareceram nas águas do tanque.

A princesa voltou para casa muito triste e tudo narrou às suas criadas, o que causou um grande alegrão aos soldados por verem que o lenhador deveria ser castigado.

No dia seguinte muito cedo a princesa veio para a janela, munida de três limões, e esperou. Mas no mesmo instante apareceram ao longe os três cisnes voando.

O primeiro cisne passou e muito longe dêle passara o limão atirado pela princesa. O segundo quase fôra atingido nas asas, quando apareceu o terceiro, muito branco e mimoso, que caiu, recebendo no peito o terceiro limão e transformando-se logo naquele belo príncipe que era o legítimo e adorado espôso.

Foi indescritível a alegria que reinou no palácio e na cidade.

O velho lenhador subiu logo à categoria de duque, e nunca mais houve fome nem frio no seu lar. Entretanto, o primeiro de seus atos foi perdoar àquela sentinela malcriada que lhe fôra impiedosamente ao pêlo (1).

---

(1) O assunto dêste conto faz pensar num episódio lendário, que teve como protagonista Gil Vicente. A rainha D. Maria dera, na véspera, à luz o infante D. João, sucessor de D. Manuel I. A família real estava tôda reunida na câmara da rainha, quando ali penetrou uma figura em trajes de vaqueiro, dizendo-se perseguida pelos guardas e propondo-se ler um monólogo que divertisse a soberana.

O monólogo, que era apropriado ao acontecimento, foi lido com êxito. O autor-ator era Gil Vicente. Estava inaugurado o teatro português (1502).

O veadinho encantado

Vivia em casa de formosa rainha do Oriente uma linda escrava que tinha o gracioso nome de Genoveva.

À tarde Genoveva procurava os lugares sombrios e solitários e se entregava à leitura de livros piedosos, ouvindo as aves cantar.

De uma feita apareceu-lhe no escuro da floresta um formoso veadinho tresmalhado que, depois de fitá-la por largo momento, lhe perguntou:

— Queres seguir-me, Genoveva?

Êste amável convite emocionou profundamente a escrava que tivera mesmo o desejo de aceitá-lo e ir por aí além com êsse animalzinho; mas bem depressa dêle se desvaneceu, lembrando-se de seus queridos pobres, a quem dava ela os restos da mesa da senhora; e por isso respondeu:

— Não te acompanharei, querido veadinho, nunca abandonarei minha senhora.

— Até um dia, Genoveva.

E o lindo veado desapareceu por entre as silvas do bosque.

Todos os dias, depois das refeições, Genoveva enchia o seu pequeno cabaz de sobras de comidas que ia repartir com os pobres da aldeia, os quais, as esmolas caridosas, tão boamente dadas pela escrava, sabiam agradecer, amando-a e venerando-a. Genoveva ainda os amava muito mais. Se algum dêles estava doente, ela o tratava com admirável dedicação, curava-lhe as feridas, lavava-lhe a roupa, iludindo da melhor forma que podia a vigilância da senhora.

Uma vez, porém, Genoveva saía com o seu cabaz de comida no momento em que aquela entrava precipitadamente pelo jardim, montada em seu garboso cavalo. Quando a senhora viu a escrava sair com o cabaz,

já bastante desconfiada pelas inúmeras queixas que lhe chegaram aos ouvidos, perguntou-lhe:

— Que levas aí?

— Flores, real senhora!

— Deixa-me vê-las.

Genoveva estremeceu por um instante, mas sùbitatamente, num impulso de coragem, descobriu o cabaz e, em vez da comida que nêle havia, apareceram lindas rosas desabrochadas que deslumbraram os olhos da senhora.

No espírito desta, não pairou dúvida a respeito da fidelidade da escrava.

Entretanto, não cessaram as intrigas da gente do palácio, e, de uma vez em que desapareceu o cofre de jóias da senhora, todos a uma só voz atribuíram o furto a Genoveva.

Apareceram até testemunhas de vista; e diante dessas provas e dos juramentos mais solenes, a rainha chegou à convicção de que a escrava havia sido a autora de tão monstruoso crime, mandou chamá-la à sua presença e indagou encolerizada:

— Genoveva, como foi que abusaste de minha bondade?

— Eu, real senhora...

— Furtaste-me o meu cofre de jóias, e se até amanhã não mo restituíres serás castigada.

Genoveva não murmurou sequer uma palavra, e, retirando-se, passou tôda a noite, em seu pobre aposento, derramando copiosas lágrimas, e teve um sonho.

Ao alvorecer foi despertada por uma aia que a veio avisar de que a senhora lhe ordenava que subisse. Genoveva acedeu à ordem imediatamente. Ao chegar, a rainha lhe perguntou de novo:

— Genoveva, que é de meu cofre?

— Sabei, Alteza, que o cofre de vossas jóias se acha em poder de vossa aia, na gaveta de um móvel de roupas...

Revistado imediatamente o móvel foi encontrado o precioso cofre e, logo após, era castigada a perversa inimiga da escrava.

***

Genoveva era entretanto dotada de rara beleza e por ela se havia apaixonado o filho da rainha, que regressara, havia pouco, de uma guerra distante.

Genoveva não correspondia aos amôres do moço, que, todavia, a perseguia constantemente com revelações de amor, as quais chegaram para logo aos ouvidos da rainha, que lhe perguntou um dia se eram verdadeiras as denúncias que se lhe faziam.

— Sim, minha mãe, espero apenas que Genoveva me ame para me casar com ela.

— Com a escrava... nunca!

Desta vez Genoveva estava perdida. Impiedosamente a rainha mandou por um de seus escravos arrancar os olhos à mísera e deixá-la no âmago da floresta, o que tudo se fêz entre lágrimas e gritos de Genoveva, que, por uma noite tôda, se viu cega e perdida no fundo do bosque.

Também desde essa noite o jovem desaparecera para sempre do palácio.

Ao amanhecer, surgiu diante de Genoveva o lindo veadinho que ela já não podia ver, mas cuja voz ouviu.

— Queres seguir-me, Genoveva?

— Quem és tu?

— Um pobre veadinho da floresta.

— Eu te seguirei.

Foram e viveram longos meses numa pequena cabana na floresta, feita de ramos, de silvas e enfeitada de parasitas.

De manhã saíam ambos, em procura de alimentos,

e regressavam à noite à cabana, onde Genoveva ensinava o veadinho a rezar.

Amavam-se. Ninguém jamais amou como êles. Se Genoveva estava triste o veadinho a alegrava, ia colhêr flores e frutos para ela, dizia que o céu estava lindo, contava-lhe o que diziam as vozes das aves...

Numa linda manhã, porém, o veadinho saíra só. Anoitecera, e êle ainda não havia voltado. Genoveva saíu então tateando, emaranhando-se nos cipoais em procura de seu amado companheiro. Depois, extenuada de chorar e cheia de fadiga adormeceu, e, quando rompeu a aurora, ela, a cega, viu, tonta de pasmo, a luz clara do dia, o bosque, as flores, as aves, o céu. Mas qual não foi o seu espanto quando divisou no chão, prostrado, um lindo mancebo, em quem reconhecera o moço do palácio, com um extenso ferimento no peito.

Genoveva levou-o para a cabana, curou-lhe a ferida e não o abandonou jamais.

Entretanto não cessava de chorar a ausência de seu lindo veado, quando de uma vez o moço, voltando-lhe os tristes olhos apaixonados, lhe perguntou:

— Mas êsse famoso veadinho não fôra um que daqui partira e não voltara?

— Oh, sim! acudiu Genoveva.

— E que depois fôra ferido por um caçador perverso quando colhia flores para a sua companheira?

— Oh, talvez...

— Pois êsse veadinho...

— Dize, dize... suplicou a pobre Genoveva.

— Sou eu! respondeu o moço abraçando-a. Estava encantado. Terminou agora o fado que a rainha, minha mãe, me pusera desde a infância, de ser ora cervo e ora gente.

Dias depois realizava-se o casamento do príncipe com a formosa Genoveva, que o amava agora tanto ou ainda mais do que quando êle era aquêle formoso veadinho do bosque.

E, casados, foram habitar o palácio da perversa rainha que havia morrido pouco antes, pedindo perdão a Deus pelo que de mal fizera ao filho e a Genoveva [1].

As jarras de ouro

Era um dia uma mulher que havia sido casada duas vêzes e tinha uma filha e uma enteada.

Era muito má como madrasta. Ia com a filha às festas, aos bailes, aos divertimentos e a coitadinha da enteada ficava esquecida em casa, muito mal vestida e ainda por cima com todo o pêso do serviço da cozinha.

Aconteceu que uma vez, quando a viúva saíra a passeio com a filha, apareceu uma velhinha, à porta, pedindo uma esmolinha pelo amor de Deus. A menina, que viera ver quem era, com muito mêdo, disse-lhe que não tinha nada para lhe dar, mas que estava muito sentida com isso.

E vai daí a velhinha disse-lhe assim:

— Ao menos, linda menina, uma brasa para acender o meu cachimbo.

Num átimo a menina correu à cozinha, mas a pobre, aproveitando a ocasião, tomou de uma jarra de ouro que havia sôbre a mesa e *pernas para que te quero...*

Quando a triste da menina voltou e não encontrou a velha e deu por falta da jarra em que sua madrasta punha tanta estimação, abriu num *pranto de chôro* e resolveu seguir o rasto da velhaca.

Caminhava fora de si, sem saber onde daria com o rumo da «ladrona».

Encontrou um passarinho e perguntou-lhe:

— Passarinho, viste passar uma velha com uma jarra de ouro?

---

(1) Tanto êste como o conto anterior o Autor desta obra publicou-os há muitos anos (1895), assinando-os com o pseudônimo *Jarbas Corimbo.*

— Só responderei se me encanares a perninha quebrada.

A menina com todo jeito encanou a perninha do passarinho que lhe disse:

— Deus te pague. Pergunta ao veado aí, adiante.

A menina seguiu até que encontrou um veado com os chifres embaraçados num cipoal.

— Veado, viste passar uma velha com uma jarra de ouro?

— Só responderei se me livrares dêste cipoal.

A menina deu liberdade ao veado, e êste lhe disse:

— Deus te pague. Pergunta ao boi aí adiante.

O boi estava amarrado e urrava que fazia dó.

Fêz a menina a pergunta, e o boi lhe disse:

— Só responderei se me matares a sêde.

A menina foi buscar água, numa fôlha de inhame para o boi que depois de matar a sêde disse:

— Deus te pague. Pergunta à porteira aí adiante.

Obra de meia légua, lá estava a porteira tôda desconjuntada, caída para um lado.

Pergunta da menina, resposta da porteira:

— Só responderei se me consertares e me puseres como eu estava ainda há pouco.

A menina foi à capoeira perto cortou paus, cipó e consertou a porteira que lhe disse então:

— Vai andando, vai andando, lá adiante encontrarás uma casinha de sapé. E' nela que mora a velhinha. Ela não está agora em casa. Entre e espera e faze o que te mandar o coração.

A menina saiu contente e fêz tudo o que lhe aconselhou a porteira. Deu com a casa. Entrou. A velha não estava. Pôs-se a esperar, mas como a cozinha se achava tôda em desarranjo, pôs a menina cada coisa em seu lugar. Acendeu o fogo e preparou a ceia e escondeu-se atrás da porta. Quando a velha chegou ficou muito admirada do que via e começou a procurar a pessoa estranha que ali devia estar. Deu com a menina. Puxou-a de onde estava ela oculta fingiu-se muito zangada e deu-

lhe por castigo descascar um monte de favas até encher uma tulha. A menina principiou, logo, de cara alegre, a fazer o que a velha lhe mandava. Foi até um milagre! Num instante deu conta da tarefa. E vai a velha lhe disse, chegando a cabeça ao colo da menina:

— Cata-me com essas mãozinhas de fada.

E a menina obedeceu. De vez em quando encontrava uma cobrinha, uma perereca, uma lacraia na cabeça da feiticeira e sem nojo nenhum continuava a catar.

A velha então deu-lhe de cear. E a menina nada de falar na jarra de ouro.

No outro dia, quando a menina se despedia, a velha disse-lhe, entregando-lhe um punhado de favas, *um tanto assim:*

— Em troca da jarrinha de tua madrasta, leva estas favas. Quando desejares alguma coisa quebra uma fava. Vai com Deus.

A menina voltou muito triste, certa de que a madrasta não lhe perdoaria.

Já quando estava perto de casa só coisa de meia légua, quis experimentar a virtude das favas e quebrou uma, dizendo: apareça um rico palácio.

Qual não foi o seu espanto quando o palácio apareceu de verdade, tão rico como não podia haver outro igual.

A menina vendo essa maravilha, quebrou outra fava, pensando numa carruagem. E a carruagem apareceu com seus cavalos de arreios de ouro, criados de farda, uma coisa encantada.

A menina quebrou mais uma fava, pensando que sendo dona de tanta riqueza não podia ficar naqueles trajes de cozinha.

E logo se mudou numa princesa, ricamente vestida e cheia de jóias que não havia dinheiro que pagasse, acompanhada de muitas damas e criados.

Entrou no palácio e ficou senhora daquilo tudo.

A notícia da presença da rica e formosa princesa correu de bôca em bôca e chegou aos ouvidos da viú-

va que estava furiosa com o desaparecimento da jarra e com a fuga da enteada que ela supunha ter furtado a sua rica prenda.

A viúva e a sua filha eram, como lá se diz, muito pomadistas, gostavam de se achegar à gente graúda e não tiveram em si que não fôssem visitar a nova vizinha. Qual não foi o seu espanto quando reconheceram na princesa a menina que tanto martirizavam.

A filha da viúva, muito invejosa que ela era, quis então que a outra lhe contasse como foi aquilo.

A menina contou tudo ao contrário. E a invejosa voltou para casa pensando num meio de começar o negócio.

No dia seguinte a velha lhe apareceu em casa e pediu um foguinho para o seu cachimbo.

A moça deu-lhe uma sova e escorraçou-a de casa.

Mas enquanto a malvada havia ido apanhar o chicote, a velha se apossou da outra jarra de ouro, que estava na mesa, e, quando fugiu, levou-a.

A moça má saiu no rasto da velha e foi perguntando por ela e conforme a resposta que lhe davam apedrejava o passarinho, espancava o veado, acutilava o boi, quebrava a porteira. E cada um dos maltratados lhe dizia:

— Mais adiante haverá quem te há de dar o pago.

Só a porteira, por último, é que lhe ensinou a casa da velha, mas lhe disse tudo ao contrário do que devia fazer com a feiticeira.

Lá chegando quebrou a louça, desarrumou a casa, *sujou* nas panelas, e quando a velha chegou correu para ela com uma descompostura, exigindo a jarra.

A velha sorriu, zombando, e entregou-lhe não só a jarra, que trouxera por último, como também a primeira e ainda por cima deu-lhe *um tanto assim* de favas para o fim de possuir tudo quanto desejasse. E ensinou-lhe como havia de fazer.

A moça voltou já muito alegre com o presente e com a sorte que ali estava nas favas.

Ao chegar nas vizinhanças pensou logo em meter invejas à mãe e pensando num palácio que fôsse mais rico do que o da princesa quebrou três favas de uma vez. Eis senão quando se viu ela dentro de uma toca de laje, rodeada de sapos, cobras, escorpiões, de tôda a casta de bichos ruins e peçonhentos que começaram a pelejar com ela. A moça soltava gritos de cortar a alma. Ninguém atendia — e no meio dos bichos acabou por entregar a vida a Deus, deixando cá ficar as duas jarrinhas de ouro com que a velha tinha experimentado o coração das duas meninas, para servir de exemplo às más criaturas sem piedade que não têm pena dos pobres nem de tôdas as coisas que estão no mundo e são de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A boa menina casou com um príncipe e mandou buscar a madrasta para participar de sua felicidade, perdoando-lhe todo o mal que lhe fazia.

E entrou por uma porta e saiu por outra, peça ao rei que lhe conte outra (1).

O Príncipe encantado (2)

Era uma vez uma rainha, casada com um rei que, apesar de seu grande poder e riquezas, vivia muito triste, porque a rainha não lhe dera ainda um filho. Vai então a rainha passava os dias chorando e pedindo a Deus que lhe desse um filho.

Já cansada de rogar sem resultado, no maior desespêro, exclamou: «ó meu Deus! dai-me um filho, ainda que seja um leitão». Bôca, pra que tal disseste? Não levou muito tempo a rainha ficou *embaraçada*, e houve grande satisfação no palácio. O rei não cabia em si de contente. A rainha também não podia ocultar a sua

(1) Há uma variante dêste conto que corre na Rumânia e foi publicado pelo escritor L. Creanga.

(2) Colhido em Congonhas do Campo, de um romeiro de S. José del-Rei.

alegria, mas havia horas em que ficava muito pensativa, lembrando-se daquele pedido... E vai então encomendaram-se as mais ricas peças de enxoval para o prìncipezinho.

O reino se alvorotou com a grata nova da vinda do herdeiro do trono.

Chegou por fim o dia suspirado. A rainha ficou livre, mas deu ao mundo... um leitãozinho.

Foi um *desaponto* sem exemplo! O rei se recolheu ao seu quarto, clamando contra aquela desgraça, a rainha chorava que parecia uma Madalena; não houve festas nenhumas e o reino recebeu a nova com muita tristeza.

Mas, o leitãozinho era príncipe, e então devia de ser criado com todo o carinho. O rei poucas vêzes lhe aparecia, mas a rainha não o deixava um momento, e até o acalentava no colo.

Ao passo que ia crescendo, iam-lhe dando uma boa instrução. Mas o príncipe, porque era porco, mal se apanhava sòzinho, deixava os salões do palácio, e ia espojar-se na lama do chiqueiro. E quando a rainha o repreendia por isso, ganhava um ódio que parecia que queria pôr o mundo abaixo.

Quando o príncipe chegou à idade de casar, foi ter com a rainha e lhe disse:

— Mamãe, eu quero me casar!

— Meu filho — lhe disse a rainha, você não vê que isto é um impossível! Que ninguém quererá casar com um príncipe porco?

O príncipe se enfureceu, gritou que êle era o herdeiro do trono e que não faltaria quem, mesmo à fôrça, casasse com êle.

Então a rainha foi ter com o rei e lhe disse o desejo do filho. O rei caiu das nuvens com essa notícia e bradou logo que não havia de intervir nesse negócio. Mas, tanto a rainha chorou e pediu que êle lhe deu ordem para escolher a noiva.

Ora, morava mesmo em frente do palácio uma viúva com três filhas moças e que eram costureiras da rainha.

Vai então a dita rainha, de combinação com o príncipe, escolheu a mais velha das moças, que se chamava Isabel. E logo mandou-lhe recado que viesse a palácio.

Quando a viúva e as outras moças souberam da sorte que estava destinada a Isabel, puseram-se a lamentar que metia pena. Mas, como palavra de rei não volta atrás, fêz-se o casamento em meio de muita festa. O vestido e as jóias da noiva eram de uma riqueza nunca vista.

Depois do casamento, em que o príncipe se apresentou também muito bem vestido, com um manto todo de ouro e diamantes, foram todos para o salão. Mas, então o príncipe, depois de conversar muito com a noiva, que, a dizer verdade, não se mostrava contente — retirou-se e foi se espojar na lama do chiqueiro. Vai daí, voltou e veio recostar-se no colo da princesa.

Isabel, quando o viu fazer aquilo e perdido o seu rico vestido, deu um grito:

— Sai daqui, porco!

Para que fêz isto! O príncipe soltou um ronco de raiva! E deu logo ordem para que a princesa na mesma hora fôsse degolada. Não houve conselho nem lágrimas que o demovessem daquela resolução.

Armaram logo o cadafalso em frente do palácio e, diante dos convidados, o *carrasco* cortou a cabeça da princesa.

Tôda a família pôs luto, cheia de dó e de tristeza, mas não levou muito tempo o príncipe porco foi dizer à rainha que queria casar de novo. *Ih!* a rainha quase caiu desmaiada, mas o príncipe estava tão irado, querendo arrasar tudo, de modo que ela foi falar com o rei e obteve nova ordem para arranjar noiva para o filho.

Ela pensou que não podia escolher melhor, senão outra filha da viúva, a do meio, que se chamava Flo-

risbela. Mandou chamá-la e pediu-lhe que casasse com o príncipe. Que havia de fazer a probrezinha? Voltou pra casa, conversou com a mãe e a mana mais moça. E tôdas se lastimaram muito, mas o casamento ficou combinado, que «palavra de rei não volta atrás».

Quando chegou o dia do casório aconteceu como da outra vez. O príncipe a certa hora foi se espojar no chiqueiro e veio encostar-se no colo da noiva que ainda estava mais bem vestida que a outra. Ela levou um susto, e sem querer gritou: Sai daqui, «seu» porco!

Nossa Senhora! foi um barulho de estrondar êste mundo e o outro. O príncipe teve um acesso de raiva e mandou degolar no mesmo instante a princesa, sem atender a ninguém. A rainha chorava de fazer pena, o rei estava *indinado*, mas a ordem foi cumprida.

Então, passaram-se mais uns tempos e o príncipe foi, como das mais vêzes, dizer à mãe que se queria casar. A rainha não queria consentir nem por nada, mas, temendo o gênio do filho, que era o herdeiro do trono, e vendo que aquilo era mesmo um castigo que estava recebendo do céu, por causa do pedido do impossível, que ela tinha feito a Deus Nosso Senhor, não teve por onde fugir. E resolveu mandar chamar a palácio a última filha que restava à viúva, aquela mocinha de 16 anos, linda como não havia outra, chamada Rosalinda.

A viúva, então, disse pra a filha:

— Não, Rosalinda, se a sua sorte é de morrer na fôrca, casada com um porco, ao menos que você seja degolada, porque não casa, e eu morrerei com você.

— Não, minha mãe, não senhora, eu casarei com o príncipe e a senhora há de ver que não terei a sorte das manas.

— Deus a ouça, minha filha.

E, depois, no dia do casamento, depois da cerimônia, onde a noiva, que era mais bonita do que as manas, se apresentou tão bem vestida que era como um anjo descido do céu, o príncipe foi se enlamear no chi-

queiro e veio encostar-se no colo da princesa. E vai então a princesa, em vez de fazer como as outras, começou a acarinhá-lo e a mostrar-lhe todo o amor. E o príncipe ficou muito satisfeito e também a rainha. A festa continuou com muita alegria. E depois, de noite, os noivos se deitaram na mesma cama e com o correr do tempo iam vivendo muito felizes, e todos os dias o príncipe, lá numa hora certa, ia deitar-se no chiqueiro e vinha encostar-se no colo da princesa e a princesa o tratava muito bem.

Mas, vai senão quando, certa noite, a princesa que andava há muito tempo querendo descobrir o mistério que devia de haver na vida do príncipe, porque êle não queria dormir com luz no quarto, e, dormindo, não roncava, fingiu que estava dormindo. E vai para as tantas sentindo que êle dormia, acendeu uma velinha, e qual não foi o seu espanto, ao ver, em lugar do porco, um belo moço. E assim fazia tôdas as noites, até que por fim, quando certa vez estava mais namorada, contemplando as lindas feições do príncipe, distraiu-se e deixou cair no rosto dêle um pingo de cêra da vela. O príncipe despertou e disse-lhe:

— Ah! ingrata que descobriste o meu fado! Agora guarda segrêdo disto, porque se o contares a alguém, nunca mais me desencantarei.

Mas «segrêdo em bôca de mulher é o mesmo que farinha em saco furado», e vai então ela contou à senhora rainha, a quem pediu segrêdo, mas ocultou o que o príncipe lhe dissera — que se descobrisse aquilo êle nunca mais perdia o encanto. E a senhora rainha, então, pelo muito amor que tinha ao príncipe, certa noite escondeu-se debaixo da cama do casal e quando sentiu que êles dormiam, levantou com cautela o colchão, tirou a pele de porco que o príncipe deixava lá tôdas as noites e levou-a. E quando chegou no pátio fêz uma fogueira e a queimou. E depois, quando estava para dar as duas horas da madrugada, o príncipe despertou e não

achou a pele de porco, soltou um grito que acordou a princesa. E então disse-lhe:

— Ah! ingrata que nunca mais me tornas a ver!

E tomando a figura de um marrequinho saiu voando pela janela fora. E a princesa ficou a olhar o céu, onde êle tinha desaparecido. E chorava que nada a podia consolar. E a rainha quando soube do acontecido adoeceu, e nunca mais teve sossêgo.

E então a princesa teve um sonho: que ainda havia de encontrar o seu amado espôso. E ficou muito contente, e disse à rainha que ia procurá-lo pelo mundo.

E na outra noite teve outro sonho, em que ouviu uma voz misteriosa que lhe disse que o procurasse no *reino das flores*, onde havia de falar com o mágico fulano.

E vai a princesa preveniu a rainha e partiu, em companhia de sua ama de confiança, para o *reino das flores*. E foi perguntando, perguntando, até que, lá chegando, foi ter com o mágico que era um gigante de muito poder. E quando a princesa lhe disse o que a levava ali, êle lhe respondeu que já a esperava, mas que não podia fazer mais nada, porque o príncipe estava encantado para sempre, e que ela era a culpada.

E a princesa começou a chorar e o mágico ficou com muita pena dela e lhe disse que se ela fôsse pelo *caminho das pedras* até o *reino dos espinhos*, que ela talvez encontrasse o príncipe. E então a princesa disse-lhe que iria até o fim do mundo e o mágico ensinou-lhe o caminho, e ela foi.

Mas o caminho era todo de pedregulho e a distância de tantas léguas que não se podia contar. E a princesa que não estava acostumada a tanto sacrifício, ia caminhando com os pés já feridos e vertendo sangue, até que a *matutagem* acabou e ela e a ama foram obrigadas a ir comendo frutos e a curtir sêde, pois passavam dias até que encontrassem alguma fonte. E vai então a ama caíu frouxa de cansaço na estrada, e, por mais que a princesa tratasse dela, a probrezinha morreu.

E a princesa fêz uma cova debaixo de um rochedo, onde pôs uma cruz de pau. E depois continuou a viagem. Levou dois anos a caminhar, passando tôda sorte de miséria, fome e sêde, e chorando sem cessar. E vai então caiu na estrada, sem poder dar mais um passo. E então pediu a Deus a morte e pôs-se a chorar, e adormeceu. E então apareceu-lhe em sonho uma fada que era mesmo uma maravilha, e disse-lhe:

— Já estás a dois passos do *reino dos espinhos*. E em lá chegando espera que o sol chegue no meio do céu, então verás um bando de marrecos que virão voando a banhar-se num grande lago que lá está. Êles deixarão ficar as penas numa moita muito grande, tôda de espinhos, e se mudarão nos mais lindos moços, como não há outros. No meio dêles reconhecerás o príncipe. E se conseguires te apoderar do seu monte de penas, êle se desencantará. E reconhecerás que as penas são do teu príncipe, por uma peninha azul que haverá no meio delas. E as dos outros não terão êste sinal.

E a princesa, quando despertou, sentiu-se refeita de fôrças e pôs-se a caminhar e ainda não tinha andado cem metros, quando avistou o *reino dos espinhos*. Não viu senão moitas de espinhos e não achou viva alma, senão um pastorzinho que tomava conta de umas ovelhas. E lhe perguntou se ali era o *reino dos espinhos*. E êle disse-lhe que sim, e lhe mostrou o lago, mas preveniu que não chegasse muito perto dêle porque as águas atraíam e quem ali entrasse nunca mais havia de sair, a não ser os príncipes encantados.

E depois a princesa foi ficar a certa distância do lago que brilhava que parecia todo feito de prata.

E quando o sol aprumou no meio do céu — ao meio-dia — viu vir ao longe o bando de marrequinhos brancos, e o coração da princesa começou a palpitar de alegria e ela ficou que não cabia em si de ansiedade. Então, o bando desceu e pousou numa grande moita de espinhos e de lá saiu uma porção de moços muito lindos, como se não fôssem dêste mundo. E a

princesa logo reconheceu o seu príncipe, e todos se precipitaram nas águas. A princesa quis correr para os braços do espôso, mas lembrou-se do conselho do pastorzinho. E depois, recordando-se do que tinha que fazer, correu a procurar na dita moita as penas com o sinal. Começou a procurar, a procurar, mas não encontrava. E vai então sentiu que os príncipes se aproximavam, e afastou-se. E êles envolveram-se cada qual no seu monte de penas e mudados em marrequinhos foram voando. Mas a princesa não pôde saber qual era o seu espôso.

E no outro dia foi a mesma coisa. A princesa já desesperava de realizar o seu desejo e já estava disposta a ir ter com o príncipe, com risco de perder a vida no lago encantado, quando no terceiro dia os marrequinhos chegaram e deixaram as penas e, transformando-se em príncipes, foram se banhar no lago. E a princesa, mais que depressa, correu para a moita e ferindo todo o corpo nos ramos espinhentos começou a procurar o monte de penas com o sinal que a fada lhe tinha dito. E vai então, quando enxergou aquêle que tinha a pena azul pareceu que esta tomou voz e lhe disse:

— Eu sou aquela fada que te apareceu. Põe-me no monte de penas de outro príncipe que se desencantará também quando alguém me venha a encontrar.

E a princesa fêz o que a fada lhe disse, e as penas brancas de seu espôso lhe desapareceram das mãos por encanto. E ela sentindo que os príncipes voltavam do lago, escondeu-se atrás da moita de espinhos e todos procuraram os montes de penas; mas aquêle príncipe, não encontrando o seu, começou a procurá-lo. E os outros mudados em marrequinhos partiram voando. E vai o príncipe começou a chorar, mas nisto a princesa soltou uma gargalhada de alegria e correu para êle. E os dois se abraçaram, e por encanto se viram vestidos de príncipes. E então as ovelhinhas do pastorzinho que estavam pouco distantes se transformaram em bonitos cavalos ricamente selados e o pastorzinho num vistoso pajem tão bem fardado que brilhava. E o príncipe e a

princesa montaram a cavalo e, puseram-se de viagem. E, quando chegaram a palácio e apearam, os cavalos e o pajem desapareceram, como que por encanto. E então o rei e a rainha e todo o povo ficaram maravilhados. Houve uma grande festa no palácio, a qual *aturou* oito dias a fio (1).

E o príncipe e a princesa viveram muito felizes. E a mãe da princesa veio morar no palácio.

E entrou por uma porta e saiu por outra, peça ao rei que lhe conte outra.

História da «gata borralheira» (2)

Era uma vez um homem casado que tinha uma única filha, menina muito bonita que se chamava Maria. Quando Maria andava pela idade de sete anos, ficou órfã de mãe.

A menina já freqüentava a escola, para onde ia tôdas as manhãs, passando por certa rua, onde morava uma viúva, que tinha também uma filha pouco mais crescida que Maria.

Como o pai de Maria vivia quase sempre em viagens, por ser um homem de muitos negócios, embora rico, meteu-se na cabeça da viúva casar-se com êle e, por isso, tôdas as manhãs, quando a menina ia para a escola, chamava-a, acaraciava-a e dava-lhe pão com mel.

A criada que acompanhava a menina sempre lhe dizia: — Cuidado, Maria, hoje ela te dá pão com mel, mas depois te dará pão com fel.

Maria, como era muito boa de coração, não podia acreditar houvesse gente fingida e ruim neste mundo, e assim não deu ouvido ao conselho da criada, tanto

---

(1) *Aturar* no linguajar popular tem também o significado de prolongar, por influência de sentido com o do verbo *demorar:* Cf. demorou muitos dias a chegar; o pagode aturou até o romper do dia.

(2) Da tradição oral em Minas. V. *Notas finais.*

mais que a filha da viúva se mostrava muito sua amiguinha.

Como *vosmucê* sabe, quem vê cara não vê coração.

Um dia a viúva disse-lhe:

— Maria, sua boa mãe, que, Deus lhe fale n'alma, foi chamada à glória do céu, sonhei esta noite que me apareceu e me pediu que eu me casasse com seu pai, e fôsse a segunda mãe de *vosmucê*. Se isto se transformasse em verdade... (1)

Os dias foram passando e era sempre essa mesma ladainha da viúva até que, por fim, convenceu a menina a aconselhar o pai a fazer aquêle matrimônio.

A princípio o pai recusou, mas — presentes e mais presentes, visitas e mais visitas da viúva à casa do pai de Maria foram tantas que êle resolveu casar-se com ela. E casou mesmo, mas continuou sempre na sua trabalhosa vida de viajante.

A mulherzinha tomou conta da casa e se pôs desde logo a fazer grande diferença de tratamento entre sua filha que, na ausência do marido, tratava como princesa, e Maria, que tratava como escrava.

A pobrezinha, que era mesmo um anjo de bondade, nada contava ao pai, quando êle regressava, após prolongada ausência.

A madrasta, cuja ruindade ia sempre num crescendo, fêz a menina cozinheira da casa, despedindo a outra criada, que era uma espécie de mãe de criação da infeliz criaturinha.

O serviço era pesado e difícil para Maria que, por qualquer coisa, mesmo sem merecer, apanhava da madrasta surras e mais surras, enquanto a outra, que os vizinhos já chamavam de *menina má*, zombava e humilhava também a pobre órfã, a quem apelidava de «gata borralheira».

---

(1) Nota-se com freqüência na linguagem plebéia o emprêgo das inversões fraseológicas e do anacoluto.

Como a pobre criança possuía uma vaquinha que, havia tempos, quando ficou órfã, lhe dera seu padrinho, e que ela tratava com todo o zêlo, contra a vontade de sua madrasta, porque esta não podia dar cabo do animal, coisa com que o pai da menina não estaria de acôrdo, foi dada à «gata borralheira» a obrigação de cuidar da vaquinha, se quisesse que esta ali ficasse.

A menina aceitou a proposta, que em vez de contrariá-la, até lhe causou grande contentamento.

E assim, como não tivesse a quem referir os seus sofrimentos, ia contá-los à vaquinha.

Aconteceu certa vez que o animal para consolá-la e valer-lhe, disse-lhe assim:

— Sua madrasta vai impor-lhe seja eu sacrificada para um banquete no dia dos anos da *menina má*. Consinta, embora com pesar. Quando lhe mandarem que lave as minhas tripas no córrego, procure dentro de uma delas uma varinha de condão, com a qual obterá tudo que desejar, dizendo: «Minha varinha de condão, pelo poder que tem, faça com que apareça *isto* ou *aquilo* de que tanto preciso».

Tudo passou como a vaquinha havia previsto. Maria ficou de posse da varinha mágica, ocultando-a de todos o mais possível.

Nisto chega o pai de volta de grande viagem. E não vendo a vaquinha, perguntou por ela.

A mulher explicou que, a pedido da enteada, mandara matar a vaquinha, para o banquete com que festejara o aniversário de sua filha.

Interrogada pelo pai, Maria confirmou o que dissera a madrasta.

Quando o pai de Maria chegava tinha sempre o cuidado de avisar do seu regresso, e durante o tempo de sua estada no lar, já se sabia: a filha era tratada do melhor modo que se pode imaginar, para, logo após a sua ausência, voltar à sua triste condição de «gata borralheira».

Mas chegou um dia que se anunciou na cidade uma estrondosa festa em honra do aniversário da princesa daquela terra. Os festejos deviam se prolongar por três dias de festas e três noites de luxuosos bailes, aos quais concorriam príncipes e gente importante até de outros reinos.

A madrasta e a filha ficaram alvoroçadas com a notícia, e não tiveram descanso, enquanto não arranjaram um convite para os bailes.

Na noite do primeiro baile elas, ricamente vestidas, partiram para a festa, deixando a pobre «gata borralheira» sòzinha em casa com suas esfrangalhadas e sujas vestes de cozinha, chegando mesmo a *menina má* a fazer-lhe fosquinha, zombando da sua miserável condição.

Mas, passadas algumas horas, ocorreu a Maria a idéia de ir também ao baile. Mas como podia fazê-lo no lastimável estado em que se via?

Lembrou-se, então da varinha de condão, e tomando-a nas mãos disse-lhe as palavras que lhe ensinara a vaquinha:

— Minha varinha de condão, pelo poder que tem, faça que apareça aqui um rico vestido de veludo, sapatos, jóias, criados e carruagem, tudo encantado, para que eu possa ir ao baile da princesa.

E todo o riquíssimo traje lhe apareceu diante dos olhos maravilhados, inclusive damas para ajudá-la a trajar-se.

Assim vestida, mais bela mesmo que uma princesa, encontrou, esperando-a à porta, a criadagem de farda e a luxuosa carruagem.

Quando chegou ao palácio, anunciou-se como princesa misteriosa do país «Fulano» e foi recebida com tôdas as honras, causando a sua formosura e o seu trajar como não havia outro neste mundo, enorme espanto, até da parte da cruel madrasta e da sua malvada e invejosa filha.

No dia seguinte não se falava em outra coisa na cidade, querendo todos descobrir o mistério que envolvia a pessoa daquela que todos chamavam a rainha do baile e que despertara grande interêsse ao príncipe do país, que com ela dançou tôda a noite, até que pela madrugada ela desapareceu tomando, sem se despedir, a carruagem que a esperava no jardim.

No baile seguinte, tudo sucedeu de igual modo, apenas com diferença que o vestido de Maria era todo enfeitado de prata e os sapatos de esmeraldas.

O assombro causado ainda foi maior, mostrando-se o príncipe já por ela de todo apaixonado e assim mais interessado em saber quem seria aquela misteriosa visão.

Ao começar a madrugada ela partiu do mesmo modo que na véspera fizera.

O príncipe, então, tomou a resolução de, fôsse como fôsse, desvendar tal encanto, pois estava disposto a casar-se com a maravilhosa jovem.

Ia então realizar-se o último baile, e todos estavam de alcatéia para não deixar Maria ausentar-se sem detê-la para saber quem ela fôsse, antes que soassem as duas da madrugada, hora em que os encantos se desfazem.

Às tantas da noite, Maria se apresentou no palácio mais bela e mais ricamente vestida do que nunca.

O vestido era todo de ouro e os sapatos de cristal com pedras de brilhante, como nessa noite pedira à varinha de condão que lhe dera a sua encantada e boa vaquinha.

O príncipe, que dançou com ela de par constante, pediu-lhe sua mão em casamento. Maria sorriu, mas não lhe deu resposta.

Então o príncipe ardendo de amor por ela, mandou que uma fila de mordomos e damas se estendesse da porta do palácio até a carruagem, para deter a jovem logo que tentasse retirar-se.

Mas, de madrugada, sem que ninguém esperasse, Maria, saiu de surprêsa e, quando corria para a carrua-

gem, todos se lançaram para lhe deter os passos. Em vão! Ao entrar, porém, na carruagem, que partiu a tôda disparada, deixou cair um dos sapatinhos, que foi logo entregue ao príncipe.

No dia seguinte mandou S. Alteza que os mordomos e criados se espalhassem por tôda a cidade, experimentando o sapatinho no pé de tôdas as jovens, a ver em qual serviria, pois assim se havia de descobrir a pessoa procurada.

Aconteceu que também o príncipe pessoalmente se entregou a êsse mister. E assim, depois de muitas experiências em vão, foram ter à casa da madrasta da «gata borralheira».

Perguntaram-lhe se haveria ali alguma jovem, com tais sinais, que indicaram.

E a velha muito contente disse-lhes que sim, que era a sua filha, uma prenda de beleza como não havia outra igual.

Mas foi um desapontamento horrível. Nem a jovem era bela, nem o sapatinho servira no pé descomunal que o tentara calçar — o que provocou enorme surriada das pessoas presentes e, mais do que de tôdas, do próprio príncipe.

Mas insistiram:

— Não há mais alguma jovem nesta casa?

A madrasta afirmou que não.

Mas alguém, que sabia morar ali Maria, enteada da dona da casa, perguntou pela jovem.

A madrasta e a filha puseram-se a rir, em ar de chacota, exclamando:

— A «gata borralheira»! Essa é uma criatura suja e desmazelada. Como poderá ser a pessoa que procuram, se nem tamancos possui!

— Mas, seja como fôr — disse o príncipe — quero que a tragam sem demora!

Veio então, muito tímida, a pobre menina à presença de todos. O príncipe ficou espantado ao vê-la, pois era o retrato da jovem que tanto amava.

Fêz-se então a experiência. E, com admiração de todos e enorme contentamento do príncipe, o sapato de cristal e brilhantes servira perfeitamente, como se para ela fôra fabricado.

No mesmo instante, como que por encanto, suas vestes de frangalhos se transformaram nos ricos trajes com que assistira ao último baile, aparecendo o outro sapato que formara com aquêle o par com que se apresentara naquele baile.

A madrasta e a filha ficaram enfiadas de desapontamento, mas pasmadas diante do que estavam vendo com seus próprios olhos.

O príncipe casou-se com Maria. Houve uma festa de arromba.

E as duas perversas, só não foram castigadas, como mereciam, graças à intercessão de Maria, cujo coração era de anjo e não de gente dêste mundo, meus senhores.

E, com esta, «acabou-se a história que entrou por uma porta e saiu por outra».

Os cavalos mágicos (1)

Era um dia três irmãos, Pedro, José e Joãozinho, o mais novo de todos.

Pedro foi um dia ter com o pai e disse-lhe:

— Saiba meu pai que vou cuidar de minha vida.

O pai insistiu que não fôsse, mas, vendo-o obstinado, consentiu, e em vez da bênção que não pediu deu-lhe uma bôlsa de dinheiro, que o filho achou pouco, pelo que lhe deu mais.

Passados dias ainda chorava a ausência de Pedro, e chegou-se ao velho outro seu filho, o José, e disse-lhe:

— Meu pai, quero correr mundo e tratar de minha vida. Em vez de bênção, quero dinheiro.

---

(1) Colhido de uma senhora do arraial da Grama, em Juiz de Fora.

O pobre homem deu-lhe conselhos, mas não sendo atendido pelo rapaz, entregou-lhe outra bôlsa de dinheiro, e, como José achasse pouco, deu-lhe tudo que lhe restava.

Novas lágrimas e lamentos, mas não passou muito tempo que veio ter com o pai o Joãozinho, o mais novo dos irmãos, que lhe disse, com todo carinho e respeito:

— Meu pai, venho pedir-lhe sua bênção, pois desejo também partir.

O velho, por ser êste o seu filho mais querido, pôs-se a chorar, mas como o mocinho insistisse e muito lhe rogasse, não teve remédio senão consentir, mas, disse-lhe que nada tinha para dar-lhe, senão a sua bênção.

Joãozinho respondeu que não queria outra coisa. E, almoçado e com muitas saudades, pôs-se a caminho.

***

Pedro, depois de haver muito caminhado, foi ter a um velho castelo, onde *tinha* um lindo pomar e uma grande horta, que segundo corria era tôdas as noites devastada por uns misteriosos cavalos, a que ninguém podia ter mão, nem prender.

Pedro bateu à porta e pediu um emprêgo.

O castelão contou-lhe o que se passava e o rapaz se propôs aceitar o emprêgo de guardar a horta e defendê-la.

À noite o rapaz pôs-se de espreita, mas, às tantas, adormeceu. Vieram os cavalos e devastaram a horta. Pedro despertou com o rumor. Mas já o mal estava feito e os animais desapareceram como que por encanto.

No dia seguinte o castelão ficou indignado e despediu o pobre moço.

Passados dias lá foi ter José. Empregou-se para o mesmo fim no castelo e diferente não foi o resultado, pelo que foi logo despedido.

A êsse tempo Joãozinho já estava de viagem e, como não tinha nenhum recurso para obter hospedagem, passava as noites nos ranchos. Numa dessas noites apareceu-lhe a figura de N. Senhora, sua madrinha, que o abençoou e lhe disse:

— João, estarei contigo, meu filho!

Depois deu-lhe uns objetos, dizendo:

— Toma esta rêde para que nela descanses, e êste «machetinho», para que nos teus descansos te divirtas, e esta caixa de alfinêtes que espetarás na rêde, para que, nela deitado, estejas sempre vigilante.

Dito isto, desapareceu, deixando o rapaz deslumbrado.

Enfim, Joãozinho chegou ao tal castelo e como fizeram seus irmãos pediu um emprêgo.

O castelão fêz-lhe proposta de guardar a horta e Joãozinho aceitou.

À noite atou a sua rêde nos galhos de duas árvores, espetou na rêde os alfinêtes e pôs-se a tocar o seu «machetinho». Quando queria cochilar sentia-lhe espetarem os alfinêtes e punha-se a tocar o «machete».

Nisto ouviu um rumor. Era o primeiro cavalo, muito bonito e todo baio, que chegava. O rapazinho foi ao encontro do animal tendo antes colhido algumas fôlhas de couve que lhe ofereceu.

O cavalo, que era encantado, disse-lhe assim:

— Fizeste bem em praticar esta boa ação. Não estragarei a tua horta. Toma em paga êste fio da minha cauda e quando estiveres em algum apêrto ou quando desejares alguma coisa, não tens que fazer senão pronunciar estas palavras, e eu estarei a teu lado:

Oh! meu cavalo baio,
Cauda comprida até o chão,
Ferrado dos quatro pés,
Valha-me nesta ocasião.

Mais tarde apareceu um cavalo tão belo como o outro e todo prêto. E tudo se passou como anterior-

mente, recebendo o rapaz um fio da cauda do misterioso animal.

Quase ao amanhecer surgiu o terceiro, um bonito cavalo, todo branco. Aconteceu o mesmo que com os demais, recebendo Joãozinho um fio da cauda do cavalo branco.

De manhã foi uma grande admiração e alegria do castelão, ao ver que a sua horta havia sido poupada. João guardou segrêdo do que ocorrera e ficou dois anos no castelo, de onde se retirou, muito bem pago, mas com grande tristeza do patrão que lhe queria muito bem.

Prosseguindo a correr o fado, foi dar numa grande cidade, onde havia um rei que tinha uma filha, a qual só se casaria com o jovem que, no próximo torneio de corrida de cavalos que devia durar três dias, tirasse do dedo da mão direita da princesa o anel que ela traria, colocada na sacada do andar mais alto do palácio.

João ouviu contar isto e foi empregar-se em casa de alguns jovens que moravam juntos, entregues a grande libertinagem.

Os rapazes deram-lhe os trabalhos da cozinha e começaram a tratá-lo muito mal; mas o rapazinho cumpria bem os seus deveres, e, embora entre os patrões já tivesse reconhecido os dois irmãos, não se quis dar a conhecer.

Também os rapazes não falavam em outra coisa, senão no tal torneio, e todos faziam o plano de ser cada qual o conquistador da mão da princesa. Para isto encomendaram os melhores cavalos e no anunciado dia partiram para o lugar aprazado.

Joãozinho quando ficou só, tomou do fio da cauda do cavalo baio e disse:

Oh! meu cavalo baio,
Cauda comprida até o chão,
Ferrado dos quatro pés,
Valha-me nesta ocasião.

E sùbitamente apareceu diante dêle um lindo e vistoso baio, todo arreado de prata e ouro, enquanto João se viu, com pasmo, todo vestido de príncipe.

Montou a cavalo e partiu.

Já os candidatos, que eram muitos, tinham feito a tentativa em vão, quando surgiu o estranho cavaleiro, que, num vôo, aprumando-se nos estribos do selim, quase tirou o anel.

Houve muitas palmas mas o prêmio não foi conquistado. Todos, inclusive a princesa e os irmãos de João, estavam doidinhos por saber quem seria aquêle cavaleiro.

Indagações foram feitas, mas nada se descobriu.

No segundo dia, tudo se passou como no primeiro.

João disse:

Oh! meu cavalo prêto,
Cauda comprida até o chão,
Ferrado dos quatro pés,
Valha-me nesta ocasião.

Logo o cavalo prêto surgiu, ainda melhor arreado que o outro, pois tudo nêle era só de ouro e João se transformou pelos trajes num lindo príncipe.

Montou e partiu.

Já os corredores tinham feito em vão a prova.

Então o novo cavaleiro aparece e num vôo do cavalo quase, por um triz, arrebata o anel da princesa que sorriu, encantada, para êle.

Mas ainda desta vez não se descobriu quem fôsse a estranha aparição e mil pesquisas e conjeturas se fizeram.

Chega a terceira e última prova.

Todos acorrem à grande praça do torneio, cada qual dos cavaleiros montado no mais belo e fogoso animal.

Joãozinho então, para pregar uma boa peça aos irmãos e aos companheiros que o haviam sempre mal-

tratado, quebrou tôdas as panelas e a louça da casa e deixou escrito na parede, a carvão, o seu nome, para se dar a conhecer.

Em seguida pegou do fio da cauda do cavalo branco e pronunciou as palavras encantadas:

Oh! meu cavalo branco,
Cauda comprida até o chão,
Ferrado dos quatro pés,
Valha-me nesta ocasião.

Logo apareceu o cavalo branco, ainda mais bonito que os outros e mais bem arreado, pois os arreios eram de ouro e diamantes. O traje de príncipe, em que se transformou o de João, era mais rico que os das outras vêzes.

Montou e partiu mais rápido que o vento.

Já os cavaleiros haviam feito a experiência em vão.

Mas a princesa esperava, sorrindo, o cavaleiro misterioso.

Quando êste assomou em rápida carreira pelo espaço, todos o miravam pasmados, quando, de repente, num salto do cavalo, êle passou como um relâmpago pelos ares e tirou o anel do dedo da princesa.

Todos bateram palmas, mas Pedro e José, que eram muito invejosos, ficaram tristes e acabrunhados.

O rei foi com o seu cortejo ao encontro de João. Levaram o vencedor para junto da princesa que o esperava alegre e risonha.

Quando os irmãos chegaram em casa e encontraram tudo quebrado e em desordem, ficaram indignados, mas ao darem com o nome do irmão escrito na parede, desconfiaram logo que êle fôsse o cavaleiro misterioso, foram ao seu encontro e pediram-lhe desculpas do mal que lhe haviam feito.

João recebeu-os com alegria e carinho, quis que assistissem ao seu casamento com a princesa e arranjou-lhes bons empregos no palácio.

Todos ficaram muito contentes. E vai, a história entrou por uma porta e saiu por outra, um, dois, três... amém.

A Bela e a Fera (1)

Era uma vez um rico mercador que tinha três filhas, cada qual mais bela. Depois empobreceu e foi morar longe da cidade, onde pudesse esconder a vergonha de sua pobreza. As filhas mais velhas ficaram muito tristes com isso, por não poderem mais sustentar o luxo de que tanto gostavam. A mais nova, que se chamava Bela, acomodou-se à sorte e tudo fazia por consolar o velho pai.

Vai senão quando o mercador teve notícias de um bom negócio numas terras muito distantes e, para tentar ainda o fado, partiu para lá. Ao despedir-se perguntou às filhas o que queriam que lhes trouxesse, caso fôsse feliz nos negócios.

A mais velha disse que queria um rico piano; a do meio pediu um vestido de sêda e a mais nova respondeu que não pretendia nada, senão que êle fôsse muito feliz e a abençoasse.

O pai, que esta era a filha que êle mais prezava, insistiu com Bela que escolhesse também alguma prenda.

E vai a moça disse:

— Pois bem, meu pai, quero que me traga a mais linda rosa do mais lindo jardim que o senhor encontrar.

O mercador partiu e não lhe correram os negócios como esperava.

Vinha regressando muito acabrunhado, em noite tenebrosa, sem mais esperanças de encontrar pousada, quando, em meio de um bosque, viu brilhar muitas luzes. Tocou para lá. Era um rico castelo. Bateu à

---

(1) Colhido de uma senhora de Cataguases, Minas. V. *Notas finais*.

porta longo tempo: ó de casa! — e ninguém respondeu. Em vista disso foi entrando e percorrendo tôda a casa, sem lhe aparecer viv'alma.

Por fim viu surgir um criado de farda, que lhe veio dizer que o jantar estava na mesa.

O hóspede foi para a sala de jantar e lá encontrou um perfeito banquete. Comeu com apetite. Mas, não tornou mais a ver o criado, senão quando êste o veio avisar de que eram horas de dormir, mostrando-lhe em seguida o mais belo quarto que se podia imaginar.

Estava muito admirado de tudo quanto via e achava tudo aquilo muito misterioso; mas, enfim, estava fatigado e com sono. Adormeceu sonhando com a sua filha Bela.

De manhã ergueu-se, disposto a continuar a viagem. Saiu para o pátio, a fim de tomar o animal, mas, quando avistou o jardim do castelo, lembrou-se logo do pedido de Bela, e como visse a mais linda rosa que jamais seus olhos haviam contemplado, foi logo colhê-la. Quando a teve nas mãos, pensando no contentamento que ia dar à filha, surgiu de súbito um monstro, uma fera horrível, com estas palavras:

— Ah! desgraçado! Em paga de eu te haver acolhido em meu palácio, vens roubar-me o meu sustento! Pois não sabes que eu me alimento só de rosas?!...

Que não sabia, respondeu o mercador muito vexado.

— Errei, confesso. Mas, eu queria levar esta flor à minha filha mais nova que me pediu de lembrança a mais linda rosa que eu encontrasse. Posso, entretanto, restituir-lha. Aí a tem.

— Não; leve a flor, mas, com a condição de trazer-me aqui a primeira criatura que avistar em sua casa, quando chegar.

Como não tinha outro remédio, o mercador aceitou a condição imposta e partiu com a flor.

Em caminho ia pensando no caso, mas estava certo de que tudo se resolveria bem, porque quem sem-

pre vinha ao seu encontro era a cachorrinha da casa. Assim não aconteceu. Ao chegar a primeira criatura que êle avistou foi sua filha Bela, a quem entregou a rosa, contando-lhe tudo o que havia acontecido e lamentando a sua infelicidade.

— Lá por isso não seja, meu pai, pois irei, e a Fera há de se apiedar de nós.

No outro dia foram ter ao castelo, onde tudo se passou como anteriormente.

Quando, pela manhã, a moça colheu outra rosa, a Fera apareceu, mas a rapariga se pôs a achá-la muito bonita e a acariciá-la. O monstro apaziguou-se e o mercador, chegando a hora de partir, despediu-se, chorando, da filha, que ali ficou vivendo.

Algum tempo depois Bela mostrou desejo de tornar a ver o pai, mas a Fera não quis que ela se afastasse dali. Mandou chamar o velho que veio logo num átimo. Lá passou uns dias e quando foi para voltar disse à Fera que lhe entregasse a menina. A Fera respondeu-lhe que nem por tudo dêste mundo lha tornava a dar, que podia vir vê-la quando entendesse. E lá por dinheiro não, que fôsse ao seu tesouro e levasse as riquezas que quisesse.

O mercador voltou rico para casa.

Passado algum tempo a Fera chamou a moça e lhe disse:

— Tua irmã mais velha acaba de casar-se.

— Como sabes disto?

— Queres vê-la?

— Sim, que queria.

A Fera levou-a a um quarto encantado e mostrou-lhe um espelho, onde ela viu a irmã, de braço com o noivo, ao lado dos pais e dos convidados.

Bela pediu então com muita brandura que a deixasse ir a casa.

E a Fera disse-lhe:

— Se eu deixasse, você não voltaria aqui.

A moça jurou que não seria assim tão ingrata e prometeu voltar ao fim de três dias.

A Fera consentiu, mas disse-lhe:

— Se não voltares em três dias me encontrarás morto. Leva êste anel e não o tires do dedo, porque se o tirares me esquecerás.

A moça foi, visitou a família e contou às irmãs tudo que era passado e disse-lhes que se sentia feliz.

As outras com inveja, na noite que completava o terceiro dia, esconderam-lhe o anel e ela não se lembrou mais da Fera.

O pobre animal, ao tempo que Bela ia-se esquecendo, ia também amofinando.

A irmã casada contou ao marido o que havia feito com a outra e êle, que era um homem sério, obrigou-a a entregar o anel à irmã. Dito e feito. Logo que teve o anel no dedo, Bela de tudo se lembrou novamente. Partiu sem detença e chegou ao castelo quando se completavam três dias e meio que dali se havia ausentado.

Procurou o *bicho* por todos os aposentos, chamou-o muitas vêzes, mas não tornou a vê-lo, até que por fim foi dar com êle quase moribundo, estendido entre as gramas do jardim.

Supôs que estivesse morto, e como muito o estimava, quis dar-lhe um beijo.

Quando o beijou, a Fera, de repente, transformou-se num belo príncipe.

Estava encantado. Bela, com aquêle beijo, lhe tinha quebrado o encanto e o príncipe recebeu-a em casamento.

Os sete pares de sapatos da princesa (1)

Era uma vez um reino em que havia uma princesa que gastava sete pares de sapatos por noite. Ninguém podia explicar êsse mistério. Vai então Joãozinho, um rapazote que andava correndo mundo e que saíra de casa com a bênção do pai, tinha chegado a essa terra e ouviu falar dêsse misterioso caso. O rei daria a mão da princesa em casamento a quem descobrisse tudo como era. Mas quem o tentasse e não descobrisse — era ali na certa — daria a cabeça a degolar. Muitos já tinham experimentado e recebido o grande castigo. Mas Joãozinho, que era moço de muita coragem e muita confiança, em suas orações pediu a sua madrinha, Nossa Senhora, que o protegesse e apresentou-se em palácio. Foi uma dificuldade para falar ao rei, mas por fim avistou-se com S. Majestade, e vai então disse-lhe que estava pronto para decifrar o mistério. O rei avisou-o do que lhe havia de acontecer se não descobrisse. Êle aceitou, mas com a condição de dormir num aposento que comunicasse com o da princesa. Ficou tudo combinado. Mas a princesa veio a saber e ordenou à aia que pusesse dormideira no chá de Joãozinho. Dito e feito! Mas o rapaz, que era esperto, fêz que bebeu, mas lançou fora o chá.

Quando se acomodaram, Joãozinho fingiu que dormia, e até roncava para melhor fingir. Mas, ôlho esperto! E até tinha notado que debaixo da cama da princesa havia um baùzinho de fôlha, fechado, de onde, de vez em quando saía um ruído.

Lá pela meia-noite ouviu uma voz. Era da princesa que chamava: *Calicote! Calicote!* De dentro do baú saiu um diabinho:

— E' hora! E' hora, princesa!

---

(1) Colhida de um guia, na cidade mineira de Ubá. V. *Notas finais*.

A princesa vestiu-se num momento. Pôs no baùzinho meia dúzia de pares de *sapatos*, os *quais pares*, com o que tinha nos pés, faziam sete.

O diabinho pegou do baú e saiu pela janela com a princesa. Logo depois saiu Joãozinho, muito *escoteiro*. Lá fora havia uma carruagem tôda dourada com cavalos prêtos, arreados de ouro e prata.

O *Calicote* e a princesa tomaram assento no carro. Joãozinho saltou para a traseira do trole que partiu a tôda.

Lá adiante apareceu de repente um campo todo de flores de bronze. Joãozinho apanhou uma, examinou-a encantado e guardou-a no bornal que levava a tiracolo.

Mais adiante atravessaram outro campo, mas agora, as flores eram de prata; depois mais outro campo de flores de ouro; outro de flores de diamante; outro de flores de rubi e outro de flores de esmeralda.

Era mesmo uma lindeza! Joãozinho de *cada* apanhava uma flor e metia no bornal, sempre mais encantado e admirado daquele mistério.

Por fim chegaram a um rico palácio, como não há na terra. Todo iluminado e com um jardim de maravilhas, com flores de tôda casta de ricos metais e pedras preciosas. Tocava uma música que era uma coisa sobrenatural. Criadagem tôda de libré dourada. Convidados ricamente vestidos, todos pareciam príncipes e princesas.

Os recém-chegados uniram-se aos outros convivas e foram todos para a mesa da sala de jantar, onde havia um grande banquete. Joãozinho achou jeito de saltar uma das janelas e colocar-se debaixo da mesa.

De vez em quando algum dos convidados deixava cair um osso de peru ou de galinha, e Joãozinho apanhava e metia no bornal.

Para encurtar, logo depois começou o baile. E a cada contradança que a princesa dançava com algum dos convidados rompia um par de sapatos que *Cali-*

cote lançava para o canto, trocando-os por outros que trouxera no baùzinho. Mas Joãozinho era esperto, e ia se apoderando de um pé de cada par de botinas estragado. Quando estava para darem duas horas, a princesa disse:

— *Calicote*. E' hora!

— Sim, princesa, vamos!

Foram tomar o trole, acompanhados até a porta pelos convidados. E Joãozinho, já se sabe — *upa!* para a traseira com seu bornal bem sortido.

Foi uma disparada só, e quando deram duas horas já todos estavam nos seus aposentos. E o trole tinha desaparecido.

Calicote entrou para o baùzinho que foi escondido debaixo da cama.

Quando amanheceu, já o rei estava aflito para saber da solução do enigma.

Quando Joãozinho saiu do quarto foi logo chamado à presença do rei, e disse:

— Saiba Vossa Real Majestade que a resposta lhe será dada hoje, à hora do jantar, e peço que seja dado um banquete e seja convidado o sr. bispo e a princesa.

O rei sorriu-se daquele estranho pedido. Mas, querendo ter paciência até o fim, mesmo porque não deixava de estar curioso, deu o banquete, a que compareceu tôda a alta fidalguia.

O jantar ia correndo sem novidade, quando, à hora da sobremesa, Joãozinho levantou-se e brindou a princesa, dizendo que lhe queria oferecer misteriosas e ricas prendas. E disse:

— No jardim dêste palácio haverá flores de bronze?

E tirou do bornal que escondera debaixo da casaca a flor de bronze.

A princesa empalideceu e êle colocou a flor sôbre a mesa.

— Haverá flores de prata? flores de ouro? de diamante? de rubi? de esmeralda? E ia colocando as flores sôbre a toalha.

— E pés de galinha, de prata? e pés de peru, de ouro? Haverá?

Todos estavam deslumbrados por ver tais coisas nunca vistas e a princesa ia se tornando cada vez mais pálida. Mas Joãozinho continuava:

— E êste sapato, conhecerá V. Alteza? E êste? E mais êste?

E ia mostrando cada sapato, até o número de sete.

— Pois tudo isto pertence a V. Alteza.

Já então a princesa tinha desmaiado e estava sendo socorrida, mas Joãozinho correu ao quarto, trouxe o baùzinho e pediu ao senhor bispo que o benzesse. O bispo benzeu-o e o baú deu um estouro, desprendendo-se no ar um cheiro de enxôfre que ninguém podia suportar.

Quando a princesa abriu os olhos, voltando a si, exclamou, cheia de alegria:

— Graças a Deus, estou livre!

Tinha perdido aquêle mau fado que uma fada infernal lhe tinha pôsto, quando tinha doze anos, com inveja da sua grande beleza.

Todos festejaram o feito de Joãozinho, que se casou, daí por pouco, com a princesa, vivendo todos muito felizes.

E êle tudo agradeceu à sua boa madrinha, N. Senhora da Conceição Aparecida. E, Deus louvado, acabou-se a história.

LENDAS POPULARES E RELIGIOSAS

Ciclo de lendas sôbre a formação das raças

O branco e o negro (1)

Deus fêz o homem perfeito à sua imagem e semelhança.

O diabo entendeu que podia conseguir obra igual ou ainda melhor.

Tomou um pouco de barro, como vira Deus fazer, e começou a trabalhar. Quando terminou a figura, reparou que estava tôda ela enegrecida, porque feita pelas mãos dêle que são de fogo, saíra côr de carvão e com o cabelo todo chamuscado.

O diabo ficou indignado por não ter podido conseguir uma figura tão perfeita como a que saíra das mãos de Deus, e, contemplando enfurecido o boneco, deu-lhe tamanho murro no nariz que o esborrachou.

Deus tinha feito o branco, e o diabo fizera o negro, prêto como carvão, de cabelo encarapinhado e de nariz esborrachado.

O branco, o índio e o negro

Deus criou o branco, o índio e o negro. Quis depois experimentar-lhes as qualidades de inteligência, coragem e destreza.

---

(1) Colhida em S. João del-Rei, bem como as demais versões do mesmo ciclo.

Atirou-os a um poço de certa profundidade.

O branco, vendo o perigo em que se achava, pensou logo no que devia fazer e, aproveitando-se das fendas da terra, agarrando-se às paredes do buraco, salvou-se, saindo do poço.

O índio, que lhe observara todos os movimentos e expedientes, procurou imitá-lo, mas só pôde conseguir o que desejava, trepando às costas do negro.

Mas êste, indolente, nada tentou para salvar-se, e deixou-se ficar inativo, sem pedir socorro, sem procurar qualquer recurso, até que veio a morrer.

E aí está como Deus, na sua grande sabedoria, fêz o negro inferior ao índio e o índio inferior ao branco.

As três raças

Dizem que antigamente todos os homens eram negros.

Vai então Deus viu, um dia, três irmãos lamentando com muito pranto a morte de seu pai.

Deus ficou muito penalizado e resolveu consolá-los, de algum modo, em tanto sofrimento.

Disse-lhes que havia uma fonte de água muito pura e cristalina, da qual, se nela se lavassem, poderiam sair tão brancos como a neve.

Um dos irmãos atalhou:

— Não acredito em tal maravilha. Nem sequer tentarei a experiência.

O segundo disse:

— Irei ver essa fonte maravilhosa.

O terceiro disse:

— Irei lavar-me nessa fonte e, quando dela sair, estarei branco e perfeito.

E, dizendo isto, foi lançar-se ao meio da fonte, de onde saiu com a pele inteiramente branca.

Vendo-o, o segundo correu a imitá-lo, mas encon-

trou a água já alterada, de maneira que, após o banho, ficou êle com o corpo apenas avermelhado.

O primeiro, já não duvidando do milagre, correu também à fonte, mas, havia já tão pouca água que apenas pôde nela tocar a planta dos pés e a palma das mãos.

E assim foi que apareceram as três raças, a branca, a vermelha e a negra (1).

A lenda das miosótis (2)

Era uma vez Nossa Senhora que ia em procura de Jesus, seu amado filho, quando, ao passar por um formoso campo tapetado de lindas florinhas muito brancas, se deixou a contemplá-las com tal ternura que de seus olhos da côr do céu caíram lágrimas de saudade que sentia de seu filho.

As lágrimas da Virgem banharam as pétalas daquelas encantadoras florinhas que, desde aquêle instante, tomaram a côr dos olhos de Maria e azuis ficaram por tôda a vida (3).

---

(1) A propósito das raças conheço também estas quadrinhas populares:

Deus quando fêz o negro
Começou no calcanhar,
Quando chegou no nariz
Deu ao diabo pra acabar.
O diabo tinha preguiça,
Não queria trabalhar;
Deu um sôco no nariz
E o acabou de esborrachar.

(2) Colhida em Minas.

(3) A pessoa que me narrou esta lenda acrescentou que a palavra *miosótis*, em grego, quer dizer *meus olhos*, segundo lhe dissera uma senhora que lha contara.

Vê-se que esta etimologia foi sugerida, através da lenda, porque o verdadeiro étimo dessa palavra (latim *myosota*) está numa expressão grega que quer dizer *orelha de rato*.

O sentimento de saudade expresso na lenda ainda sugeriu outro nome para a encantadora e delicada florzinha: *não me esqueças*, que corresponde ao *forget-me-not* dos inglêses.

Esta coincidência prova a universalidade da lenda e dos sentimentos idênticos que a flor pôde despertar a povos inteiramente diferentes.

Santo Antônio casamenteiro (1)

Conta-se de uma jovem, linda, mas sempre a esperar por um noivo que não chegava, que, desesperançosa de encontrar casamento, se apegou com Santo Antônio. Adquiriu uma imagem do santo, fê-la benzer, colocou-a em um pequeno nicho, onde lhe levava, todos os dias, o seu fervoroso responso e o seu vintènzinho de promessa. Passaram semanas, meses, anos... e nada.

O noivo não aparecera, nem corria voz de que algum mancebo, ou mesmo, à falta de outro, algum velhote endinheirado se teria por ela inclinado. Certa vez, depois de muito lamentar-se da ingratidão do santo e de questionar com a velha progenitora sôbre o «desprestigiado» poder miraculoso do taumaturgo, toma da imagem, e, no auge do desespêro, lança-a pela janela. Passava, por acaso, um belo cavalheiro que a recebe, em cheio, sôbre a cabeça. Colhe-a intata e sobe as escadas do sobrado, de uma de cujas janelas partira a imagem. Vem recebê-lo justamente a formosa e geniosa donzela. Apaixona-se o cavalheiro pela moça e com ela vem a casar, naturalmente por milagre do santo (2).

Lendas populares de N. S. Aparecida

Certo homem vendo-se em grande necessidade, desprevenido de recursos pecuniários e sem emprêgo, resolveu tentar a sorte, abrindo uma casa de negócio. Mas, como não tivesse capital, lembrou-se de pedi-lo emprestado a Nossa Senhora da Aparecida.

Dirigiu-se à capela, a horas mortas, e, muito às

(1) Colhida em Minas.
(2) Esta lenda corre de bôca em bôca e, certamente, contribui para que mais se alastre a crença nos méritos de Santo Antônio como providencial casamenteiro.

ocultas, abriu o cofre de esmolas e retirou certa importância, com que pôde começar a sua vida.

Tudo lhe correu perfeitamente bem. Enriqueceu. Mas, sentindo doer-lhe a consciência, resolveu restituir a importância à Virgem Milagrosa.

Sorrateiramente penetrou no templo, munido da quantia, aumentada com os juros. Mas, quando quis depositá-la no cofre, sentiu o braço sem movimento.

A mão fechada, com o dinheiro, já introduzida no cofre, não se abria para a restituição do empréstimo. Nesta conjuntura gritou, instintivamente, por socorro. Veio o sacristão, depois o cura, e a multidão de curiosos acorreu, atraída pelas vozes de clamor. O homem confessou o delito. O padre benzeu-o, e só então pôde êle retirar o braço e, já fora êste, sentiu a mão abrir-se com tôda a facilidade. Quis colocar de novo o dinheiro no cofre, em vão! o fenômeno se repete. Retira o braço, e readquire êle todos os movimentos!

Estava explicado: Nossa Senhora não queria a restituição do empréstimo.

***

Havia nas proximidades de Guaratinguetá um homem, homem sem nenhum temor de Deus, de vida desordenada e irreligioso.

Certa vez, em que se celebrava na capela o santo sacrifício da missa, apresentou-se êle, a cavalo, e um tanto alcoolizado, fazendo saltar o animal no adro, e proferindo impropérios contra a religião e os milagres da Santa Virgem.

Advertiram-no do êrro, quiseram sossegá-lo; exaltou-se, e, no auge do desatino, quis penetrar a cavalo no interior do templo. Era justamente no instante em que se erguia a hóstia na consagração.

O tresloucado atira o animal para o patamar da escada. Mas, ao pisá-lo, a cavalgadura não se move, es-

taca como dominada por um poder estranho e curva a cabeça, como que em respeitosa adoração.

O braço do cavaleiro, com a vergasta na mão, paralisa-se no espaço, sem poder fustigar o animal.

O povo percebe o milagre e o sacrílego, apeando-se, contrito rende graças e louvores à Virgem Aparecida.

***

Narram que, ameaçando ruína a antiga capelinha da Virgem, foi a imagem depositada numa das igrejas de Guaratinguetá.

Não se sabe como, dias depois, apareceu ela no nicho do pequenino templo.

Volta o povo a conduzi-la à cidade, e o milagre se repete.

Foi então que se resolveu a construção da nova capela, que é a atual basílica (1).

O monge da Serra da Saudade

(Lenda regional)

Há muitos anos, há muitos anos houve por aqui um monge velho que percorria as estradas da redondeza, pedindo para os pobres e repartindo as esmolas, que granjeava, com os mendigos e gente necessitada dos lugares por onde passava. O monge de longas barbas muito brancas, vestindo uma *chimarra* quase esfrangalhada, amparado ao bordão, com uma caixa a tiracolo, lá ia de jornada em jornada; mas como tinha o pouso certo no alto da serra, sempre por algum tempo a ela voltava e nela assistia, dias e dias, celebrando num

(1) Estas lendas, e outras que coleciono, ouvi-as na infância, em Guaratinguetá, dos lábios da gente simples. E' ali indescritível o fervor e a veneração pela Santa Virgem.

Os pescadores e o povo, na sua representação mais geral, orgulham-se de ser «patrícios de Nossa Senhora», e dizem-no com convicção e júbilo encantadores.

Estas lendas correm também em Minas.

altar que armava sôbre uma laje tôda enfeitada de flores. A ouvir a missa do monge da serra da Saudade acudia gente de todos os pontos próximos e mesmo distantes e não havia quem não lhe desse fama de santo, por causa dos milagres que fazia curando os enfermos com a água milagrosa da fonte ali existente.

Um dia o monge desapareceu. Teria morrido? Soube-se, então, que um caçador bisonho e desconhecido no lugar, penetrara na serra, por uma madrugada escura, tomara o monge por um bugio e nêle desfechara a arma homicida. Os milagres, entretanto, continuavam a verificar-se à invocação do monge, e a fonte continua até hoje a ser procurada pelos enfermos que julgam santas aquelas águas a brotarem da pedra sôbre uma linda bacia de granito que se enche, sem nunca extravasar e sem se saber por onde o líquido encontra o seu natural escoadouro.

Do monge sabe-se, e contam os que o têm visto, que, ao primeiro sinal da madrugada, aparece no alto da serra, em frente de um altar que surge de improviso, e mostra-se a celebrar, com um anjo ao lado, a servir-lhe de sacristão. Um invisível sino repica e o viajante pára, atônito, contemplando aquela maravilha no encantamento do mistério (1).

---

(1) Como vemos, trata-se de uma lenda simples, mas, ao mesmo tempo, tocante. Ali, em meio da estrada, por um cair de tarde doirada e silenciosa, deixei-me ao lado do camarada, que me narrou esta lenda, contemplando a serra na invocação da saudade de seu monge tradicional enquanto o céu se acendia de estrêlas rutilantes, como um altar em festa, onde devia, em vez do ermitão, celebrar a poesia.

E pus-me, de mim para mim, a considerar que esta lenda, até onde pode ser verdadeira, não é senão o vestígio tradicional de outras mais antigas e semelhantes que vieram rastreando a alma do povo, desde os tempos coloniais em que os catequistas povoavam os sertões, se grimpavam às montanhas, percorriam as estradas em caridosas peregrinações, civilizando o índio e socorrendo a indigência, fundando hospitais e recolhimentos. Assim o fazia o famoso e santo irmão Moreira, fundador da santa casa de S. João del-Rei, e cuja lenda tanta ligação apresenta em seus traços primordiais, com a dêsse monge que, ao nascer das lindas manhãs da Várzea do Carmo, continua do alto da serra a oficiar para as almas simples e ingênuas, cujos olhos se habituaram a ver o que a imaginação lhes pinta e lhes sugere.

E é assim que o folclore de Juiz de Fora pode registrar, como uma das suas mais belas documentações, essa formosa lenda.

A *Serra da Saudade* localiza-se entre os municípios de Juiz de Fora e Lima Duarte.

Joaquim Ribeiro em seu erudito e primoroso livro *A Tradição e as Len-*

A lenda popular do Santuário de Congonhas

Narra a lenda (1), que certa vez andava um prêto africano, escravo de rico senhor de lavras, em Congonhas, na faina de cortar capim, quando, em procura de capinzal mais viçoso, se lembrou de galgar o morro onde atualmente se acha o Santuário.

Ao chegar ao cume da colina, detém-se extático diante de uma visão que se lhe apresentara e em seguida cai como que inanimado ou tocado de uma fôrça estranha. Recobra ânimo, ergue-se, vai de perto contemplar a visão e volta, pressuroso, a comunicar ao senhor o que tinha visto: um santo com a cabeça recostada sôbre uma pedra (2). Era o *Senhor Bom Jesus Aparecido*.

O amo e os garimpeiros que trabalhavam às margens do rio não lhe dão crédito. Mas, por fim, tal a firmeza do prêto em reafirmar a exatidão do fato, vão todos ter com o vigário de Congonhas, que, como os demais, pôs em dúvida o que se lhe comunicava.

Não custava, entretanto, verificar. Em rápidos momentos o rancho, levando o vigário, e, à frente, o prêto a lhe servir de guia, pôs-se a caminho do ponto indicado.

Chegados que foram, disse o prêto, apontando certo sítio:

— Foi ali que o santo apareceu.

Aproximam-se. Oh, deslumbramento! Lá estava a imagem na posição descrita.

Prostram-se todos de joelhos, maravilhados, entoando preces a Jesus Crucificado, de quem era a imagem

---

das, refere-se à do monge da *Serra da Saudade* em interessantíssimo estudo, comparando-a com outras do mesmo ciclo.

(1) Convém notar que esta lenda é contada com amplificações poéticas pelo conhecido escritor Carmo Gama, em seu livro « Contos Mineiros ».

Dâmo-la conforme corre na tradição popular.

(2) E' crença popular que os fragmentos dessa pedra, verdadeiras relíquias, que os devotos disputam e guardam com muita devoção, trazendo-os, em *bentinhos*, contra enfermidades e males de todo gênero, crescem com o decorrer do tempo.

que, poucas horas depois, era conduzida em procissão para a Matriz do povoado.

Mas já no dia seguinte, correndo a nova, indo o povo adorá-la, não foi mais encontrada no templo.

Foram procurá-la no local onde aparecera. Lá estava no mesmo ponto, mas já então velada por um austero ermitão que, em êxtase, a adorava.

Interrogaram-no, e o velho narra que ali vive de longos anos na veneração dessa imagem e que o fato de haver ela desaparecido da Matriz bem indicava o desejo de o Senhor de Matozinhos ver ali construída a sua capela (1).

Lançam-se logo depois os fundamentos da ermida, tendo por base a pedra onde a imagem tinha a cabeça repousada, quando se manifestou. Enquanto isto, depositada ela de novo na Matriz, aí permanece.

O ermitão sai a esmolar, percorre povoados e fazendas, ajunta recursos — progridem as obras; a ermida se constrói.

Por que as mulheres catam pulgas (2)

(Lenda humorística)

Era uma velha, muito velhinha, que não saía do quarto, não podia mais trabalhar e vivia muito aborrecida por não ter que fazer.

Veio Nosso Senhor Jesus Cristo e para consolá-la e distraí-la ensinou-lhe a catar pulgas.

---

(1) Eis, segundo a lenda, a origem do Santuário. Nota-se, entretanto, que só remotamente concorda com os dados históricos já conhecidos.

Mas certamente, foi ela que deu lugar a que muitos romeiros e fiéis piamente acreditem que, além do Senhor de Matozinhos em imagem, existe no Santuário, escondido em lugar secreto pelos sacerdotes, o *Senhor vivo aparecido*, como costumam exprimir-se.

Os sacerdotes vêem-se em *papos de aranha* para convencê-los da inexatidão do que tem o povo como certo.

Há devotos que lhes suplicam com lágrimas nos olhos a graça de lhes ser mostrado o *Senhor vivo aparecido*, e não se deixam de modo nenhum convencer do contrário.

(2) Colhido em Juiz de Fora.

A velha gostou da lição e do entretenimento, e tôdas as mulheres, daí por diante, a imitaram e imitam.

Quem não tem que fazer cata pulgas (1).

As malvas (2)

Certa vez ia um guerreiro por um caminho, onde mais adiante o esperavam muitos inimigos que lhe dariam certamente a morte.

Uma rapariga que amava o guerreiro, sabendo que êle havia de passar por ali e não tendo meio de comunicar-lhe o perigo que o ameaçava, de madrugada espalhou pelo caminho fora muitas folhinhas de malva, a título de aviso.

Ao passar, vendo o guerreiro aquelas malvas, aqui e ali, considerou que elas teriam sido espalhadas de propósito e, querendo decifrar o enigma, atinou com o mistério, sem dificuldade: era como que um aviso de pessoa amiga: *mal vais* (*malvas*). Retrocedeu e salvou-se. Mais tarde soube que aquilo havia sido obra da namorada, a quem ficou devendo a vida, e casou com ela (3).

A Santa Aparecida

No distrito de Taruaçu (antigo arraial do Rabicho) município de S. João Nepomuceno, na região da Mata mineira, numa elevação pedregosa, localizada nas pro-

---

(1) Êste dizer ficou proverbial, e é paralelo do conhecido *quem não tem que fazer, faz colher de pau, e borda o cabo;* ou — *quem não tem que fazer põe a casa ao chão e torna-a a erguer.* Também se diz — *o não ter que fazer põe o mundo a perder.*

(2) Colhido em Rio Pardo.

(3) Paralelamente a esta lenda corre a seguinte adivinha:

Por aí andas bem *mal*,
Olha bem por onde *vais*...
O que quer isto dizer?
Responde se és capaz.

No significado das flores, malva quer dizer *aviso*.

Cf. a locução familiar: Ir para as *malvas*, ir para o cemitério, morrer.

ximidades do sítio do *Suspiro*, existe a imagem de uma santa, colocada entre pedras, numa espécie de nicho, ao ar livre.

Conta-se que ali apareceu misteriosamente aquela imagem de N. Senhora.

Chamado o vigário (dizem que um certo Padre Lopes) para verificar a exatidão do acontecimento, o sacerdote tentou transportar a imagem para a igreja do arraial. Mas, a santa, uma vez lá depositada, voltava misteriosamente para a pedreira.

À vista do milagre, resolveu-se lá deixá-la naquela espécie de oratório, onde ficou e onde o povo até há poucos anos ia em orações e cumprimento de promessas.

Havia grande concurso de devotos, em busca de saúde. Até entrevados e cegos saravam e lá deixavam as suas lembrancinhas, em louvor da santa.

O povo fala muito, e tanto que os hereges dizem à bôca pequena que aquilo fôra arranjo do vigário. Mas, é mentira de gente tomada do demônio, porque até hoje existe a devoção e se repetem as curas, concluiu a pessoa que nos narrou esta lenda (1).

A lenda do Morro do Pelado

No distrito de Maripá, município do Espírito Santo de Guarará, na Mata de Minas, existe uma pequena elevação que se denomina *Morro Pelado*.

Dizem que ali, em tempos antigos, um rapaz de muito mau gênio, de coração de ferro, com muitas mortes nas costas, e que andava por conta do diabo, matou a própria mãe dêle e a sepultou ali mesmo.

Vê-se que esta lenda envolve um interessante caso de metáfora, calemburgo ou trocadilho populares.

(1) Esta lenda foi contada ao autor, que visitou o local, por um camarada, seu guia de viagem, e foi confirmada por muitas pessoas de Taruaçu, inclusive o escrivão de Paz, sr. Goulart.

Desde então o morro ficou maldito. No lugar da sepultura nunca mais nasceu nada, nem sequer um fio de capim. O morro tomou então aquêle nome. De noite muita gente tem visto aparecerem luzes de muitas côres no lugar da sepultura da pobrezinha, e escutam-se gemidos de cortar o coração.

E' para servirem de exemplo que Deus permite essas coisas. Qual é o filho que tem coragem de matar sua própria mãe, que o gerou, criou nos peitos, educou, passou tantos sacrifícios? — Filho desgraçado! (1).

A lenda do Morro da Boiada, em Juiz de Fora (2)

Lá no Morro da Boiada, onde era antigamente o arraial de Santo Antônio, que existia antes de se fundar Juiz de Fora, havia uma capelinha do santo e um cemitério.

Quando a população do Morro desprezou o local e veio cá para a vargem, onde está agora a cidade, trouxeram em procissão a imagem para o oratório do vigário, mas, qual! A imagem, voltou para a sua capelinha. Tornaram a trazer o santo, mas êle *tornou a voltar.*

Era mesmo uma teima sem remédio.

Santo Antônio da Boiada, era milagroso deveras, e o povo tinha com êle muita devoção! *Valha-me, Santo Antônio da Boiada!* — e estava logo tudo arranjado, desde que fôsse para bem, que para mal não há santo que ajude.

O Morro da Boiada de primeiro era também habitado por uma quadrilha de salteadores e ganhou fama de perigoso e assombrado. Dizem que *tem* lá um *china sêco*, que aparece fora de horas aos viajantes. Às vêzes

(1) Colhida na região da Mata de Minas, de um camarada com quem o autor viajou.

(2) Contada, por um caboclo velho, antigo morador de Juiz de Fora, onde é muito vulgar esta lenda, entremeada de diversos episódios.

a tradicional imagem, chamada "Santo Antônio Fugido", hoje faz parte do Patrimônio do Município "Museu Histórico" Pró-Ópsio" S. Armando

passam correndo bolas de fogo, galinhas de tôdas as côres, *inté* verdes, com seus pintinhos da mesma forma; topam-se fantasmas que vão crescendo, crescendo por essas alturas arriba, e cruzes de fogo, que aparecem e desaparecem não se sabe como.

Ih! quem vai de noite *no* Morro da Boiada tem muito que ver e que contar. Mas, quem é que se *astreve* a passar ali à meia-noite? Só se tiver oração das Almas Benditas, que então sim!

Lenda do túmulo de N. Senhora (1)

Contam os antigos que, quando morreu a Santa Virgem, as santas mulheres a sepultaram num bonito jazigo, num lindo lugar, mas onde nenhuma flor existia (2).

No dia seguinte, quando foram visitar a sepultura, encontraram-na tôda repleta de rosas, tendo sido o sagrado corpo de Maria, durante a noite levado pelos Anjos, em glorioso vôo, para o céu, onde ficou a Virgem para todo o sempre, rogando a Deus N. Senhor, seu divino Filho, por todos nós que somos também seus filhos.

Lenda do topônimo Benfica

Dizem que há muitos anos, tempos em que Benfica era apenas um sítio ou fazenda, um casal de jovens então recentemente consorciados, em plena lua de mel, viajava a cavalo, vindo do Rio do Peixe (atual

---

(1) Colhida em Rio Novo, Minas.

(2) Sôbre a morte da Santa Virgem não há referência nas Escrituras. Mas esta lenda universalizou-se na tradição cristã, certamente sob a influência da invocação *Rosa Mística*, da ladainha e também do simbólico rosário, coroa de rosas, dedicado a Maria.

Como se sabe, as rosas figuram milagrosamente em muitas lendas de santos. V. *Notas finais*.

Lima Duarte), quando se viu impossibilitado de prosseguir viagem, dado o imprevisto de um forte temporal que ali se desencadeara. Acolheram-se então os noivos à casa de um dos habitantes do lugar que os recebeu hospitaleiramente, tratando-os com amabilidade e dando-lhes confortável pousada.

Os hóspedes ficaram muitíssimo penhorados com o tratamento recebido e encantados com a magnífica noite passada naquele agradável abrigo.

Prosseguindo viagem no dia seguinte, ao agradecerem o ótimo tratamento que lhes foi prodigalizado pelo bondoso hospedeiro, pediu-lhes êste desculpas de lhe não ser possível dispensar-lhes a acolhida que mereciam, pois em lugares modestos como aquêle, onde faltam maiores recursos, o hóspede sempre fica mal.

Pelo que replicou o noivo, vibrantemente:

— Mal? Jamais, caro amigo! *bem fica! bem fica! bem fica!*

E assim, desde então ficou a localidade denominando-se *Benfica* (1).

(1) Esta é uma das versões que nos foi, há longos anos, relatada por um velho morador de Benfica.

Como não se ignora, Benfica (anteriormente Bemfica) é um antigo povoado pertencente ao distrito da cidade de Juiz de Fora, servido pela Estrada de Ferro Central do Brasil (antiga D. Pedro II), cuja estação se inaugurou a 1 de fevereiro de 1877. Dessa localidade parte o ramal férreo Benfica-Lima Duarte, cuja construção se iniciou em 1911 e já foi concluída nesse trecho, devendo prosseguir até Bom Jardim, no Sul de Minas.

Sôbre a denominação de Benfica correm diversas versões, com o objetivo de explicar-lhe a origem, até mesmo através dessa lenda, certamente engendrada pela imaginação popular, fértil em criações dessa natureza.

E' certo que, por simples espírito de pilhéria, se costuma dizer que quem fica em Benfica, mal fica — o que não passa de um trocadilho de mau gôsto, pois tôdas as vêzes que íamos àquele aprazível povoado, hoje em plena prosperidade jamais deixávamos de ser carinhosamente tratado pelos seus dignos habitantes.

Outra versão com que se procura explicar o topônimo de que estamos tratando é a de que um dos mais antigos moradores ou proprietários da região tinha o sobrenome ou apelido de Benfica. Mas tal afirmação não está documentada e, portanto, deve ser posta de lado.

Se é certo que existem localidades que tenham o nome ou apelido de seus fundadores, antigos habitantes ou proprietários de terras onde se iniciaram tais povoados, não é menos exato que muitas vêzes se dá justamente o inverso.

Lisboa, Pereira, Amoreira, Fonseca, Macieira, Laranjeira, e outras denominações toponímicas, adotavam-nas, como sobrenome ou apelido, indivíduos que respectivamente em qualquer delas tivessem nascido ou vivido.

Haja vista o que diz Leite de Vasconcelos (« Opúsculo », II, p. 15): « De

Ciclo de S. Pedro

A mãe de S. Pedro (1)

A mãe de S. Pedro era uma velhinha muito má, *rezinguenta*, *sumítica*, com *cara de poucos amigos*. Não tinha amizades, todos lhe fugiam.

Aconteceu que um dia estava a lavar num *corgo* um *molhe* de folhinhas de cebola, quando uma delas se desprendeu, ganhou a correnteza e lá se foi pela água abaixo.

A velha tentou reavê-la e, não o conseguindo, exclamou:

— Ora, seja tudo pelo amor de Deus!

---

todos os mencionados nomes o que nos importa agora é «Ribeiro», por constituir a terceira parte do «nome completo» do nosso tribuno. Como, a propósito de «Cardoso», expliquei no meu opúsculo «Etimologia de um nome ilustre...» deve entender-se que um dos antepassados de Antônio Cândido ou antiga pessoa ligada com a família, nasceu ou viveu em um local chamado «Ribeiro», ou com êsse local teve outra qualquer relação, e que os vizinhos lhe chamaram por isso Fulano do Ribeiro, ou lhe deram por alcunha o nome topográfico».

Por tudo quanto ficou dito a respeito do topônimo Benfica, dado à localidade de que estamos tratanto, o que achamos razoável supor é que o mesmo procede de uma prática muito generalizada em nosso país, desde os tempos coloniais. Vem a ser a de se adotarem, para denominações de propriedades agrícolas, arraias, vilas ou cidades, designativos lusitanos.

Assim é que em Portugal e no Brasil existem localidades denominadas Valença, Viçosa, Cedofeita, e outras muitas, inclusive Benfica, nome de um dos mais aprazíveis arrabaldes de Lisboa e que foi dado também a um local do Rio de Janeiro, no bairro de S. Cristóvão, e ao povoado pertencente a Juiz de Fora.

Essa coincidência explica-se por terem sido indivíduos de nacionalidade portuguêsa proprietários dos terrenos em que se situam em nosso país certas localidades, os quais, transplantando tais denominações para lugares de sua nova residência, distantes da pátria, quiseram dêsse modo homenagear a terra de seu berço natal.

Vamos agora dar a origem lusitana do nome topográfico Benfica, servindo-nos da explicação que, do mesmo, deu Frei Luís de Sousa («História de S. Domingos», cap. III do livro 2.º), ao descrever o célebre Convento de Benfica, em Portugal. Leiamos isto do insigne clássico:

«A uma pequena légua da cidade pela estrada que corre para Sintra, pouco desviado dela para a parte do poente, fica como escondido e furtado à comunicação da gente um pequeno vale que, sendo naturalmente aprazível por frescura de fontes e arvoredo, mereceu ao que se pode crer, o nome que tem de Benfica.»

Portuguêses, pois, que houvessem nascido ou vivido em Benfica, região lusitana, é que teriam dado igual denominação a lugares existentes no Brasil, em cujo número está o que pertence ao município mineiro.

Assim fica explicada a origem do topônimo que acabamos de estudar.

(1) Colhida em Juiz de Fora.

Não levou muito tempo morreu e foi apresentar-se no céu. Foi pesada na balança de S. Miguel e não houve outro remédio senão mandá-la para o inferno, tão grande era o pêso de seus pecados.

O filho ainda andava pelo mundo. Não lhe podia valer.

Quando S. Pedro morreu foi nomeado chaveiro do céu.

Das profundas do abismo, avistou a velha ao filho no gôzo e posse das glórias celestiais e pediu-lhe por gestos que a salvasse.

O santo chaveiro, que não podia resolver nada por si, foi ter com o Senhor:

— Salva minha mãe, Divino Mestre.

O Senhor respondeu-lhe assim por estas palavras:

— Se houver, no *livro das almas*, na vida de tua mãe ao menos uma boa ação, estará salva, caso ela saiba aproveitá-la.

Examinou-se o livro e a fôlhas tantas, nas *contas* da mãe de S. Pedro, se encontrou uma folhinha de cebola, nada mais! Era a mesma que motivara aquêle dizer com que a velha, ao menos uma vez, se mostrara conformada:

— Seja tudo pelo amor de Deus!

O Senhor disse a Pedro:

— Lança uma das pontas da folhinha em direção ao inferno. Tua mãe que se agarre a ela. Tu puxarás. Se conseguir subir até cá, estará salva.

Pedro fêz tudo o que o Senhor lhe ordenara.

A velhinha agarrou-se à fôlha, mas uma porção de almas, querendo aproveitar o ensejo de salvação, segura-se às pernas da velha. Apesar disto a fôlha subia.

Quando já estava o grupo a certa altura, outras almas se iam apegando às pernas das primeiras.

A velha indignada, de avara que era, esperneou e atirou novamente ao inferno as companheiras, não querendo levá-las para o céu.

Mas, no mesmo instante, a fôlha de cebola partiu-se, e a mãe de S. Pedro ficou no espaço.

Não tinha por onde subir ao céu e o pedacinho da fôlha que conservava nas mãos não a deixara voltar ao inferno.

E assim vive até hoje: nem na terra, nem no céu (1).

Onde comem dois, comem três (2)

Vai um dia, no tempo em que Nosso Senhor andava pelo mundo, por uma noite de muita chuva e muito frio, alta hora, um pobre lavrador, carregado de família, ouviu bater à porta de seu rancho.

— O' de casa!

— O' de fora! respondeu.

Abriu a porta e deu com dois *pelingrinos* que lhe pediram pousada e *janta*.

Mandou preparar a ceia com o que havia e os *pelingrinos*, um velho e outro moço, atiraram-se a ela com vontade.

Vai daí, ouviu-se bater de novo à porta. O lavrador foi abri-la e apresentou-se outro *pelingrino* em tudo semelhante aos outros. Pediu-lhe pousada e de comer.

O lavrador hesitou. Os pratos estavam quase vazios e em casa não havia mais nada.

— Mande entrar — disse o mais velho dos viandantes. — *Onde comem dois, comem três.*

O que chegou tomou assento à mesa e pôs-se a comer também.

Passado um instante, outro a bater, e depois outro, mais outro. Assim, dentro em pouco, tinham chegado doze, que eram os apóstolos, e mais Nosso Senhor Jesus

---

(1) Ficar como a mãe de S. Pedro (nem com Deus, nem com o diabo) corre como provérbio.

(2) Colhida em S. João del-Rei.

Cristo em pessoa, em trajes de pedinte, numa pobreza nunca vista.

No dia seguinte, no *arraiar* da primeira luz, despediram-se todos muito agradecidos, e o velho, que não era senão S. Pedro, disse ao lavrador que pedisse alguma coisa a Nosso Senhor, que não lhe havia de negar.

O lavrador, que era inclinado ao jôgo, pediu a Nosso Senhor que lhe desse meios e modos de ganhar sempre pela certa.

Dito e feito. Aparece logo ali por milagre um baralho com aquela virtude.

O lavrador começou então a desabusar todos os parceiros, e a fama correu.

Mas, não levou muito tempo morreu o homem e no caminho de ir prestar contas encontrou-se com dois diabos que levavam a alma de um escrivão, seguros com ela pelos cabelos. Era uma ventania de levar tudo para os *quintos*.

O lavrador teve pena da alma e ainda porque devia umas certas obrigações ao escrivão, propôs aos *coisa ruim* o resgate daquela alma numa partida de jôgo. Se êle ganhasse, estaria salvo o escrivão; se perdesse, já os diabos, em vez de uma, levariam duas almas. Êle tinha confiança no baralho que lhe dera Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os diabos aceitaram. O lavrador sacou do baralho, ganhou pela certa e lá se foi com a alma do escrivão para o céu. Bateu à porta. Veio S. Pedro.

— Então, que quer?

— Quero entrar. Ora, se quero!

— Entre.

— E levo o companheiro.

— Isso não. Você já viu, homem de Deus, escrivão entrar no céu?

— Pois será esta a primeira vez. Então V. S. não me conhece mais? Sou o homem do baralho, aquêle que deu de dormir e de jantar a N. S. Jesus Cristo, a V. S. e aos santos apóstolos.

— E daí? Já não vai entrar?

— Daí é que palavra de rei não volta atrás, pois V. S. foi o mesmo que disse que onde comem dois, comem três...

S. Pedro não teve nada que responder e ficou a coçar a barba, e lá se foram os dois entrando no céu, onde até então não constava haver entrado alma de escrivão.

Alma de Adão

Era uma vez um solicitador muito velhaco, que tinha feito derramar muitas lágrimas de órfãos e viúvas. Ladrão como ninguém mais.

Era já sabido que alma de advogado não entra no céu. Mas, como o diabo do *leigo-leigo* era fino como um rato e não havia notícia de haver jamais perdido uma demanda, foi bater à porta de S. Pedro.

O santo chaveiro mal abriu e deu com êle, recuou espantado de tamanha ousadia.

— Não se espante, meu santo, quero entrar no céu. Estou arrependido, venho suplicar a sua misericórdia.

— Impossível — respondeu S. Pedro — vai a teu destino, que fôste o maior velhaco do mundo.

Mas tanto fêz e aconteceu o advogado que o santo lhe dirigiu a seguinte proposta:

— Permito que entres no *quarto* das almas, às escuras, e de lá me tragas a alma de Adão. Se o conseguires, visto que és muito esperto, entrarás no céu.

Assim se fêz. E daí por pouco voltou o advogado com a alma de Adão, nosso primeiro pai.

S. Pedro, que quisera apenas brincar com êle, ficou muito admirado daquele feito, e exclamou:

— Mas como conseguiste descobrir essa alma em meio de milhões de outras!?

O outro respondeu:

— E' que não sou tolo, meu senhor S. Pedro. Estando tôdas as almas nuas, fui apalpando, apalpando e quando encontrei a que não tinha umbigo, já sabia ser a de Adão que, como reza a sagrada Escritura, não nasceu. Não podia, por isso, ter umbigo.

E foi assim que, uma vez ao menos, entrou no céu alma de advogado.

O chapéu do escrivão (1)

Era uma vez um escrivão ladino e sabido como não havia outro.

Ninguém o enganava e êle gabava-se de haver engazopado tôda gente com que tinha tido negócios.

Sabendo que alma de escrivão não entra no céu, quando morreu já levava êle o plano estudado de passar a perna em S. Pedro.

Vai então bateu à porta do céu.

Veio S. Pedro.

— Não pode entrar. Seu lugar não é aqui.

Ajoelhou-se e pôs-se a chorar. S. Pedro, muito ocupado em atender a outras almas, nem lhe dava atenção.

Êle aproveitou-se dessa distração para atirar seu chapéu para dentro do céu.

E pôs-se a gritar:

— S. Pedro, me dá meu chapéu! S. Pedro, me dá meu chapéu!

O santo enfim, mais despreocupado, respondeu que não o aborrecesse.

Está visto que S. Pedro não ia macular as suas santas mãos que pegavam nas chaves do céu, tocando naquele objeto de um herege tão afamado.

---

(1) Colhida em Juiz de Fora.

— Meu senhor S. Pedro, dizia o escrivão — veja que é pecado ficar com as coisas alheias. Se não me pode dar o chapéu, deixe-me ao menos ir apanhá-lo que logo me retiro a meu destino.

Tanto pediu e rogou que S. Pedro, achando mesmo que não era bom ficar o céu com objetos alheios, consentiu fôsse êle buscar o chapéu, mas saísse imediatamente para não mais voltar.

Era o que o escrivão queria.

Quando se apanhou lá dentro, deixou-se ficar.

— Então, não sai? Ponha-se lá fora — ordenou-lhe S. Pedro.

— Não, que é das santas Escrituras que o que entra no céu não sai mais. Não se sai do céu para o inferno, nem do inferno para o céu. Cá estou, deixo-me ficar, mais vale uma palavra de Deus do que uma alma nas mãos de Satanás.

E S. Pedro, nada tendo para responder, deixou ficar o escrivão no céu, onde estava (1).

Para a morte não faltam desculpas (2)

Deus quando inventou a morte disse-lhe o que havia de fazer. Ela horrorizada rogou-lhe que a dispensasse de tão pesada e antipática tarefa.

Mas o Senhor perguntou-lhe por que lhe pedia tal coisa.

— Porque não me deixarão sossegada e todos me hão de odiar e ter horror de mim.

— Não te faça isto cuidado — disse o Senhor — cumpre a tua obrigação que sempre haverá desculpa para o que fizeres.

— Como assim, Senhor?

---

(1) A segunda destas lendas corre em variantes na França, na Espanha, em Portugal e, talvez, em outros países da Europa.

(2) Colhida em Juiz de Fora.

— Umas vêzes serão as comidas, outras os remédios (1). Para a morte nunca hão de faltar desculpas.

E desde então a Morte começou a cumprir o seu destino, sempre desculpada (2).

A lenda do gambá e a bêsta (3)

Isto foi quando o Menino Jesus, Nosso Senhor Jesus Cristo, nasceu na manjedoura, lá em Belém da Judéia.

O menino veio ao mundo na pobreza mais extrema e sua divina Mãe não tinha nem um *isto* com que o agasalhasse, a não ser a palha da manjedoura, em vez de paninhos macios.

Logo que o Menino nasceu, correram a vê-lo e a adorá-lo os *santos* pastôres. E daí por pouco apresentaram-se os boizinhos, as ovelhinhas a oferecerem à Senhora os seus préstimos. O boizinho bafejava para aquecer o Menino e a ovelhinha arrancava a sua lãzinha para revesti-lo.

Até o gambàzinho, com sua catinguinha, lá se foi também oferecer, muito envergonhado, mas muito prestativo: se a Senhora queria que lhe desse de mamar ao Menino.

Uma bêsta, entretanto, que remoía (4) ali bem perto, na manjedoura, nem se moveu. E só de vez em quando

---

(1) Cf. os ditados: Das boas ceias estão as sepulturas cheias. Uns morrem da doença, outros da cura. Pela cura vai muita gente pra sepultura.

(2) Dêste conto, muito popularizado em nosso país, vem uma variante no 2.º volume (pág. 14) dos *Cuadros de Costumbres*, de Fernán Caballero (Madrid, 1862).

(3) Colhida em Minas.

(4) Há uma parlanda popular que diz assim:

O boi bento bafejava,
E a mula remoía.
Maldição te boto, mula,
Que não pairas vez nenhuma;
Se acertares de parir
Que não vejas sol nem lua,
Nem luar que te alumie,
Nem luz de parte alguma.

soltava zurros medonhos, incomodando o sossêgo do Jesusinho.

Vendo o procedimento do gambàzinho em comparação com o da mula, Nossa Senhora ficou muito comovida e resolveu premiar aquêle e castigar esta.

Ao gambá deu o destino de, dessa data em diante, dar à luz sem dores e à bêsta, o castigo de não mais poder conceber e o de morte se tal viesse a acontecer, não sendo, como não era, digna de ser mãe e de compreender o que era uma mulher estar ao lado do berço de seu filho ao desamparo e na penúria...

E daí em diante se cumpriu o que a Senhora quis, e já sabemos então por que o gambá traz ao lado as suas bolsinhas, e por que a bêsta não produz, e se produzir há de morrer.

CANTIGAS DE ADORMECER

Cantigas de adormecer

Umas das mais espontâneas, aliás encantadoras manifestações das carícias maternais são as cantigas de *adormecer* ou de *berço* ou de *nanar*, como popularmente lhe chamam (1).

Em tôdas as raças a cantiga, aliada à poesia popular, desempenha papel preeminente na vida dos povos e, por isso mesmo, constitui uma das mais importantes preocupações dos que estudam a etnografia, sob os seus múltiplos aspectos.

As cantigas de *adormecer* com que fomos embalados pela voz carinhosa e amorosíssima de nossas mães e nossas *amas* são uma das divisões mais interessantes da vasta variedade dos cantos populares e, por isso, e ainda pelas gratas recordações que nos despertam, merecem lhes prestemos pelo menos o culto que a saudade sabe inspirar aos homens de coração.

Nos lares mais pobres, mais simples, como nos mais luxuosos e confortáveis pela abastança, onde haja terna figura de mulher que sabe ser mãe e se debruça sôbre o berço do filho amado ou conchega ao seio o meigo infante, ouve-se, alguma hora da noite, uma

(1) Francês — *berceuses;* espanhol, *nanas.*

voz cadenciada entoando uma cantiga, às vêzes quase em surdina.

No tempo da escravidão as mães cativas (e ainda agora as que trabalham na lavoura) dependuravam aos ramos dos cafeeiros os berços de taquara, onde acomodavam os filhinhos, enquanto se entregavam aos labôres da colheita, da *capina* ou do plantio.

De quando em quando corriam a ver se os filhos repousavam tranqüilos. E se era preciso acalentá-los entoavam uma dessas cantigas tradicionais que têm sido o encanto de gerações e gerações.

Quem se der ao estudo de tão evocativas cantigas verá que, em muitas delas, figuram sêres míticos, fantasticos e lendários (a *coca* (1), o *papão*); figuras sinistras (o *negro velho* (2) em cima do telhado); superstições. Mas, em outras, vemos referências delicadíssimas à Senhora Sant'Ana, à Virgem, ao Menino Jesus, aos Anjos, despertando sentimentos de bondade e recordando cenas e passagens em que o amor materno, a simpatia pelas crianças, a proteção a êstes serezinhos débeis e inspiradores de afetos e ternuras são o *leit motiv* mais predominante.

Raríssimas são as nossas *cantigas de adormecer* que não sejam de importação estrangeira; uma ou outra apenas levemente alterada em nosso ambiente.

Se excetuarmos a do *Cebeleira*, criada no Norte e em que se fala de um célebre criminoso que foi o terror das populações de extensa zona pernambucana, talvez nenhuma outra, a não serem algumas de procedência literaria que vêm nos livros de leitura elementar e que se vão tornando tradicionais, haverá que

---

(1) Com o nome de *Coca* (ou *côca*), informa Leite de Vasconcelos que entrava dantes na procissão de Passos, em Portimão, um indivíduo revestido de túnica cinzenta e capuz que lhe cobria a cabeça e a cara. «A côca representava para o povo o pregoeiro que anunciava a Crucificação de Cristo». Figura igual se apresentava nas nossas antigas procissões de Entêrro, com o nome de *Farricoco* (cf. côco, côca, coca).

(2) Êste *negro velho* é um símbolo do demônio, a quem o povo também trata de *negro sujo*. *Curutu* é voz onomatópica para infundir pavor.

possa ser considerada como produto genuíno da nossa gente.

Passarei agora a dar algumas cantigas que recolhi da tradição oral, em Minas:

1) Olha o negro velho
Em cima do telhado.
Êle está dizendo
Quer (1) o menino assado.

2) Vai-te *Coca*, sai daqui
Para cima do telhado;
Deixa dormir o menino
O seu sono sossegado.

3) Dorme, menino,
O *bicho* aí vem.
Papai foi *na* roça,
Mamãe logo vem.

4) Dorme, dorme, meu filhinho,
Deus me deu para criar.
A obrigação de quem cria
E' o filhinho acalentar.

5) *João Curutu*
Atrás do murundu,
Toma êste menino,
Papa com angu...
Ru, ru, ru, ru,
Ru, ru, ru, ru,
Ru, ru, ru, ru,
De trás do murundu...
Teu pai e tua mãe
Não têm medo do *tutu*.

6) Nossa Senhora
Na beira do rio,
Lavava os paninhos
De seu bento filho.
A Senhora lavava,
José estendia;
O menino chorava
Com o frio que fazia.
Não chores, meu menino,

(1) Elipse da conj. integrante *que*, antes de *quer* na linguagem popular.

Não chores, meu amor,
Que a faca que corta (1)
Dá golpes sem dor.

7) Os filhos dos ricos
Em berço doirado,
E vós, meu menino,
Em palhas deitado.
Olhai para o céu,
Lá vereis uma cruz
Com cama e travesseiro
Para o Menino Jesus.
Primeiro me deitei nela...
Me pus a considerar
Que sorte eu teria
Para me salvar.
O Anjo da Guarda
Me deu uma guia,
Que eu fôsse devoto
Da Virgem Maria.

A Virgem Maria
Me deu um recado,
Que eu fôsse cantando
Bendito e louvado.
Bendito e louvado
Tem um galo no sino,
Se tocam as cordas,
Dá o Verbo Divino.
O Verbo Divino,
Cordeiro da Cruz,
Salvai nossas almas,
Bendito Jesus.

8) Maria e José
Lá vão pra Belém,
Levando o Menino,
Que lhe querem bem.

---

(1) Indicará a frase que se a impaciência materna der ensejo a alguma *palmadinha* (*faca*), esta será mais uma carícia do que um castigo? Vide *Notas* no fim dêste volume, em que aludimos à expressão «*fio* de faca».

Cf., entretanto, a comparação popular — *frio como aço;* e tenha-se em vista esta variante dos dois versos finais:

Isto são orvalhinhos
Que caem do Senhor.

A estrada é de rosas,
Florido o caminho,
Por onde vão êles
Com o seu jumentinho.

Aquêle Menino
E' o rei dos judeus,
Salvador dos homens
E filho de Deus.

9) Quem tem filhinho nos braços (1)
Razão tem para chorar,
Pois não sabe ainda da sorte
Que Deus tem para lhe dar.

10) Filhinho está chorando
Com medo do *papão*,
Sossega, meu menino,
Que não te come, não.

11) Dorme, meu menino,
Tutu quer te comer,
Mas a mamãe não deixa,
Te há de defender.

Dorme filhinho
Zumbi está no terreiro,
Êle está querendo
Puxar o travesseiro.

12) Dorme, dorme, meu filhinho,
E' noite, papai já veio,
A maninha também dorme
Reclinada no meu seio (2).

13) *Tutu*, vai-te embora,
Deixa o meu filhinho,
Êle já está dormindo
Aqui no seu bercinho.

14) O Anjo da guarda
Vem te acalentar,
E daqui ninguém
Te pode levar.

---

(1) Variante: «Tôda mãe que tem um filho».
(2) 2.º Livro de Leitura, de H. Ribeiro, já popularizada.

15) Dorme, dorme, meu filhinho,
Filhinho que Deus me deu,
Se êle chora, eu acalento,
Que remédio tenho eu?

16) Quando eu era pequenino
Que nem sabia falar,
Minha mãe já me ensinava
A Deus do céu adorar (1)

17) João corta pau,
Maria mexe angu,
Teresa vai na horta
Apanhar o *caruru*.
Caruru está pendoando,
Não pode *apanhá*.
Palmada no filhinho,
Que êle dorme já (2).

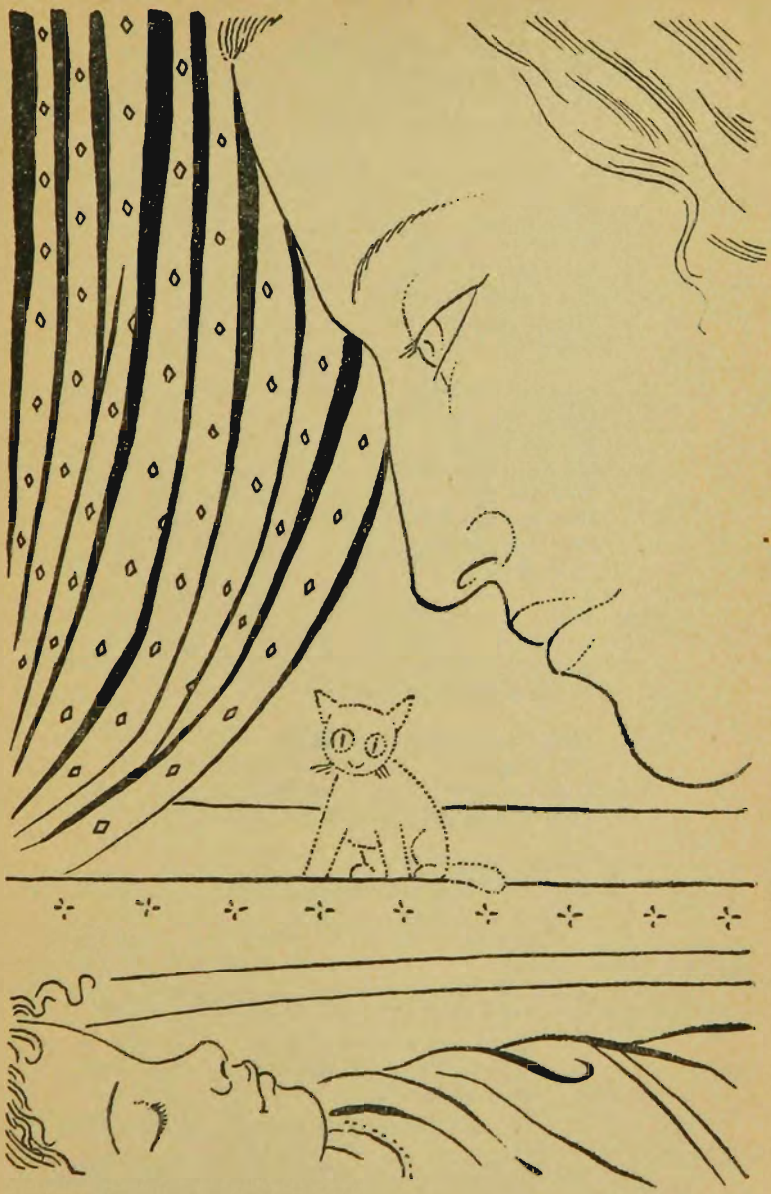
18) Dorme, dorme, meu filhinho,
A mãezinha logo vem.
Foi lavar os teus paninhos
Na pocinha de Belém.

19) Dorme que a Senhora
Desce das alturas,
Vem cobrir de flores
Tuas coberturas.
Os anjos com ela,
S. José também,
E o doce Jesus,
Para sempre *amém*.

20) Acordei de madrugada,
Fui varrer a Conceição.
Encontrei Nossa Senhora
Com dois raminhos na mão.
Eu pedi a ela um,
Ela me disse que não.
Eu tornei a lhe pedir,
Ela me deu seu cordão
Que lhe dava sete voltas
Em roda do coração.

---

(1) 2.º Livro de Leitura, de A. C. Borges.
(2) Cf. a nota da pág. 220.



Santo Antônio, S. Francisco
Me tirai êste cordão
Que me deu Nossa Senhora
Com a sua benta mão.

21) S. Francisco anda descalço,
Vestidinho de burel
Para receber as Chagas
Do Divino Emanuel.
Salvador, S. Paulo,
Dos tristes mortais,
Virgem sempre pura,
Bendita sejais.

22) Senhora Sant'Ana,
Maria e Joaquim
Moram numa casa
De ouro e marfim.
Senhora Sant'Ana,
Que será de mim?
Seja convosco
O Senhor de Bonfim.

23) Fecha a porta gente,
Cabeleira aí vem,
Matando mulheres,
Meninos também.

24) Quem tem filhos nos braços
Por fôrça que há de cantar;
Quantas vêzes a mãe canta
Com vontade de chorar (1).

25) Dorme, meu menino,
Zumbi (2) bate na porta,
Com o seu beiço caído
E a sua cara torta.

---

(1) Esta linda e expressiva quadrinha vem registada à pág. 130 do romance *A doida do Candal* (1867), de Camilo, com esta variante:

Quem tem meninos pequenos
Não se lhe estranha o cantar;
Quantas vêzes as mães cantam
Com vontade de chorar...

Vê-se que não é de cunho popular, mas literário, embora se tenha amplamente popularizado.

(2) Pelo nome de *Zumbi* era conhecido o chefe negro da célebre república dos *Palmares*, e infundia tal pavor que se tornou tradicional.

26) *Tutu marambaia* (1)
Não mais venhas cá,
Que o pai do menino
Te manda matar.

27) Dorme, filhinho,
Mamãe tem que fazer,
Quem não trabalha
Não tem que comer.

28) — Mamãe, eu tenho um segrêdo (2)
Pra lhe contar amanhã,
E' lindo como eram lindos
Os olhos de minha irmã.

E' belo qual a folhinha
Da alegre flor da romã,
Mamãe eu hoje não digo,
Mas eu lhe conto amanhã.

Mas eu lhe conto amanhã
Se outra vez eu sonhar,
Porque assim são *três* vêzes
E eu posso o sonho contar (3).

Foi a vovó quem me disse
Que o sonho que a gente tem,
Pra se tornar em verdade
Não se diz nada a ninguém.

---

(1) *Tutu*, ênte imaginário com que se amedrontam as crianças. E' palavra de origem africana segundo uns, ou indígena na opinião de outros. *Fazer tutu* é infundir mêdo às crianças, às escuras.

Marambaia — parece entender-se com a denominação do pôrto de *Marambaia*, onde outrora havia — dizem — um abastado proprietário, considerado o *mandão* do lugar, e em tôrno de cuja respeitável pessoa se criaram absurdas lendas, o que fêz com que a plebe o temesse injustificàvelmente — chamando-lhe « o tutu da terra » ou especificadamente *de Marambaia*. Tais lendas não passavam de recursos de diabólica inveja e politicagem.

(2) Estas quadras bem como a variante publicada por D. Alexina Magalhães (*Nossos brinquedos*, 82-83) são extratos deturpados da poesia de E. D. Vilas-Boas, que vem no livro de versos dêsse cantor, *Segredos do Coração*. Logo são de origem literária, mas popularizadas.

(3) Superstição popular muito conhecida e apregoada: sonhos contados não se realizam. Só se forem referidos depois de sonhados mais de uma vez. E' crença popular.

— Pois dorme meu filho e reza,
No peito põe as mãozinhas,
Que Deus sorrindo aparece
No sonho das criancinhas.

No outro dia a criança
Jazia morta no leito...
E a pobre mãe a chorar,
Aperta-a, em beijos, ao peito.

29) As roupinhas do filhinho
Não se lavam com sabão;
Lavam-se com água de rosas
Nascida no coração.

30) Saiba quem, acaso, à noite,
A cantar me esteja a ouvir,
Que canto, porque sou mãe,
Pra meu filhinho dormir.

VOCABULÁRIO (*)

com a explicação ou significados dos principais modismos, locuções populares, plebeísmos e brasileirismos empregados no texto desta obra.

A resto — *Por fim, alfim, demais*, equivale a *de resto* que é francesismo, mas usado por alguns clássicos, inclusive Lisboa na *Vida do Padre Antônio Vieira* (pág. 97).

Adivinhão — O que adivinha.

Almas *(quarto das)* — O vulgo supõe o inferno dividido em compartimentos como as nossas habitações e por isso chama *quarto das almas* o lugar imaginário em que julga acharem-se elas enclausuradas.

Amiudar *(dos galos)* — O canto freqüente dos galos; *ao amiudar dos galos* quer dizer — pela madrugada.

Amuar — Ficar mal disposto, triste, em estado de concentração, adoecer. Não é brasileirismo, como se supõe e já vimos registrado.

Apois — Forma alterada de *ao depois*.

Aração — Gula, fome extrema; ato de comer sôfrega ou excessivamente. *Arado* é o indivíduo faminto ou guloso. Cf. *varado* de fome. E' ainda o nome náutico que se dá ao busca-vida, quando se emprega a procurar uma âncora ou outro qualquer objeto no fundo da água. Cf. o verbo *arar* (l. *arare*); cf. também — *arado* (l. *aratrum*), denominação de certo instrumento agrícola. Como quer que seja, *aração* e *arado*, com os significados de comer em excesso, comer sôfregamente, são brasileirismos.

Arenga — Questão, troca de palavras, teima, além do significado próprio de discurso fastidioso.

Arraiar — Raiar (do dia).

Arranjado — Indivíduo que tem alguma coisa de seu, haveres suficientes para se manter. Não é brasileirismo.

Arrasta-pé — Baile.

(*) O presente vocabulário torna-se necessário, visto ter êste livro também certo intuito pedagógico (Vide *Notas finais*).

Arribar — Quer dizer levantar e também tresmalhar. *V. g.* a ave arribou o vôo; a tropa arribou, ou desnorteou. No sentido de levantar dizem os trabalhadores, quando se entregam ao mister de abrir fossos ou poços, etc.: *Arriba a caçamba pra riba! Eh! Eh!*

Arrumadinhas *(muito)* — Muito ajeitadinhas, encolhidinhas.

Açucrar a voz — Falar docemente, com suavidade e ternura, amaciar a voz.

Até o Chico vir de baixo — Por tempo dilatado. Alusão às demoradas viagens que se faziam a cavalo ou a pé ao Rio de Janeiro? O povo de Minas, e decerto de outros Estados do Sul, quando quer indicar que mandou vir alguma encomenda do Rio de Janeiro, diz que mandou vir *de baixo.*

Átimo *(num)* — Cf. o italiano *attimo* que tem o mesmo significado. *Num átimo* significa *num abrir e fechar de olhos.*

Assuntando — Refletindo, matutando, procurando assunto.

Babatando — Conjeturando, hesitando, vagando, apalpando (Babatar, do quimbundo *cu-babata*).

Baú de segredos *(servir de)* — Ser confidente e depositário fiel de segredos de outrem. A etimologia da palavra baú não está ainda bem elucidada pelos lexicólogos.

Bamo — Vamos. O vulgo lusitano também diz *bamos* por *vamos.*

Barba *(ficar a coçar a)* — Ficar a considerar, pôr-se em cogitações, cismar.

Baratinho (preço) — expressão popular, em vez de preço baixinho, se bem que clássicos, como Vieira, Frei Luís de Sousa, Bernardes, Castilho, houvessem usado: *preço caro, preço caríssimo,* e Camilo: *preço barato,* em lugar, respectivamente, das expressões corretas: preço alto, preço baixo.

Belzebum — Belzebu, o demônio.

Bentinho — Breve, oração, amuleto que se traz devotamente e, às vêzes, supersticiosamente atado ao pescoço e envolto em uma capa de pano. Se se trata de oração é o breve levado, antes de usar-se, ao sacerdote que o benze. Daí o nome de *bentinho.*

Bicha — Garrucha ou arma de fogo qualquer: «arrancou da *bicha* e fêz fogo».

Bonecra — O mesmo que boneca. *Bonecra* é também o nome da armação de fitas e guizos que leva à cabeça a *madrinha,* o muar que guia as tropas, e da espiga de milho, em formação ou chocha.

Brinquedo — *Baile, catereté, samba,* reunião em que há danças.

Bruganhar — Berganhar, isto é, permutar, trocar.

Brabo *(danado de brabo)* — Muito bravo, destemido. Por influenciação das expressões *louco por festas, louco de raiva, louco de raivoso, louco de amor.*

Cada — Usado pela expressão *a cada qual* ou *cada um:* v. g. *pagou a cada o seu salário.*

Cafua — Quarto que serve de prisão aos estudantes. Casa miserável, pouco batida de luz, o mesmo que cafurna. Naquele sentido é brasileirismo.

Cair na gargalhada — Rir estrepitosamente, com gôsto, irresistivelmente.

Caipora — Ente fantástico e diabólico do mito indígena. Quem, na crença indígena e hoje popular, se encontra com o *caipora* tudo lhe sairá mal enquanto durar a influência da aparição, o que leva tempo. *Caipora (caapora)* é têrmo do tupi e significa *morador do mato.*

Caixão dos pobres — Caixão fúnebre destinado à condução dos mortos indigentes até o cemitério. Cada paróquia antigamente possuía o seu que ficava depositado na matriz ou igreja da freguesia.

Cambaxirra — Ave também conhecida pelo nome de *corruíra* ou *carriça.* O povo aconselha a não se maltratarem as cambaxirras, sob pena de grandes infortúnios ou desgraças.

Cambaxirrar — O cantar da cambaxirra.

Campar no pé — Fugir ou meter o pé na estrada ou no campo; ação de fugir ou simplesmente correr. Diz-se no mesmo sentido *abrir campo* ou *azular.* Campar é um derivado de campo assim como azular, de azul; compara-se a carreira ou fuga rápida de alguém com o vôo alígero das aves pelo azul (do espaço).

Candongar — Contar candongas, fazer intrigas, mexericos, lisonja.

Candongueiro — O indivíduo que conta ou faz candongas, intrigante. Do espanhol *candonguero,* o que faz meiguices.

Cangote — Nome da região occipital. Pode ser que essa palavra seja uma alteração de *cogote* que tem em português o mesmo significado, segundo alvitrou *Rohan;* por influência de *canga.*

Cantano — O particípio presente ou gerúndio é pronunciado pelo baixo vulgo com a terminação *ano, eno, ino,* em vez das regulares. O *d* cai, o que se nota em outras palavras, em vista da figura *síncope.* Cf. *grau* do latim *gradu.* Mas em *cantano* por cantando é caso de assimilação do *d* ao *n.* Cf. funil do latim «infundile» (*Subsídios,* Cortesão).

Causo — Está por *caso,* ocorrência muito observada no falar caipira. Cf. *caucho* por *cacho; bautismo* e *batismo* (até nos clássicos portuguêses, antigos). Também o vulgo no Brasil diz *cauxote* por *caixote, baule* por *baile. Xaule* por *xale* ou *xaile, áugua* por *água.*

Cf. *baunilha* por *bainilha*, transformação rara de *ai* em *au*, em face dos processos lingüísticos normais.

Capeangando, ou capiangando — Furtando, batendo estradas, procurando algo, ou, como diz o vulgo, procurando o que não perdeu.

Capeta — Cf. a expressão o *homem da capa preta*, o capa preta, isto é, o diabo, que aparece nas alegorias de capa ou *manta*. Cf. pintar o diabo e pintar a manta. *Capeta* deve ser, por dissimilação, uma contração de *capa preta*, assim como bondoso o é de bondadoso. Caso de haplologia. Procurar o *homem da capa preta* é procurar o demônio que faz das suas e desaparece misteriosamente. Reduzida a palavra a *ca(pa)preta*, o desaparecimento do *r* é explicável, cf. *rostro* e *rosto* e sacho (síncope) de *sarclo (sárculo)*. Esta etimologia de *capeta* mereceu aplausos de Carlos Góis, em cartão que nos dirigiu.

Capiau — Sertanejo mineiro, vaqueiro, caipira. E' a mesma palavra indígena *capiá* que segundo Montóia, em seu dicionário da Arte da língua guarani-tupi, quer dizer procedente do mato, natural das selvas, ou seja matuto.

Quanto ao *u* final cf. *ururá* e *ururau*, caso de acrescentamento. Pelo mesmo processo de acrescentamento penso explicada a etimologia de *Garambéu* ou *Garambéo*, do locativo «Sant'Ana do *Garambéu*», nome que será o indígena *guarimbé*, que significa *pato*. *Guarimbé* passaria mui fàcilmente a *Garambé* e depois a *Garambéu*.

Carretando — Do verbo carretar, ou carretear, fazer carretos.

Caruru — Nome de duas plantas nacionais, com as quais se prepara um guisado que toma o nome de cararu (Em Dakar, segundo foi observado, usam a palavra sob a forma de *caloulou* e a dão a certo guisado em que entra o quiabo). Segundo *Rohan*, *caruru* é palavra que pertence ao Tupi e ao Guarani — *caáruru*, *verdolagas*, isto é, beldroegas. A lição é de Montóia. Caruru é planta fàcilmente encontrável, de pouco aprêço. Quando se quer depreciar alguém ou indicar que não tem importância se diz que é um *beldroegas*.

Catinga — Mau cheiro, morrinha que se desprende de animais, como a rapôsa, o gambá, etc., e do corpo humano. E' vocábulo da língua tupi *(Rohan)*.

Caveira — Popularmente se usa essa palavra também com referência a todo o esqueleto e não restritamente ao crânio.

Chá *(ficar no, andar no)* — Mostrar-se apresentável, pelintra, ficar à vontade..

Champanha — O vinho espumante conhecido. Os nossos caipiras nunca pronunciam à francesa — *champagne* e sempre usam a palavra no feminino. No «Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa», organizado pela Academia Brasileira, registra-se *champanha*, mas atribuindo-lhe exatamente o gên. masculino, ao contrário do que fazem os caipiras que lhe dão o gên. feminino.

Chimarra — *Samarra*. O vulgo diz para indicar algo sem valor ou importância: aquilo é uma *chimarra* à-toa, como se dissesse aquilo é uma *samarra* (batina) à-toa. Virá a frase das lutas históricas com o jesuitismo, dado o arcaísmo do vocábulo samarra? ou será a palavra forma alterada ou deduzida de *chimarrão?*

Chispar o... — Enviar alguém apressadamente a algum lugar. *Chispar* também é usado no sentido de correr: F. chispou que não viu nada. O automóvel saiu chispando. E ainda no sentido de atirar, lançar algo: F. chispou longe uma pedra.

Chôco *(ficar no)* — Ficar na cama, ficar em casa, recolhido.

Cujo — Uma das muitas denominações do diabo, nome êste que o povo tem receio de proferir. Diz-se que se se profere o nome *diabo*, o *cujo* logo aparece.

Curumi — E' o vocábulo guarani *culumi*. Quer dizer menino.

Cobu — Angu assado.

Cochichar — Êste verbo (*de cochicho*, nome de um pássaro) é também usado no sentido de rezar em voz baixa. F. cochichava *padres-nossos*. « A velha cochichava, ajoelhada em frente ao oratório ».

Coisa ruim — Nome popular do diabo.

Comes e bebes — Comidas e bebidas. Não é brasileirismo.

Cômodo — Alcova ou qualquer dependência interna de uma habitação. Pequena habitação.

Concho — Cheio de si. *Estava todo concho*, isto é, como o sapo-concho. *Cf.* inchado como um sapo. F. está inchado, isto é, cheio de si.

Congado — Séquito de prêtos, primitivamente só constituído de africanos, que se apresenta em certas festas, como de N. S. do Rosário e S. Benedito, havendo rei e rainha do *congado*, danças, combates simulados à espada. De *congo*.

Contapé — Pontapé.

Contanto que — Conjunção condicional, usada, às vêzes, plebèiamente como concessiva, valendo por *ainda que*, por errônea analogia com a conj. conquanto = embora.

Corgo — Córrego. Em clássicos portuguêses antigos também se encontra *corgo* por *córrego*.

Corruscuba — O que é destemido, audaz, hábil, excelente. O mesmo que *coluba*, *topetudo*, *tupeteba*, *couro-n'água*, *turuna*, *qúera*, etc.

Dar de corpo — defecar.

Dar espaço — Dar tempo, dar folga.

Dar os pregos — O mesmo que danar os pregos, zangar-se, enraivecer-se.

Desacorçoado — Descoroçoado.

Descochado — Desapontado, vexado, envergonhado. Brasileirismo. Diz-se, no mesmo sentido, *perder a cocha*. *Cocha* na significação precisa designa um dos ramos que, torcidos, formam o cabo da embarcação. *Perder a cocha* primitivamente exprimiria o ato de deixar escapar o cabo ou perder a embarcação, chegando depois que esta partiu. Quem perde a embarcação fica certamente descochado.

Desgrácia pelada — Extrema desgraça. Na Espanha é usada a expressão *de grajas peladas*, no sentido de coisas de infortúnio, misteriosas, ininteligíveis, de agouro. *Graja* é a fêmea do *grajo*, ave semelhante ao corvo. A expressão *de grajas peladas* está em « Cuadros de Costumbres », de Cabalero, 1.º v., 75. A nossa expressão caipira *desgrácia pelada* não será uma deturpação de *grajas peladas?*

Desinfeliz — Infeliz. Cf. inquieto e desinquieto, ambas estas formas usadas em textos clássicos.

De pegar pra sair — Excelente. Um cavalo de pegar pra sair é excelente. Por analogia, dizem que um indivíduo hábil, corajoso ou trabalhador é de *pegar pra sair*.

Depelar — Tirar a pele.

Deu tudo quanto tinha — Fugiu velozmente.

Diz que — Por — dizem que. E' expressão de uso clássico e também da gente portuguêsa. A mesma ocorrência se observa na Espanha. *Diz* é contração de *dizem*, assim como *faz*, imperativo, o é de *faze*.

Doçada — Grande quantidade de doces.

Doutor de medicina — Dizem por doutor *em* medicina. Também dizem doutor de leis por doutor *em* leis. O ponto de partida para tal irregularidade seria a expressão Juiz de direito, de onde, por errônea analogia, doutor de leis, doutor de medicina.

Embaraçada — pejada, grávida.

Encorropichar — Escorropichar, pagar de contado, fazer patente, esticar, mostrar à evidência, além do significado conhecido de *beber*.

Enterícia — Enterite, ou, como dizem, *piriri;* por influência da palavra *icterícia*.

Escoteiro — Viajar escoteiro, andar escoteiro, sòzinho, desacompanhado; às vêzes significa cauteloso (étimo: *escote*).

Embromar — Enganar, tomar tempo, fingir. Do castelhano *broma*, engano.

Em de mais longe — Forma desenvolvida da locução *de longe*, por falsa analogia com outras formas como *de mais longe*, de *longe em longe*, *em vindo de mais longe*, etc.

Empetilicado — Empertigado.

Emposão *(num)* — Cheio de si, com impostura. Cf. o francês *poseur*.

Encarapinhado *(cabelo)* — Cabelo retorcido, de indivíduo prêto. *Carapinha,* cabeleira retorcida, de pessoa de côr preta, de onde o verbo *encarapinhar.*

Encomendar — Popularmente usado em vez de recomendar.

Enconsiderando — Considerando. Confundem êsse emprêgo com o da forma gerundial — em considerando.

Entonces — Êste advérbio vem, às vêzes, nos clássicos portuguêses e é castelhano. Os nossos caipiras empregam ainda a forma *entonces.* E' o português *então,* não raro também no falar do povo, corrupto em *antão,* corruptela essa igualmente do plebeísmo lusitano. Cf. a réplica popular: — Então... — *Antão* era pastor e guardava gado.

Entrementes — Entretanto (Entrementes). Não é brasileirismo como alguns pensam.

Era um dia uns estudantes — O verbo ser é então empregado impessoalmente: *era,* em vez de *eram,* um dia uns estudantes.

Esborrachado *(nariz)* — Expressão com que se designa o indivíduo de côr preta. Brasileirismo.

Escolha *(cavalo de primeira)* — O melhor cavalo, excelente, ótimo; o que é escolhido como o melhor dentre outros que são oferecidos à venda. *Escolha* designa também, no falar brasílico, o café de má qualidade, o que fica nas peneiras depois de escolhido o bom. V. g. vendi duas arrobas de *escolha.*

Escrecentar — Corruptela de *acrescentar* que por assimilação passa no linguajar caipira a *ecrescentar* e por dissimilação a *escrecentar,* mas também sob a influência de *excrescência.*

Escuta — Atenção. Não teve *escuta* de Deus, isto é, não lhe mereceu atenção, não foi dêle ouvido ou escutado. Cf. andar às escutas, ou às *escuitas.*

Espiar *(Pegou de)* — Começou a espiar, a observar. *Pegar* no sentido de começar, iniciar é muito usado pela nossa plebe. V. g. *pegou de gritar.* Cf. *Pegar o pé da cantiga,* isto é, iniciar uma trova repetindo o último verso de outra anterior, o que é muito de uso nos cantos ao *desafio.*

Estratagema *(a)* — Os nossos caipiras dão a essa palavra a forma feminina, assim como a eczema, sistema e outras. Assim também, às vêzes, procediam os clássicos.

Forraria — Está por alforria, cf. *carta de alforria* que a plebe diz *carta de forraria.*

Fritangada — Fritada. Os prêtos africanos, em nosso país, diziam na sua meia-língua *fritangada* por *fritada.*

Fumeiro — Espaço entre o teto da cozinha e o fogão, em que se penduram de um trapézio porções de carne ensacada, lingüiças, toicinho, etc. a fim de se *curarem.* Não é brasileirismo, senão quando

o nome por extensão se refere ao próprio aparelho. V. g. êste pau dá um bom *fumeiro*.

Gambá de galinheiro — Indivíduo que vive de furtos de galináceos e ovos.

Gorjeta — Gratificação. Não é brasileirismo. Deriva-se de *gorja*. Cf. *molhadura* e tenha-se em vista a expressão: tome lá isto para molhar a goela. Gorjeta é também, em Portugal, o nome de qualquer bebida, dada como gratificação.

Graúdo — Pessoa de importância ou que possui haveres de valor.

Indinado — Indignado. A grafia dino, por digno, é classica, assim como malino, por maligno.

Inté — Até.

Indas — Inda; também dizem de *modos*, de *maneiras*, de *formas que*, em vez de modo, de maneira, de forma que, etc.

Isto *(Um)* — Uma insignificância: «Comeu um *isto* da fritada e adoeceu». «Não lhe dou um *isto*», quer dizer, não lhe dou nada.

Hai — Por há. Em certas regiões portuguêsas se diz *ai água*, *ai alma* por *a água*, *a alma*, para evitar o hiato (Sílvio de Almeida — *O Antigo Vernáculo*, pág. 71). Os nossos caipiras dizem freqüentemente: não *hai* alma que se salve sem confissão. Dizem *éi esta* por *é esta;* v. g. a minha roça *éi* esta.

Janta — Jantar. Em Camilo C. Branco vemos na linguagem popular de suas personagens: deita, desobriga, substantivados. Êste verbete (V. 1.ª e 2.ª edições de «Contos Populares», onde registramos *janta*) é anterior ao «Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa», que também registra essa forma popular.

Jongo — Espécie de dança usada pelos negros, acompanhada de rudes instrumentos musicais, como o urucungo ou aricungo, o caxambu (tambor), etc. Parece vocábulo africano, ainda que pareça também ser uma alteração de *jôgo*, isto é, divertimento, brinco.

Jururu — Triste, mal humorado, pensativo, doente. Origina-se da frase tupi *Xe aruru*.

Lambisgóia — Delambida, intrometida.

Leigo-leigo — Rábula, pessoa que se presume entendida em leis e chicanas. O vulgo muitas vêzes altera para *leu-leu;* v. g. fui consultar o *leu-leu*. O *home* é *leu-leu* de sabença.

Lobisome — Por *lobisomem*. E' o homem que, de acôrdo com a crendice popular, se transforma às sextas-feiras, à noite, em lôbo ou outro qualquer animal (no Brasil em *porco* ou em *cão*). A etimologia é duvidosa, tendo em vista o composto *lôbo* e *homem*, pois o *s* de *bis* não se explicaria. Ouve-se também *lumisome*, por *lobisome*.

Logo *(não estêve pra)* — Locução com que se exprime que um ato foi executado imediatamente, sem hesitação.

Lusque-fusque — Lusco-fusco. Dizem também os nossos caipiras *fosque* por fósforo, ainda que em certas regiões se pronuncie *fosfre*.

Macota — Pessoa de prestígio ou influência numa localidade. Brasileirismo. Mas o vocábulo é africano e designa o indivíduo que faz parte do séquito ou do conselho do *soba*. Como brasileirismo, também indica o que é hábil em seu ofício ou profissão e o que é grande no tamanho.

Macumba — origem africana *(V. Notas finais)*.

Madalena (chorar como uma) — Chorar demasiadamente, alusão à personagem bíblica Maria Madalena.

Madorna — O mesmo que modôrra.

Maginando — Imaginando. Maginar é forma usada por poetas e também pelos prosadores clássicos antigos, assim como *moimento* por *monumento*, *imigo* por *inimigo*, *alevantar* por *levantar*, sem terem em vista figuras de dição.

Mal feito — Perversidade, êrro maldoso.

Mampar — Comer. Corruptela de manjar?

Mamparreiro — Preguiçoso, fingido. De *mamparra*.

Manda-chuva — Magnata, pessoa de importância, principal numa localidade.

Manta *(passar a)* — Enganar a outrem numa transação qualquer. Referência talvez à manta ou capa com que se apresenta o demo quando quer iludir, fazendo-se de santo. Cf. a expressão *com capa de santo*, que indica o modo com que alguém age com ardiloso fingimento.

Maranha — Mentira, fantasia, engôdo.

Marimbondos — Maribondos. Caso de nasalação muito vulgar.

Mártile — Mártire, mártir.

Marosca — Enrêdo, ardil, trapaça, artifício. Do espanhol *marro* que quer dizer *engano*, *artifício* e é o nome de um jôgo de rapazes?

Mato *(como)* — Expressão popular comparativa indicando grande quantidade. V. Visconde de Taunay — *Inocência*, 25: ...« gente doente *é mato;* (isto é: há abundância »).

Matungo — cavalo peludo, velho, sem valor.

Matutagem, por *matulatàgem*, de *matula*.

Molhadura — Gratificação. Não é brasileirismo, como por exemplo será *inhapa*.

Molhe — molho, v. g. um molhe de chaves; um molhe de couves.

Mucamba — Escrava que servia no lar da família do senhor e não era mandada à roça; é vocábulo africano, ou pelo menos africanizado, tendo-se em vista que pode ser uma corruptela da frase

minh'ama, se não se tratar de um hibridismo, e neste caso a introdução do *b* se explicaria fàcilmente, cf. *ombro*, de *umerus*, tanto mais que existe a forma plebéia *mucambra*.

Muito tal e qual — Equivale a estar de ponto em branco, apresentável, cheio de si.

Murundu — Monte grande de coisas quaisquer. Corruptela de *mulundu*, monte, na língua *bunda*. Cf. a cantiga: «João Curutu atrás do *murundu*».

Na — Usa-se em vez de *à*, na linguagem popular, assim como *no* por *ao*.

Não nasceu hoje — Diz-se daquele que é experiente e que se não deixa enganar.

No = *ao* (apegou-se no braço...).

Nossa Senhora da Aparecida — E' como popularmente se diz em vez da expressão regular *Nossa Senhora Aparecida*.

Novato — Alcunha com que se designa o português chegado recentemente ao país (também lhe chamam *candango*), e mesmo depois de instalado definitivamente no Brasil.

Pagode — Festa constituída de danças e outros divertimentos como cantos ao desafio, usado nesse sentido por extensão do significado que a palavra tem designando uma espécie de templo pagão entre alguns povos asiáticos. Mesmo no sentido de festa em que há danças ou divertimento qualquer não é brasileirismo. Parece que o é quando exprime zombaria v. g. F. faz pagode, pagodeou à custa de Beltrano, isto é, divertiu-se à sua custa, zombou dêle, ou quando exprime quantidade excessiva, v. g. F. tem dinheiro *pra pagode*.

Palavra *(pegar na)* — Tomar a palavra, interromper a conversação do interlocutor. Aceitar uma proposta. Cf. a expressão — pegar o pé da cantiga.

Pandeló — Pão-de-ló. Cf. Sampaio e São Paio, Sam Paulo e São Paulo.

Papos de aranha — V. g. metido em papos de aranha, isto é, em dificuldades. *Palpos* em vez de *papos* nessa expressão é emenda pretensiosamente erudita.

Partida — (de lingüiças) — Certa quantidade de lingüiças. Diz-se também uma partida de queijos ou de qualquer outro gênero ou mercadoria. Não é brasileirismo.

Passar a perna — Iludir, enganar a alguém numa transação.

Paçoca — Mistura de farinha de mandioca ou de milho com carne sêca assada. Essa mistura é socada ao pilão. Há também uma mistura de amendoim torrado, açúcar e farinha, pisada, e que se chama paçoca.

Pé de Pato — Um dos muitos apelidos dados pelo povo ao demônio, como *sujo, cujo, coisa ruim, diogo*, etc.

Pé que te pé — Pé que pé = pé ante pé, pé sob pé, pé a pé.

Pedir para — Os nossos caipiras empregam o verbo *pedir* com objeto indireto em vez de direto, v. g. pediu-lhe para dizer a verdade do que sabia, em lugar de pediu-lhe que dissesse a verdade do que sabia. Tal emprêgo vai já predominando na linguagem geral.

Pelingrino — Peregrino. A corruptela existe também em Portugal.

Pêra — Para, prep. *Pera* é a forma preposicional histórica, *per-l-a*, que a plebe pronuncia *pêra*).

Petição de miséria *(em)* — No último extremo da penúria.

Picuá — Vocábulo guarani *(apiquá)* — Saco de duas bôcas; a caixa em que se guardam minérios de valor, pedras preciosas.

Pinchar — Arremessar, fazer saltar. V. g. *pinchar* um objeto. Verbo hoje quase que exclusivamente de uso plebeu. Não é brasileirismo, mas com êsse significado será de restrito emprêgo em Portugal.

Pruguntar ou *proguntar*. — E' forma clássica e popular tanto no Brasil, como em Portugal do verbo preguntar, corrompido eruditamente em *perguntar*. As leis fonéticas repelem esta corruptela. Os nossos caipiras falam muitas vêzes como clássicos.

Pramode — Corruptela da linda expressão *por amar de*, isto é, *por causa de*.

Preposto — Forma contraída e alterada de *propósito*, o que muitas vêzes ocorre, na bôca do povo, com os proparoxítonos. Cf. *relampo, relâmpago*.

Puí-puí — Voz onomatópica com que se indica o pouco ou nenhum valor, a simplicidade de alguém ou de qualquer coisa.

Quarto *(fazer)* — Passar um quarto, certo tempo de uma noite velando junto de um cadáver ou de um enfêrmo. Hoje, por extensão, *fazer quarto a um cadáver* ou *a um enfêrmo* é velar junto dêle durante a noite. *Quarto* nessa expressão nada tem que ver com a palavra *quarto*, alcova.

Quinhentão — Quinhentos réis. V. g. F. ganhou *quinhentão* de lambugem. *Lambugem* significa o que se recebe demais, a título de favor ou gratificação, *chóro, quebra, vendagem, inhapa. Lambugem* é também a ração de sal que se dá aos cavalares e muares, etc. Do verbo *lamber*.

Rancho — Casa de sapé, barreada, habitação modesta ou miserável.

Raspar *(mêdo* ou *susto)* — Ter mêdo, ser inesperadamente acometido de pavor ou susto. Nesse sentido parece, dizem, ser brasileirismo.

Relampo *(de)* — Quer dizer *de relâmpago*, isto é, de súbito, inesperadamente, apressadamente.

Repimpado — Refestelado, cheio de si. No Brasil também se emprega a forma *repimponado*, não registrada no *Novo Dicionário*, de Cândido de Figueiredo.

Rezingar — Implicar, teimar, resmungar. Rezinguento é o indivíduo teimoso, implicante, o que gosta de envolver-se em discussões, o que alterca. Não é exata a grafia *resingar*, o certo é *rezingar*.

Retiro — Sítio, com pastagem onde se faz criação de gado e se cuida ao mesmo tempo da indústria de lacticínios. Por extensão, sítio em que se trata de criação de animais, como carneiros, galinhas, etc.; habitação roceira.

Riba *(em)* — Em cima. V. g. a cruz está *em riba* da tôrre; o menino trepou *em riba* da mesa.

Roda — Além de outros significados tem também o de divertimento e o de reunião para palestra, danças, histórias. Em qualquer sentido não é brasileirismo, ao contrário do que já vi afirmado.

Roge — Excelente, ótimo. Por analogia com instrumentos de cutelaria marca *Rodgers*. Para dar idéia da má qualidade de um objeto qualquer dizem que é *marca anzol*, por causa dos canivetes desta marca, muito ordinários, ou *marca barbante*, por analogia com a marca de cerveja de alta fermentação, cujas garrafas traziam antigamente as rôlhas adaptadas ou atadas a barbante.

Ruana — Bêsta ou mula de côr mesclada. E' palavra castelhana, tendo em vista *ruano, ruão*.

Samba — Jongo, dança popular. Origem africana. *(V. Notas finais)*.

Santa Luzia — E' o nome colegial e muito vulgar da palmatória. Por analogia, em vista dos cinco buracos que há na parte esférica dêsse instrumento e, ao mesmo tempo, por supor-se que com pancadas se conseguirá do aprendiz preguiçoso melhor aplicação e aproveitamento. Assim aconselhava à antiga e em versos o oratoriano Manuel Bernardes. A *Santa Luzia milagrosa dos cinco olhos* já foi felizmente abolida das escolas. E como já não há escravidão no Brasil só deve figurar hoje nos museus.

Sastifeito — Satisfeito. Metátese, por analogia com outras palavras em que entra o grupo *st*, ocorrendo ainda a influência assimiladora ou atrativa do *s* inicial da palavra.

Senta — Assenta, do verbo assentar que também se diz e escreve sentar.

Serelepe — O mesmo que caxinguelê; pessoa esperta, ágil, menino travêsso.

Serviço — E' também a designação popular de qualquer ação ilícita, como furtar, brigar, matar, etc.

Solancar — Trabalhar excessivamente, suportar com longanimidade algum incômodo ou labor excessivo. Trabalhar todo o dia «de sol a sol». Seria melhor *sulancar*, visto como parece provir o verbo da palavra *sula* que, segundo *Rohan*, indica o ato de manejarem alternadamente duas pessoas outras tantas mãos de gral para ativar a trituração de qualquer gênero. V. g. João e José vão dar uma *sula* no milho, de onde sulancar, socar, e extensivamente trabalhar? Também se supõe preferível essa etimologia à de *solancar*, vinda de *sob-lonca, couro* ou seja — trabalhar debaixo de pancadas de *lonca*.

Cândido de Figueiredo («Novo Dic.» — 4.ª edição) registra *solancar*, como verbo provincial minhoto, com o significado de mover-se, fazendo *solanco* e define esta palavra como sendo o mesmo que *solavanco*.

Penso que solanco adquiriu sentido extensivo no Brasil, e acredito que a palavra provém de *sol* + o suf. *anco* — *solancar, solanca* (cf. «solancar de sol a sol», isto é, trabalhar excessivamente o dia inteiro).

Sodade — Saudade. Sodade se aproxima mais do étimo soledade. Já ouvi popularmente a forma *sadade*.

Sô moço — Senhor moço.

Sumítica — Sovina, avaro. Etimologia: — de *suma* ou *soma*. *Sumiticaria* (ou *somiticaria*) é ação própria da pessoa sumítica. Não concordo com os que propõem ser *Sodoma* a origem dessa palavra.

Súbito *(num)* — Sùbitamente. *Cf. num repente*, de súbito. *Cf.* também *num abrir e fechar de olhos*.

Tá — Corruptela de *está*. Os poetas, por aférese, o empregam *stá* por está. Em *tá* por *stá* cai o *s* inicial, ocorrência fonética raríssima com o grupo *st*. Outra se verifica na palavra *castiçal* que o vulgo diz *catiçal*, por dissimilação. No *Dicionário Brasileiro*, de Macedo Soares, pág. 94 leio: «e sôbre o qual se bota o *catiçal* com vela», (artigo *bidê*). O vulgo também diz *Crisótomo* por *Crisóstomo*.

Tamos — Por estamos. V. *Tá*.

Tapado — Estúpido.

Temperada — Bebida preparada com água, aguardente, açúcar mascavo, gengibre, cravo, canela e erva-doce. Vai ao fogo até ferver. E' muito apreciada dos roceiros e é servida especialmente nas festas ou pagodes da roça. Vem a propósito dar alguns nomes vulgares da aguardente ou *cachaça: giribita, branca, branquinha, caninha, Paratí* (nome de uma cidade fluminense, onde se fabrica aguardente em larga escala), *pinga, mata-bicho* (extensivo a outra qualquer bebida alcoólica), *abrideira*, etc.

Tia — Mulher de côr preta, já de certa idade, mulher solteirona.

Tocar viagem — iniciar viagem, viajar.

Tocador — *(de tropa)* — Tropeiro.

Trabuzana — Tempestade. Não é brasileirismo. Há também a nossa frase popular — *levado da trabuzana*, por *levado da breca*.

Tremer *como luz de candeia que está para morrer* — tremer de mêdo, imitando nos movimentos dos membros os últimos bruxuleios da candeia.

Trinta por sessenta — Penalidade militar — rebaixamento de pôsto e prisão.

Uê — Interjeição muito de uso dos africanos, no Brasil, e muito popularizada, mas é peculiar a outras línguas, sob formas diferentes.

Velhos — Progenitores; «os meus velhos», dizem os filhos com referência aos pais.

Vezada *(duma)* — De uma só vez.

Virada da noite — Depois da meia-noite.

Zangar — desconsertar; v. g. — «D. Mariquinhas, que horas são? — O relógio está *zangado*, não dá horas, não».

Zunindo *(sair)* — Fugir ou sair velozmente. Zunir também é usado no sentido de arremessar. V. g. «zuniu uma pedra na cabeça do caboclinho que saiu zunindo».

NOTAS FINAIS

Os leitores devem ter muito em vista que procuramos imitar nos contos dêste volume a linguagem popular, fornecendo dessarte elementos documentários aos que a estudam.

Procuramos seguir o processo dos irmãos Grimm, observado ainda pelos modernos folcloristas.

Dos Grimm escreve (*Contes Choisis*) Frederico Baudry: « Autant que possible ils ont écrit purement et simplement ce qu'ils avaient entendu, sans rien modifier, sauf pour mettre, comme on dit, les choses sur leurs pieds, et en poussant le scrupule jusqu'à conserver le patois dans lequel chaque histoire leur était racontée ».

Muitos dos nossos contos, como os que se intitulam — *Quem tem asa para que quer casa?; Atrás de mim virá quem bom me fará; O vaivém; A lição do Pajem; Perna Fina, Barriga Grande e Bôca Pequena; O pulo do gato; Os onze pauzinhos; A lição do filho; O Bicho Pondê; A lenda das miosótis; O monge da Serra da Saudade*, etc. prestam-se perfeitamente para fins pedagógicos.

Os professôres primários poderão aproveitar os respectivos assuntos para as narrativas que devem fazer aos alunos nas aulas de educação moral.

Os mesmos temas podem servir também para composições orais e escritas nas lições de « Língua Pátria », devendo os alunos notar e substituir as expressões populares, viciosas ou não, por outras de redação própria, assinalando as locuções proverbiais, fazendo comentários, redigindo livremente.

Nos Estados Unidos e já agora nos países europeus e na Argentina e outros da América do Sul, liga-se grande importância às narrativas orais. Diz Mme. Elisée Escande, que traduziu para o francês o método de contar histórias às crianças de Miss Bryant, que os americanos com o seu espírito inovador elevaram o hábito de contar histórias em classe à altura de um princípio. E acrescenta: não se creia que o fato de contar diàriamente uma história às crian-

ças, em classe, as impeça de tomarem gôsto pela leitura pessoal. Ao contrário. A narração oral será forçosamente condensada, os alunos das classes mais adiantadas terão naturalmente em conta que não se lhes referiu tudo e, logo que as mesmas histórias lhe caiam sob os olhos impressas, se interessarão ainda mais pelos novos pormenores que se lhes deparem.

Miss Bryant diz no seu citado livro «L'histoire racontée n'est plus reléguée dans la sphère du *kindergarten*, elle est admise pour toutes les classes, à divers degrés: en fait, partout où les enfants sont encore des enfants».

E mais adiante exprime-se com tôda segurança, depois de várias e sábias considerações:

«Em face destas alusões tão gerais e freqüentes descobrimos imediatamente uma outra excelente para não recusar às crianças essa parte do *folclore*. Seria privá-las de um elemento de que terão necessidade mais tarde para apreciar totalmente a literatura».

E tem depois êste eloqüente conceito que os professôres patrícios devem ter sempre em vista e que reproduzimos da tradução francesa:

«En ce qui concerne les enfants, abandonner l'élément mythologique et feèrique du folk-lore serait pour la culture intellectuelle une perte analogue à ce que représenterait pour des Anglo-Saxons, l'abandon de la Bible ou de Shakespeare.»

E a tradutora cita M. Baudry que diz: «La mythologie, au moins dans ses parties essentielles, n'est l'œuvre ni des sages ni des poètes, mais du peuple, et de l'esprit enfantin des hommes primitifs, allant à l'occasion jusqu'aux contes de nourrice».

Não precisamos insistir com outras razões para aconselharmos êste livro às atenções dos dignos educadores da infância nacional. Êles sabem perfeitamente quais as vantagens que as narrativas ou os contos populares lhes proporcionarão na educação de seus alunos, cujos espíritos em flor não se podem desinteressar da poesia e da tradição. Assim é que havemos de criar o espírito de nacionalidade, de que tanto carecemos e que não raro procuramos adquirir por meios nem sempre os mais eficazes e recomendáveis.

A propósito da fórmula a que nos referimos no texto (pág. 13): *Quem conta história de dia, cria rabo de cutia*, convém ter em vista o que informa P. Sébillot (*Le Folk-lore*, pág. 16): «En Irlande, les vieilles gens ont une répugnance marquée à dire des contes pendant le jour, et ils croient que cela porte malheur».

A propósito das lendas convém conhecer a teoria de Raoul Rosières: «On peut formuler avec certitude la loi des origines: — § 1.º Chez tous les peuples de même capacité mentale, l'imagination procède pareillement et arrive par fois à des créations légendaires semblables. — § 2.º On pourrait formuler aussi cette loi des trans-

positions: A mesure que la renommée d'un hêros faiblit, la légende qui avait été formée pour l'honorer le quitte et s'attache à un hèros plus fameux. — § 3.º Il y a aussi la loi des adaptations: Toute lègende qui change de milieu se transforme pour s'adapter aux conditions ethnographiques et sociales de ce nouveau milieu» (*Congrès international des traditions populaires*, 1900, Paris, p. 13).

Casamento da rapôsa (pág. 30). Às anotações que fizemos a êste conto devemos acrescentar que entre as superstições de Turquel (Portugal) figura também, coincidindo com o que vem em nosso texto, a de ser de bom augúrio para noivos *chover-lhes no dia das bodas* (*Rev. Lusitana*, v. 20.º, pág. 70).

O pulo do gato (pág. 37) — A respeito das astúcias ou recursos atribuídos a animais dos contos populares ou fábulas, isto é, nas competições dos mais fracos com os mais fortes, há nos *Novos Contos Bárbaros*, de Basset, n. 87, 1.ª parte, no conto *Le Hérisson et le Chacal* um episódio que se relaciona com o nosso. Muitos outros da mesma coletânea são a confirmação do que observamos e comprovam a procedência africana de muitos dos contos populares que correm em nosso país.

Ciclo do coelho e a onça (pág. 43) — Do caso do queijo vem uma variante na coletânea de Basset, a que já nos referimos (n. 77, 1.ª parte), colhido em Harakta.

Em vez de queijo fala-se em quatro marmitas de manteiga. Mas o queijo de nosso conto foi dividido em quatro partes...

O *hérisson* do conto de Basset acaba por dar a morte ao chacal. E o coelho da nossa historieta não faz outra coisa com a onça.

O mau marido (pág. 51) — Neste conto vem a seguinte frase, em que se observa uma concordância espontâneamente popular, e ainda mais o seria se substituíssemos *as* por *elas:* «Uma vez o marido mandou preparar uma *partida* de lingüiças e colocou-*as* no *fumeiro*».

O Bicho Pondê (pág. 54) — Êste conto é uma variante, de procedência africana, se não é esta a sua fonte originária, disseminando-se pelos países europeus. No conto *El Carlanco*, publicado por Fernán Caballero (*Cuadros*, 2.º, 216) há elementos muito significativos dêle. *Carlanco* é um monstro pavoroso e fantástico. Uma cabra deixa

as filhinhas em casa e vai lenhar. O *Carlanco*, aproveitando a ausência, bateu à porta, dizendo com uma voz terrível:

«Abrid, que soy el *Carlanco*
Que montes y peñas arranco.»

As cabrinhas, que tinham ordem da mãe para não abrirem a ninguém, não atenderam.

Outro dia volta o *Carlanco* e, imitando a voz da cabra, diz:

«Abrid, hijitas, abrid!
Que soy la Madre que os pari.»

As cabrinhas abriram e o monstro entrou. Mas as cabrinhas subiram para o sobrado, onde êle não podia chegar. Chegou então a mãe que diz aquelas palavras convencionais para que as filhas lhe abram. As cabrinhas disseram que não podiam fazê-lo porque o *Carlanco* estava ali.

Vai a cabra em busca de uma abelha, a quem havia certo dia beneficiado. Pede-lhe socorro e *Carlanco* é sacrificado aos ataques da abelha reconhecida.

Êste conto, segundo opinou exatamente Joaquim Ribeiro, correlaciona-se com o tema do «Chapelinho Vermelho»; convém ainda notar que em Minas corre uma variante, na qual em vez de *bicho Pondê*, o *quibundo* (*lôbo* africano) é que persegue a menina. Tal variante foi publicada pelo escritor Carmo Gama, há anos, no «Jornal do Comércio», de Juiz de Fora.

Ciclo do diabo (pág. 62). Neste conto está implícita a crença popular de que não se deve proferir o nome do diabo, porque êste logo aparece.

A mesma crença também está adstrita a certos animais, como veremos da seguinte nota de Basset ao conto *Le lion, le chacal et l'homme:*

«La fable... vient de la croyance qu'il ne faut pas nommer les bêtes fauves sous peine de les voir venir, croyance qui date de la plus haute antiquité» (E. Martin, *Observations sur le roman de Renart*, págs. 58, 59).

Muitos escritores têm se servido de contos e anedotas tradicionais como assunto de peças de cunho literário (V. nota a um dos contos do *Ciclo do diabo*).

Ainda recentemente a *Revista da Semana* (Rio) publicou o conto *Frei Colherão*, de Júlio Dantas, que é a reprodução estilizada de uma anedota popular também aproveitada pelo escritor brasileiro Rev. P. Z. de A. no conto *A Vingança do Padre* (*Casos Reais*, pág. 28). O *Colherão* dêste conto era a alcunha popular de certo presidente de antiga província nossa.

O assunto do conto *O Tesouro*, de Eça de Queirós (*Contos*, 129) pertence a um conto oriental e corre em diversos países europeus. Vem, por exemplo, na coletânea italiana de L. d'Avignone, *Nel mondo delle favole*, pág. 23.

A respeito de *samba* que figura em nosso *vocabulário* convém transcrever do *Dic. Brasileiro*, de Macedo Soares, pág. 87: «Em Loanda e outros presídios e distritos, «o batuque consiste também num círculo formado pelos dançadores, indo para o meio um prêto ou preta, que, depois de executar vários passos, vai dar uma *embigada*, a que chamam *semba*, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do círculo, substituindo-o». Vemos pois que o nome que indica o ato da *embigada* deu a denominação à dança.

Recentemente (1946) publicamos no «Jornal do Comércio», do Rio, os seguintes comentários sôbre as palavras *samba* e *macumba*, indicando documentadamente as respectivas etimologias dêsses têrmos africanos:

Samba

O étimo de «samba» não está ainda completamente estudado, tanto assim que raro é o léxico que o consigna de modo positivo.

Até se lhe tem atribuído uma origem lendária, através de um conto em que a palavra «samba» aparece decomposta em «sam» (*pague*) e «ba» (*recebe*).

Mas no que todos concordam, contudo, é que «samba» seja a denominação de uma dança de negros, atualmente modificada, com a significação especializada de certa composição musical de cunho popular.

Édison Carneiro em seu ótimo livro «Negros Bantus» (pág. 21) referindo-se a sobrevivências religiosas bantus notadas por Artur Ramos, assim se manifesta: «Os negros bantus, na Bahia, introduziram os cacumbis (o auto dos Congos), as festas do Imperador do Divino, o «louvar» a S. Benedito, etc. já estudados por pesquisadores vários e — conforme o resultado das minhas pesquisas pessoais — o samba, a «capoeira de Angola», o «batuque», as festas do boi, autos, danças de conjunto, lutas e festas populares comuns a todo o recôncavo e mesmo à zona litorânea do Estado. A sua influência se estendeu, ainda, à própria religião, até então monopólio dos negros gege-nagôs — criando os atuais «candomblés, de caboclo», tão ricos de sugestões para o estudioso da etnografia religiosa afro-brasileira».

E' sabido que as danças e outras manifestações míticas dos prêtos africanos obedeciam a um ritual de caráter religioso, que, no

Brasil, mais se ampliou e acentuadamente se complicou ao contato com formas de cultura religiosa desenvolvida em nosso ambiente.

Como vimos, consoante as argutas observações de Édison Carneiro, o samba enquadra-se entre as sobrevivências religiosas dos bantus.

Daí pode explicar-se fàcilmente sua origem africana, desde que se note que a palavra «samba» (grafada «sánba»), como fomos o primeiro a divulgar, que saibamos, no Brasil, vem registrada no «Dicionário Abreviado da Língua Conguesa», anexo à célebre obra de Frei Bernardo de Cannecattim «A Língua Bunda ou Angolense», com os seguintes significados: de adorar (pág. 118); invocar (pág. 146); oração (pág. 134) e rezar (pág. 163).

A conclusão resultante do que deixamos exposto documentadamente é que o têrmo samba (sánba) é mesmo de procedência africana e se prende a práticas religiosas, cujos vestígios se nos afiguram ainda reconhecíveis, quando etnogràficamente estudados, tendo-se em vista o significado primitivo e o étimo da palavra de que se trata.

Assim nada temos que modificar, por ora, acêrca de nossa anterior convicção, no tocante à procedência africana de «samba», cuja significação tem-se ampliado ràpidamente no domínio da música popular brasileira.

Macumba

Como se sabe esta palavra é de incontestável origem africana.

Escreveu algures Artur Ramos (V. mensário paulista «Hoje», julho de 1928):

«No Brasil segundo o lugar, a «macumba», como religião e ritual mágico, adquire várias expressões. Chama-se «candomblé», na Bahia, têrmo que, como «macumba», significava primitivamente dança e um instrumento de música, e, por extensão, passou a designar a própria cerimônia religiosa dos negros».

Antes M. M. Filho havia escrito (apud Renato Mendonça — «A Influência Africana no Português do Brasil», pág. III):

«Macumba»... Instrumento músico de negros».

Todavia — coisa curiosa! — na preciosa obra de Frei Bernardo Cannecattim — «A Língua Bunda ou Angolense», pág. 102 — encontra-se registrado êsse têrmo, v. g.: «O Ricumba», o cadeado; «Co Macumba», os cadeados».

Estamos, pois, em face da palavra «macumba», com outro significado, que não o de instrumento músico.

Vem-nos, então, à mente o que se diz da pessoa que tem o «corpo fechado», isto é, indivíduo cujas condições fisiológicas ou estado psíquico o eximem de receber fluidos maus, tornando-se dessarte inacessível aos efeitos do mau olhado, da inveja, do feitiço e de outro qualquer malefício que o possa atingir ou lhe ser propinado. Ao passo que o indivíduo de «corpo aberto» é suscetível de

ser vítima de todos êsses males. Não raro quem se julgava em tais condições procurava, pelo menos no Estado do Rio e na Mata Mineira, os antigos «canjerês» (ou macumbas), a fim de que os feiticeiros o livrassem daqueles efeitos maléficos e, por meio da magia, lhe fechassem o corpo, usando de certa prática ritual mágica ou do atualmente chamado baixo espiritismo, talvez por influenciação do exorcismo religioso.

Seja como fôr, o plural angolense Co macumba quer dizer cadeados, e cadeado se define como fechadura móvel, e, por extensão, corrente, formada de fusis (*Novo Dic.*).

Não será macumba (cadeados), ou correntes, a verdadeira etimologia do designativo dado à religião ou ritual mágico, sendo, como se sabe, que entre as práticas da feitiçaria, se inclui a de abrir e fechar o corpo de qualquer que se julgue atingido por certos males ou que se deseje tornar a êles invulnerável?

O assunto, entretanto, merece ser devidamente examinado por especialistas em estudos dessa espécie, tendo-se em vista que «fazer macumba», é frase muito mais empregada do que «tocar macumba», pois esta, que saibamos, só excepcionalmente aparece numa quadrinha, de que temos conhecimento.

Garambéu

Não obstante o que ficou consignado no *Vocabulário*, supomos, todavia, após certos estudos, que o topônimo mineiro Garambéu seja alteração de Carambelo, que, segundo informa Cândido de Figueiredo, Novo Dic., 4.ª ed., é o mesmo que Caramelo e significa Carambina, que, como brasileirismo, designa gêlo pendente das árvores, ou dos penhascos (Op. cit.).

A região em que está situada Sant'Ana do Garambéu é frigidíssima e sujeita a fortes geadas, o que condiz com o significado de Caramelo, carambelo e carambina.

A alteração fonética de carambelo para garambéu seria a permuta da gutural inicial *C* para *G* e a queda do *l* intervocálico, ditongando-se a terminação *e-o*, em *éu*.

Muitas outras notas etnográficas e filológicas poderíamos registrar aqui, se êste nosso modesto trabalho não visasse especialmente a simples vulgarização da nossa literatura oral de contos tradicionais.

Outros mais competentes fá-lo-ão com mestria e erudição.

Os contos maravilhosos dêste volume foram também apanhados da tradição oral, conforme o que referimos no prólogo desta obra.

No que tem por título *O veadinho encantado* fala-se em alimentos que se transformaram em flores que Genoveva destinava aos pobres. Episódio semelhante figura no lendário da santa rainha Isabel, de Portugal, e que em resumo é o seguinte: Andava-se em obras no convento de Santa Clara. A piedosa rainha leva no regaço dinheiro para pagar aos obreiros. Encontra-se com o marido, el-rei D. Dinis, que lhe pergunta o que levava. Para encobrir o que fazia, respondeu que eram rosas. E em vez de dinheiro, abrindo o regaço, apareceram lindas rosas («Memórias das Rainhas de Portugal», pág. 308).

Segundo La Figanière, autor do livro acima citado, há um caso semelhante no lendário de Santa Rosa de Viterbo e, acrescento, também o há no de S. Benedito (V. nosso livro *Nihil Novi...*) e cf. a história de Genoveva de Brabante.

A moça e a vela (pág. 125). Corre uma variante dêste conto em Portugal, conforme uma versão recolhida por D. Maria da Conceição P. Dias (*Rev. Lus.*, 20.º, 132-133). Uma mulher sai pela madrugada, e eis que encontra uma procissão. Acompanha-a. Dão-lhe uma vela. De repente desaparece o préstito. A mulher volta para casa e vê que a vela se transformara numa *canela de defunto*. A noite batem-lhe à porta. De fora pedem-lhe o que lhe haviam dado na véspera. Ela restitui sem abrir a porta. Êste conto é lá narrado como verídico.

O espelho, as botas e a vela (pág. 128) — Nas fábulas e contos populares de todos os países figura a dádiva, como agradecimento a uma boa ação ou castigo a atos maléficos praticados, de objetos prodigiosos ou mágicos. Tem o fato uma expressão tradicionalmente simbólica. Na coletânea, por exemplo, *C'era una volta*, na narrativa *Il mostro Turchino*, publicada em italiano, por Nella di Santafior, o objeto dado é um véu:

«Quel velo, che in apparenza era un velo come tutti gli altri, aveva, invece una miracolosa proprietà: la donna que lo indossava, qualunque fosse la sua età, la sua condizione, si innamorava instantaneamente di tutti gli uomini che le si paravano dinanzi». Como se sabe o véu sugere o mistério e é o símbolo da virgindade, se branco, e da viuvez, se negro.

Foi, por haver encontrado tinto de sangue e despedaçado pelas garras de uma leoa o véu de Tisbe que Píramo, supondo a amante devorada pela fera, se suicidou.

Sôbre a dádiva de objetos ou de dons prodigiosos, convém ter-se em vista o caso mitológico da boceta de Pandora. A Pandaréu, Ceres lhe concedeu o dom de comer tudo quanto quisesse, sem perigo de qualquer incômodo.

O Velho Testamento oferece casos abundantes de dádivas ou concessões a que nos referimos, como prêmio ou castigo. Exemplos: a vara de Moisés que o Senhor tornou prodigiosa e a fôrça de Sansão, cujo segrêdo estava nos longos cabelos, que uma vez cortados, tiraram àquela personagem o privilégio de invencibilidade.

A lavadeira assombrada (pág. 132) — E' popular êste conto, em Portugal. Com o mesmo enrêdo Frei Luís de Sousa (*História de S. Domingos*, II, parte 2.ª, pág. 20 e seg.) dá uma lenda, que, com pequenas variantes, é essa mesma historieta. Também, em o livro de lendas bretãs, de Marie-René Le Fur, se nos depara a que se intitula *La Messe des Morts*, cujo enrêdo é o mesmo.

A variante brasileira, que colhemos em Minas, não se extrema das demais senão em ligeiros elementos de adaptação.

O conto *Três Deus fêz* (pág. 133) desenvolve-se, sob o tema desta frase proverbial e a sua antífrase — *Três diabo fêz*. Êstes provérbios talvez se expliquem pelo número das pessoas da S. S. Trindade, que, como se sabe, são, três, resumidas numa só verdadeira, e no dos inimigos da alma, que também são três; mundo, carne e diabo, tal qual, como diz Camilo C. Branco, no *Eusébio Macário*, 263: «Não pudera dormir nem abrir o Breviário, como tentara, para exorcismar o diabo dos ataques, o número três dos inimigos da alma».

Cf. Três Deus fêz, com a variante: Três foi a conta que Deus fêz. Quanto à antífrase, cf.: *Voz do povo, voz de Deus; voz do povo, voz do diabo*. E ainda: *acender uma vela a Deus e outra ao diabo*.

O velho que virou rapaz (pág. 138) — O assunto é muito encontradiço em contos populares de diferentes países.

Basta pensar-se na lendária *fonte de Juventa* e no motivo principal do maravilhoso do *Fausto*, de Gœthe. Pode-se até organizar um *ciclo temático*, a respeito.

O príncipe encantado (pág. 153) — Êste conto que corre também na tradição, com os títulos — *Príncipe Leitão*, e *Príncipe Porco*, é conhecido em Portugal com a denominação de *O Príncipe Urso* (V. *Contos Tradicionais do Algarve*, de Ataíde Oliveira, págs. 55-58, v. II).

Os cavalos mágicos (pág. 167) — Há numerosas variantes dêste conto, cujo tema não raro se intercala de episódios tirados de outras histórias também populares, o que é muito comum observar-se no do-

mínio das narrativas folclóricas. A variante que publicamos, todavia é uma das mais interessantes. O tema relaciona-se com o dos antigos torneios dos jogos cavalheirescos, de que as nossas *cavalhadas* mantêm os principais característicos.

A Bela e a Fera (pág. 173) — Em o n.º 6 da *Revista de Língua Portuguêsa* (Rio, 1920) publiquei uma variante, que recolhi em Minas, do conto tradicional *A Bela e a Fera*, que em alguns pontos difere das versões fixadas por outros folcloristas de aquém e de além mar.

Êste conto que recolhemos da tradição oral, em Minas, apareceu impresso, em 1806, segundo informa A. Coelho, na coleção de M. Beaumont com o título *La Belle et la Bête*. Com êste mesmo título figura também na coletânea de Perrault (1628-1703). Na de A. Coelho aparece com o título de *A Bela Menina*.

Em nenhuma das versões lusas ou nacionais que conhecíamos até há pouco figurava o episódio referente à condição que a *Fera* estabeleceu ao mercador, de deixá-lo levar uma rosa, se em troca lhe trouxesse a criatura que primeiro avistasse ao chegar a casa.

Mas figura no conto *O Colhereiro* (Contos Pop., Port., A. Coelho, 63).

Êsse episódio vem mais ou menos nas *Mil e uma noites* e na Bíblia, que tem popularizado tantos outros e decerto pertence a uma antiguidade tradicional remotíssima. E' o episódio de Aefte, que se submeteu às conveniências de uma adaptação, mas que condiz perfeitamente com o que vem no conto *A Bela e a Fera* (segundo a versão que colhemos) e no *Colhereiro*, de Adolfo Coelho.

A Bela e a Fera é também uma adaptação do conto da Grécia antiga — *História de Psique* (Book for the Bairns, n. 99 da coleção *Stead*).

Há entre ambos similitudes que não deixam nenhuma dúvida a êsse respeito.

Outra identificação interessante é a de que se existe uma versão com o título de *A Bela e a Fera*, outra há que se intitula a *Bela Menina*.

Sempre uma referência muito clara à beleza da personagem, o que concorda com a particularidade de ser Psique considerada, como Vênus, deusa da beleza.

Outros contos, como o da *Gata Borralheira*, também, se é que não surgiram através da *história grega* de Psique, foram por esta visìvelmente influenciados.

Como acabamos de ver, identifiquei (em 1920) parte do conto da *Bela e a Fera* com os dos *Amôres de Psique*, e, por isso, não foi senão com inesperado gôsto que vi fazer a mesma identificação em seu livro, publicado, em 1923, *Les Contes Populaires* (pág. 91) o notável *folclorista* francês Gédéon Huet, que escreveu o seguinte:

« En réalité la *Psyché* d'Apulée est, comme l'a bien établi E.

Cosquin, la combinaison de deux thèmes, qu'on trouve souvent réunis, comme dans le récit latin, mais qui peuvent aussi se présenter comme des contes distincts; le premier peut s'intituler *la Belle et la Bête*, le second, *la Jeune fille et la Sorcière.*»

Calicote

Êsse nome que aparece no conto *Os Sete Sapatos da Princesa*, conto em que há elementos correlacionados a outros das *Mil e uma noites*, o que aliás também acontece com quase tôdas as nossas narrativas maravilhosas, como o *Príncipe encantado* e parte da *Bela e a Fera*, deve ser de origem árabe ou persa, apelidando um gênio diabólico, algo semelhante ao nosso *Saci*.

« Gata Borralheira »

Êste conto, que deve ser considerado internacional, apareceu pela primeira vez, com o título « Cendrillon », na conhecidíssima coletânea de Ch. Perrault, notável literato, membro da Academia Francesa, nascido em França em 1628 e falecido em 1703.

O conto estendeu-se logo por vasta área geográfica, reproduzindo-se em muitas variantes. Ao episódio principal do tema reuniram-se os de outros contos ou narrativas. Disseminou-se por muitos países e nomeadamente pela Península Ibérica, passando à América e ao Brasil, onde corre com os títulos « Gata Borralheira » e « Maria Borralheira ».

Segundo afirmam alguns etnógrafos, e parece exato, o tema de « Cendrillon » ter-se-ia originado de um relato do célebre historiador Estrabão.

De fato, Estrabão narra que uma jovem, natural da Trácia, chamada Ródope, fôra vendida como escrava, no Egito, onde sua beleza era geralmente admirada, estando por isso destinada ao mais alto e auspicioso futuro.

E assim aconteceu.

Certa vez em que se banhava com outras jovens, uma águia veio ter ao lugar, onde Ródope deixara suas roupas e apoderando-se de uma de suas sandálias, voara, deixando-a cair no jardim do rei em Mênfis, quando por acaso o soberano ali passava. Ficou êle admirado ao ver a minúscula sandália e fêz procurar por todo o reino o pé que nela serviria. Servira perfeitamente no da jovem. Deslumbrado com a beleza de Ródope, casou-se com ela o rei e fê-la rainha do Egito.

Há outras conjeturas, em vista de certos episódios entremeados

no conto da «Borralheira», o que faz pensar em outros de um ciclo de temas aproximados, encontrados, por exemplo, nas «Mil e uma noites» e em alguns de diversas procedências.

«O sapato perdido pela Borralheira não era de vidro (de *cristal*) como se diz em algumas versões, confundindo-se a forma francesa *vair* (Petite Pantoufle de *vair*) com *verre*.

«Deve-se ter em vista que *vair* é uma espécie de esquilo, cujo pêlo é côr de pombo, entre roxo e violeta, na parte superior, e branca na inferior. E' o que os franceses chamam *petit gris* (felpa de esquilo) muito em uso outrora para guarnição de sapatos. O equívoco, diz J. J. A. Burgain, o tradutor do conto em português, ocorreu mesmo na França.

Na versão que recolhemos em Minas, fala-se em sapatinho de cristal, o que, apesar do citado equívoco, é a forma mais popular.

Na mesma versão aparece também em conjunto a história da vaquinha que se deixou sacrificar, para salvar a Borralheira da ira e vingança da madrasta, o que não vem no tema francês e em alguns outros.

Sílvio Romero registra o conto com aquela simbiose.

Adolfo Coelho («Contos da Avòzinha» ou «Contos Nacionais») publica a história da Vaquinha, mas não expressamente o da Gata Borralheira.

Grão de Milho

Há variantes dêste conto, que nos foi narrado por um senhor de S. José del-Rei, em 1909. Depois ouvímo-lo do violeiro Elias, em Goianá, município de Rio Novo, zona da Mata Mineira.

Em Portugal correm variantes com acentuadas diferenciações da que publicamos no texto desta obra.

Uma de tais variantes vem, com o título *História do Grão de Milho* — no livro de Adolfo Coelho — «Contos Populares Portuguêses», pág. 80 — e outra, intitulada *O Bago de Milho*, encontra-se no 1.º volume, pág. 226, dos *Contos Tradicionais do Algarve*, de Ataíde Oliveira.

Essas versões se desenvolvem em tôrno do tema: uma mulher que, não tendo filhos, pediu a Deus (ou a N. Senhora, ou a Santo Antônio) que lhe desse um, ainda que fôsse do tamanho de um grão (ou bago) de milho, sendo atendida.

O tema é também conhecido na Galícia, tanto assim que nos *Cantares Galegos*, de Rosália de Castro, à pág. 147, numa das belas composições líricas dessa grande poetisa, vem esta quadrinha:

Meu santo San Antonio,
Dáime un homiño,
Anqu'o tamaño teña
D'un gran de milho.

Na lenda do Morro da Boiada, local nas proximidades da cidade de Juiz de Fora, fala-se no aparecimento fantástico de um *china sêco*, que cada qual descreve a seu modo. *China* é um ídolo africano, de que trata Lino de Assunção, em sua obra *O Catolicismo da Côrte ao Sertão*, reproduzindo-se uma descrição feita por certo padre Faro, que foi à Guiné. *China sêco* é expressão que corre em todo o Brasil para indicar uma entidade misteriosa, e, às vêzes, com aplicação fescenina. E' proverbial o dizer: *hás de ver o china sêco*, como que significando: hás de ver o diabo ou algum ente fantástico.

Também na lenda há referências ao aparecimento de cruzes a certas horas da noite, e a tais cruzes já se refere Saint-Hilaire, em suas impressões de viagem a Minas (1816), aludindo àquele local, outrora Morro dos Arrependidos ou da Boa Vista, antes de chegar ao rancho do Marmelo, onde atualmente existe o tunel do mesmo nome, na E. F. Central do Brasil. O Morro da Boiada antigamente era coito de salteadores e bandidos.

O fato de pessoas jogarem com o diabo e que vem referido no conto do Ciclo de S. Pedro é tradicional, ou por outra muito do domínio da crendice popular (*Rev. Lusitana*, v. 20.º — 134).

A mãe de S. Pedro (pág. 195) — Neste conto reproduz-se o modismo popular — *nem na terra, nem no céu* (como a mãe de S. Pedro), frase que devia ser lògicamente, e talvez o fôsse, mais extensa: *nem na terra, nem no inferno, nem no céu.*

Cantigas de Adormecer

A última quadra da cantiga — *O sonho da criancinha* coligi-a ùltimamente. Sinto não poder comparar os textos popularizados com o original que vem no livro *Segredos do Coração*, do poeta Vilas-Boas, que o publicara na segunda metade do século passado. Conheci êsse livro em minha infância, e jamais pude depois avistá-lo completo, pois do exemplar que, há tempos, me foi oferecido faltavam justamente as páginas em que deviam estar aquêles versos.

Da canção n. 6 recolhi a seguinte variante, em que vemos que a palavra *fio* deve ser uma corruptela da palavra *frio*, do 8.º verso (V. *Nihil Novi...*, nosso livro já cit., pág. 138 e seg.):

Nossa Senhora,
À beira do rio,
Lavava os paninhos
De seu bento filho;
A senhora lavava,
José estendia,
E o menino chorava
Com o frio que tinha;
O menino chorava,
E a neve caía,
E a Virgem sorrindo
Assim lhe dizia:
Não chores, menino,
Não chores, amor,
Que o *fio* que corta
Dá golpes sem dor.
Os filhos dos ricos
Em berço dourado
E vós, meu menino,
Em palhas deitado.

Dada a corruptela *fio* (por *frio*) o povo teria usado da forma «faca», considerando, talvez, tratar-se de uma abreviatura da expressão *fio* de faca. (V. pág. 207, no presente livro).

A pocinha de Belém, da qual se fala nos versinhos da canção n.º 18, é tradicional. Deve ser aquêle Poço de Santa Maria, nome que procede do fato de a *Virgem Nossa Senhora ter feito nascer aquela água* no tempo em que estêve em Belém (Frei Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Santa*, pág. 333, da ed. de Coimbra).

Contos Populares e Cantigas de Adormecer

Opinião do eminente filólogo Dr. João Ribeiro:

« Dedicado « folclorista » é o nosso confrade Lindolfo Gomes, que nos « Contos Populares e Cantigas de Adormecer », criou um dos mais formosos livros que temos nesse ramo da ciência popular.

« Com grande carinho, aproveitado estudo e discreta erudição, vem aparelhado êste volume, lindamente impresso, com abundantes notas instrutivas. Notemos ainda o precioso vocabulário regional e as observações finais. A par de ilustração essa obra popular indica em seu organizador a competência, a vocação e a simpatia pelo nosso folclore.

« Que mais se poderia desejar?

« Certamente uma só coisa; e é que êsse livro seja apenas o primeiro de uma série em que todos os aspectos da vida do nosso « nosce te ipsum », tão variados e interessantes, venham a lume por mão tão carinhosa e hábil como as de Lindolfo Gomes.

« E estamos certos, pelo conhecimento de outros trabalhos do nosso colega, de que essa esperança não será vã.

« Os nossos folcloristas, desde Sílvio Romero, não são numerosos, mas andam dispersos, indiferentes ou desanimados. Alberto Faria, Melo Morais, Pereira da Costa, Eugênio Romero (da região do S. Francisco), G. Barroso, Alexina Magalhães e poucos outros têm já publicado contribuições de inestimável preço em livros que hão de ser cada vez mais queridos e buscados pela curiosidade perene e crescente dos interêsses da nossa cultura popular.

« Os « Contos Populares » de Lindolfo Gomes terão vida longa.

« João Ribeiro »

Da *Crônica Literária*, do « Imparcial », do Rio de Janeiro.

« Lindolfo Gomes é o nosso mais completo folclorista, neste sentido de ter a dupla erudição lingüística e filológica.

« João Ribeiro »

Da *Crônica literária*, do « Jornal do Brasil ».

BRA2/7859

Palavras do consagrado folclorista Dr. Joaquim Ribeiro:

« Os *Contos Populares* e *Cantigas de Adormecer* constituem já um livro clássico, e, portanto, imprescindível aos estudiosos. Lindolfo Gomes não só é um folclorista de valor como filólogo de renome.

« Lindolfo Gomes reúne em si as qualidades de perspicaz colígidor e as de eruditíssimo investigador; sôbre êste aspecto é o mestre mais completo do nosso folclore, refletindo eclèticamente as doutrinas de Sílvio Romero e João Ribeiro.

« Já, aí, divisamos as três escolas de nosso folclore: a de Sílvio Romero (ou de colecionadores) a de João Ribeiro (ou dos investigadores) e a de Lindolfo Gomes (ou escola eclética).

« JOAQUIM RIBEIRO »

Do livro *A Tradição e as Lendas.*

Parecer de um critico autorizado:

« *O trabalho do ilustre e paciente investigador, sr. Lindolfo Gomes, foi arquivar com todo o escrúpulo científico, como se tem feito na Europa, as produções anônimas de Minas Gerais. Colheu-as diretamente da tradição oral e dividiu-as em* Contos Populares e Cantigas de Adormecer. *São muito característicos, no gênero, os contos maravilhosos, com os seus encantamentos, as suas metamorfoses, e a moralidade que sempre têm em vista. E' uma das formas de literatura mais popular e mais espalhada nas aldeias, inverossímil, mas atraente, com um fino sabor de lenda e magníficos dotes de imaginação.*

« *O autor não se limita a amontoar produções, como simples arquivista. Dispõe-nas em ciclos, compara-as com outras congêneres de outras localidades, ilustra-as com referências e produções literárias que nelas se originaram, com anotações filológicas e gramaticais.*

« *Dando ao livro um caráter erudito e mesmo pedagógico, encerra-o com um* Vocabulário, *explicando os significados dos principais modismos, locuções populares, plebeísmos e brasileirismos empregados no texto, e com* Notas finais.

« *O livro do sr. Lindolfo Gomes é, sem dúvida, um dos mais notáveis no gênero, repertório erudito do que há de mais popular em literatura, fonte em que muitos espíritos irão beber inspirações e temperar o estro, na simplicidade ingênua das concepções anônimas.*

« GOMES RIBEIRO »

Da « A União », *diário do Rio de Janeiro, de 20-2-919.*

N.° 314